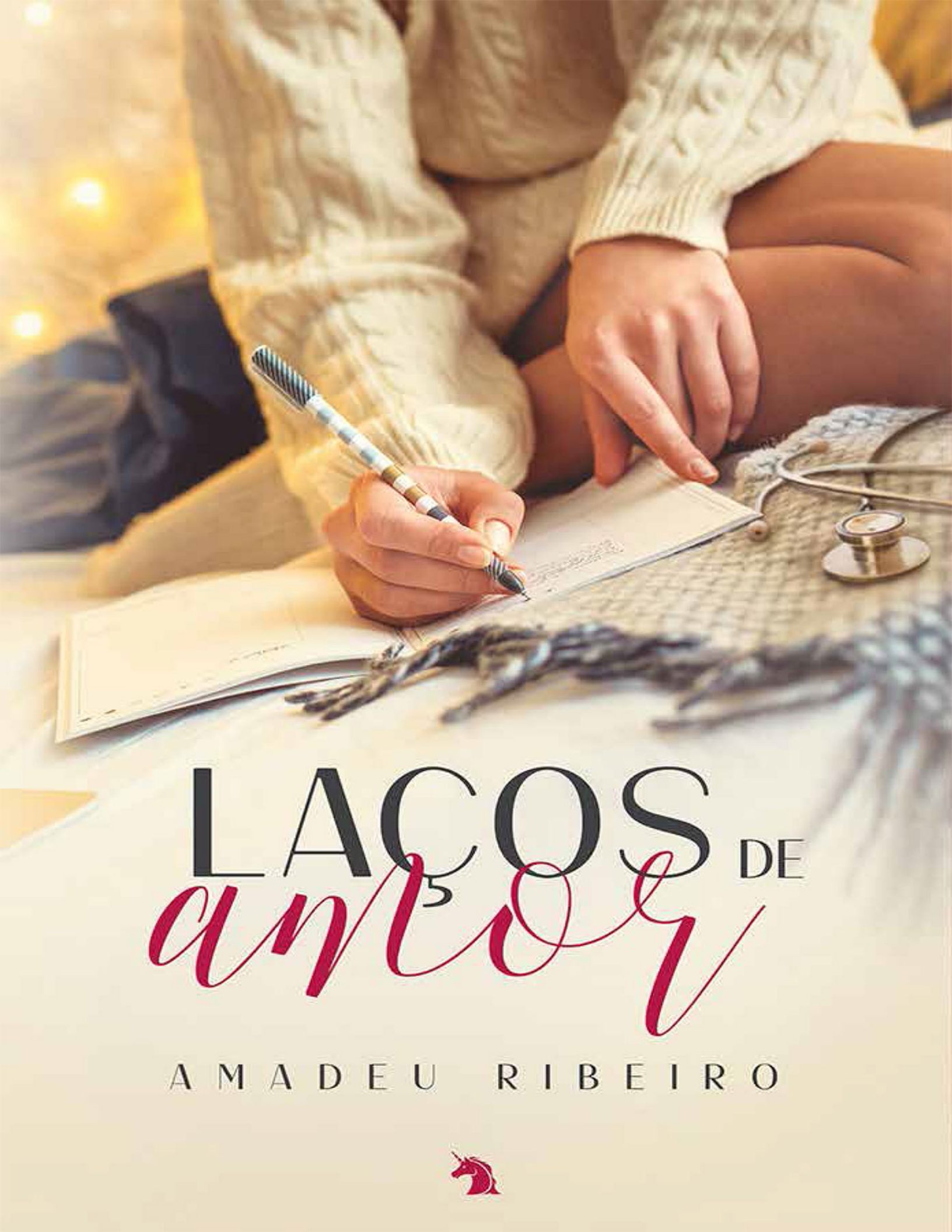

LAÇOS DE amor

AMADEU RIBEIRO

LAÇOS DE amor

AMADEU RIBEIRO

© 2021 por Amadeu Ribeiro
© 2021 por Amadeu Ribeiro – formato digital

Capa e produção gráfica: Equipe Vida & Consciência
Conversão e-book: Equipe Vida & Consciência

Produção do ePub: Cumbuca Studio

ISBN 978-65-88599-27-3 – formato digital

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer forma ou meio, seja ele mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., tampouco apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora (Lei nº 5.988, de 14/12/1973).

Este livro adota as regras do novo acordo ortográfico (2009).

Vida & Consciência Editora e Distribuidora Ltda.
Rua das Oiticicas, 75 — São Paulo — SP — Brasil
CEP 04346-090
editora@vidaeconsciencia.com.br
www.vidaeconsciencia.com.br

CAPÍTULO 1

O lugar era muito escuro e gritos horríveis provinham das grutas sombrias que havia entre as paredes de pedra. O cheiro de lodo e enxofre era forte e corroía as narinas dos que vagavam por ali. A visão era dificultada devido a uma fumaça esbranquiçada que brotava do solo, como uma espécie de névoa que jamais se dispersava.

A vegetação há muito estava seca, e mesmo os que estavam ali há muitos séculos jamais viram quaisquer árvores florescerem ou uma flor desabrochar. Era como se naquela região, onde os raios dourados do sol nunca eram vistos, não houvesse vida, pois muitos diziam que estar naquelas condições era pior do que qualquer sofrimento na Terra.

As águas disponíveis para saciar a sede eram fétidas, grossas e escuras. Os animais eram feios e horripilantes, em cores escuras como o ambiente ao redor. Os habitantes eram hostis e violentos, e uns agrediam os outros sem motivo aparente.

Aquele grupo de amigos espirituais já havia passado naquela região outras vezes e sabia bem o que costumava encontrar. Os integrantes do grupo possuíam preparo especial para as incursões nas zonas inferiores do astral, pois trabalhar em um ambiente cujas energias são tão pesadas, sufocantes e agressivas não é uma tarefa fácil.

No total, o grupo dos trabalhadores do bem era composto por seis pessoas, sendo que dois rapazes carregavam uma maca destinada ao espírito que auxiliariam. Sempre havia a chance de localizar e socorrer outras pessoas que desejavam novas oportunidades para desenvolver a consciência, provando a si mesmas que eram capazes de vencer sem enveredar pelo caminho do sofrimento.

O grupo caminhava devagar, usando botas que raspavam no chão seco e infértil. Propositadamente, eles haviam optado por manterem sua faixa vibracional bastante elevada, tornando-se invisíveis e inaudíveis para os espíritos que vagavam sem destino, perdidos na escuridão das trevas. Para o que pretendiam fazer, sabiam que seria necessário passarem despercebidos pela horda deprimente e perigosa que encontrariam pelo caminho.

Havia grandes comunidades organizadas e cidades bem estruturadas. Todas elas possuíam um líder, e os que lhe serviam de forma imposta ou voluntária eram recompensados de acordo com seus atos insanos e cruéis. Existiam centros especializados na arte da obsessão, onde se ensinava as maneiras mais perversas para se levar um encarnado à mais dolorosa loucura ou ao próprio suicídio.

Turbas formadas por seres com mentalidade doentia treinavam dias e noites para quebrar a harmonia e a paz encontradas dentro de templos religiosos, igrejas e casas espíritas, enquanto outros tentavam convencer os encarnados por todos os meios possíveis a se afastarem dos caminhos do bem e do amor.

Existiam ainda aqueles que buscavam aprimorar seus conhecimentos apenas para destruírem lares, famílias, casamentos

e amizades. Para eles, não havia espaço para o amor, mas o ódio, a fúria, a destruição e o rancor eram bem-vindos.

— Falta muito? — Maíra perguntou de repente. Mesmo consciente de que as energias opressivas daquele lugar não poderiam lhe fazer mal, ela sentia que estava ficando mais cansada a cada passo que dava. Era sua segunda visita ao submundo astral desde que concluíra seu curso e não tinha o preparo e a experiência dos demais, apesar de seu orientador garantir que ela estava apta para fazê-lo.

— Agora não — com um sorriso carinhoso, Tenório apertou a mão de sua ex-aluna como que a lhe transmitir coragem e incentivo. — Estamos muito perto de entrar nos domínios de Simeon. Nossos esforços serão recompensados quando conseguirmos retirar Laguna de lá. Finalmente seu sofrimento terá fim.

— Sim, finalmente Laguna estará em paz — concordou o homem que seguia à frente de todos. Era o mais sério e compenetrado dos membros do grupo, e, apesar de sua aparência jovial, sabiam que ele era um espírito muito experiente.

Quando ele interrompeu a caminhada, os demais também pararam. Ele se voltou e esboçou um sorriso para seus companheiros como se quisesse agradecê-los por estarem ali, ajudando-o naquela tarefa de socorro.

Maíra era a mais nova na equipe, mas sabia que os outros também não conheciam a história de Xavier e Laguna, vivida na última encarnação deles. Eles refletiam sobre as causas de Xavier ser agora um líder nas expedições às zonas inferiores, enquanto

Laguna era uma das escravas na cidade de Simeon, a serviço de Cronos, o nome adotado pelo líder daquela região.

— Que Deus os abençoe pela presença! — desejou Xavier. — Sabem o quanto isso é importante para nós. Há anos espero pelo socorro de Laguna e agora mal posso conter minha alegria por saber que estarei com ela novamente

Os cabelos pretos e lisos de Xavier estavam bem penteados para trás e seus olhos azuis brilhavam como se pudessem compartilhar um pouco de sua luz com os irmãos atirados às sombras como despojos. Ele concluiu:

— Para nós, que trabalhamos em favor do próximo, momentos como este são sempre comemorados com júbilo. Vamos em frente, meus queridos.

Eles continuaram sua trajetória. Maíra percebeu quando a camada de névoa se intensificou, tornando-se densa, como se algo estivesse sendo queimado. Cruzaram por um portal em estilo neogótico, onde meia dúzia de homens vestidos com trajes negros, todos portando lanças afiadas, fazia a guarda. Aquela era a entrada da cidade espiritual conhecida como Simeon e nela só entravam espíritos autorizados por Cronos ou que fossem capturados como escravos.

O grupo de Xavier passou pelos guardas sem ser notado, sempre mantendo a proteção da invisibilidade, pois sua energia se mantinha num patamar superior às dos homens de Cronos. Eles desceram por ruas escuras, ladeadas por paredes de pedras. Nelas, havia aberturas tão largas e escuras que lembravam bocas famintas prestes a engolir alguém.

Todas as construções de Simeon mantinham o mesmo padrão neogótico. Os habitantes, em sua maioria, vestiam-se com roupas vermelhas, roxas ou pretas. Eles transitavam de maneira segura, totalmente diferente das pessoas que o grupo havia visto momentos antes, chafurdando na lama. Sentiam-se bem ali e alguns diriam seguramente que eram felizes e que não desejavam mudar o padrão de vida.

Chegaram a uma espécie de praça, embora todas as árvores estivessem desprovidas de folhas ou flores. Imagens eróticas estavam desenhadas nas paredes, nos muros e nas portas do que se poderia chamar de residências. Ao fundo, era possível ouvir notas de um acorde musical, que ecoava fúnebre e triste.

— Chegamos! — Sandra, outra benfeitora pertencente ao grupo, apontou para a gigantesca e imponente construção negra, que se destacava contra o céu igualmente escuro. Possuía duas torres, muitas janelas e muitos muros dentados, numa clara imitação de um castelo escocês.

— Cronos reside neste local — Tenório olhou para a esquerda e viu mais guardas protegendo a entrada do castelo. — E também é aí que encontraremos Laguna. Já sabemos onde ela está, o que evitará procurá-la em um local tão amplo.

— Nós estamos invisíveis a todos eles — Maíra afirmou olhando fixamente para uma bandeira hasteada no alto de uma das torres. — Mesmo que houvesse mais alguém necessitado de socorro, não pediria nossa ajuda, já que não pode nos ver.

— Nós saberíamos se mais alguém desejasse ser retirado daqui — os olhos de Xavier transmitiam serenidade e ansiedade

por Laguna. — Para nós, que auxiliamos outros espíritos, um pedido sincero de ajuda é inconfundível.

— Todo pedido de ajuda não é sincero?

— Não, Maíra — respondeu Sandra, balançando a cabeça negativamente. — É comum encontrarmos espíritos que pedem para partirem conosco, porém, tudo não passa de arapuca para tentar nos capturar. Felizmente, os truques que eles usam não podem nos atingir, mas o que vale é a intenção. É algo lamentável.

— Vamos entrar — pediu Tenório indicando a entrada. — Não podemos perder mais tempo.

Mais uma vez, eles passaram por guardas sem nenhum problema. Seguiram por corredores iluminados apenas por tochas bruxuleantes, que davam ao local um aspecto de filme de terror. Desceram por escadas de pedra e chegaram a uma sala ampla, cujo teto de rocha era baixo e úmido. Viram homens fazendo a ronda, e lá estava a prisioneira que buscavam, ao fundo, naquele ambiente.

Laguna estava sentada no chão, com os tornozelos e os pulsos firmemente amarrados por correntes. Ela estava com o rosto parcialmente virado para o lado, e seus cabelos claros lhe caíam pelo rosto. Ela ressonava devagar e parecia estar adormecida.

Xavier fez uma rápida prece em pensamento, agradecendo pela oportunidade de estar novamente com seu amor do passado. Quantos anos teriam se passado desde sua última encarnação? Talvez um século ou dois? Sua emoção era tão grande que ele não conseguia realizar cálculos mentais com clareza e objetividade.

Ele parou diante dela e quase não resistiu à vontade de acariciá-la. Agachou-se e se voltou para os amigos.

— Nós vamos baixar nosso padrão vibratório, tornando-nos visíveis a Laguna e também a todos os outros, principalmente, aos guardas. Eles não poderão nos atingir com suas armas e ferramentas, porém, darão o alarme a Cronos, que virá até aqui para impedir a libertação de uma de suas prisioneiras, a única pela qual ele tem consideração.

Todos ficaram preparados enquanto a maca era colocada ao lado da moça amarrada à parede. Os dois médicos se posicionaram nas laterais dela enquanto Tenório, Sandra e Maíra ficavam de frente para os guardas, que andavam devagar de um lado a outro. Xavier tocou nas mãos de Laguna e sentiu uma emoção sem igual invadi-lo. Aos poucos, eles foram baixando o nível de energia, tornando-se visível aos demais.

Houve um grito agudo quando um dos seguranças viu o grupo vestido de branco parado perto de Laguna. Dois deles ergueram as lanças e avançaram rapidamente, batendo numa espécie de barreira invisível que protegia os enviados do bem.

— O rei deve ser comunicado. Ele precisa estar a par disso — rosnou um dos guardas para o outro, que saiu da gruta em disparada em busca de Cronos.

Xavier sacudiu lentamente Laguna pelos ombros, chamando-a pelo nome. Ela abriu os olhos e o fitou por alguns instantes, tentando se lembrar de onde já vira aquele rosto. Então ela piscou quando as imagens tornaram-se subitamente claras e as recordações transpassaram por sua mente.

— Xavier, veio me salvar? Eu pedi tanto a Deus que me concedesse misericórdia, e agora vejo você em minha frente. Quanto tempo já se passou desde que...

— Shh! — Ele silenciou os lábios dela com o dedo, fazendo um gesto com a cabeça para os médicos, que seguraram Laguna pelas axilas e a deitaram com cuidado na maca. — Lembre-se, meu amor, nós sempre estaremos juntos.

— Eu senti tanta saudade — ela queria falar, porém, algo que eles lhe aplicaram na pele deixou-a mole e sonolenta. — O que foi isso?

— Foi só um restaurador de energias. Estamos levando-a para um posto de socorro próximo daqui — Xavier fez-se de surdo para os impropérios e palavrões que os guardas teciam para eles e finalizou: — Quando você estiver totalmente recuperada, nós conversaremos com bastante tranquilidade.

— Um dia, nós nos amamos — um sorriso fraco surgiu nos lábios dela, enquanto seus olhos cansados iam se fechando lentamente. Seu rosto estava sujo e ferido, e o vestido preto que usava estava rasgado em vários pontos.

Quando os benfeitores se preparavam para partir, ouviram passos apressados descendo pelas mesmas escadas pelas quais eles vieram. Viram quando os guardas se curvaram, fazendo mesura para o homem que entrou num rompante, esmurrando o último guarda simplesmente porque lhe dera vontade.

— Eu sempre soube que você viria buscá-la, Xavier — a voz de Cronos ecoou tão forte e poderosa que seus asseclas estremeceram. — E sempre estive preparado para este momento.

Xavier olhou para Cronos com ternura, recebendo apenas ódio e ira como retribuição. O rei de Simeon era um homem alto e forte, com braços musculosos e robustos. Usava uma roupa de couro preto. Seus cabelos escuros iam abaixo de seus ombros e a barba que envolvia seu rosto lhe concedia uma imagem perigosa. Seu aspecto físico lhe dava a aparência de um homem de 35 anos. De seus olhos, avermelhados pela raiva, projetavam-se fagulhas de fúria.

Com ele, haviam entrado outras cinco pessoas, sendo duas mulheres e três homens. Todos usavam vestes estranhas e pareciam prontos a avançar sobre os amigos espirituais.

Maíra lançou um olhar de curiosidade para Tenório, tentando entender como Cronos sabia o nome de Xavier, mas seu ex-orientador lhe disse, através de um olhar, que ela teria as explicações adequadas no momento apropriado.

— Laguna não pode sofrer eternamente — Xavier olhou para Cronos com a mesma firmeza que lhe era direcionada. — A vida sempre nos dá uma nova oportunidade para desenvolvermos melhor os nossos valores, o que nos torna mais sábios e experientes. O mal não é eterno.

— Não estou a fim de ouvir esse papo furado de seres repulsivos como vocês. — Cronos fez um gesto vago com a mão. — Percebo que estão protegidos por uma parede invisível. Fazem isso porque são covardes e medrosos — ele bateu no peito com estrondo. — Por que não vem me enfrentar, Xavier? Não somos homens? Ou será que depois de se bandear para o lado da luz você foi capado?

Cronos riu, e uma explosão de gargalhadas seguiu-se à sua risada. Xavier não se abalou:

— Não entendo por que você guarda tanto ódio em seu coração. Por que não vem conosco? Verá que existe uma vida muito melhor do que essa que está vivendo.

— E lá eu também serei rei? — Cronos riu, mostrando seus dentes bonitos. — E lá teremos mulheres assim? — Ele apontou uma loira, que deu uma volta requebrando a cintura. — Alesha, mostre a eles o que sabe fazer.

Ela deu um passo à frente e começou a despir o corpete, revelando seus seios. Os homens de Cronos assoviaram e aplaudiram. Xavier se voltou para os membros de seu grupo e fez um breve sinal com a cabeça, indicando que eles necessitavam se tornar invisíveis mais uma vez.

O sorriso de ironia se apagou do rosto de Cronos quando eles desapareceram levando Laguna junto. Ele foi até o local em que ela estivera e tocou nas correntes vazias, como para ter certeza de que ela não estava mesmo ali.

Em seguida, urrou como um monstro enquanto seus acompanhantes recuavam, por medo e respeito. Cronos pôs-se a esmurrar as paredes até sentir que as mãos ficaram feridas.

— Maldição! — ele praguejou. — Eles não podem tê-la tirado de mim dessa forma. Eu fui roubado.

— Nós iremos encontrá-la, meu amor — Alesha tornou a cobrir os seios e se aproximou de Cronos. — Nem que demore alguns anos, algumas décadas, nós iremos encontrá-la. O que é o tempo

para nós? E quando esse momento chegar, você vai poder se vingar dela e desses imbecis, exatamente como desejou ter feito.

— Alesha tem razão, majestade — Charles, o homem que era o braço direito de Cronos, também foi até ele. — Nós iremos nos preparar desde agora para destruí-la, se assim o senhor desejar. A vingança fica mais gostosa quando é saboreada lentamente. Laguna irá se arrepender por ter nos traído.

Ouvindo as palavras consoladoras, Cronos se deixou conduzir de volta aos seus aposentos, no pavimento superior de seu castelo. Contudo, mesmo sabendo que era o líder temido de Simeon, ele não estaria em paz enquanto não tornasse a se encontrar com Laguna.

***

Alguns anos se passaram. Um casal saiu devagar de um edifício, na cidade astral em que estava residindo. O homem se voltou para a mulher e a abraçou com carinho.

— Como está se sentindo, Laguna? — perguntou Xavier.

— Pronta! — ela sorriu feliz. Sorrir era quase um privilégio para ela agora. — Após todos esses anos me recuperando das más energias impregnadas em meu espírito, harmonizando-me com minha própria consciência, compreendendo meus infortúnios e perdoando meus algozes, sinto que estou preparada para mais uma encarnação. Agora já está tudo certo. Tenho certeza de que não vou errar.

— Eu não diria errar, e sim tomar atitudes que a afastem dos caminhos do bem. Você ficou prisioneira de Cronos por muitos

anos, provavelmente revivendo mentalmente toda sua última vivência como Laguna. Suas opções não podem ser encaradas como erros e sim como ações que não foram bem-sucedidas. Em vez de lamentar o que foi feito, pense em como fazer para não repetir.

— Fico triste ao pensar que você não vai encarnar comigo. Eu ficaria mais segura ao seu lado — explicou a moça, apoiando a mão no braço de Xavier.

— Você não estará desamparada. Eu continuarei sempre acompanhando os passos que você der. E quando você retornar ao astral, se tudo der certo, nós finalmente poderemos ficar juntos.

— Não tenho muita confiança em mim mesma — ela emitiu um suspiro desanimado. — E Cronos? Será que desistiu de mim?

— É quase certo que não — Xavier sempre era sincero. — É possível que ele também esteja aguardando o momento do seu reencarne com ansiedade, pois, estando na Terra, você se torna mais vulnerável. Você nascerá em uma família de classe média e terá uma linda profissão. Contará com o apoio de um espírito muito bondoso, experiente e generoso, que fará de tudo para protegê-la. Reencarnada, vai se esquecer de mim e de tudo o que estamos conversando agora. Porém, seu coração saberá como agir. Confie nele e nunca deixe de acreditar na vida e em si mesma.

Após uma pausa, ele completou:

— Bom seria se todas as pessoas encarnadas pudessem saber que estão, a todo o momento, sob o olhar dos anjos de Deus.

Laguna não conseguiu evitar que as lágrimas percorressem seu rosto. No entanto, para quem passara mais de um século chorando

amarrada às correntes, sofrendo torturas e humilhações de Cronos e de seus seguidores, chorar agora era quase sinônimo de alegria e felicidade iminentes.

— Vai dar tudo certo — garantiu Xavier, sorrindo. Ele precisava acreditar nisso para o próprio bem de Laguna.

— Eu espero que sim! — Eles se beijaram devagar, e o beijo foi uma despedida, pois sabiam que muito em breve estariam separados. Por mais que não desejasse reencarnar, Laguna sabia que era necessário. Somente assim ela teria a oportunidade de mostrar a si mesma que tinha condições de superar grandes desafios.

CAPÍTULO 2

Os primeiros matizes alaranjados anunciavam mais um nascer do sol na capital carioca quando o despertador do celular acordou Melina. Ela esfregou os olhos sonolentos, que relutavam em ficar abertos, e implorou mentalmente por mais meia hora na cama. Dormira apenas três horas e estava tão cansada quanto antes de se deitar.

Ela esticou os membros numa espreguiçada básica e se sentou. Permaneceu mais alguns minutos sentada na beirada da cama, de olhos fechados, dizendo a si mesma que, se continuasse assim, dormiria naquela posição. Já houve vezes em que ela fora flagrada dormindo em pé dentro do elevador do hospital, quando assumia dois turnos seguidos. E quando ela dava plantão em outro hospital, situado em uma comunidade carente, trabalhava quase vinte e quatro horas contínuas, com breves paradas para almoço, jantar e descanso.

Lutando contra o sono, Melina levantou-se e seguiu para o banheiro dentro de seu quarto. Abriu a torneira do lavatório e praticamente enfiou a cabeça sob o jato de água fria. Ultimamente, aquele era seu ritual para ficar desperta, principalmente, quando dormia pouco ou quando era convocada às pressas para atender a alguma chamada de emergência durante a madrugada.

Ela lavou o rosto e se sentiu um pouco melhor. Fez a higiene, voltou ao quarto e vestiu uma calça branca e sapatos igualmente brancos. Já havia perdido as contas de quantas roupas na cor branca ela possuía em seu armário. Às vezes, ela tinha a impressão de que alguém clonara dezenas de peças e lhes dera de presente.

Deu uma rápida conferida no relógio: seis e meia. Ainda estava bem adiantada para o turno das sete e meia, já que o hospital particular em que trabalhava, cinco vezes na semana, ficava no bairro vizinho ao seu. À noite estaria de folga, o que seria uma bênção. No dia seguinte, uma sexta-feira, ela atenderia no plantão da noite, partindo imediatamente para o hospital da comunidade, onde ficaria até o início da tarde do sábado. Era uma tarefa bastante exaustiva, embora Melina não reclamasse, pois amava a medicina de coração.

Vestiu uma blusa branca e uma jaqueta clara, apesar de que o sol lá fora, incidindo sobre as águas dançantes da praia da Barra da Tijuca, anunciava mais um dia de calor. E quando fazia calor no Rio de Janeiro nem mesmo a brisa refrescante que soprava do mar conseguia amenizar o clima.

Ela observou-se no espelho sobre sua penteadeira para se maquiar levemente. Franziu a testa ao notar que uma nova espinha surgira ao lado de sua orelha. Aos 30 anos, Melina considerava-se velha para estar com espinhas, mas sabia que este era um problema que acometia qualquer faixa etária após a adolescência.

Ela apanhou uma escova e deslizou-a sobre os sedosos cabelos cor de ouro, macios e lisos. Achava engraçado o fato de ter nascido loura como uma alemã. Sua mãe era morena, embora

tingisse os cabelos na cor clara, e os poucos cabelos que restavam em seu pai também eram escuros.

Outro mistério eram os olhos, tão azuis quanto pedras de safira. Não havia ninguém em sua família, nem mesmo seus avós já falecidos, que tivessem olhos claros. Se não fosse a extrema semelhança física com os pais, Melina diria que não era filha deles. Como não possuía irmãos, não havia em quem ela se basear.

Ela era uma mulher muito bonita, o que já lhe valera várias propostas de namoro e casamento. Entretanto, Melina achava que estava velha demais para espinhas e nova demais para se casar. Muitas de suas amigas estavam casadas e algumas já tinham filhos. Melina não tinha pressa. Gostava da vida de solteira, adorava morar na casa dos pais e idolatrava o trabalho que desempenhava, embora lhe esgotasse as forças físicas. Assim, ela ainda não conseguira encontrar espaço para encaixar um homem numa vida que já estava tão bem definida e organizada. E não sentia falta.

Terminando de se maquiar, ela pegou a bolsa e desceu as escadas na direção da cozinha, de onde já fluía um aroma saboroso de café recém-passado. Sempre comia pouco e depressa, primeiro porque não desejava engordar e segundo porque seu tempo era curto, e cinco minutos de atraso poderiam lhe render graves consequências.

Ela sorriu ao se deparar com os pais. Achava divertido observar a inversão de papéis que acontecia naquela cozinha. Era sempre Orlando quem assumia o fogão e preparava as refeições, enquanto Geralda lia tranquilamente um folheto sobre pacotes de viagens.

— Bom dia! — Melina sentou-se à mesa e apanhou duas fatias de pão integral. — Pretende viajar, mãe?

— Quem me dera — suspirou Geralda, baixando o papel e fitando a filha com olhos exaustos. — Eu sou louca para conhecer Dubai, só que seu pai nunca quis me levar até lá.

— Você pode ir a Dubai, sim — Orlando se virou, sorriu para a filha, beijando-a na testa e continuou: — Basta que arrume um emprego e ajude sua filha e eu a mantermos as despesas desta casa que, embora seja nossa, traz uma lista interminável de contas. Assim sobrará mais dinheiro, e você poderá comprar sua passagem para a África.

— Homem sem cultura! — resmungou Geralda, revirando os olhos. — E desde quando Dubai está na África?

— Como eu não vou para lá, por mim, tanto faz — Orlando voltou com um bule de café fumegante e serviu a esposa e a filha. — Ainda tem manjar na geladeira, Melina.

— Estas duas fatias de pão já me satisfazem — respondeu a moça, mastigando bem depressa.

— Não sei que graça vocês veem neste pão integral. O bicho não tem gosto de nada. — Orlando apanhou a embalagem dos pães, leu algo no rótulo e sacudiu a cabeça. — Nada como o velho e agradável pão francês.

— São alimentos naturais, criatura — para contrariar o marido, Geralda passou geleia numa fatia do pão integral. — Você só come pão francês e agora está aí, com essa pança que não para de crescer.

Melina se limitou a sorrir, ouvindo a discussão dos pais. Toda manhã era a mesma coisa e, às vezes, ela lamentava ser filha única por ter que ouvir tudo sozinha. Contudo, as briguinhas entre eles não passavam daquilo e era algo até aceitável para um casamento sólido que já durava 33 anos.

— Alguma vez eu já falei que você é uma linda mulher? — Orlando sorriu para a filha com orgulho. Ele sempre amou aquela menina profundamente e era grato por ter feito um trabalho tão perfeito em parceria com Geralda. — Não tem medo de que seus pacientes se apaixonem por você?

— Aí eu seria considerada uma pedófila, já que a minha especialidade é pediatria — rindo, ela sorveu o último gole do café. — Meus queridos, fiquem aí falando sobre Dubai e pão integral porque eu estou atrasada — com a agilidade adquirida pela rotina, Melina se levantou, deixou a xícara sobre a pia, beijou os pais e saiu praticamente correndo porta afora.

Ela dirigiu pelo pequeno trajeto até a unidade hospitalar em que trabalhava porque sempre era mais prático estar com um carro à disposição. Guardou o veículo no estacionamento subterrâneo, subiu pelo elevador privativo para médicos e saiu no andar em que ficava seu consultório.

O relógio mostrava sete e vinte. Ela chegara com dez minutos de antecedência, e mesmo assim viu que havia uma mulher com seu filho e um casal com uma menina a aguardando na sala de espera. Ela se esquecera de conferir em sua agenda quantas consultas estavam marcadas para aquele dia.

— Bom dia! — ela os cumprimentou com um sorriso e passou por eles. Fitou a secretária e fez um discreto gesto para que ela fosse até sua sala. — Bom dia, Dione! Como está a minha agenda hoje?

— Seis consultas pela manhã e quatro à tarde, salvo alguma emergência. Aparentemente, não há nada muito grave, com a graça do Senhor Jesus Cristo, não é mesmo?

Dione era uma senhora na casa dos 50 anos. Por ser evangélica, constantemente mencionava Deus, Jesus e o Espírito Santo em suas falas. Melina até gostava de ouvi-la falando de sua igreja quando lhe sobrava algum tempo, embora fosse ocupada demais para pensar em religião.

— Sim, é verdade. Mande entrar o primeiro paciente. É aquele garoto com incontinência urinária, correto?

— É ele mesmo. Vou pedir que eles entrem — Dione saiu enquanto Melina se fechava em sua sala. Ela se preparou para mais uma jornada; adorava trabalhar com crianças.

O dia correu rápido, e ela mal teve tempo para olhar o relógio. Sua última paciente era uma menina contaminada por dengue e, enquanto Melina prescrevia as medicações, ouvia a mãe da garota comentar:

— A senhora ouviu falar sobre o tiroteio que houve ontem lá no Morro do Alemão? Eu me preocupo com aquelas pessoas que moram lá e que precisam sair às ruas para suas necessidades.

— Não tenho acompanhado os noticiários, mas sei que nossa cidade está ficando muito violenta. Aliás, qual lugar não está? O

que é mais triste é saber que nessa eterna disputa entre policiais e traficantes sempre é o povo quem paga o pato.

Melina estendeu o receituário para a mãe da criança e sorriu para a menina, cujos olhos estavam apáticos em virtude da doença.

— Dona Vera, não se esqueça do remédio para a febre, que deve ser tomado de doze em doze horas — lembrou Melina antes de a senhora partir. — Qualquer coisa, me ligue.

Melina terminara de organizar sua sala quando Dione retornou. Sua secretária já estava com a bolsa no ombro, sinal de que estava pronta para ir embora.

— A senhora ainda vai precisar de mim hoje, doutora? É que vai haver uma reunião especial em minha igreja, e preciso chegar mais cedo.

— Não, pode ir tranquila. Obrigada pelo seu auxílio. Até amanhã.

— Se a senhora quiser ir... seria tão bom. A senhora é uma mulher muito abençoada pelo trabalho que faz, mas Deus pode lhe conceder mais graças. Basta que conheça a Sua palavra e entregue sua alma a Ele.

— Não vou me esquecer disso. Bom descanso, Dione.

Ela trancou o consultório e partiu pouco depois. Estava feliz pela noite que passaria em casa, descansando e se preparando para o trabalho ininterrupto da sexta e do sábado.

Enquanto aguardava pelo elevador, viu Edson se aproximar. Ele era especialista em geriatria e atendia no outro extremo do corredor. Estava na casa dos 40 anos e conservava ainda uma beleza jovial. Já convidara Melina para sair por incontáveis vezes,

fazendo pouco caso da aliança de compromisso que carregava no dedo anelar direito.

— Nós estamos saindo no mesmo horário, Melina? — ele sorriu, algo que considerava parte de seu charme. — Isso é o que eu chamo de coincidência do destino.

— Isso é o que eu chamo de cantada mal elaborada. Você sabe que este é o meu horário de saída às quintas-feiras e, provavelmente, ficou me esperando. — Nervosa, ela apertou o botão do elevador com força, como se isso o fizesse chegar mais depressa. — Sua namorada não se importa quando você se atrasa?

— Não, ela é tranquila demais — Edson pegou uma mecha dos cabelos louros de Melina e aproximou o rosto para cheirá-los. — Que marca de xampu você usa?

— Seu repertório para seduzir uma mulher está muito fraco — ela jogou os cabelos para trás. — Eu soube que você saiu com a doutora Heloísa. Gosta de restringir sua sedução apenas entre colegas de profissão, pelo visto.

— Não faça mau juízo a meu respeito — Edson abriu a porta do elevador para Melina entrar. — Acontece que existem coincidências demais nos cercando. Até as nossas especialidades se combinam, de certa forma. Você atende aqueles que estão no começo da vida, e eu atendo os que já estão se despedindo dela — completou com um sorrisinho sarcástico.

— Se isso era uma piada, eu não achei a menor graça. E se você está deixando seus pacientes morrerem, então é melhor procurar outra função, pois ser médico não é a sua praia — ela saiu na frente dele quando chegaram à garagem e bufou quando ele a

perseguiu. — Olha, não adianta ficar andando atrás de mim porque eu não quero nada com você. Se eu nunca havia dito isso de forma clara, estou dizendo agora.

— Credo, você é muito mal-humorada — ele parou e deixou que Melina seguisse até seu carro. — É por isso que nenhum homem quer namorar você.

— Homens do seu tipo — ela desligou o alarme e abriu a porta do veículo — existem aos montes por aí, e eu estou dispensando-os. Mande lembranças à sua namorada.

Ela deu marcha a ré com o carro, e Edson ficou observando-a partir. Dando de ombros, ele se voltou e caminhava devagar até seu carro quando viu Orquídea sair do elevador. A médica residente era tão linda quanto uma ave colorida e tão delicada quanto uma flor, o que fazia jus ao seu nome. Edson tinha certeza de que ela não tinha namorado e foi até ela. Exibindo seu sorriso charmoso, ele a abordou:

— Orquídea, nós estamos saindo no mesmo horário? Isso é o que eu chamo de coincidência do destino.

***

Quando Melina voltou para casa, encontrou uma cena parecida com a da manhã. Seu pai estava na cozinha preparando o jantar, enquanto Geralda, sentada em uma das cadeiras da mesa, secava lágrimas imaginárias, acompanhando o penúltimo capítulo de sua novela favorita.

— Já aconteceram os casórios finais? — perguntou Melina, apenas para distrair a mãe, já que mal sabia o nome das novelas

que estavam passando atualmente.

— Os protagonistas só se casam amanhã — resmungou Geralda, secando um olho. — Essa novela é linda demais!

— Eu não sei por que sua mãe não vai assistir às novelas na televisão da sala ou na do quarto — retrucou Orlando ao picar uma batata. — Fica me atrapalhando de assistir ao jornal enquanto faço a janta. Não tenho saco para esse povo melodramático. Eles ganham para chorar, e a tonta não ganha nada para assistir.

— Ora, cale a boca! Quero ver se ele vai se declarar para ela — Geralda se inclinou para frente. Mal piscava diante das imagens que via.

Orlando sacudiu a cabeça negativamente. Melina olhava de um para outro. A moça destampou uma das panelas do fogão e olhou seu conteúdo.

— Estrogonofe, que delícia! Esta é uma das vantagens de se ter um pai que é *chef* de um restaurante. Sabe preparar qualquer prato internacional.

— Na verdade, eu fui aprendendo desde a época em que era garçom — Orlando piscou um olho, orgulhoso da profissão. — Eu só fui aprimorando meus conhecimentos.

— Estou vendo que tem comida em excesso.

— É que hoje o doutor Amorim jantará conosco. E você sabe como ele é bom de garfo.

Augusto Amorim era um amigo antigo de Orlando, dez anos mais novo do que ele. Desde que se formara em Direito, Orlando fazia questão de chamá-lo de doutor, o que o deixava incrivelmente satisfeito.

— Sei, sim. Bom, se precisar de alguma ajuda para o jantar de hoje, pode me chamar porque estarei em casa. Vou tomar uma ducha e desço daqui a pouco — ela deu um leve beijo na testa do pai.

— Silêncio! — Geralda olhou por cima do ombro com raiva. — Não estou ouvindo a novela. E eles só reprisam o último capítulo e não o penúltimo.

Melina piscou para o pai e saiu correndo como uma criança.

Ela tomou um banho rápido para tirar o suor do corpo. Desceu com os cabelos molhados e uma roupa adequada para uma caminhada na praia. Ouviu uma voz masculina em tom grave e soube que Amorim já chegara.

Aos 48 anos, ele tinha a aparência e a distinção de um lorde inglês. Usava os cabelos cuidadosamente penteados para trás e endurecidos por gel. Tinha a barba levemente escanhoada, o que lhe emprestava uma aparência sedutora. Os olhos eram castanhos, no mesmo tom dos cabelos, e os dentes brancos surgiram num sorriso de contentamento quando ele avistou Melina entrar.

— Sempre linda! — ele elogiou. Levantou-se e a brindou com dois beijos no rosto. — Você nunca pensou na hipótese de ter sido trocada na maternidade logo após seu nascimento? Porque você não herdou nada de Orlando e Geralda.

— Eu posso não ser loiro e nem ter olhos azuis, mas minha filha tem meu rosto. — Orlando abriu um armário e começou a distribuir os pratos sobre a mesa. — Além disso, ela é tão inteligente quanto o pai dela. Não há como não ser minha filha.

— Nossa filha — Geralda não deixou por menos. — Afinal, fui eu que a carreguei por nove meses. Meus pés ficaram inchados, meu corpo ficou pesado, e as dores me corroíam como traças. Agora que nossa menina cresceu o mérito é só seu?

— Viu o que você fez, Amorim? — rindo, Melina puxou uma cadeira e sentou-se em frente a ele. — Daqui a pouco, eles vão começar a debater sobre quem trocava minhas fraldas.

Amorim sorriu de volta mantendo seu olhar preso em Melina. Não era segredo para ninguém, nem mesmo para Orlando e Geralda, que ele a cortejava havia alguns anos. Era um homem solteiro, que vivia ciscando em diversos terreiros sem nunca fixar-se a uma única mulher. Se Melina o encarasse como algo mais do que um simples amigo do pai, ele não hesitaria em pedi-la em casamento.

Orlando concordava com a ideia. Achava que o advogado seria o par perfeito para Melina, ignorando a diferença de dezoito anos de idade entre os dois. No entanto, sempre que o assunto era trazido à baila, a médica conseguia se esquivar. Sorria como se ficasse tímida, dizia que amava a vida de solteira e que não queria firmar compromisso sério com ninguém, nem mesmo com um homem do porte de Amorim.

O jantar foi tranquilo, salvo as eventuais discussões entre Geralda e Orlando. O estrogonofe estava incrivelmente apetitoso, e o arroz de forno completou a qualidade daquela refeição. Amorim se despediu um pouco mais tarde. Melina subiu para o quarto logo após a partida dele, já que o dia seguinte lhe cobraria bastante energia.

Ela se despiu, programou o despertador e se atirou na cama. Assim que fechou os olhos, adormeceu. Teve um sonho bagunçado e sem sentido, em que várias pessoas com roupas escuras lhe diziam coisas que ela não podia entender. De repente, do meio delas, surgiu um homem que se destacava tanto pelas vestes como pela aparência, perturbadoramente provocante e sombria. Ele gritava com ela e parecia estar furioso, embora Melina não fizesse a menor ideia do motivo.

Quando acordou na manhã seguinte, apagou as imagens do sonho de sua mente, como se passasse uma borracha em tudo o que vira. Tinha demasiados afazeres para se preocupar com bobagens, pois sonhos, para ela, eram apenas bobagens.

CAPÍTULO 3

Melina atendeu novos pacientes em seu consultório de manhã e à tarde. Quando se despediu de Dione, ela desceu à rua para comer um lanche, já que cobriria o plantão noturno durante toda a madrugada. E quando amanhecesse, ela iria para o hospital localizado na periferia. Era lá que ela tinha mais serviço, e os pais lhe confiavam a vida de suas crianças como se ela fosse Deus e tivesse o poder de curá-los de qualquer enfermidade.

Sair de uma região de classe média para mergulhar em uma área popularmente conhecida como favela até poderia chocar alguns, só que a contrastante diferença social entre os bairros já não deixava Melina impressionada como acontecera no início. Ela deu partida em seu carro na manhã seguinte e foi direto para o hospital.

Como sempre, viu que a sala de espera estava lotada de pessoas, com crianças chorando, gemendo e agonizando. No sábado anterior, houvera campanha de vacinação, e várias crianças que se sentiram mal devido às reações da vacina retornavam com os pais em busca de socorro.

Ela consultou uma menina que engolira um brinquedo de plástico, que praticamente prendera-se em seu intestino. Melina também soube de um menino que se atrapalhara com o fio da pipa umedecido por cerol e enrolou o cordão nos pulsos, o que lhe

provocou uma hemorragia devido aos cortes. A avó entrara no hospital aos prantos, com o neto de seis anos nos braços, pedindo uma transfusão de sangue com urgência.

Melina lamentava a falta de outros profissionais para atender a todos aqueles pacientes. Havia tão poucos médicos que não era incomum ela também atender adultos ou idosos. Quando ela não dava conta, eram os enfermeiros que faziam os atendimentos, embora não estivessem aptos a prescreverem os medicamentos.

Ela só voltou para casa no início da noite. Estava tão cansada que se alguém a empurrasse, ela cairia no chão e ali mesmo ficaria dormindo. Dera um laxante para a menina e o brinquedo fora expelido. Ela também supervisionara a transfusão de sangue do menino, que se cortara com o cerol, além dos curativos necessários para evitar novos sangramentos. E ainda recriminou a avó dele pela falta de supervisão nas brincadeiras do neto.

Ela dirigia devagar, já que sabia que um lado do seu cérebro estava praticamente adormecido. Estava acordada há 36 horas, o que era um abuso contra o corpo e contra sua própria saúde. Às vezes, ela brincava mentalmente consigo dizendo que, se continuasse naquele ritmo, muito em breve, ela também precisaria de cuidados médicos.

A casa estava silenciosa quando entrou, o que não lhe causou estranheza. Todos os fins de semana, à tarde ou à noite, Geralda ia para a casa das amigas jogar dominó ou bingo, ao passo que Orlando fazia hora extra no restaurante. Melina estava faminta, mas a preguiça era maior do que a fome, e ela ignorou o caminho para a cozinha.

Tomou um banho de quase uma hora, já que passou metade desse tempo dormindo sob o chuveiro. Colocou um vestido simples e prendeu os cabelos num coque. Finalmente, foi até a cozinha e se serviu de um pedaço de bolo que encontrou na geladeira com um copo de suco de maracujá. Após tantas horas com o estômago vazio, aquela não parecia ser a refeição mais adequada, porém, Melina estava esgotada demais para encarar o fogão.

Ainda não eram oito horas da noite quando ela desabou na cama. Folgaria durante todo o domingo. Pretendia passar o dia inteiro dormindo já que, na segunda-feira, pela manhã, começaria tudo outra vez.

Ela estava fechando os olhos quando o telefone tocou. Implorou para que não fosse algum chamado de emergência ou que ela tivesse que cobrir o turno de outro médico. Sabia que não tinha condições de se levantar daquela cama nem mesmo para chegar até seu banheiro.

— Alô?

— Melina? — a voz de Edson ecoou em tom grave.

— O que você quer? — ela perguntou com rispidez, tentando forçar a mente para se lembrar do dia em que dera a Edson o número do telefone de sua casa.

— Está uma noite fenomenal! Um calorzinho delicioso. O que acha de darmos uma caminhada pelo calçadão, ouvindo o som das ondas morrendo na areia? Depois podemos tomar um sorvete, se você quiser.

— Eu prometo fazer todo esse roteiro em sonho, você vai ver. Depois te conto como foi.

— Você pegou direto lá na comunidade?

— Estou trabalhando desde a manhã de ontem. Agora estou quebrada! É melhor você me deixar dormir.

— Eu tenho algo capaz de acabar com seu cansaço em poucos minutos, sabia? — ele riu ao dizer isso.

— Continua com a mesma falta de criatividade na hora de cantar uma mulher. Não caio na sua, Edson. Tchau!

Ela começou a aproximar o fone do gancho quando o ouviu dizer:

— Não estou me referindo a sexo. Claro que isso também ajuda, mas é algo muito melhor. Vai deixar você totalmente relaxada. Tem muita gente aderindo a essa mania, sabia?

— Eu não estou interessada. E não me ligue de novo.

Bateu o fone no gancho porque sua mão estava mole. Rolou na cama e fechou os olhos. Refletiu por breves segundos sobre o que Edson descobrira e que era capaz de eliminar o cansaço de uma pessoa. Provavelmente não era nada além de contato físico, ou seja, sexo. Era melhor se esquecer dele e dormir.

Quando ela adormeceu, seu perispírito se desprendeu de seu corpo e ficou pairando alguns palmos acima dele. Não abriu os olhos, por isso, não viu os outros espíritos que havia em torno dela.

— Finalmente descobrimos você, Laguna — um deles, usando roupas negras, chegou mais perto da cama. — Mesmo estando disfarçada nesse corpo diferente, vivendo outra vida, usando outro nome, você foi reconhecida. Cronos ficará extremamente satisfeito quando dermos essa notícia a ele.

— É exatamente assim, Dorian — Charles olhou para o que falara e sorriu. — Há décadas, nós temos desempenhado a exaustiva tarefa de localizar esta infeliz. Nunca mais tivemos notícias desde que ela foi resgatada de Simeon com a ajuda daqueles intrometidos do lado de lá. Cronos nunca esteve em paz desde seu sequestro.

— Agora ele ficará feliz e certamente vai nos recompensar — o espírito, que se autoapelidava de Zeus, fixou seu olhar penetrante no corpo de Melina e estendeu as mãos sobre ela. De suas palmas saiu uma espécie de fumaça escura e densa, que envolveu todo o perispírito da médica. Em seguida, ele começou a proferir uma oração em um idioma desconhecido, o que fazia Melina estremecer.

— Um dia, você vai nos ensinar um pouco dessa magia, Zeus — sorriu Charles, satisfeito. Por ser o homem de confiança de Cronos, era obrigado a coordenar o trabalho de Zeus e Dorian. Sabia que o rei não tolerava falhas e era impiedoso contra quem as cometia. — É melhor voltarmos agora e contarmos a novidade a ele.

— Não podemos nos esquecer de mencionar o tal Edson — os olhos escuros de Dorian faiscaram. — Essa ideia que ele quer oferecer para acabar com o cansaço de Laguna pode ser a chave para darmos início ao nosso plano.

— A vingança final ficará por conta de Cronos. Agora que Laguna está encarnada, ela poderá acatar todas as nossas sugestões — Charles entrelaçou os dedos. — Pelo que temos observado nos últimos meses de nossa pesquisa ao lado dela até que tivéssemos a certeza de se tratar de Laguna, ela tem

trabalhado em excesso, e o cansaço que a acomete é outro ponto a nosso favor. Ela não segue nenhuma religião, não tem o hábito da oração e seus pais são dois velhos que não formam um obstáculo contra nós. Essa brincadeira será tão fácil que vai até perder a graça.

— Não podemos nos esquecer de que o grupo de Xavier não vai descuidar. — As mãos de Zeus se crisparam de raiva. — Eles montarão guarda em torno dela, caso já não estejam aqui, invisíveis.

— Que venham! — Charles fez um gesto com os dedos como se chamasse os outros para uma briga. — Eles têm aquela teoria chata chamada de livre-arbítrio e que não podem interferir nas decisões de Laguna e todo aquele blá-blá-blá. Cronos teve muitos anos para se preparar para essa nova batalha e garante que desta vez ele não vai perder Laguna para a luz. Acha que ele não pensou em tudo isso?

— Então vamos logo contar para ele que encontramos seu tesouro — animou-se Dorian. — Já estou me perguntando qual será a nossa recompensa. Quem sabe uma noite de amor com a deliciosa Alesha.

— Sabe que ela é propriedade particular de Cronos — riu Charles. — Lori, no entanto, está disponível.

— Não gosto de fazer nada com ela porque sempre fica com fricote — Dorian fez um muxoxo de desagrado. — Só serve aos nossos prazeres quando recebe ordens diretas de Cronos. Às vezes, eu penso que ela não joga no nosso time. Já pensaram na possibilidade de ela ser uma espiã dos iluminados?

— Eles são muito criteriosos com algumas regras para perderem tempo com isso — comentou Charles, preparando-se para partir. — E não se esqueça de que Lori está em nossa companhia há mais de um século. Ela não está infiltrada, ela é uma das nossas. Agora é melhor partirmos. Temos muito trabalho pela frente.

***

Naquele momento, dentro do castelo de Cronos, mergulhado em névoas e escuridão, um casal deslizava de mãos dadas até a janela. O homem era alto, másculo e seus cabelos negros esvoaçavam levemente. A mulher tinha os cabelos loiros tão longos que lhe tocavam a cintura e usava um vestido vermelho e decotado.

— Você não fica satisfeito quando se depara com toda essa esplêndida visão à sua frente? — perguntou Alesha, contemplando os campos escuros e esburacados, que se estendiam além dos limites de Simeon.

Daquela janela era possível ter uma visão dos seres de aspecto miserável que se arrastavam pelos charcos de lama. Ela estremecia de prazer quando via aqueles serem humanos sofrendo todos os tipos de desprezo e de tortura. Eram pessoas que vagavam eternamente, tendo a assustadora consciência de que a morte não terminava e que, a menos que quisessem o contrário, permaneceriam ali por anos, décadas ou séculos.

— Nada me deixará satisfeito enquanto não tiver notícias de minha Laguna — a voz de Cronos era profunda e fria. Ele também olhava para a tenebrosa paisagem.

— Não gosto quando você pensa nela dessa forma. — Alesha fez um biquinho de mágoa, mas foi ignorada. — Já me disse várias vezes que não a amava, tanto que a fez prisioneira por muitos anos. Até hoje, eu não entendo qual sua relação com ela. Só sei que ela o magnetiza de uma maneira que nenhuma outra pessoa jamais conseguiu.

— Há certas coisas que você não precisa compreender, minha querida — ele virou o rosto e beijou-a na testa. — Eu tenho minhas razões para estar agindo assim.

— Com licença, majestade.

Cronos se voltou para a entrada de seus aposentos quando viu os três homens parados ali. Como Zeus e Dorian não lhe interessavam, ele se dirigiu até Charles, que após uma rápida mesura, prosseguiu:

— Nós temos notícias agradáveis para o senhor. Encontramos Laguna.

Algo brilhou nos olhos claros de Cronos, e nenhum dos seus asseclas soube traduzir o significado daquele brilho.

— Onde ela está? — ele tinha mil perguntas para fazer sobre ela, mas não seria necessário querer respostas de imediato.

— Está encarnada, vivendo no Rio de Janeiro — respondeu Dorian, animado.

O soco o acertou de surpresa, e ele quase caiu no chão. Cronos apenas flexionou os dedos da mão que usara para golpear Dorian em virtude de sua intromissão não autorizada.

— Eu estou me reportando a Charles. Não pedi sua interferência — resmungou Cronos, ignorando os gemidos de dor

do seu servo. — Continue, Charles.

— É exatamente como Dorian falou. Ela está encarnada. Mora no Rio de Janeiro. É médica e o corpo físico que usa agora é tão lindo quanto na época em que ela foi Laguna. Usa o nome de Melina. Não tem irmãos e é solteira. Mora com os pais, dois velhos que poderemos driblar sem nenhuma dificuldade. Não segue nenhuma religião, o que só vai contribuir para os nossos ideais. O senhor não gostaria de nos acompanhar para vê-la, alteza?

— Por enquanto, não... — a verdade era que todo o corpo de Cronos ansiava por Laguna. Ele daria tudo naquele momento apenas para vê-la de relance, porém, isso também estava previsto para acontecer no momento certo. — Por ora, suas informações me bastam.

— Permita-me tomar a palavra, majestade — pediu Zeus em tom de súplica, temendo ser castigado como Dorian.

— Sim, pode falar. O que quer?

— Ela trabalha muito, e seu corpo de carne está cansado. Eu procurei esgotar ainda mais suas energias através de algumas orações que conheço. Quando despertar, ela estará tão cansada que vai colocar em xeque se a profissão é o melhor para sua vida. Estaremos presentes para que ela aceite o convite do colega, que também é médico e está interessado nela.

— Sabem de quem se trata? — Cronos ficou em alerta.

— Sim, senhor — tornou Charles. —Ele não a ama. Quer apenas alguns momentos de sexo com ela. Seria interessante deixá-los desfrutar desses momentos íntimos, porque esse homem tem a chave que poderá levar Laguna aos caminhos da perdição

até o dia em que ela for entregue aos seus braços novamente. Creio que tudo seja uma questão de tempo, que acontecerá mais breve do que o senhor imagina.

Cronos assentiu distraidamente e pediu que Charles explicasse o plano. Ao final da narrativa, ele pareceu satisfeito. Talvez funcionasse. Tinham que estar atentos para o possível aparecimento dos espíritos socorristas, contudo, Cronos estava certo de que conseguiria contorná-los dessa vez.

Pensando em Laguna, ele pediu que todos o deixassem a sós com seus devaneios. Quando se viu sozinho, Cronos sentou-se na cama e recordou-se do rosto dela. Conhecia cada traço daquela expressão perfeita, cada linha das íris de seus olhos, cada pedaço daquela pele perfeita. Entretanto, sempre houve algo que ele desejara e nunca conseguira: o amor verdadeiro de Laguna por ele.

Só que, desta vez, as coisas seriam diferentes. Assim que ela desencarnasse e voltasse para os cuidados dele, ele faria com que ela implorasse para ser amada, gritasse por um pouco de atenção, regozijasse quando ele lhe dirigisse um mísero olhar. E Cronos sabia que, no dia em que isso acontecesse, quando Laguna percebesse que ele era o verdadeiro homem de sua vida, então sua vingança teria início.

Satisfeito, Cronos começou a mentalizar a melhor forma de fracassar a nova encarnação de Laguna para que ela, sem o amparo dos seres da luz, voltasse a lhe pertencer.

CAPÍTULO 4

Ainda com os olhos fechados, Melina esboçou um sorriso quando acordou no dia seguinte, lembrando-se de que poderia descansar no decorrer de todo o domingo. Continuava exausta e não conseguia compreender porque nunca ficava relaxada. Poderia dormir por duas ou por doze horas que a sensação ao despertar era a mesma, como se tivesse sido atropelada.

— Bom dia! — ela abriu os olhos quando ouviu a voz do pai, que entrava em seu quarto. Sorriu para ele e olhou para a bandeja que ele trazia nas mãos. — Como dormiu a mais linda de todas as doutoras?

— Dormi feito uma pedra — ela esticou os braços para se espreguiçar. — E acordei com o estômago nas costas.

— Isso é óbvio! Pensa que eu não percebi que você não jantou ontem? — Orlando colocou a bandeja sobre o criado-mudo. — Trabalha como uma mula e come como uma libélula. Acha que isso está certo?

— Só não vou retrucar as ofensas porque preciso estar bem alimentada — Melina se sentou e atacou as torradas. — e por ter um pai que ainda me mima como se eu fosse uma criança.

— Para mim, você sempre será minha menina. — Sorrindo ao ver a filha comer, Orlando apanhou um porta-retratos onde viu a si mesmo, muitos anos atrás, com uma menina loira montada em

seus ombros. — Eu ainda me lembro do dia em que tiramos essa fotografia como se fosse ontem, sabia?

— Eu tinha seis anos — Melina imitou o pai e também sorriu. — A vida passa tão depressa, não é mesmo? Eu cresci, me formei, me transformei numa mulher, mas, às vezes, ainda me sinto essa criança da foto. E quando me sinto sozinha, procuro minha única fonte de conforto: o colo do meu pai amado.

— Você se sente sozinha porque quer. Sabe que sua mãe e eu sempre estaremos ao seu lado.

Melina tomou um pouco de leite.

— Ah, nada se compara à nossa relação. Não conte nada a mamãe, mas nós dois sabemos que sempre fomos muito ligados um ao outro — ela mordeu uma broa de milho, mastigou devagar e completou num murmúrio: — Eu te amo, paizinho. Está proibido de se esquecer disso.

— Minha memória ainda funciona, minha pequena — ambos sorriram. Aquele era um jargão utilizado entre eles durante toda a existência de Melina, como se fosse um código secreto, um idioma particular que nem Geralda tinha acesso. — Aposto que vai passar o dia inteiro na cama.

— Minha intenção era essa, só que chega um momento em que a cama também nos inquieta — ela jogou um olhar na direção da janela. — Parece que hoje o dia vai colaborar.

— Sim, temos um belo sol ao nosso dispor. Nós podemos almoçar fora se quiser. Talvez sua mãe queira ir com a gente.

— E perder a comida do melhor cozinheiro do Brasil? Isso nunca, seu Orlando.

Eles riram novamente, e Orlando deslizou os dedos pelos fios sedosos e dourados dos cabelos de Melina. Quando ela terminou de comer, ele se levantou, deu-lhe um beijo na testa e retirou a bandeja.

— Agora fiquei satisfeito em ver que você repôs suas energias. Como médica deveria saber disso, não acha?

— Broncas logo cedo, não — rindo, ela tornou a se deitar e cobriu o rosto com o travesseiro.

Orlando, entrando na brincadeira, apanhou outro travesseiro e jogou-o contra a barriga dela, que soltou uma gargalhada alegre e descontraída.

Foi aquele o momento em que Xavier decidiu agir. Era preciso aproveitar as energias salutares deixadas no ambiente pela interação de amor e carinho que havia entre pai e filha. Assim, ele fez uma oração, pedindo proteção aos espíritos superiores e aplicou um passe em Melina, que sentiu mais da metade de seu cansaço físico se extinguir.

Os espíritos de Sandra e Tenório também apareceram.

— Como ela está, Xavier? — perguntou Tenório, observando Melina ligar a televisão com o controle remoto.

— Agora está bem. Está tranquila, com a mente temporariamente livre das preocupações de seu trabalho, assim como seu espírito também está temporariamente protegido contra as influências das sombras — ele sorriu para os amigos. — Eles estão se preparando para atacar, e sabemos como isso deve acontecer.

— E como faremos para ajudar Melina? — quis saber Sandra.

— Nós sempre acompanharemos todos os passos que ela der, mesmo estando cientes de que a decisão final sempre será dela — Xavier caminhou pelo quarto e parou do outro lado da cama de Melina. — Faremos o possível para que ela se proponha a fazer ao que prometeu antes de reencarnar, já que o esquecimento temporário proporcionado pelo retorno ao corpo físico a impedirá de ter essa consciência.

— E se ela acatar as sugestões dos enviados de Cronos?

— Infelizmente, essa é uma hipótese bem provável de acontecer, Sandra. Cronos não vai deixá-la em paz — explicou Xavier, com sua voz macia e gentil. — Ele vai estar atento, tentando reverter todas as nossas ações em favor de Melina.

— Só nos resta confiar em Deus — Tenório fechou os olhos, fez uma breve prece em voz alta e finalizou: — Faremos nossa parte, pediremos para que Melina tenha forças e que também consiga resistir às sugestões do mal. Somente Deus é quem pode guiá-la para o melhor caminho. Quando confiamos Nele, as situações vão se encaixando e tudo sempre termina de modo satisfatório. Luz e trevas cruzarão o destino de nossa querida irmã Laguna, agora Melina, e somente ela é quem poderá escolher por onde deseja seguir. A responsabilidade para o sucesso ou para o fracasso estará, unicamente, nas mãos dela.

Xavier e Sandra assentiram e se concentraram para envolver o ambiente com agradáveis vibrações de fé, coragem, tolerância e, principalmente, amor.

***

Melina almoçou, dispensou a companhia do pai porque alegou desejar espairecer sozinha e saiu. A praia estava lotada com adultos e crianças aproveitando o calor e as ondas espumantes, enquanto outros jogavam bola na areia ou apenas douravam o corpo enquanto tiravam uma soneca.

Ela tirou os chinelos e caminhou descalça pela areia clara e morna. Por trás dos óculos escuros, avistou o Cristo Redentor ao fundo e sorriu ao observar o bondinho deslizando com rapidez sob seus cabos de aço. Ela amava sua cidade e tinha certeza de que viveria nela até morrer. O Rio de Janeiro tinha tantas belezas que enchiam os olhos de Melina como se ela estivesse vendo-as pela primeira vez.

Ela comprou um picolé e foi chupando o sorvete ao mesmo tempo em que a água deliciosa do mar lhe cobria os pés. Não estava indo para nenhum lugar ao certo. Queria apenas caminhar, ouvir o barulho do mar, aproveitar o sol e se esquecer de que mais uma semana estressante estaria aguardando por ela a partir do dia seguinte.

Todavia, foi obrigada a voltar à realidade quando ouviu seu nome sendo chamado. Ela viu Augusto Amorim, o advogado amigo de seu pai, parado em uma barraca de espetinhos de camarão. Ele acenava para ela, certamente querendo que Melina se aproximasse, mas ela apenas fez um gesto para frente, indicando que continuaria caminhando.

Foi quando viu Edson vindo em sua direção. Ele estava sem camisa e com o corpo molhado, revelando que acabara de tomar

um banho de mar. Melina admitiria que ele estava muito atraente caso sentisse alguma atração física por ele.

— Já reparou que o universo sempre está trabalhando para nos aproximar? — ele tentou beijá-la no rosto, sorrindo ao vê-la se esquivar. — Ei, eu não vou morder.

— Pelo menos não aqui, certo? Já estou começando a pensar que esse papo de universo deve-se ao fato de que você anda seguindo os meus passos. E outra coisa: não quero que telefone para minha casa. Meu pai não gosta quando homens desconhecidos ficam me procurando.

— Eu não sou desconhecido, e seu pai é muito careta, não? — ele enfiou os dedos por entre os cabelos molhados. — Você não é adolescente e já tem idade para seguir com a própria vida.

— Edson, eu resolvi caminhar pela praia para distrair minha cabeça. Existem inúmeras praias nesta cidade, portanto, eu nem mesmo deveria ter me encontrado com você. Assim, estou certa de que você está me perseguindo.

Ele abriu um sorriso que serviu para confirmar que a teoria de Melina era verdadeira.

— É que eu não entendo porque nós dois não podemos dar certo. Você é linda e solteira. Eu tenho uma namorada, contudo, posso romper com ela para ficar com você. Somos colegas de profissão, moramos próximos, não temos filhos...

— Que mania que vocês, homens, têm de achar que uma mulher não pode se dar ao direito de viver solteira. Eu quero curtir minha vida, tenho esse direito, não?

— Consigo enxergar o tamanho das suas olheiras através das lentes de seus óculos escuros — ele se aproximou de novo, e Melina tornou a recuar. — Já falei que você precisa de um descanso. Está lembrada do que eu lhe disse ontem?

— Eu estava zonza de sono. Só me recordo de ter ouvido você mencionar uma nova mania para acabar com o cansaço. Do que se trata?

— Eu não posso mostrar aqui, na praia. Se você for ao meu apartamento...

— E eu, ingênua, achando que não era sexo — nervosa, ela começou a se afastar. — Você não tem jeito mesmo.

— Ei, peraí — Edson a deteve pelo braço, mesmo sabendo que Melina detestava ser tocada por ele. — Eu estou fazendo um convite como um simples amigo. Moro sozinho, mas não estou com segundas intenções, garanto. Além disso, você é uma mulher feita, que conhece meu trabalho. Não posso fazer nada contra sua vontade. Mostre ao menos um pouco de respeito por mim, por favor.

Vendo que Melina pareceu hesitante, Edson foi em frente:

— Moro perto daqui. Podemos ir a pé. Prometo que você vai gostar do que eu tenho a lhe mostrar. E se não gostar, basta apenas virar as costas e ir embora.

Enquanto Melina estava pensativa, Xavier e Tenório se detiveram ao lado dela. Xavier murmurou:

— Não vá, Melina. De fato, ele não está pensando em sexo, pois suas pretensões são muito piores. Infelizmente, Edson é um passaporte para um mundo triste e deplorável. Você se afastará

cada vez mais dos objetivos a que se propôs antes de reencarnar. Lembre-se de que os frutos do seu trabalho ainda virão. Nada é feito em vão perante os olhos de Deus.

Tenório e Xavier viram quando outros dois espíritos também apareceram. Charles e Dorian se aproximaram do ouvido de Melina. Charles sussurrou:

— Você não quer se livrar desse cansaço incômodo? Edson conhece a fórmula secreta para acabar com isso. Você nunca mais se sentirá assim e terá prazer pelo o que faz. Se não quiser acompanhá-lo, sabe o que vai acontecer? Você vai ficar doente, ou pior, vai ficar com estafa mental, e isso pode prejudicar gravemente a saúde de um paciente cuja vida dependa do seu trabalho. É isso o que quer? Em vez de salvar vidas você pretende tirá-las?

Melina não ouvia nenhum dos lados, só recebia ambas as sugestões como se fossem pensamentos conflitantes. Por um lado, a curiosidade a impelia a seguir com Edson e descobrir do que ele estava falando. Porém, em seu íntimo havia um sinal de perigo faiscando em seu peito, como se devesse se afastar dele imediatamente.

— E então? O que decide? Vai comigo ou não?

Ela olhou para os olhos curiosos de Edson. Tenório começou a orar e Xavier continuava clamando para que ela não seguisse com ele. Já Charles continuava lhe infringindo pensamentos tenebrosos sobre as possibilidades que o cansaço físico e mental poderiam lhe causar no trabalho.

Colocando as duas sugestões numa balança, Melina se decidiu. Sorriu para Edson e respondeu:

— Desde que não demore, eu aceito. E já vou avisando que se for bobagem, vou cortar qualquer relação com você.

— Você não vai se arrepender — satisfeito, Edson foi até a barraca que alugara, secou-se, vestiu uma camiseta, pagou as despesas e indicou o calçadão. — Vamos?

— Não deu certo, Xavier — considerou Tenório vendo Melina se afastando ao lado de Edson.

— Vamos com eles. Não podemos desistir. Vimos que os homens de Cronos estão decididos a influenciar Melina com suas sugestões maléficas e perniciosas. Nós estaremos ao lado dela em todos os momentos possíveis.

Assim, Tenório e Xavier partiram atrás dos médicos. Charles e Dorian fizeram o mesmo.

CAPÍTULO 5

O apartamento de Edson era espaçoso, limpo e suficientemente organizado para um homem que morava sozinho. Mais tarde, ele explicou a Melina que contratara uma faxineira que fazia a limpeza do imóvel duas vezes por semana, pois ele era muito ocupado para cuidar da manutenção do lar.

Havia dois quartos, sendo que um deles Edson transformara num pequeno escritório, com vários livros de medicina numa prateleira larga. A cozinha era clara e arejada, o banheiro pequeno, porém, muito bonito e a sala era o maior cômodo do apartamento. Foi lá que Melina sentou-se no sofá, passando os dedos rapidamente pelos pés a fim de se livrar dos grãos de areia que grudaram em sua pele. Edson sorriu:

— E então? O que achou do meu cafofo?

Melina colocou os óculos escuros sobre o braço do sofá.

— É um bom apartamento. Confortável e aconchegante. O local ideal para um homem passar bons momentos com sua namorada. Como ela se chama mesmo?

— Não vamos falar de outras pessoas — Edson girou a aliança de compromisso em seu dedo, como se ela o incomodasse. — Neste momento, somos só você e eu.

— Se o motivo de você ter me atraído para cá foi esse, então, perdeu seu tempo. — Melina se levantou sem saber que estava

captando as sugestões de Xavier e de Tenório, que pediam para ela se retirar imediatamente daquele local.

— Não precisa ficar nervosa. Eu dei a minha palavra de que não vou fazer nada contra sua vontade. Eu a trouxe aqui apenas para mostrar aquela surpresa que eu prometi.

— Até agora não senti nem o cheiro dela.

— Vou buscar. Está no meu quarto. Pode esperar aí, ou se quiser, vá até a cozinha tomar alguma coisa.

Edson se afastou, e Melina caminhou até a janela. Dali, ela tinha uma visão parcial das águas claras do mar. O calor do sol estava mais forte e a praia mais lotada. Eram raras as pessoas que iam desacompanhadas à praia, a não ser quando desejavam praticar algum esporte ou simplesmente caminhar para espairecer, como ela tinha feito. Quase sempre levavam filhos, namorados ou amigos. Melina não tinha nenhum dos três e até então nunca sentira falta deles.

Não cogitava a ideia de namorar, muito menos de engravidar. Seus amigos eram pouquíssimos, praticamente os que haviam estudado com ela na época da universidade. Sempre que precisava de um ombro amigo para obter algum consolo, ela recorria ao pai. Orlando supria a ausência de outras pessoas. Ela amava o pai, era correspondida e isso lhe bastava.

Melina se voltou quando ouviu seu nome ser pronunciando por Edson. Ele trazia uma pequena embalagem nas mãos e um sorriso enigmático nos lábios. Ambos se contemplaram por alguns instantes, e Edson se descobriu mais uma vez apaixonado pelos

incríveis olhos azuis da pediatra e por todos os outros atributos físicos que ela possuía.

— Com certeza você já ouviu falar nisso — ele agitou a embalagem que segurava —, mas tenho certeza de que desconhece as propriedades quase milagrosas. Seu cansaço vai desaparecer em poucos minutos. Como acha que suporto a minha longa jornada de trabalho?

— Até onde eu sei, você não trabalha nem metade do tempo que eu cumpro — Melina deu de ombros. — Vamos logo ao que você tem aí. Do que se trata?

Edson abriu a embalagem, colocou algo de cor azulada na palma da mão e estendeu-a, aberta, para Melina.

Ela ficou parada por alguns instantes contemplando os comprimidos redondos. Por fim, ergueu o rosto para Edson.

— Posso saber o que é isso?

— São alguns comprimidos de metanfetamina. Eu sei que você já ouviu falar neles e nos efeitos que podem proporcionar. Saiba que eles vão muito além do que dizem por aí. Fará uma verdadeira limpeza em seu organismo, eliminando qualquer traço de exaustão. Por que você não experimenta ao menos um? Garanto que a sensação de cansaço que você sente vai desaparecer quase que imediatamente.

Mesmo que Melina não estivesse ciente, aquele foi o momento em que Dorian e Charles resolveram interceder.

— Vamos lá, garota, tudo o que você tem a fazer é experimentar um desses comprimidos — enquanto Charles falava, Dorian postou-se atrás de Melina e estendeu ambas as mãos,

direcionando-as para a nuca da médica. — Pense em seus pacientes e na responsabilidade que você tem com eles. A cada dia você tem estado mais esgotada. Por quanto tempo mais acha que vai conseguir suportar tanta pressão?

Mais uma vez, Melina recebeu a mensagem telepaticamente, porém, achou que fosse fruto de seus pensamentos. Ela conhecia muitos tipos de drogas, algumas legalizadas e que estavam disponíveis em hospitais. Funcionavam como repositores de energias. Conhecia também os riscos que elas poderiam trazer ao corpo depois. Sabia ainda que a metanfetamina é uma droga de venda proibida no Brasil, facilmente contrabandeada para ser consumida em baladas e "pancadões" por jovens de vários níveis sociais. Entretanto, não sabia de nenhum caso em que um usuário tivesse morrido pelo uso daqueles comprimidos.

— Edson, eu sei que sua intenção é a melhor, contudo, eu não posso aceitar. Nós dois somos médicos e conhecemos os efeitos que os energéticos podem nos trazer. Além disso...

— Isso não é um simples energético. Veja só. — Edson pegou um dos comprimidos e colocou-o na boca, engolindo-o a seco. Sorriu em seguida como se tivesse encontrado a fonte da juventude. — Daqui a pouco, eu vou estar no céu.

— Você quer me ajudar, sei disso, mas não vai rolar. Não falo apenas dos riscos à saúde que uma droga como essa pode nos causar, mas também em termos criminais. Você está mantendo dentro do seu apartamento uma droga ilícita. Se a polícia souber disso, você pode ir preso.

— Não dá nada. E eu sei que você está a fim de experimentar um desses. É simples e você não vai morrer por colocar um na boca. Se não gostar dos efeitos colaterais, basta que nunca mais tome nenhum.

Xavier e Tenório também se aproximaram de Melina. Eles continuavam invisíveis para Charles e Dorian. Xavier sabia que Melina estava hesitante, o que não era um bom sinal.

— Melina, por favor, volte para sua casa. Por mais que Edson esteja insistindo, nada é mais poderoso do que sua força de vontade. Você pode recusar essa oferta, basta que queira. Ele não pode obrigá-la a nada. Você é mais forte do que qualquer sugestão alheia.

Mesmo com ideias contrárias atravessando sua mente, Melina se decidiu. Talvez Edson estivesse com a razão. O que poderia lhe acontecer se tomasse um daqueles comprimidos azulados? Melina sabia que ficaria com os batimentos cardíacos mais acelerados e que sua pressão sanguínea poderia subir um pouco. Era possível que nem ao menos sentisse os efeitos.

Além disso, se esse fosse o preço a pagar para adquirir mais disposição, então, valeria a pena. Ela amava a profissão, por isso, tinha que estar o mais preparada possível, fisicamente falando. Seus pacientes dependiam dela. Por enquanto, ela estava apenas com o corpo cansado, mas logo sua mente também ficaria exaurida e ela poderia declinar.

Em nenhum momento, Melina refletiu que uma solução mais simples para os seus problemas seria abandonar, ainda que temporariamente, um dos seus empregos. Se não estava dando

conta de tanto serviço, não seria muito mais simples se ficasse apenas em um dos hospitais?

— Eu vou aceitar um, Edson. Eu achava que os comprimidos de metanfetamina eram coloridos.

— Existem de várias cores e vários formatos. Tudo o que é bom possui vários modelos. Vou pegar um copo com água para você, que acaba de tomar a melhor decisão da sua vida.

— Não preciso de água. Eu tomo assim mesmo.

Com um sorriso de vitória nos lábios, Edson entregou uma pílula para ela, e Melina a engoliu. Por alguns instantes, ela não sentiu nada. Colocou a mão sobre o seio esquerdo e notou que seus batimentos cardíacos permaneciam estáveis. Em seguida, mediu sua pulsação, que também estava normalizada. Ela jogou os cabelos loiros por cima dos ombros e voltou a se sentar no sofá.

— Já está sentindo alguma coisa? — perguntou Edson minutos depois, olhando-a com curiosidade.

— Nada. Você não disse que o efeito era rápido?

Assim que terminou de falar, Melina sentiu algo estranho acontecendo com ela. Primeiro sentiu uma onda violenta de calor. Foi tão forte que ela teve vontade de despir toda a roupa e sair correndo até a praia.

Ela não percebeu quando seu coração disparou porque estava sentindo uma vontade enorme de se mover, de colocar o corpo em movimento. Notou que estava levemente tonta, embora a sensação fosse extremamente prazerosa. Melina olhou para Edson e sorriu. O riso se transformou em uma gargalhada alta e rouca, e logo os dois estavam rindo juntos.

Fechando os olhos, ela abriu os braços e começou a girar o corpo. Tinha a impressão de estar flutuando em nuvens brancas e fofas. Não sentia o peso do próprio corpo e nem sequer percebia o chão sob seus pés. Tudo o que queria era aproveitar aquela sensação maravilhosa de liberdade. Sim, ela estava livre e tinha certeza de que poderia voar.

Edson, também sob os efeitos alucinógenos da droga, ligou o rádio, sintonizou numa música *pop* e começaram a dançar. Melina não parava de rir, repetindo a todo instante que não se lembrava de quando dançara pela última vez.

Dorian e Charles sorriam satisfeitos. Melina dera o primeiro passo na direção do abismo, e Cronos ficaria extremamente entusiasmado quando recebesse aquela notícia. Sabiam que era possível que os espíritos de luz também estivessem ali naquele momento, mantendo-se invisíveis. E se eles realmente estivessem presentes, Charles e Dorian tentavam imaginar o que estariam pensando diante de sua primeira derrota.

— Acho que agora nós já podemos voltar para Simeon — decidiu Charles olhando mais uma vez para Melina, que ria e girava como uma bêbada. — Muito em breve, Laguna estará nos braços de nosso rei novamente.

Dorian assentiu, e eles desapareceram pouco depois.

Xavier e Tenório perceberam que, por enquanto, também não tinham muito que fazer por Melina. Tentaram de todas as formas impedi-la de acompanhar Edson e repetiram as tentativas para que ela não ingerisse o comprimido. No entanto, coube a Melina tomar a decisão final, e sua vontade foi respeitada.

Depois que os dois seres envoltos em luz partiram, Melina continuou dançando sob os efeitos da droga. A sensação que a acometera era simplesmente maravilhosa. Era como se tivesse se desprendido de grilhões e amarras e agora pudesse desfrutar de toda a liberdade e a pureza do mundo.

Ela olhou para Edson e sorriu. Ele era seu amigo, no final das contas. Fizera tudo aquilo apenas pensando no bem-estar dela porque desejava vê-la bem. E Melina seria eternamente grata a ele por ter lhe concedido aqueles momentos fantásticos, que ela não desejava que terminassem.

Seguindo no embalo da música, Edson tomou-a nos braços e ficou satisfeito quando percebeu que Melina, em vez de recuar, esticou ambos as mãos e deslizou-as pelo pescoço dele. Ela não parava de sorrir, e Edson achou que ela estava mais bonita do que nunca.

— Imagino que você esteja gostando dessa sensação — ao dizer isso, ele encostou os lábios na orelha esquerda dela.

— É algo maravilhoso. Se eu tivesse asas, com certeza estaria sobrevoando o Rio de Janeiro. — Melina sentiu um arrepio pelo contato próximo com Edson, mas gostou daquilo também. Ela queria ser tocada, queria estar próxima de alguém. E o mais incrível naquilo era que toda a sua exaustão física tinha desaparecido.

Edson virou o rosto dela sem deixar de dançar. Eles se encararam atentamente por alguns instantes, e ele procurou a boca dela. Os lábios chocaram-se num beijo longo, arrebatador e exigente. Ninguém saberia dizer quem deu o primeiro passo, mas logo em seguida, eles estavam se atracando no sofá, as roupas

sendo arrancadas do corpo numa velocidade assustadora. Ficaram nus e despencaram para o tapete que ornamentava o centro da sala. Foi ali mesmo que se entregaram aos prazeres carnais. Terminaram horas depois na cama de Edson, exatamente quando o efeito da metanfetamina começava a se dispersar, e a mente de Melina voltava a funcionar com clareza.

Pequenas pontadas de dores começaram a atingir a cabeça dela na região das têmporas e logo sentiu dores sobre as sobrancelhas também. Quando virou o rosto na cama, ela deparou com a expressão sorridente e maliciosa que Edson estava exibindo. Sob o lençol delicado, as pernas dela estavam enroscadas nas dele.

— Sabe, Melina, eu sempre imaginei como seria a primeira vez em que fôssemos para a cama. A realidade superou todas as minhas expectativas. Só posso dizer que havia tempos eu não experimentava tanto prazer.

— Isso não deveria ter acontecido — ligeiramente entontecida, Melina se levantou e correu na direção de suas roupas, na sala. Edson veio atrás dela e, quando o fitou, ela corou por vê-lo nu. — Não sei o que aconteceu.

— Sabe sim. Você queria me amar também. A metanfetamina só deu um empurrãozinho. Não vá dizer que está arrependida.

Melina não respondeu. Terminou de se vestir recriminando-se mentalmente por ter saído dos limites. Era verdade que ela experimentara horas de descontração, sentindo o corpo leve e bem-disposto. Entretanto, a diversão cruzara fronteiras perigosas e cobrara um preço que ela não tinha condições de pagar. Fizera uso

de uma droga ilícita e fora para cama com um homem com quem mal trocava algumas palavras. Sabia que abrira uma porta secreta para Edson e que agora dificilmente conseguiria se livrar dele.

— Não sei se estou arrependida. Só sei que não faria isso de novo — ela garantiu, passando a mão pela testa. — Nós somos médicos, somos pessoas com alto grau de conhecimento sobre os efeitos que drogas causam no organismo humano. E, mesmo assim, ingerimos um comprimido de metanfetamina. Nem culpo você porque eu agi por vontade própria. Todo aquele cansaço por excesso de trabalho desapareceu e em seu lugar sobrou apenas uma dor de cabeça incômoda e um pouco de tontura. Porém, ter ido para a cama com você foi um abuso da minha parte e disso eu estou arrependida.

— Foi tão ruim assim? — Edson pareceu surpreso.

— Não, não foi — ela admitiu. — Estou me sentindo uma prostituta, sabia? Venho ao seu apartamento, mesmo sabendo que você tem namorada, experimento uma maldita droga, minha mente se altera, e eu topo qualquer coisa que você quiser. — Melina pegou os óculos escuros e os colocou sobre a cabeça. — Vou embora agora.

— Você ainda vai querer repetir.

— Garanto a você que não. — E, sem mais palavras, Melina seguiu para a porta e pouco depois estava na rua novamente.

Fez o trajeto para casa por ruas alternativas, evitando seguir para a praia. A temperatura deveria estar acima dos 30 graus e, embora a tarde já estivesse terminando, ela não quis retornar pelo calçadão da praia.

Quando chegou em casa, correu para o banheiro e tomou duas aspirinas de uma só vez. Sentiu que o estômago estava vazio, apesar de não querer comer. Tornou a pensar em Edson e sentiu raiva de si mesma. Como pudera ter sido tão fraca? Deveria ter recusado o convite dele desde o momento em que o encontrara na praia. O peso de seu cansaço tinha sumido, mas o arrependimento estava castigando-a quase da mesma forma.

Ela deitou-se na cama e fechou os olhos, embora não estivesse com sono. Tudo o que queria era poder se esquecer do que tinha feito com Edson e ainda pior, daquilo que tinha experimentado e que lhe causou sensações nunca antes imaginadas.

CAPÍTULO 6

Quando bateram na porta de seu quarto, Melina autorizou a entrada. Orlando entrou e sorriu ao ver a filha deitada na cama.

— Vi quando você chegou e subiu correndo — ele estudou o rosto de Melina por alguns segundos. — Como estava a praia?

— Bem...

— Uma resposta meio vaga, não? — perguntou Orlando, sentando-se na beirada da cama.

Melina desviou os olhos azuis para ele. Ambos se conheciam tão bem que ela simplesmente não conseguia mentir para Orlando. Mesmo sabendo que o pai não merecia ser enganado, Melina jamais diria a verdade sobre o que realmente tinha acontecido.

— A praia está lotada. Eu apenas caminhei, ora pela areia, ora pelo calçadão. Depois tomei uma água de coco e um picolé. Encontrei alguns conhecidos pelo caminho e ficamos jogando conversa fora.

Novamente Melina se odiou por estar mentindo para o único homem que realmente amava. Aquele que sempre lhe tratara com amor, carinho, dedicação e respeito. Mentir para o pai era quase como se ela fosse prejudicá-lo de alguma maneira. O fato era que não havia outra saída.

Orlando apenas assentiu ao ouvir a justificativa de Melina. Porém, ele sabia que ela não estava dizendo a verdade. Conhecia a

filha como a palma da mão. Através das expressões de seus olhos, ele sabia quando ela estava mentindo. E agora tinha certeza de que ela estava escondendo alguma coisa.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho, pai — confirmou, olhando para a parede. — O que você vai preparar para o jantar, falando nisso?

"Outro sinal de que ela está mentindo", pensou Orlando. "Melina não me encara e sempre procura mudar de assunto. O que está havendo, minha criança?". Em voz alta respondeu:

— Lasanha de quatro queijos. Daqui a pouco, vou colocar para assar.

— Hum, que delícia!

— Melina, você sabe que eu a amo, não sabe?

— Sei. Por que está me perguntando isso?

— E se sabe que eu a amo, sabe também que quero vê-la bem e protegê-la de todas as formas. Para isso, eu preciso saber se você está enfrentando problemas pessoais. Porque mentir para mim não vai ajudá-la.

Melina estremeceu e se esforçou para não perder a cor do rosto. Estava certa de que não conseguiria enganar o pai. Orlando era tão sagaz quanto uma velha raposa e nada escapava do seu olhar investigativo.

— Não estou mentindo. Foi o que aconteceu. Por ter andado tanto tempo sob o sol, eu fiquei com dor de cabeça e tomei duas aspirinas. Isso é tudo. Acho que aos 30 anos, eu não tenho mais idade de contar mentiras ao meu pai.

— E eu, aos 58, ainda posso desconfiar das palavras da minha filha quando ela está ocultando algo de mim. Eu enxergo além do que você está mostrando, querida. Sei que alguma coisa aconteceu e, por algum motivo, você não quer me falar. — Carinhosamente, ele segurou a mão dela. — Eu não vou ficar insistindo. Só quero deixar uma coisa bem clara: se for algo ruim, eu quero ajudá-la a superar. Basta apenas que confie em mim como tem confiado até agora. Se eu, como seu pai, não puder ser também seu amigo, então quem será?

— Está tudo bem, seu Orlando — ela devolveu o sorriso e apertou a mão dele. — Pode confiar na sua doutora. Dou a minha palavra.

— E eu vou acreditar nela. — Orlando se levantou, beijou a testa de Melina e sorriu. — Vou ficar na cozinha. Sua mãe está na casa de Elisângela, a vizinha, jogando dominó como faz todos os domingos.

— Eu te amo, paizinho. — Ela piscou um dos olhos. — Está proibido de se esquecer disso.

— Minha memória ainda funciona, minha pequena.

Orlando acenou e assoprou um beijo para Melina. Entretanto, enquanto descia as escadas na direção da cozinha, pela primeira vez, ele teve uma sensação negativa e descobriu que estava verdadeiramente preocupado com a filha.

***

A perfeição do trabalho de Deus podia ser notada em cada detalhe daquele magnífico jardim pelo qual cruzava um grupo de

espíritos. Se alguém estivesse disposto a reparar na esplêndida beleza daquela paisagem, compreenderia a riqueza das criações divinas.

O estreito caminho de cascalho era cercado por flores coloridas e pequenos beija-flores beijavam suas pétalas. Os arbustos florais traziam matizes variados, numa perfeita combinação de encanto e beleza natural.

No final daquele caminho, havia dois bancos de madeira, e os espíritos sentaram-se neles. Xavier olhou para os demais e sorriu. Ergueu o olhar para o alto e viu que as primeiras estrelas já surgiam enquanto o céu ganhava tonalidades mais escuras com a aproximação da noite.

— Todos os dias eu agradeço a Deus pela magnífica visão com a qual fomos agraciados — ele comentou, observando ao redor e fixando seu olhar numa pequena queda d'água que desabava sobre dois degraus de pedra e seguia seu destino, ladeando o jardim pelo qual eles haviam acabado de passar. Prosseguiu dizendo: — A natureza, em sua perfeição, criou muitas coisas belas, tanto no plano físico como no plano espiritual. Como seria bom se as pessoas pudessem notar os trabalhos de Deus, que mostram o quanto somos abençoados por Ele. Ainda temos muito para aprender, mas nós já somos ricos espiritualmente. O que a vida nos oferece é um tesouro muito valioso, cuja riqueza é incalculável.

— Infelizmente, as pessoas não estão preparadas para perceber essa fortuna simplesmente porque não querem. — Sandra olhou para Maíra e Tenório e sorriu. — A vida na Terra oferece luxos

materiais, e isso é o que as atraem. Todos se preocupam apenas com os ganhos materiais. Confundem o progresso com a ganância. Não querem apenas melhorar de vida e progredir e sim ganhar muito dinheiro e enriquecer, já que existe uma cultura prevalecente de que os ricos são muito mais felizes do que os pobres. Quanta ilusão!

— E quando a preocupação não está em enriquecer, está em conquistar amores de forma forçada — continuou Tenório. — O adultério tem se tornado algo tão comum nos dias de hoje que as pessoas já não estranham mais. Há quem fique obcecado por uma determinada pessoa e tudo faz para conquistá-la, mesmo sabendo que não a ama e nem será amada. Usam dos mais diversos meios para isso. Alguns até realizam trabalhos espirituais na tentativa de se "prender" ao objeto de desejo. Sim, porque nessas situações, a pessoa desejada se torna um objeto a ser conquistado, pois o amor cede espaço à satisfação de sair vencedor no deprimente jogo das seduções.

— Por que coisas assim têm acontecido cada vez mais frequentemente? — perguntou Maíra. Como ela era o membro mais novo do grupo, gostava de aprender com os demais. — Se Deus quisesse, poderia impedir tudo isso, certo?

— Certo — concordou Xavier. — E não haveria mérito nenhum para nós, compreende? Nós estamos em constante processo de amadurecimento moral e espiritual, mas de nada adiantaria se Deus simplesmente nos colocasse no topo. Você não pode se tornar um bom advogado se não aprender todas as leis, concorda? É preciso

colocar um pé na frente do outro, e isso demanda tempo. Temos toda a eternidade para chegar lá.

Ele fez uma discreta pausa observando um casal de canários-da-terra que pousou diante deles e foi se afastando aos pulinhos.

— Quanto aos acontecimentos que temos presenciado na Terra — continuou — e que têm se repetido constantemente, posso dizer que só acontecem justamente pelo fato de as pessoas estarem afastadas de Deus e dos caminhos que levam ao bem. Como exemplo, podemos citar Melina. Ela é uma mulher de coração generoso, porém, é facilmente sugestionável. Já era assim em encarnações anteriores. Por mais que aprenda durante suas estadias aqui no astral, ela não consegue compreender que é a única pessoa capaz de mandar em si mesma. Infelizmente, pessoas assim têm mais chances de atrair doenças e malefícios para o corpo físico e para o espírito.

— Por quê? — quis saber Maíra, atenta às explicações de Xavier.

— Porque existem muitas doenças que são de origem psicológica. Pessoas com mentes mais controladas, jamais são alvos dessas mazelas. Tem gente que contrai um resfriado, por exemplo, e não toma nenhum comprimido. Diz a si mesmo que está bem e repele o resfriado mentalmente. A doença vai embora e a pessoa fica bem novamente.

— Não sabia que isso era possível — murmurou Maíra.

— Como Xavier acabou de dizer — continuou Sandra —, nós somos os donos de nossa mente, e é ela quem controla o nosso corpo. Mente sã, corpo são. Se colocarmos em nossa cabeça que

não estamos doentes, o cérebro envia essa mensagem a todos os órgãos de nosso corpo, que trabalham em conjunto. Com essa ordem fluindo dentro de nós, nossos anticorpos se fortalecem e destroem os vírus da doença.

— Por outro lado — interveio Tenório —, também existem aquelas pessoas que agem de forma contrária. A uma simples gripe, atiram-se na cama como se estivessem agonizando. Ingerem um medicamento atrás do outro e esperam um efeito quase milagroso. Se nada acontece, tomam mais remédios, podendo até tornarem-se hipocondríacas, ou seja, aquelas pessoas que acreditam piamente estarem doentes, ainda que o diagnóstico médico prove o contrário. É como se quisessem estar doentes. Após um espirro, já procuram um médico acreditando estar acometidas das mais trágicas doenças.

— E agindo assim, muitas vezes, acabam atraindo uma doença mais séria de verdade — acrescentou Xavier. — A mente é o motor de nosso corpo. Melina não é a única médica que trabalha em dois ou três empregos e emenda um turno no outro. E nem todos terminam tão exaustos quanto ela. Melina recusa as religiões, embora as respeite. Jamais para por cinco minutos para fazer uma oração de agradecimento a Deus. Nunca procura se descontrair com filmes ou livros que não sejam de sua área. Não procura fazer novas amizades e não se esforça para manter as que tem.

Os dois canários-da-terra abriram suas asas, fizeram um círculo gracioso sobre o grupo dos benfeitores e partiram na direção de um grupo de árvores floridas.

— Pessoas assim são alvos perfeitos para as falanges do astral inferior — continuou Xavier. — No caso dela é ainda pior, já que está sendo vítima de um processo de vingança, que se originou em sua última encarnação como Laguna. Tenório estava comigo quando tentamos impedir que ela experimentasse um comprimido de uma substância conhecida como metanfetamina. Não obtivemos êxito porque a mente dela estava mais sintonizada com as sugestões de Dorian e de Charles. No fundo, ela se acha muito certinha e sente vontade de fugir dos bons modelos de comportamento e de conduta moral, para se aventurar por novos caminhos.

— Isso acontece com muitas pessoas, principalmente, com adolescentes que acabam se tornando alcóolatras, ladrões ou usuários de drogas. — Tenório tomou a palavra quando Xavier parou de falar. — O desejo de mostrar a si mesmo e aos amigos que é capaz de se diferenciar, costuma ser um dos principais motivos que os levam a estes destinos. Quando se trata de pessoas tímidas, o desejo de se sobressair é ainda maior. “Se meus amigos experimentam droga e nem por isso estão mortos, por que eu não posso tentar também?”.

— Claro que existem as falsas promessas — tornou Sandra. — Dizem que as drogas trazem sensações maravilhosas ao corpo, e quem não usar é careta, antiquado e covarde. E algumas pessoas garantem que é possível largá-las no momento em que se desejar, o que sabemos que não é tão fácil, principalmente, depois que os jovens ficam viciados. Os transtornos só tendem a aumentar. O corpo começa a sofrer traumas e agressões com o uso abusivo dos

entorpecentes, e a família do usuário, naturalmente, fica abalada e destruída.

— Vocês estão querendo dizer que Melina pode se tornar uma viciada em drogas apenas por ter experimentado uma única vez? — quis saber Maíra. — De todas as drogas, a metanfetamina e a maconha são menos piores.

— Nenhuma droga é melhor ou pior do que a outra — corrigiu Xavier. — A única diferença são os efeitos que elas trazem ao organismo e a maior capacidade de dependência. A metanfetamina e o LSD, por exemplo, viciam muito menos do que o *crack*. Há quem diga que esses comprimidos nem sequer causam dependência, mas existem aqueles que buscam ampliar seus efeitos, ingerindo cada vez mais. Isso acontece também com usuários de calmantes e medicamentos à base de anfetaminas. E, respondendo à sua pergunta anterior, é possível sim que uma pessoa se vicie na primeira vez em que experimentar uma droga. Não sabemos como Melina vai se comportar nos próximos dias. Existe a possibilidade de que ela queira sentir novamente os efeitos que a metanfetamina lhe proporcionou e que procure Edson outa vez. Estaremos vibrando para tentar impedi-la.

— O que muitos desconhecem é que os efeitos das drogas atuam também no perispírito dos usuários — lembrou Tenório. — Pessoas que desencarnam vítimas das drogas ficam com o espírito denegrido de tal forma que, muitas vezes, podem voltar à carne com alguma deficiência física. Outros acordam no plano espiritual em total estado de demência. Existem ainda aqueles que recusam a ajuda dos socorristas e acabam se tornando presas fáceis para os

moradores dos submundos. Esse é um dos objetivos de Cronos em relação a Melina. Ele espera que ela desencarne de uma maneira que impossibilite a nossa intervenção, e uma dessas maneiras seria o suicídio.

— Melina não vai se suicidar — Maíra afirmou.

— Hoje, ela jamais faria isso, só que não sabemos o que pode acontecer amanhã ou depois — elucidou Xavier. — Cronos pensa longe. Ele já fez algumas previsões que podem culminar com a morte voluntária de Melina. Tem muitos espíritos que trabalham à disposição dele, como Charles e Dorian, e outros com conhecimento em magia, como Zeus. Eles formam um grupo forte que, lamentavelmente, trabalham a favor do mal.

Maíra olhou para Xavier, que acabara de falar.

— Então se eles querem fazer com que Melina se suicide, o nosso trabalho será justamente o contrário. Impedir que ela ceda aos desejos deles.

— Será mais ou menos isso — tornou Xavier. — Nós iremos além. Além de tentarmos bloquear as investidas do grupo de Cronos, precisamos fazer com que Melina dê valor aos seus potenciais e que mostre a si mesma a força que possui para se defender das influências negativas e que sempre possa prosperar. Entre as suas ações mais importantes, está a realização de seu trabalho médico com crianças carentes, na comunidade em que atua.

— Eu já sei que Cronos quer fazer dela sua escrava novamente, como na época em que a retiramos de seu castelo. — Maíra sorriu ao ver uma borboleta de asas amarelas emergir de um arbusto de

flores lilases. — Se ela se suicidar, ele conseguirá seu intento. Não entendo porque ele tem essa fixação por ela. Sei que tudo teve início quando ela foi Laguna e que você, Xavier, também esteve encarnado nessa época. O que realmente aconteceu?

— Muito em breve, você saberá, Maíra. Isso eu lhe prometo.

— Tudo bem. Eu tenho aprendido a importância da paciência no curso que estou fazendo. Posso esperar. — Sorrindo, ela comentou: — Sei que pode ser uma pergunta tola, mas nós não poderíamos impedir Cronos de continuar com seus planos?

— Ele é um espírito livre, que escolheu viver como um soberano na escuridão. Nós não temos meios de intervir em seu modo de vida e muito menos em suas escolhas. Há muito, ele se afastou da luz divina e arrastou uma verdadeira horda de servidores consigo. Muitos apenas agem por ódio, por maldade e por desejo de vingança. Cronos, não. Ele é um espírito com altíssimo conhecimento. Sabe planejar e organizar seus intentos. Ele não é ingênuo e conhece nossa forma de trabalho porque já viveu em uma colônia espiritual.

— Ah, é? — Maíra pareceu espantada. — Como ele pôde ter trocado a luz pelas sombras? Ele regrediu?

— Ninguém regride em termos de progresso e evolução, mas adotam-se escolhas que não são as melhores. Antes de voltar à Terra, ele esteve em uma colônia, assim como qualquer outra pessoa. Fez diversas promessas para melhorar sua conduta, nunca cumprindo o que prometeu. Porém, desta última vez, ele se revoltou com o desprezo que Laguna destinou-lhe. No astral inferior, começou a reunir amigos fiéis que acabaram formando um

pequeno exército. Cronos nos vê como um grupo inimigo. Ele pensa estar se preparando para uma guerra conosco. Sabe que não podemos ser atacados por suas armas e nem afetados por suas energias, por isso, ele está treinando seus homens para investirem em Melina. Ela é o objetivo final, e é nela que todas as ações dele devem estar concentradas. Nós somos apenas obstáculos que podem ser contornados, na concepção da mente de Cronos.

— Será uma tarefa bastante difícil. Aqui nós somos apenas quatro.

— Maíra, lembre-se que, por mais que pareça que Cronos está bem equipado, o mal não tem mais forças do que o bem e a quantidade não representa o grau da força — garantiu Tenório. — Melina estará protegida pelo manto divino. Todos nós fomos designados para ampará-la da melhor forma possível. Estamos em menor número, mas isso é irrelevante, pois somos espíritos e não pessoas encarnadas. E, no plano físico, contamos com uma ajuda que será muito especial.

— De quem se trata?

— De Orlando, o pai de Melina. Diferente da filha, ele é um homem vivido e experiente — explicou Xavier calmamente. — Tem um bom controle mental e, embora não siga nenhuma religião, ele acredita em Deus e confia na inteligência da Vida. O grupo de Cronos acredita que Orlando será tirado do caminho sem dificuldades, o que não será tão fácil. Eles se consideram muito inteligentes e superiores e subestimam outras pessoas. Encontrarão em Orlando uma força com a qual eles não estão

preparados para lutar, que é chamada de amor paterno. O cuidado de um pai por uma filha forma uma verdadeira rede de proteção — após uma pausa, Xavier emendou: — por outro lado, é imprescindível que Melina colabore com Orlando. Ela precisa acreditar mais em si mesma e confiar no amor que nutre pelo pai. Se ela fraquejar, então, as coisas se tornarão mais complicadas.

— Por ora, vamos aguardar — concluiu Tenório. — Vamos ver como Cronos agirá, para que possamos intervir também. Enquanto isso, eu convido todos vocês para juntarem-se a mim em uma oração por Melina. Ela precisará de proteção, pois difíceis momentos estão se aproximando e exigirão que Melina se mantenha no bem.

Eles ficaram em pé e, tendo como testemunhas os pássaros coloridos, as borboletas fluorescentes e as estrelas que brilhavam no céu como lantejoulas prateadas num tecido azul escuro, deram-se as mãos e se concentraram numa oração singela e elevada para Melina.

CAPÍTULO 7

Em uma região inferior do plano espiritual, havia outro grupo de espíritos reunidos. Eles estavam em pé, na praça central da cidade conhecida como Simeon. Fora o próprio Cronos quem convocara aquela reunião ao ar livre assim que fora informado por Charles que Melina fizera uso de uma droga ilícita.

Todos se vestiam com roupas escuras com estampas de símbolos que agrediam a imagem de Jesus. As árvores, sem uma única folha, ladeavam a praça e seus galhos retorcidos assemelhavam-se a dedos esqueléticos.

O grupo que aguardava pela chegada de Cronos era composto por Charles, seu braço direito, Dorian, Zeus e uma mulher bonita, de cabelos negros, curtos e escorridos. Lori raramente participava das reuniões de Cronos e não entendeu porque havia sido chamada. Ela trabalhava na confecção de roupas, armas e outros objetos, pois era perita em plasmar (formar) qualquer coisa que lhe pedissem.

O ato de plasmar deve-se às manipulações de formações fluídicas geradas pelos pensamentos e pelos desejos dos espíritos, seja intencional ou não. Desencarnados que estudam e aprendem, sabem como fazer e desfazer qualquer coisa plasmada, independente de ser um espírito instruído ou não.

Pouco depois, as ruas silenciaram, pois todos guardavam pela aproximação do líder. A distância, Cronos foi visto caminhando lentamente ao lado de uma mulher loira com um corpo espetacular. Eles se detiveram diante dos demais, e Cronos varreu com o olhar cada rosto que o fitava.

— Serei breve quanto ao que quero lhes dizer. — Sua voz era grave e retumbante e ressoou ao redor. — Fui informado por Charles de que Laguna deu o primeiro passo rumo à nossa conquista. Ela ingeriu uma substância prejudicial aos encarnados. O que eu quero é que Laguna volte a experimentar essa substância por outras vezes. Para isso, quero que um de vocês permaneça em tempo integral na casa dela, vigiando cada movimento que ela fizer e mantendo-me informado de tudo.

Ele olhou em torno e apontou para Dorian.

— É você quem fará isso. Assim que essa reunião terminar, você volitará até a Terra e fará da casa de Laguna sua própria residência. Quero que você atue na mente dela 24 horas por dia, sem dar tempo para que ela pense por si mesma ou que os imbecis da luz possam afastá-lo de lá. Se Laguna ligar-se às suas sugestões, eles ficarão sem ação.

— Entendi, senhor — sorrindo, Dorian acrescentou: — Será um prazer fazer isso. Nada é mais estimulante do que presenciar o sofrimento alheio. Laguna merece tudo o que lhe acontecer por ter prejudicado o senhor.

— Precisamos dar um jeito nos pais dela. — Charles olhou para Cronos e, em seguida, para Alesha, a mulher do líder de Simeon. —

Qualquer um deles pode representar um empecilho para nós. Laguna precisa estar totalmente desamparada.

— Enquanto Dorian se encarregará de acompanhá-la de perto, será você e Zeus que darão um jeito nos velhos. — Ele olhou para o negro imenso e careca que sabia trabalhar com magia e fenômenos espirituais. — E quero tudo isso pra ontem. Façam o que achar melhor. Provoquem um acidente, ataquem-nos mentalmente, enfim, tirem os dois do meu caminho. Vocês dispõem de conhecimento para interferir no mundo terreno, portanto, não devem perder tempo.

Cronos fixou Lori, e ela sentiu-se gelar.

— Quanto a você, quero que plasme novas roupas para Alesha. Gosto de ver minha amada sempre linda.

— Você ouviu, querida — sorriu Alesha. — Mãos à obra.

— Você também sabe plasmar — respondeu Lori em voz baixa. — Por que não produz as próprias roupas?

— Porque temos você para isso. — Alesha apoiou a cabeça no ombro forte de Cronos. — Caso não esteja satisfeita ou se eu me cansar dos seus serviços, será levada para a câmara de tortura. Eu terei um prazer imenso em vê-la lamentar por ter se recusado a cumprir uma de minhas ordens.

Lori encolheu-se diante daquelas ameaças. Todos sabiam que Alesha conseguia ser ainda pior do que Cronos em termos de maldade. Fora ideia dela criar uma espécie de sala nos fundos do castelo. Retiravam dos lamaçais espíritos em avançado estado de demência e desorientação e os aprisionavam em jaulas como se fossem verdadeiros animais.

Ali, eram praticados todos os tipos de tortura. Alesha era a coordenadora daquele trabalho e dizia que ver a agonia em outros olhos humanos deixava-a delirante de felicidade e satisfação. Por mais que ela fosse odiada, inclusive pelos próprios homens de Cronos, nada lhe acontecia, pois era a protegida do líder. Assim, Alesha mandava e desmandava, causando um verdadeiro tumulto se fosse desobedecida e castigando sem piedade quem a desapontasse ou irritasse.

— O momento do meu reencontro com Laguna está se aproximando — lembrou Cronos. — Quero tudo preparado para quando esse dia chegar. Por isso, vocês precisam desempenhar suas funções de forma rápida e precisa. Não quero falhas, e vocês sabem o que lhes acontecerá se alguém me decepcionar.

Eles assentiram. Cronos ergueu um braço robusto para o alto, e Alesha beijou seus músculos.

— Podem partir agora. Dentro de 24 horas, nos reuniremos aqui novamente. Quero apenas notícias boas. Caso não as tenham, a câmara de tortura será o próximo ponto de parada de todos.

Os três homens desapareceram. Lori pediu licença e se afastou rapidamente na direção do castelo. Cronos e Alesha permaneceram abraçados por alguns instantes até que ela sussurrou:

— Eu estou a fim de brincar com alguém, meu amor. Aquele tipo de brincadeira que me deixa descontraída.

Cronos sabia a que Alesha se referia. Ela tinha aquela mania que ele achava meio estranha, porém, compreensível. Um espírito com aparência jovem, fosse homem ou mulher, era retirado dos

charcos ou das grutas do submundo e trazido até Alesha. Geralmente estava em total estado de desolação, com pouca consciência sobre seus atos. O espírito era solto numa área grande como uma espécie de salão.

Alesha aguardava que o espírito tentasse se colocar de pé para caminhar. Ela mandava que ele corresse enquanto o perseguia com um objeto pontiagudo como uma lança ou uma espada. Quase sempre a perseguição durava poucos minutos, pois o prisioneiro, já sem forças, não aguentava muito e caía no chão, gritando horrores ao ser atingido em diversos locais do corpo pela arma que Alesha carregava. Quando se cansava, ela o encaminhava para a câmara de tortura, e lá o sofrimento se triplicava.

— Vou providenciar alguém para distraí-la. — Cronos beijou-a no queixo, e os olhos verdes de Alesha cintilaram de alegria. — Agora, tudo o que eu quero é aguardar pelas notícias dos meus homens. Nossas primeiras vítimas serão os idiotas que aceitaram ser os pais de Laguna. Mal sabem o que lhes aguarda.

Os dois soltaram uma estrondosa gargalhada e, abraçados, voltaram para o castelo.

***

Eram cerca de oito horas da noite quando Geralda voltou para casa, satisfeita pelo jogo de dominó na casa de sua vizinha. Já havia combinado com as outras amigas presentes que jogariam bingo no próximo fim de semana.

Ela entrou em casa e aspirou o delicioso aroma da lasanha que estava quase pronta. Seu marido podia ser chato e encrenqueiro,

mas cozinhava melhor do que a maioria das mulheres que ela conhecia, inclusive ela mesma. O fato de ele ser *chef* de um restaurante aperfeiçoara seus dotes culinários.

Encontrou Orlando terminando de arrumar a mesa. Ele sorriu quando a viu entrar e cumprimentou-a com um beijo rápido.

— Como foi o jogo? — Ele sempre lhe perguntava isso quando a via chegar da casa das amigas.

— Ótimo. Hoje Raimunda estava sortuda. Ela ganhou três, de nossas seis rodadas. Eu ganhei apenas uma. Da próxima vez, terei que levar mais dinheiro.

— Não sei pra que jogar apostando dinheiro.

— Para dar emoção e credibilidade aos jogos. Se formos jogar apenas pelo desejo de ganhar, não terá graça nenhuma.

— Boa noite, mãe — Melina entrou na cozinha, beijou Geralda no rosto e farejou o ar. — Hum, que cheirinho abençoado...

— Já está quase pronto. — Orlando olhou para o relógio na parede. — Podem se sentar que vou servir em dez minutos.

— Ah, então dá tempo para eu tomar um banho rápido. — Geralda seguiu na direção da porta. — Daqui a pouco, eu desço. A emoção dos jogos me deixa suada.

Ela subiu as escadas e se dirigiu ao quarto. Apanhou uma toalha grande e felpuda e roupas limpas. Pouco depois entrou no banheiro e começou a se despir.

Jamais poderia imaginar que estava sendo observada por dois espíritos de dois homens. Zeus e Charles riam enquanto viam Geralda se despir. Quando ela ficou nua e caminhou até o boxe do chuveiro, eles não contiveram o riso.

— Que corpinho estragado, não? — Charles inclinou a cabeça para o lado a fim de melhor contemplar Geralda. — Pelo menos faz justo ao marido, que não deve ficar atrás em termos de gorduras e pelancas.

— Se pelo menos fosse uma mulher bonita, nossa visita valeria a pena. — Zeus fez uma pausa quando Geralda fechou a porta de acrílico do boxe. — Já pensou em como daremos um jeito nela?

— Já. Assim que ela terminar o banho, nós direcionaremos todas as nossas energias para empurrá-la. Sabe que manipular a matéria densa requer uma grande quantidade de ectoplasma, por isso, teremos que agir juntos.

Espíritos com certo nível de conhecimento realmente conseguem interferir no plano físico. Alguns podem inclusive mover objetos, acender ou apagar lâmpadas e provocar ruídos audíveis aos encarnados. Fatos assim são costumeiros em ambientes frequentados por espíritos que desejam interagir com os que vestem a roupagem física. Esses locais são popularmente chamados de mal-assombrados.

Geralda se enxaguou e desligou o chuveiro. Estendeu o braço para apanhar a toalha, enrolou-a em volta do corpo e abriu a porta do boxe. Foi nesse momento que Charles e Zeus apoiaram as mãos contra o peito de Geralda, forçando-a para trás. Ela sentiu um mal-estar súbito, uma espécie de tontura violenta, escorregou no piso molhado e caiu de costas. Bateu com a cabeça na parede de azulejos e desabou sobre as pernas, gritando quando sentiu que um osso rangeu e estalou.

Espíritos brincalhões, ignorantes ou perversos como Zeus e Charles podem e até gostam de observar os encarnados, principalmente, em seus momentos de intimidade. Porém, eles só podem chegar até onde lhes é permitido e isso depende do nível de pensamentos dos habitantes daqueles locais. Esses espíritos são atraídos para um lar em que não se tem o costume de orar e pedir proteção divina.

A única forma de os encarnados manterem-se protegidos das influências de espíritos negativos é através do pensamento positivo, da crença na força do bem e no costumeiro hábito da oração. Quem seguir por esses caminhos, jamais será atingido por forças negativas e, certamente, terá seus instantes de privacidade garantidos contra a presença dos seres das sombras e de outros espíritos zombeteiros.

No caso de Geralda, o objetivo era prejudicá-la para atender às ordens de Cronos. Ela jamais seria atingida se jogasse fora seus pensamentos ilusórios ligados apenas ao mundo material e abrisse seu coração para as verdades espirituais. Quem se conecta com a espiritualidade, fortalece a fé em Deus e em si mesmo. Geralda era uma mulher totalmente incrédula e não conseguiria se lembrar de quando rezara pela última vez.

Na cozinha, Orlando e Melina ouviram os gritos da mulher e subiram as escadas rapidamente. Eles a encontraram caída no chão do banheiro, a toalha parcialmente aberta, o rosto molhado pela água do chuveiro e pelas lágrimas provocadas pela dor da queda.

— Mãe, o que aconteceu? — sem esperar por resposta, Melina estendeu as mãos para Geralda na tentativa de levantá-la, enquanto Orlando puxava-a pelas axilas.

— Eu escorreguei e caí. — Ela rompeu num soluço angustiado. — Minha perna está doendo muito. Eu acho que caí por cima dela e dei um mau jeito. Parece que quebrei alguma coisa. Não vou conseguir me levantar.

Orlando enrolou a toalha na esposa novamente. Melina, agachada, perguntou qual era a perna que estava doendo, e Geralda indicou a direita. Melina, cuidadosamente, esticou a perna ferida da mãe e viu que a região do tornozelo já estava ficando bastante inchada. Pela forma como o pé dela estava virado, a moça compreendeu que a mãe sofrera uma luxação ou quebrara um osso.

— Não dá mesmo para caminhar até a cama? — indagou Orlando, preocupado.

— Acho que ela deslocou ou quebrou um osso. — Melina tocou levemente na região atingida e fez uma careta diante do grito agudo que a mãe soltou. — Vou pegar alguns medicamentos no quarto e fazer um curativo superficial até chegarmos ao hospital.

— Não quero ir ao hospital. — Geralda sacudiu a cabeça para os lados. — Eu detesto o cheiro de hospitais.

— Pois então tape seu nariz porque iremos de qualquer jeito. — Decidida, Melina se levantou e correu até o quarto. Voltou pouco depois trazendo alguns produtos nas mãos. — Continua inchando. Vou passar um creme anestésico para amenizar as dores. Em

seguida, papai vai me ajudar a colocá-la no carro para irmos ao hospital.

— Já disse que eu não vou. De que adianta ter uma filha médica em casa se ela não sabe curar a própria mãe?

A gravidade da situação impediu que Melina se ofendesse com o comentário de Geralda.

— Provavelmente, você quebrou algum osso. Aqui em casa eu não disponho de recursos para dar essa certeza. E se você realmente sofreu alguma fratura, vai precisar engessar.

— Eu também bati a cabeça. — Geralda levou a mão acima da nuca. — Está doendo um bocado e a perna está pior. — Ela olhou para o marido com irritação. — Vamos, Orlando, não fique aí parado me olhando. Dê um jeito de me levar até minha cama. Amanhã eu vou estar bem melhor, sem precisar ir para hospital algum, vocês vão ver.

Melina conferiu a cabeça da mãe e viu que nada de mais grave tinha acontecido ali, já que ela estava plenamente consciente. Um galo tinha se formado, e Melina esfregou um pouco do creme anestésico. Repetiu o procedimento no tornozelo de Geralda, que urrava e gritava a plenos pulmões.

— Mãe, não é necessário gritar desse jeito.

— Você está dizendo isso porque a perna não é sua. — Geralda emitiu novos gritos, causados muito mais pela raiva do que pelas dores. — Quem caiu fui eu, portanto, vou gritar o quanto eu achar necessário.

— Já que sua língua continua tão cortante como sempre — interveio Orlando, já mais aliviado por ver que Geralda não estava

tão mal, apesar de um possível osso quebrado e uma pancada na cabeça —, eu vou com Melina ao hospital levar você. E não adianta reclamar, porque vamos de qualquer jeito.

— Não podem me forçar. — Sua feição se contraiu num ricto de dor quando Melina passou o creme na parte inferior da perna e no peito do pé. — E eu já sei o que o médico vai me dizer. Vai pedir repouso absoluto. Eu quero começar a repousar desde agora.

— Eu não vou aguentar você guinchando nos meus ouvidos desse jeito. — Orlando olhou para a esposa sentada no chão, metade do corpo dentro do boxe, a outra metade para fora, e sentiu pena e compaixão. — Ademais, Melina sabe o que está fazendo e tem toda a capacidade para medicar você. Sua especialização é em pediatria, mas acima de tudo ela é uma médica. Vamos acatar suas ordens de bico fechado.

Geralda quis retrucar, só que as dores a calaram. Instantes mais tarde, o creme começou a surtir efeito, e as dores amenizaram um pouco.

Melina e Orlando terminaram de secar Geralda e a ajudaram a se vestir. Orlando conseguiu erguê-la e, mesmo sem apoiar um dos pés no chão, ela conseguiu descer as escadas devagar, sempre xingando, criticando e reclamando. Melina pegou os documentos de todos e ajudou o pai a colocar a mãe no assento traseiro do veículo. Instantes depois, ela deu partida, e eles seguiram para o hospital. Não perceberam que o espírito de Dorian também seguia no carro, satisfeito com o rumo dos acontecimentos.

Já na casa, Charles e Zeus se compraziam em meio às gargalhadas. Tudo tinha saído melhor do que eles poderiam

imaginar. Tinham achado hilário ver Geralda escorregar, bater a cabeça e cair no piso molhado.

— Se a pobrezinha já era feia, ficou ainda pior ao fazer caretas por causa das dores. — Charles levou as mãos à barriga na tentativa de reduzir o riso incontrolável. — Foi o que eu costumo chamar de visão do inferno.

— Eu também estou rindo até agora. — Zeus alisou sua careca negra e brilhante. — Ainda acho que isso foi pouco. Se ela não quebrou osso nenhum, logo estará saracoteando para todos os lados. E não foi isso que Cronos ordenou.

— Lógico que ela quebrou alguma coisa, meu caro. Não ouviu o que a própria filha falou? Ela vai ficar engessada por algum tempo, presa dentro de casa. Não poderá interferir na vida da filha, já que daremos um jeito de Laguna passar o menor tempo possível junto com os pais.

— Vamos ver se Dorian conseguirá fazer a parte dele.

— Vai dar tudo certo, mas nós ainda não terminamos. O próximo a tirarmos do caminho é o velho. Quando eles voltarem do hospital, ele vai estar cansado e esgotado, exatamente como nossa doce Laguna. Já reparei que ele guarda algumas garrafas de bebidas alcóolicas em casa. Vamos dar um jeito de fazê-lo encher a cara. Quando estiver bastante embriagado, podemos atraí-lo até as escadas e lhe dar um empurrãozinho.

— E o melhor é que até agora nenhum chatinho do lado da luz veio nos amolar. Acho que eles já perceberam que não podem com a gente.

Os dois se cumprimentaram num ato de cumplicidade e parceria. Antes, chegaram a pensar que o processo de vingança de Cronos seria trabalhoso para eles, mas agora já tinham a certeza de que seria absolutamente fácil. Com os pais fora de circulação, Laguna estaria totalmente à mercê deles, tal como uma sobrevivente de um naufrágio esperando para ser socorrida por outra embarcação. E, então, eles dariam sequência ao plano.

CAPÍTULO 8

Como Melina já havia adiantado, Geralda realmente deslocara o tornozelo. O médico conhecido de Melina fez outros exames e disse que a região teria de ser engessada. Novamente, todos foram obrigados a ouvir a tempestade de protestos, queixas e lamúrias de Geralda, porém, ela não teve forças suficientes para demover o médico ou o marido e a filha. O médico também realizou alguns exames na cabeça da mulher, mas ali fora apenas uma batida sem importância.

A perna dela foi engessada, desde a panturrilha até o pé, formando uma espécie de bota branca. Quando Orlando fez esse comparativo, ela revidou com uma série de impropérios.

— Vocês dois estão fazendo piadinhas de mim porque não estão sentindo dor nenhuma. — Ela ignorou a ajuda do marido para entrar no carro. — É mais fácil rir dos outros.

— Mãe, você está exagerando. — Melina se acomodou diante do volante e girou a chave na ignição. — Ninguém está rindo de você. Também não pode esperar que comecemos a chorar. Não é o fim do mundo.

— Você não sabe o que estou sentindo.

— Diz isso porque você não sabe o que é sentir dor de verdade — retrucou Melina virando o rosto para Geralda, que mantinha a expressão fechada e olhava para a paisagem lá fora.

O mar estava calmo e escuro e havia ainda várias pessoas na areia, embora já passasse da meia-noite e o dia seguinte fosse uma segunda-feira.

— Eu lido todos os dias com queixas e reclamações dos meus pacientes, que, aliás, são apenas crianças. Ontem eu examinei uma menina que engoliu um brinquedo pequeno e acompanhei a transfusão de sangue em um garoto que se cortou com cerol. Nesta semana, tenho ainda o acompanhamento de um menino de quatro anos que está com leucemia. Portanto, mãe, fique calada e pare de reclamar. Um osso deslocado é um mal muito pequeno se formos comparar com os problemas dos outros.

Orlando, no banco traseiro, pensou em dar os parabéns para a filha, mas não queria irritar a esposa ainda mais. Dorian, que também seguia com eles, estava impressionado. Melina era terrível quando queria ser. Tinha uma personalidade marcante. Ele também não conhecia a história que a ligava a Cronos em encarnações passadas. Desejou saber o que ela tinha feito a ele que o deixara tão furioso, a ponto de esperar por décadas somente para conseguir se vingar.

Eles chegaram em casa. Orlando e Melina ampararam Geralda até o quarto. Ela ficaria um bom tempo longe da sala e da cozinha, que ficavam no andar de baixo. O médico dissera que ela deveria andar o mínimo necessário até que ele realizasse os próximos exames. Geralda praguejara quando recebera essa ordem, mesmo sabendo que não havia outra opção.

Quando ela se deitou, dormiu logo em seguida, sem nem agradecer pelo apoio e pela atenção de Melina e Orlando. Os dois

deram de ombros, pois estavam acostumados com o humor de Geralda, que quase sempre não era dos melhores.

— Sabe o que é pior nisso tudo, pai? — perguntou Melina fora dos aposentos da mãe.

— Os cuidados que teremos com ela a partir de hoje?

— Também. Ainda pior do que isso foi ter deixado sua maravilhosa lasanha de quatro queijos esfriar. Nenhum de nós três jantamos, esqueceu? Estou faminta!

— Agora que você falou, lembrei que eu estava ouvindo meu estômago balbuciando. Acho que ele está reclamando a ausência de comida.

Os dois riram, e Melina disse que comeria algumas bolachas. Deixaria a lasanha para o jantar da noite seguinte, já que não viria para casa no horário do almoço.

— Obrigada por tudo, pai — ela agradeceu, beijando Orlando no rosto. — Vou tomar um banho e me deitar. Amanhã tenho que estar bem cedo no consultório e estou cansada.

— Vou ver se consigo tapear minha fome de alguma forma. — Ele apalpou a barriga meio saliente. — Daqui a pouco, já vou dormir também. Tenha uma ótima noite, minha querida.

— Para você também.

Melina acenou e subiu para o próprio quarto. Despiu a roupa e caminhou nua pelo aposento. Ela passou diante da janela e a luz da lua refletiu em seu corpo, concedendo-lhe um brilho prateado.

Dorian quase enlouqueceu diante do que viu, temendo pensar alto demais. Sabia que seria castigado se Cronos soubesse os pensamentos que ele estava alimentando por Melina. Contudo, era

difícil resistir. Ela era simplesmente perfeita. Seu corpo era esplêndido. Seus longos cabelos loiros caíam em cascatas em suas costas e seus olhos cor de turquesa pareciam queimá-lo, mesmo que ela não o visse ali.

Ela se deitou e cobriu o corpo com um lençol cor-de-rosa. Pensou nos acontecimentos daquele dia. Experimentara uma droga proibida, vivenciara sensações desconhecidas, transara com um homem de quem não gostava, mentira para o pai e correra para o hospital com a mãe. Eram coisas demais para quem desejava apenas repor as energias para outra longa semana de trabalho.

Cansada, Melina sentiu que suas pestanas estavam começando a se fechar. Dorian contornou a cama e aproximou-se dela. Colocou a cabeça a poucos centímetros do rosto da médica. Desejou tocá-la, mas temeu que Cronos descobrisse. Em vez disso, ele sussurrou:

— Você está exausta agora. Seu corpo está debilitado e suas energias estão esgotadas. Todos os dias serão assim até que você caia doente. Como a medicina é a profissão que você escolheu e que desempenha com amor, eu vou lhe dar uma sugestão. Você só pode continuar em frente se tomar outros comprimidos de metanfetamina. Lá estão todos os componentes necessários para se manter de pé por horas, sem se prejudicar. Por que não procura Edson e experimenta mais um? Pode até comprar alguns com ele. Aí, quando achar necessário, você ingere um ou outro. Nunca mais você se sentirá cansada. Vai estar sempre bem-disposta.

No silêncio do seu quarto, no estado entre a vigília e o sono, Melina quase ouviu as palavras de Dorian. Imediatamente pensou

no que Edson lhe oferecera. Ela não poderia negar que jamais se sentira tão bem. Estava bastante arrependida por ter ido para a cama com ele, mas não muito por ter feito uso da metanfetamina. Tornar a experimentá-la era uma ideia que ela já tinha descartado. Não queria colocar sua saúde em risco.

Por outro lado, se continuasse trabalhando sob a pressão de sua exaustão, acabaria doente da mesma maneira. Não queria abandonar nenhum dos empregos, por isso, a única saída, por mais inconveniente que pudesse parecer, era fazer uso daquele poderoso energético.

Decidiu-se. Iria trabalhar até o limite e quando realmente não mais suportasse, pediria outra dose a Edson. Parecia tão errado tomar aquele comprimido quanto cometer um roubo, só que Melina achava que era uma questão de necessidade e não de exibicionismo. Ela não queria provar nada a ninguém, nem mesmo a si mesma. Queria apenas se sentir bem. E aquela droga quase mística funcionava como uma injeção de ânimo. Era sua salvação. Seria um segredo a ser guardado entre ela e Edson.

Foi com esses pensamentos que Melina adormeceu.

Quando Orlando vestiu seu pijama, imediatamente foi rodeado pelos espíritos de Zeus e de Charles. Ambos começaram a assoprar ideias que incentivassem Orlando a beber.

— Vamos lá, cara, depois de tanto estresse, nada que um goró não possa resolver.

— Molha o bico numa cachacinha. Que mal há nisso?

— Você terá uma excelente noite de sono.

Orlando raramente bebia. Mantinha uma pequena adega em sua casa, mais como enfeite do que como estoque. Sua esposa e sua filha também não bebiam. Ele só fazia uso de bebidas alcóolicas, ainda que cerveja, em ocasiões que considerava especiais e, por enquanto, não havia nada a ser comemorado.

Ele voltou para a cozinha para dar uma conferida se não tinha deixado nada ligado. Charles e Zeus continuavam falando e repetindo as mesmas ideias. Queriam que Orlando bebesse. Era imprescindível que ele o fizesse para que pudessem se livrar dele em seguida.

Porém, Orlando parecia surdo às sugestões dos dois espíritos. Ele sentou-se à mesa da cozinha e olhou fixamente para a parede. Pensou em Melina. Algo de errado tinha acontecido com ela naquele dia. Por mais que ela lhe parecesse normal, ele podia pressentir que ela lhe faltara com a verdade.

Orlando amava Melina. Para ele, nada era mais importante do que a filha. Ela sempre lhe confiara seus problemas, inclusive seus segredos mais íntimos. Quando Melina menstruara pela primeira vez, aos 13 anos, ela viera procurá-lo para pedir orientações em vez de conversar com Geralda ou com as amigas do colégio. A mesma coisa acontecera quando ela dera seu primeiro beijo. Sempre era o pai que Melina escolhia para conversar sobre temas íntimos ou femininos.

Por isso, o assunto que Melina estava escondendo tinha que realmente ser importante. Ele pensou na hipótese de que ela estivesse organizando alguma surpresa, como uma festa, mas a filha lhe parecera tensa e preocupada em vez de animada e

descontraída. Era algo que a inquietava, algo tão grave que ela pretendia guardar apenas para si.

Visivelmente preocupado com Melina, Orlando fechou os olhos e procurou se concentrar em uma prece. Imediatamente, a imagem de Jesus veio à sua mente. Era um rosto tão bonito, que lhe inspirava tanta paz e ternura, que Orlando sentiu-se motivado a continuar.

— Meu Mestre Jesus, peço que mantenha minha filha Melina sob Sua proteção. Ela é meu tesouro mais precioso, mas não posso estar ao lado dela em todos os momentos. Não permita que nada de errado lhe aconteça. Abençoe minha família também, mantendo-nos a salvo de influências inferiores. O Rio de Janeiro é uma cidade violenta e atribulada. Faça com que essas energias negativas permaneçam lá fora e que aqui, em nosso lar, haja apenas harmonia e paz. Toque o coração de Melina e envolva-a em luz. Amém.

Para Orlando, foi apenas uma oração profunda que aliviou sua alma. Porém, no astral, suas palavras surtiram um efeito que ele nem sequer poderia imaginar.

Do alto, um halo luminoso se formou. A princípio, foi apenas um feixe de luz que aumentou de intensidade e começou a iluminar o ambiente como um holofote. Quando a claridade se tornou ainda mais forte, duas entidades começaram a tomar forma. Charles e Zeus se entreolharam, apavorados.

— A barra sujou! — Sem hesitar, Charles indicou a porta da cozinha para Zeus. — Corre! Depressa!

Eles conseguiram apenas dar uns poucos passos e seus pés estacaram no chão, como se estivessem colados ao piso. Eles simplesmente não conseguiam se mover por mais que desejassem.

Da claridade, saíram Tenório e Sandra. Ambos olharam para os espíritos com carinho e compreensão. Havia tanta ternura extravasando dos olhos deles que Charles e Zeus mal podiam encará-los.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Charles olhou para baixo e forçou os pés, que não saíram do lugar. Tornou a fitar os dois espíritos iluminados. — Que tipo de bruxaria é essa que nos prenderam no chão? — Assustado, ele voltou-se para Zeus. — Você é bom em magia. Faça alguma coisa para nos livrar dessa enrascada.

— Não estou conseguindo — negou Zeus sacudindo sua cabeça careca. — Não consigo lutar contra o poder deles.

— Nós não temos poder algum. — Trazendo um belíssimo sorriso nos lábios, Sandra se aproximou alguns passos. Tenório parou ao lado de Orlando, que continuava com os olhos fechados e lhe aplicou um passe fluídico. — Também somos espíritos, assim como vocês. A única diferença é que temos um pouco mais de conhecimento e instrução, o que não os minimiza de forma alguma. Viemos atender ao pedido deste homem — com o dedo ela indicou Orlando. — Sua oração é que tem poder. Sua fé é a razão de vocês estarem detidos no mesmo lugar.

— Ele apenas fez uma oração sem importância. Murmurou algumas palavrinhas que jamais causariam tudo isso.

— Muito mais do que usar as palavras — interveio Tenório —, Orlando falou com o coração. É um pai pedindo o melhor para sua filha. É um homem de consciência limpa pedindo proteção para sua casa. Ele acredita em Jesus e confia no poder do bem. Foi uma oração simples, porém, profunda. Em uma prece não é preciso usar palavras bonitas. O que vale é a fé na espiritualidade e na forma como a vida trabalha. Deus jamais deixará de atender a um pedido destes.

— Nós vimos o que vocês fizeram com Geralda — lembrou Sandra, séria. — Poderíamos ter interferido, porém, ela é uma pessoa extremamente materialista, que vê defeito em tudo, mesmo nas coisas mais belas. Não acredita naquilo que não pode enxergar, e essa incredulidade tem cobrado seu preço, como o que aconteceu nesta noite. Ao agir como Geralda, automaticamente, as pessoas se colocam abertas para a influência de espíritos que podem ser prejudiciais a elas.

— Obrigado pela parte que nos toca, minha senhora, mas será que dá para nos liberar? — Charles fez uma careta irônica e zombeteira. — Já está ficando tarde. Tenho meus compromissos em casa.

Apesar da insegurança, Zeus não conteve uma risadinha maliciosa.

— Eu imagino que sim. — Sandra voltou a sorrir. — Vai voltar correndo para ouvir novos gritos e novas ofensas de Cronos.

— Não me agrada ouvi-la falando mal do meu rei. — Charles tentou novamente mover as pernas, sem sucesso. — Aliás, não fica bem para uma socorrista falar mal das outras pessoas, não acha?

— Eu não falei mal de ninguém, apenas relembrei você de um fato real. Querendo ou não, ambos são escravos de Cronos, embora ele não deixe que vocês se deem conta disso.

— Eu gosto do que faço, senhora. Cronos tem um longo plano pela frente em relação àquela jovem que está lá no quarto. E por mais que vocês tentem impedir, não vão conseguir. Laguna está predestinada a pertencer a Cronos.

Todos observaram quando Orlando se levantou, apagou a luz da cozinha e subiu para dormir. Porém, do lado espiritual, o brilho emanado do corpo de Sandra e de Tenório era tão forte que Zeus e Charles estavam com os olhos semicerrados.

— Uma pessoa não pertence à outra porque não estamos à venda. — Tenório juntou-se a Sandra. — Não somos objetos para nos tornarmos propriedades de quem pode mais. Deus nos criou espíritos livres, capazes de amar o próximo, mas não para ficarmos atados a alguém em nome do que acreditamos ser amor e que, na realidade, são apenas sentimentos confusos e ilusórios. Cronos não deseja se vingar de Laguna.

— Não? — Charles e Zeus perguntaram ao mesmo tempo. Embora achassem que pudessem ser enganados, ambos tinha quase certeza de que Tenório estava dizendo a verdade.

— Não. Ele quer tê-la por perto para tentar obrigá-la a amá-lo. Cronos quer o mesmo amor que achou ter um dia. Não consegue compreender que ela não o amava. Ele acha que, se deixá-la em estado deplorável, Laguna se tornará dependente e suplicará por um pouco de atenção da parte dele. — Após uma rápida pausa,

Tenório perguntou: — Se isso não for mera ilusão, então eu não sei o que é.

— Vocês não sabem de nada. Querem colocar ideias em nossas cabeças para fazer com que nos revoltemos contra o nosso rei. Cronos é único e absoluto, estão entendendo? — Zeus mostrou seus dentes amarelados num esgar de raiva.

— Só sei que neste lar vocês não poderão entrar mais. — Sandra olhou para a direção em que Orlando tinha saído. — Também não poderão atingi-lo como esperavam. Ele não será mais uma vítima, como Geralda ou como a filha. Orlando é um espírito um pouco mais preparado, e houve todo um planejamento para que ele pudesse renascer como o pai de Melina.

— Vocês são dois imbecis. — A voz de Charles saiu aguda, e ele descobriu que o medo estava modificando sua fala. — Se não nos soltar, vamos chamar Cronos, e ele virá até aqui para nos salvar.

— Seria bom que ele viesse. — Um sorriso de homem experiente resplandeceu nos lábios de Tenório. — Gostaríamos de incluí-lo nessa conversa que estamos tendo.

— Nós vamos voltar aqui se Cronos quiser — provocou Charles flexionando o pescoço. — Vocês não dizem que o livre-arbítrio deve ser respeitado? Pois então respeitem o nosso, que é tirar o velhote de nosso caminho.

— Se vocês acham que podem permanecer aqui, então, nós também vamos ficar. — O sorriso de Tenório permanecia fixo em seus lábios. — Podemos dividir o espaço sem nenhum problema.

Seria até prazeroso compartilhar com vocês um pouco de nosso conhecimento sobre as verdades da Vida.

Charles ia retrucar quando tentou dar um passo a frente e percebeu que os pés estavam livres. Zeus também ficou surpreso quando conseguiu se mover.

— Desistiram de nos manter em cativeiro?

— Vocês dois já se colocaram dentro de um cativeiro quando optaram por substituir a luz pelas sombras, quando se decidiram pelo ódio em vez do amor. — Sandra deu de ombros. — Nunca se esqueçam de que Deus sempre estará pronto para recebê-los. Podem ir agora. Que Jesus possa abençoá-los todos os dias, e que o caminho que escolheram percorrer não seja tão árido e sombrio.

Charles e Zeus fizeram um gesto obsceno com o dedo do meio e desapareceram em seguida. Sandra e Tenório se afastaram um do outro, pois, juntos, fariam uma limpeza energética na casa de Orlando.

Já no piso superior, o espírito de Dorian foi arremessado para o lado de fora tão logo Orlando pediu proteção para o lar. Dorian caiu na calçada e ficou, por alguns instantes, sentado no chão, totalmente atordoado, tentando entender o que tinha acontecido. Quando se recuperou, ele seguiu até a porta de entrada da residência e, novamente, foi repelido, como se tivesse se chocado contra uma cerca elétrica.

Percebeu que havia alguma interferência dos espíritos da luz, embora não tivesse visto nenhum por ali. Gritou por Charles e Zeus e, como não obteve resposta, Dorian deu de ombros e resolveu que deveria investir em Melina num momento mais apropriado.

CAPÍTULO 9

Como sempre acontecia todas as manhãs, Melina despertou cedo, tomou um pouco do café matinal preparado pelo pai, passou pelo quarto da mãe, que reclamava do peso do gesso na perna, deu-lhe um beijo de despedida e saiu correndo para seu consultório.

Antes das sete e meia, ela já estava cumprimentando Dione, sua secretária. Nenhum paciente tinha aparecido, porém, Melina se lembrava de que aquele dia seria bastante corrido.

Um pai chegou com sua filha de colo às 7h40, e era a primeira consulta do dia. Ele dizia que a criança estava com o peito chiando, e Melina logo constatou excesso de muco nos pulmões. Prescrevia um medicamento quando o segundo paciente chegou.

A manhã passou voando. Ela não almoçou e recusou o sanduíche que Dione lhe comprou durante um rápido intervalo entre as consultas. Melina sorriu ao ouvir a reprimenda de sua secretária.

— Desculpe a implicância, doutora Melina, mas a senhora precisa comer alguma coisa. Não a vi colocando nada na boca desde cedo. A senhora é médica e deve saber o que está fazendo, mas não acho certo trabalhar com o estômago vazio.

— Você está parecendo meu pai, que me chama a atenção todos os dias por causa disso. — Ela digitou algo no computador

sobre a mesa. Era um e-mail que estava enviando para o convênio médico de um paciente. — Eu não sinto fome quando estou trabalhando e não consigo comer sem apetite.

— A senhora acha que Deus gosta disso? — Como Dione frequentava uma igreja evangélica, Melina já não estranhava ouvi-la mencionando Deus constantemente. — Ele não quer vê-la trabalhando até adoecer. Não pode fazer greve de fome. A senhora já é tão magrinha. Pode ficar debilitada e fraca. O que os pais de uma criança diriam se a senhora desmaiasse na frente deles por inanição?

— Não seja exagerada, Dione. Eu não estou passando mal e nem fazendo greve de fome. Apenas não sinto vontade de comer nada. Como eu te disse, estou bem assim.

— Tudo bem. Não vou falar nada para que a senhora não me veja como uma chata.

— É exatamente assim que eu estou te vendo.

Dione sorriu. Gostava de Melina e, às vezes, comportava-se de forma maternal em relação a ela. Sua patroa era uma excelente mulher, e Dione queria apenas vê-la bem.

À tarde, Melina voltou a atender outras crianças. No final do dia, ela encerrou o expediente e foi só então que percebeu que estava faminta. Tomava alguns copos com água de vez em quando, mas não comera nada o dia inteiro além de uma fatia do pão preto que o pai servira por volta das sete horas da manhã.

Quando se ergueu da mesa, foi acometida por uma leve tontura e suspeitou que Dione e Orlando estavam mesmo certos. Se não adquirisse o hábito de almoçar, certamente, terminaria doente. O

que ela mais recomendava aos pais das crianças era uma alimentação balanceada para os filhos, mas não seguia os próprios mandamentos.

A tontura ficou mais forte quando ela deixou o consultório e precisou apoiar a mão em uma das paredes enquanto aguardava pelo elevador. Achou que não teria condições de dirigir para casa se não colocasse alguma coisa no estômago.

Quando chegou ao piso térreo, Melina passou pela recepção do edifício e caminhou até a lanchonete que havia na esquina. Além de as vistas estarem se nublando, uma dor de cabeça incômoda começou a martelar sua testa.

O estabelecimento estava bastante cheio. Quase todos os clientes daquela lanchonete eram médicos ou pessoas ligadas à saúde, devido à proximidade com o hospital. Melina parou diante do caixa, e a atendente, já sua conhecida, logo percebeu que ela não estava em seus melhores dias.

— Está tudo bem, doutora?

— Sim, está. — Ela lançou o olhar para as guloseimas expostas na vitrine. — Eu queria um pedaço dessa quiche de presunto e queijo e um copo de suco de laranja.

A moça assentiu e, enquanto aprontava o pedido, Melina sentou-se em uma das banquetas altas, apoiou os cotovelos sobre o balcão e encostou o queixo nas costas das mãos. Fechou os olhos por alguns instantes e sentiu o estômago dar um nó. A fome já estava cobrando seu preço.

Melina agradeceu quando a atendente colocou à sua frente um prato com um pedaço da quiche escolhida e um copo com o suco.

Ela estava colocando algumas gotas de adoçante na bebida quando ouviu uma voz masculina dizer ao lado dela:

— Eu quero o mesmo que ela.

Como a dor de cabeça deixou seu raciocínio um pouco mais lento, ela demorou alguns instantes para perceber que aquela voz era familiar. Quando virou o rosto, deparou com Amorim, que mantinha um agradável sorriso nos lábios.

— Oi, Amorim. Não tinha visto você.

— Mas eu a vi assim que entrei e a reconheci de costas — curvando o corpo para beijá-la no rosto, ele completou: — Você consegue ser bonita por todos os lados.

Acostumada aos galanteios do amigo de Orlando, ela limitou-se a sorrir. Mordeu um pedaço do salgado e mexeu o suco. Amorim comentou:

— Não sabia que você era cliente daqui. Eu gosto dessa lanchonete e como o meu escritório de advocacia fica próximo daqui, costumo sempre dar uma passada.

— Eu raramente venho, porque costumo jantar em casa. — Ela experimentou o suco. — É que não comi nada hoje. Como mal tenho tempo para respirar, lembrar-me de me alimentar fica para segundo plano. E agora, ao fechar meu consultório, senti um pouco de tontura, certamente provocada pela ausência de alimentos no corpo.

— Mas não pode continuar assim — alertou Amorim, apanhando o prato que estavam lhe servindo. Após um sorriso de agradecimento para a atendente, ele brincou: — Não pega bem uma médica ficar doente.

— Médicos também são seres humanos, sujeitos a adoecerem como qualquer outra pessoa. Não existem vários advogados criminalistas que vão presos?

— Não precisa ficar nervosa — adiantou-se Amorim, vendo que Melina não parecia ter gostado do comentário. — Você sabe que eu só quero o seu bem... e algo mais também, embora eu não tenha a menor chance.

Ela tornou a olhar para ele e viu-se obrigada a sorrir. Amorim era diferente de Edson, tanto fisicamente como na maneira de se comportar. Enquanto Edson era um sedutor barato, Amorim tinha a fineza que poucos homens costumam ter. Falava bem, vestia-se ainda melhor e jamais alterava o tom de voz. Ela sabia que seria muito feliz se um dia se casasse com ele, mas não o amava, não tinha nenhuma intenção de firmar compromisso com ele ou com qualquer outro.

Ela ficou satisfeita quando percebeu que a tontura tinha passado e que a dor de cabeça estava se dissipando. Terminou de comer o lanche ouvindo Amorim comentar algo sobre mudar-se de escritório.

— Chega um momento em nossas vidas que não nos contentamos com pouco — ele dizia. — Não encaro isso como ganância ou ambição, mas sim como um desejo nato de progresso. Estou naquele escritório desde que me formei e atualmente tenho uma vasta clientela. Preciso de um lugar maior e mais confortável.

Melina tinha girado a banqueta em que estava sentada para ficar de frente com Amorim enquanto o ouvia falar. De repente, pelo canto do olho, percebeu a presença de alguém parado na entrada

da lanchonete. Voltou a cabeça naquela direção e pegou-se fitando Edson, que a olhava fixamente, como se estivesse num transe hipnótico.

Ao vê-lo, imediatamente vieram à mente dela as imagens dos comprimidos azulados. Pensou ainda em ter entregado seu corpo para aquele homem que, apesar de sedutor, não fazia o estilo dela.

Percebendo a rápida distração de Melina, Amorim virou o rosto e encarou Edson por alguns instantes. Não o conhecia, mas lembrou-se de tê-lo visto no dia anterior, na praia. Ele vira Melina passar por ele e, como ficou acompanhando o caminhar dela, notou quando ela se encontrou com aquele sujeito, que tinha acabado de tomar um banho de mar. Após uma rápida conversa, os dois seguiram juntos pela mesma direção.

Amorim sentiu algo estranho apertar seu coração ao imaginar que aquele homem pudesse ser o namorado de Melina.

— Você o conhece? — perguntou, somente para confirmar.

— É um colega. Trabalha no mesmo andar que eu.

Melina viu quando Edson fez um discreto gesto com a cabeça, convidando-a a falar com ele em particular. Ela ergueu-se do banco em que estava sentada e deu um beijo rápido no rosto de Amorim.

— Agradeço pela companhia, meu amigo, mas preciso ver o que ele quer de mim. Acho que é algo importante.

— Tudo bem, vá lá. Espero que não seja nada grave.

— Não, não é. Tenha uma excelente noite, Amorim.

Ele observou-a se afastar ao encontro do recém-chegado. Percebeu quando Edson envolveu os ombros dela com um dos braços e a conduziu para fora da lanchonete. Para que Melina

desse tanta liberdade, aquele homem deveria significar algo importante para ela. Algo que ele, possivelmente, nunca significaria.

***

Eles caminharam em silêncio por alguns segundos até Melina perguntar:

— Quanto tempo mais você vai demorar para tirar o braço de cima de mim?

— Eu achei que você gostasse — mesmo relutante, ele abaixou o braço. — É que ontem nós fizemos coisas muito mais quentes do que isso. Imaginei que não fosse se importar.

O comentário irônico e convencido do rapaz deixou Melina irritada.

— Quem era aquele engomadinho que estava falando com você? — ele quis saber.

— É um amigo. O que nós fizemos ontem, além de nunca mais se repetir, não lhe dá o direito de querer inspecionar as pessoas com quem me relaciono.

— Você vai voltar para o consultório? — Era o que pareceu a ele, vendo-a dirigir-se à entrada do hospital.

— Vou pegar meu carro na garagem e ir para casa. — Percebendo que algo não ficara bem explicado, ela parou de andar e o confrontou: — Como você sabia que eu estava na lanchonete?

— É que eu fiquei esperando você ir embora. — Ele apontou um veículo preto, alto e brilhante que estava parado do outro lado da calçada. — Esperei dentro do meu carro, mas quando você saiu a pé, desci e a vi entrando na lanchonete. Dei um tempo pra você

acabar de comer e resolvi aparecer. Assim, eu aproveitei para tirá-la da companhia daquele cara que estava dando em cima de você.

— Não me agrada nem um pouco saber que estou sendo seguida por você porque...

Melina parou de falar quando sentiu novamente um pouco de vertigem. Porém, desta vez, a causa da indisposição era a presença de Charles e de Zeus, que estavam encostados no corpo dela. Zeus esticou suas mãos imensas sobre a nuca dela e direcionou jatos escuros de energias inferiores. Somado ao mal-estar, ela sentiu todo o cansaço acumulado ao longo daquele dia corrido desabar sobre ela como um fardo de chumbo.

— O que está acontecendo? — Algo semelhante a preocupação deixou Edson um pouco inquieto.

— Nada. Preciso ir pra casa, porque o lanche que acabei de comer não matou meu apetite — mas assim que ela disse isso, sentiu que os braços ficaram mais pesados, quase dormentes. Sua exaustão era tão forte que não tinha muita certeza se conseguiria dirigir com segurança até sua residência.

Zeus continuava parado atrás de Melina, despejando suas energias contra a nuca dela. Charles olhou para Edson e sugeriu:

— Por que não oferece aquilo pra ela outra vez? Não acha que ela está precisando?

Captando mentalmente aquelas palavras com facilidade, Edson definiu:

— Isso é cansaço. — Ao notar que os olhos dela estavam quase se fechando, ele acrescentou: — Tenho algo no meu carro que pode ajudá-la. Já sabe do que se trata?

Todo o corpo dela se incendiou. Percebeu que precisava, quase desesperadamente, saborear aquelas sensações gostosas e agradáveis mais uma vez. Não queria estar ali, diante de seu local de trabalho, mas sim flutuando em céus muito azuis, sentindo o corpo tão leve quanto uma pluma.

— Eu não vou acompanhá-lo ao seu apartamento — avisou Melina, sentindo uma urgência tomar conta do seu ser.

— Não precisa. Já vi que você ficou com medo de mim. — Fazendo um gesto quase teatral, ele tornou a apontar o carro. — Está lá dentro. Venha comigo, por favor.

Melina olhou para os lados e para a porta da lanchonete. Não queria que Amorim a visse fazendo nada que pudesse parecer suspeito. Quando parou diante do carro de Edson, ela observou em torno mais uma vez. Tinha certeza de que se visse um policial passando por ali desistiria de tudo.

Mas como a polícia não apareceu, ela concentrou-se em um pequeno saco plástico que Edson tinha nas mãos. Ele fechou o porta-luvas de onde retirara o conteúdo e o estendeu para Melina.

— Os comprimidos estão soltos, mas são seguros. Fique tranquila.

Ela entrou no veículo e sentou-se no assento do motorista. Edson, que estava no banco do passageiro, moveu a mão para trás quando ela tentou apanhar a embalagem.

— O que é? Não vai me dar?

— Não tenha tanta pressa. — Ele abriu o saco plástico, retirou um dos comprimidos e o depositou na palma da mão de Melina. — Este é brinde.

— Por quê? — Sem hesitar, ela engoliu a pílula. — Vai me cobrar pelos outros?

Edson exibiu um sorriso enigmático. A verdade era que transara com Melina no dia anterior quando os dois estavam sob os efeitos alucinógenos da droga. Agora pretendia esperar que ela estivesse mergulhada no mundo dos prazeres para amá-lo ali mesmo, no carro. Tinha certeza de que essa seria a última vez em que poderiam estar juntos, pois a quantidade de comprimidos que estava doando para ela a manteria feliz por uns dois meses.

Os objetivos dele deram certos. Logo Melina começou a rir de maneira incontrolável e pressionou a mão de Edson contra a própria coxa. Tomado por um desejo quase insano, ela avançou sobre ele, tentando despi-lo. Ele aproveitou a chance para mordiscar os lábios dela, enquanto a arrastava para o espaçoso assento traseiro.

Charles e Zeus ficaram excitados diante da cena de sexo que estavam vendo. Temendo uma severa reprimenda do rei se ele os pegasse de olho na intimidade de Laguna, obrigaram-se a se afastar do carro. Iriam dar um tempo agora, pois precisavam colocar Cronos a par do acontecido, quando ficaram presos na casa dela na noite anterior. Pelo visto, os seres da luz tinham poderes ainda desconhecidos para eles.

Os dois desapareceram ao mesmo tempo, enquanto, dentro do carro, Melina e Edson continuavam entregues ao sexo provocado pelo uso de uma droga ilícita.

CAPÍTULO 10

Orlando abriu um álbum de fotografias e pôs-se a contemplar as imagens que via ali. Algumas eram tão antigas que já estavam um pouco amareladas pelo tempo. Outras, mais recentes, pareciam tão vivas como se fossem cenas ao vivo. Havia toda uma linha do tempo na ordem em que os retratos estavam colados, mas, em praticamente todas as fotos, via-se o rosto da encantadora menina de cabelos cor de sol e olhos cor de céu.

Ele estava sentado no sofá da sala, com o álbum pousado sobre o colo. Por mais que quisesse se distrair admirando as fotografias, seu olhar desvia-se constantemente para o relógio pendurado na parede. Melina estava quarenta minutos atrasada em relação ao seu costumeiro horário de chegada. Quando isso costumava acontecer, era porque ela fora chamada para alguma emergência, mas sempre telefonava para casa e comunicava o pai ou Geralda.

Tentando não se deixar dominar pelo nervosismo e nem pela ansiedade, certo de que estava se preocupando à toa, Orlando tornou a baixar o olhar para o álbum. Na primeira página, havia uma foto dele abraçado a Geralda, quando ela estava grávida. Ele sorriu ao se ver bem magro, sem barriga, quando todos os cabelos ainda marcavam presença em sua cabeça. A esposa também lhe parecia

muito mais bonita em relação aos dias atuais, mas ele continuava gostando dela tanto quanto antes.

Os retratos seguintes mostravam um bebê enrugado e bochechudo, com uma mixaria de cabelos loiros. Aquela fotografia tinha sido tirada no mesmo dia em que Melina nascera. Depois, havia outras, mostrando quando ela começara a engatinhar e quando nasceu seu primeiro dente. Havia fotos mostrando seu primeiro dia na escola e a expressão de choro que ela fazia.

Em quase todas as imagens, ela aparecia abraçada a ele ou recebendo um beijo dele na bochecha. Em algumas, ela estava agarrada a Geralda também, mas sempre parecia ter o sorriso mais brilhante quando estava com o pai. Ele viu ainda fotos dela na adolescência. Seu corpo ganhara contornos mais femininos, mas seu rostinho ainda parecia infantil.

As últimas páginas do álbum mostravam Melina ingressando na universidade e, mais tarde, a festa de sua colação de grau, quando ela conquistara o tão sonhado diploma de Medicina. Vestida com a beca, mais uma vez ela aparecia beijando o pai, como se agradecesse somente a ele por ter alcançado aquele grande objetivo de sua vida.

Aquela era a menina de Orlando. Era a única filha que teve com Geralda, amada com toda a força do seu coração. Tudo o que ele fazia era pensando nela. Até então Melina só lhe dera orgulho. Eles raramente brigavam, pois sempre demonstravam uma parceria onde Geralda costumava ser excluída.

Os olhos de Orlando subiram novamente até o relógio da parede. Uma hora havia se passado e não havia sinal dela.

Preocupado, ele colocou o álbum sobre o sofá e abriu uma gaveta do *rack*, de onde apanhou uma agenda de telefones. Discou para o consultório da filha, mas ninguém atendeu. Tentou o celular, mas caiu direto na caixa de mensagens.

Ela poderia ter sido convocada para atender a algum chamado de emergência. Isso já acontecera algumas vezes, mas Melina sempre dava um jeito de participá-los do seu atraso. Astuto, Orlando logo imaginou que pudesse ser algo relacionado à preocupação que vira no semblante da filha no dia anterior, quando ela omitira dele algo importante. Decidiu que se ela não chegasse dali a vinte minutos, sairia às ruas para procurá-la.

— Orlando, essa janta sai ou não sai? — gritou Geralda do andar de cima. — Estou desmaiando.

— De fome? — ele perguntou só para provocá-la, porque a mulher sabia que ele não gostava de servir o jantar antes de a filha chegar.

— Mas é claro que é de fome. — Houve uns resmungos que Orlando não pôde decifrar até que a ouviu outra vez: — Se eu não estivesse com essa perna engessada, já teria descido aí e me virado.

Ele sacudiu a cabeça num gesto de desalento. Geralda jamais tocara no fogão, nem quando conseguia andar perfeitamente. Quando Orlando não estava muito a fim de fazer comida, jantavam fora ou pediam uma pizza. Melina costumava chegar muito cansada do serviço para lidar com esse tipo de coisa e só desejava encontrar um prato quente e saboroso à sua frente.

— Não acha que Melina está atrasada?

— Acho — concordou Geralda. — O que será que houve?

— Não sei. Vou dar mais alguns minutinhos e, se ela não chegar, vou ver se a encontro na rua.

— Ai, que fome! — gemeu Geralda, exagerada e dramática como sempre. — Ai, ai!

Orlando nem lhe deu confiança. Estava calçando os sapatos quando ouviu um barulho na porta, e Melina entrou. Ele ergueu-se da cadeira em que estava sentado e foi ao encontro dela.

— Querida, por que você demorou tanto? Sua mãe e eu já estávamos preocupa...

Ele parou de falar quando chegou mais perto. O que viu no rosto da filha causou um baque em seu coração. Aparentemente, estava tudo normal, mas o brilho dos olhos dela denunciava algo estranho. E quando a viu caminhar, Orlando percebeu que ela andava com uma rigidez esquisita, como se quisesse deixar a coluna ereta.

— Está tudo bem, Melina?

Ela se esforçou para dar um sorriso apagado e não o beijou como costumava fazer ao chegar.

— Está sim. Vou subir para tomar um banho. Hoje o dia foi pesado demais pra mim.

Melina passou pelo pai, e ele farejou o ar. Imediatamente sentiu o aroma de fragrância masculina. Seguiu alguns passos atrás dela e viu que sua blusa estava toda amassada. E para piorar, a calça jeans branca que ela usava fora colocada do lado avesso.

— Um momentinho, minha filha. — Ele a deteve pelo braço e tornou a sentir o odor. Sabia bem o que aquilo significava. Era

cheiro de homem, cheiro de sexo. Mesmo tentando não pensar nisso, ele indagou: — Com quem você estava?

— No hospital. Saí tarde e peguei um trânsito no caminho que...

— Não minta pra mim, Melina. — Fingindo estar zangado, quando na verdade estava começando a ficar assustado, Orlando a segurou pelo queixo e a obrigou a fitá-lo. — Não quero que me esconda nada. Você sempre confiou em mim e não há motivo para agir de forma diferente.

— Eu já falei que estou bem — ela respondeu de forma seca e áspera. — Só me deixe tomar um banho e ir dormir porque amanhã o dia será tão longo e estressante quanto foi hoje.

Orlando era um homem baixo, menor do que a própria filha. Por isso, viu, sem precisar abaixar a cabeça, a mancha arroxeada na lateral do pescoço dela. Como a pele de Melina era muito clara, dava ainda para notar os sinais dos dentes.

— Supondo que vampiros não existem... — ele fez uma pausa — quem é ele, Melina?

— Ele quem?

— O cara com quem você esteve.

Ela empalideceu enquanto tentava pensar numa desculpa satisfatória. A verdade era que algo dera errado dessa vez. Novamente, ela tinha se entregado para Edson, mas nem estava se importando muito. O problema era que, quando o efeito da pílula passou, ela não se sentiu relaxada como na primeira vez. Seus músculos ficaram tensos de tal forma que ela sentiu a coluna enrijecer. Além disso, a cabeça parecia prestes a explodir, enquanto a boca seca era sinal da necessidade de reposição de líquido no

corpo. Sentia-se encalorada e ao tocar-se, percebeu que estava com a temperatura acima do normal.

Orlando também percebeu isso quando a segurou. Era como se Melina estivesse com febre. Ele teve vontade de ordenar que ela se despisse ali mesmo apenas para conferir se o homem com que ela se relacionara não a machucara em outros lugares.

— Melina chegou? — berrou Geralda de repente. — Vá para o fogão, homem de Deus. Meu estômago está roncando como uma furadeira.

Ouvindo a voz da mãe vinda do piso superior e observando o olhar preocupado e temeroso do pai, Melina sentiu-se impelida a chorar. Estava mentindo para ambos, principalmente, para o único homem que amava. Como revelaria a verdade para o pai, dizendo que se entregara duas vezes para um homem que mal suportava, simplesmente porque estava drogada?

— Eu não estive com ninguém. — Num gesto brusco, Melina deu um safanão em Orlando, obrigando-o a soltá-la. — Vou tomar meu banho. Só quero paz.

Ela correu na direção das escadas e subiu os degraus rapidamente. Viu a mãe esparramada sobre um sofá, assistindo ao primeiro capítulo da nova novela, com a perna engessada esticada para frente.

— Boa noite, Melina! Você viu se seu pai foi fazer comida pra nós?

Como se fosse surda, Melina simplesmente passou por ela, sem responder. Ao entrar em seu quarto, bateu a porta com tanta força que as paredes chegaram a vibrar com o impacto.

— O que deu nessa menina? — sussurrou Geralda para si mesma. Depois, a mulher gritou: — Orlando, eu quero me alimentar ou vou acabar perdendo os sentidos.

Orlando não respondeu. Foi para a cozinha e começou a preparar a comida, embora mal estivesse prestando atenção ao que estava fazendo. Melina estava com algum namorado e certamente não queria contar a ele. Entretanto, sentia, em seu íntimo, que não era só aquilo. Ela estava estranha. Sua aparência e seu comportamento não estavam como sempre foram. Tinha que haver algo mais, e ele pretendia descobrir o que era.

Ficou resolvido. No dia seguinte, telefonaria para Frederico, o dono do restaurante em que trabalhava e pediria para ser dispensado naquele dia. Estava disposto a seguir a filha até seu consultório e todos os passos que ela desse quando saísse de lá. Se Melina estava namorando, ele iria descobrir quem era, assim como descobriria o verdadeiro segredo que ela estava escondendo dele.

***

Cronos ouviu, sem interromper, toda a narrativa de Charles e de Zeus sobre terem sido intimidados pelos espíritos de Tenório e de Sandra. Charles contou que tinham ficado grudados ao chão e que os benfeitores disseram que a causa de tudo aquilo era a oração de Orlando feita com fé.

— Os poderes deles são muito fortes — ele finalizou. — Nem mesmo Zeus conseguiu detê-los.

— Eles não têm poder algum, embora consigam neutralizar nossas ações enviando ondas mentais — explicou Cronos com uma expressão indecifrável no semblante. — Mas a força maior veio da oração que o velho fez em favor de Laguna.

— Foi mais ou menos isso que eles nos disseram — concordou Charles. — Com todo o respeito, majestade, mas se o senhor sabe de tudo isso, por que acha que teremos alguma chance contra eles?

Cronos analisou-o por alguns segundos, sem responder. Eles estavam em uma sala ampla e escura, cuja única iluminação provinha das tochas presas às paredes. Além deles, participavam da reunião Dorian, Lori e Alesha, que se mantinham em respeitoso silêncio. Sabiam que o rei não admitia que alguém interviesse em suas conversas ser a devida autorização.

— Não faça perguntas tolas, meu caro Charles. Você é o meu braço direito porque confio em sua inteligência, mas não me decepcione.

— Não foi essa a minha intenção, majestade. — Temeroso, Charles curvou o corpo e fez uma reverência.

— Se o pai de Laguna usa a oração e a fé como recurso de defesa, nós teremos um pouco mais de trabalho. — Cronos ergueu-se da imensa cadeira em que estava sentado. Tratava-se de um móvel preto, cujos braços imitavam o corpo de uma serpente e terminavam em duas cabeças. Aquele era o seu trono, de onde comandava todos os seus súditos. — O jeito será tirá-lo definitivamente de nosso caminho.

— Mas como? — tornou Charles. — Somos proibidos de entrar na casa. Eles criaram toda uma barreira de proteção que funciona como um muro invisível.

— Sim, eu sei como isso funciona. — Cronos deu alguns passos pela sala enquanto refletia. Parecia estar mais alto e intimidador do que antes. Como sempre, vestia-se inteiramente de negro, os cabelos escuros esvoaçando sobre seus ombros. — Como ele se chama?

— Orlando.

— Você — ele esticou o dedo para Dorian — ficará encarregado de vigiar todos os passos desse homem assim que ele sair da casa. Não faça nada, nem mesmo aproxime-se com sugestões. Quero saber tudo sobre a vida dele.

— Daqui o senhor não consegue descobrir tudo isso? — indagou Dorian de forma quase inocente.

Exatamente como aconteceu havia dois dias, Cronos cerrou o punho e atingiu o rosto de seu assecla com uma brutalidade assustadora. Dorian foi arremessado para trás, tombando de costas no chão. Ninguém se moveu para ajudá-lo, pois sabiam que correriam o risco de serem castigados também.

— Na próxima vez em que você tentar se intrometer nos meus assuntos, vou colocá-lo na câmara de tortura para que sirva de diversão para Alesha — ameaçou Cronos, sem nem olhar para Dorian.

— Mal posso esperar para que isso aconteça — animou-se Alesha, passando a língua pelos lábios carnudos.

— Quando você descobrir tudo o que puder sobre esse tal Orlando, traga as informações a mim — continuou Cronos, observando o espírito levantar-se gemendo de dor. — Quanto a você — ele olhou para Zeus — fique atento ao tal médico que está na cola da minha Laguna.

— Ele forneceu drogas para ela outra vez — comunicou Charles. — E transaram logo em seguida.

— Também não me agrada saber que esse sujeito está tocando no corpo dela por prazer. — Cronos olhou rapidamente para uma das tochas. — Quando ele não for mais necessário, tire-o de cena. Faça com que ele nunca mais se aproxime dela.

— Pode deixar, senhor — anuiu Zeus, abaixando sua cabeça calva.

— E eu, meu amor? — Rebolando o máximo que conseguia para excitar os outros homens, Alesha envolveu Cronos com os braços. — Não vai designar nenhuma tarefa pra mim?

— Você pode supervisionar o trabalho de Lori, que ficará empenhada de plasmar novos tipos de armas.

— Mais armas? — espantou-se Lori. Porém, ao perceber a maneira como Cronos a encarou, ela curvou o corpo e murmurou um pedido de desculpas.

— Armas nunca são demais. Não quero que o pai de Laguna atrapalhe meus planos. — Decidido, Cronos voltou a sentar-se no trono. — Charles ficará mais próximo dela. Deverá forçá-la a ingerir maior quantidade de comprimidos possíveis, num intervalo de tempo cada vez menor. Aos poucos, os efeitos da metanfetamina já não serão suficientes para atender à suas necessidades, e ela

passará a consumir algo mais forte até tornar-se uma viciada, pois isso é exatamente o que eu desejo.

— Farei isso com o maior prazer, majestade — prometeu Charles, satisfeito.

— Há mais uma coisa. Algo muito importante e que não deve ser esquecido. Além do poder da oração, o velho dispõe de outra ferramenta que pode nos prejudicar. As vibrações de amor que ele envia constantemente para Laguna. Vocês sabem que não podemos derrotar o amor, mas podemos amenizá-lo.

— Como assim?

Cronos olhou para Charles com toda a paciência do mundo. Seu homem de confiança já não estava lhe parecendo tão esperto quanto antes.

— Vamos apimentar a relação de pai e filha com uma pitada de desconfiança, rancor e discórdia. Temos que estimulá-la para que ela se coloque contra o velho. Incitem ideias na mente dela de que ela não pode confiar no tal Orlando, pois ele tenta cingir todos os seus passos, impedindo-a de ser verdadeiramente livre. Afinal, o que ela busca nos comprimidos de metanfetamina é justamente a liberdade e a tranquilidade. O pai é a pedra que a impede de prosseguir em seu caminho.

— É uma excelente ideia — aprovou Charles. — Se os dois começarem a se desentender, teremos mais facilidade para nos colocar entre eles. Eu posso fazer com que Laguna passe a sentir ódio do pai, vendo-o como um inimigo em vez de um aliado. E ele, cada vez mais triste e decepcionado com o envolvimento dela com

as drogas, vai fraquejar. Quando isso acontecer, provavelmente seu amor por ela também perderá a força.

— Que bom que compreendeu meu plano. — Pela primeira vez, Cronos esboçou algo que poderia ser comparado com um sorriso enquanto seus olhos azulados emitiam chispas de rancor. — Agora podem ir. E desde já adianto que só desejo boas notícias em nossa próxima reunião.

— Com sua licença, majestade, mas o que devemos fazer se o grupo de Xavier tentar nos atrapalhar outra vez? — perguntou Zeus. Ele era bom na arte da magia astral, mas não ficara nada feliz ao ter os pés atados no chão.

— Eles se manterão cada vez mais distantes de Laguna se ela se envolver mais e mais com os nossos ideais, perdendo-se nas drogas, distanciando-se do bem, da luz e do amor e encarando o pai como um grande rival. E quando eles perceberam que a batalha está perdida, nós teremos ganhado a guerra. — Finalmente Cronos sorriu, revelando dentes brancos e perfeitos. Completou: — E então eu terei Laguna em meus braços.

CAPÍTULO 11

Assim como vinha acontecendo nos dias anteriores, a terça-feira amanheceu repleta de sol. Seria mais um dia quente na capital carioca, o que levava muitas pessoas a caminharem pela praia antes mesmo que o céu começasse a clarear.

Mas Orlando não acordou pensando nas belezas da Cidade Maravilhosa e muito menos na alta temperatura. Sua única preocupação estava centrada em Melina. Na noite passada, ela não descera para o jantar, aliás, nem sequer saiu do quarto. Depois de tomar banho, praticamente esticou-se na cama e adormeceu.

O que Orlando não sabia é que ela havia tomado outra dose de metanfetamina pouco antes de se deitar, assim como intencionava tomar mais uma antes de partir para o trabalho. A sensação continuava sendo incrível e cada vez algo diferente parecia acontecer, como se ela ingressasse em um mundo mágico e místico. Até seria capaz de dizer que via fadas, duendes, unicórnios e árvores falantes.

Mas quando tudo aquilo acabava, ela via-se de volta ao mundo real, onde um longo dia de trabalho aguardava por ela. Ela amava o que fazia e se sentia tão útil em sua profissão que não desejava abrir mão de nenhum dos seus empregos. Não o fazia por ganância, mas sim porque sabia que profissionais da sua área eram muito procurados, além de serem poucos.

Infelizmente, afetada pelos efeitos mentais causados pela metanfetamina, ela se esquecera de programar seu despertador para a manhã seguinte. De qualquer forma, seria a segunda a despertar, pois Orlando levantou-se às cinco e meia. Às seis horas, já estava vestido. Não sentia fome, mas tomou um café puro que acabara de passar. Em seguida, consultou seu caderninho de telefones para encontrar o número do celular de seu patrão.

Frederico demorou tanto para atender que Orlando quase desistiu. Lá pelo oitavo toque, ele ouviu a voz do dono do restaurante, um tanto quanto sonolenta:

— Pronto!

— Bom dia, seu Frederico. Aqui é Orlando. Desculpe por tê-lo acordado.

— O que aconteceu?

— É que a minha filha não amanheceu muito bem, e eu preciso ficar com ela. — Não era de todo uma mentira, mas foi no que Orlando conseguiu pensar. — O senhor pode me dispensar por hoje?

— Mas a sua filha não é médica?

Orlando suspirou. Não entendia por que as pessoas achavam que os médicos tinham obrigação de cuidar da própria saúde e jamais adoecer.

— Sim, mas acontece que ela não está conseguindo dirigir. Como minha esposa está com a perna engessada, não vai poder acompanhá-la ao hospital.

— Tudo bem, faça o que deve ser feito. Você raramente falta, portanto, vou liberá-lo por hoje.

— Muito obrigado, seu Frederico. Mais uma vez peço perdão por tê-lo despertado tão cedo.

O outro resmungou qualquer coisa, e Orlando desligou. Foi para o piso de cima, passou pelo próprio quarto, onde Geralda estava profundamente adormecida, e seguiu para os aposentos da filha.

Tentou a porta e não se surpreendeu ao vê-la trancada. Melina jamais passava a chave na fechadura, o que era outro indício de que algo não estava bem. Pelo menos sabia que ela estava lá dentro. O jeito seria esperar que ela saísse.

Mas como Melina não acordou no horário costumeiro, ele bateu na porta dela para chamá-la. Ela custou muito para responder e pareceu um tanto nervosa ao dizer:

— O que é? Por que está batendo na minha porta?

— Você está atrasada — respondeu Orlando. — Ou você ganhou folga hoje?

Segundos depois, ele ouviu a porta sendo destrancada. Melina o encarou por alguns segundos e sorriu. Usava um pijama de seda e não tentou esconder a marca no pescoço.

— Quem me dera ganhar folga. Aliás, bom dia.

Ela deu um abraço em Orlando, convidando-o a entrar em seu quarto.

— Bom dia! Você perdeu a hora?

— É, eu dormi demais. Nunca chego atrasada, portanto, meus pacientes terão que me desculpar. Vou telefonar para Dione, pedindo que ela os comunique de meu atraso.

Ela usou o celular pra isso. Sua secretária já estava no consultório. Melina foi sincera ao dizer que perdera a hora, mas que estava indo para lá.

— Pra não pegar mal pra mim, diga a eles que tive um pequeno imprevisto em casa — ela orientou a Dione. — Não demoro a chegar.

Ela desligou o celular e tornou a encarar o pai com um sorriso nos lábios.

— O que temos hoje para o café da manhã?

— Nada.

— Nada? Que milagre é esse? O *chef* Orlando deixando de preparar algumas guloseimas?

— Talvez todos nós estejamos diferentes. Você, por exemplo, até agora ainda não me explicou onde conseguiu isso aqui — sem nenhum rodeio, ele tocou a marca no pescoço dela. — Ou melhor, quem fez isso em você.

O sorriso dela esfriou. Mordendo os lábios, Melina foi até a cama e começou a arrumá-la.

— Não me importo de saber que você esteve com alguém — informou Orlando. — Você tem 30 anos e é a dona de sua vida. O que me desagrada é saber que por causa disso você está mentindo pra mim.

— Eu não menti — ela respondeu de costas pra ele.

— É verdade. Você omitiu, o que não é a mesma coisa. Suponho que esse cara deva ser muito importante pra você, não é mesmo? É alguém do seu trabalho?

O rosto de Edson preencheu a mente de Melina. Ela não via nada de interessante nele. Nunca transaria com aquele homem por livre e espontânea vontade. Todavia, ao tomar aqueles comprimidos, ela mal podia controlar seus atos. Tinha sensações e desejos jamais experimentados antes. Quando ingeria um deles, sentia necessidade de contato físico, uma vontade quase irresistível de fazer sexo com alguém. Além disso, ficava mais extrovertida e eufórica, totalmente em paz consigo mesma.

O que deveria dizer ao pai naquele momento? Não suportava a perspectiva de continuar ludibriando-o com falsas verdades. Entretanto, se revelasse tudo o que estava acontecendo, partiria o coração de Orlando.

Tentando usar de sinceridade, ela parou de fazer a cama e confessou:

— O nome dele é Edson. Trabalha no mesmo hospital que eu.

— Isso não diz muita coisa. Baseando-me no que eu vi ontem, quando você chegou, imagino que vocês estejam juntos há algum tempo e que já ultrapassaram a fase dos beijos.

— Nós não somos namorados.

— Ah, não? — Irônico, Orlando perguntou: — Qual o nome utilizado hoje em dia? Colaborador de sexo?

Melina enrubesceu. O pai estava sendo sarcástico com ela, o que a deixou ainda mais entristecida. Resolveu compartilhar mais algumas informações:

— Ele é geriatra. Sempre tentou me cantar, mas eu nunca dei bola pra ele. No entanto, Edson continuou insistindo. Ele é um homem de boa aparência, e eu não consegui resistir. No domingo,

quando fui à praia, me encontrei com ele e ficamos conversando. Seduzida, me deixei levar para seu apartamento — ela fez uma pausa, visivelmente constrangida, e completou: — Depois que nós... deixamos o quarto, ele me contou que tem uma namorada.

Ela analisava o rosto do pai, tentando imaginar se Orlando estava acreditando naquela história, que em parte era verdadeira.

— Eu fiquei totalmente desnorteada, pois me senti usada. Eu deveria ter desconfiado dele, já que sempre foi um mulherengo de marca maior. Foi por isso que eu fiquei tão nervosa quando você me perguntou se estava tudo bem. Eu ficaria pior se ouvisse um sermão após ter sido enganada por ele.

Orlando continuava ouvindo as explicações da filha sem desviar o olhar do dela.

— Mas ontem ele me esperou sair do consultório. Nós conversamos, e ele me pediu desculpas. Confessou estar apaixonado por mim, disse que havia rompido com a namorada e que tudo o que mais desejava era uma segunda chance. — Melina sentiu a língua arder diante de tanta conversa fiada, mas não podia parar agora. — Pode me chamar de fraca, pai, mas eu o perdoei. Talvez esteja gostando de Edson também — ela fez outra pausa, pois tinha acabado de contar a maior mentira de sua vida. — Aí ele me levou a um motel e nos entregamos um ao outro. Isso resultou na minha roupa amarrotada e nessa marca — ela tocou o pescoço.

— E na calça virada do lado avesso — ajuntou Orlando.

— Estou muito arrependida por ter mentido para você, mas é que eu queria ter certeza dos meus sentimentos por ele. E agora,

se ele realmente estiver solteiro, vamos tentar ficar juntos. Quem sabe dê certo?

Orlando permaneceu fitando-a por longos segundos. Por fim, abraçou-a com carinho.

— Nunca mais quero que minta pra mim, minha querida. E não quero que deixe esse homem interferir em sua rotina. Veja só, hoje você já acordou atrasada. Se isso continuar acontecendo, seus empregos serão prejudicados e, mais tarde, a sua própria vida.

— Eu sei, admito que errei. Vou tomar mais cuidado.

— E previna-se quando estiver com esse tal de Edson.

Melina assentiu, sentindo um frio na barriga. Em ambas as vezes em que ela transara com Edson, não tinham usado preservativo. Só o que lhe faltava era engravidar. Aí sim tudo estaria completamente perdido. Por outro lado, estava aliviada, pois o pai acreditou na versão dos fatos que ela tinha contado.

— Sou uma médica, seu Orlando — disfarçou. — Sei como cuidar de mim. Esse sinal no pescoço foi um descuido, meu e dele.

— Tudo bem. Só espero que você não se machuque, em todos os sentidos.

— Eu te amo, paizinho — ela estalou um beijo na testa dele. — Está proibido de se esquecer disso.

— Minha memória ainda funciona, minha pequena — sorrindo, Orlando piscou um olho e deixou o quarto.

Quando se viu sozinha, Melina soltou um longo suspiro. Tinha passado muito perto, mas pudera convencer o pai, embora se sentisse a pior das criaturas por ter feito isso. O importante era que

ele não iria desconfiar de nada. Jamais poderia descobrir o que ela realmente estava escondendo.

***

Assim que Melina partiu, rumo ao consultório, Orlando foi procurar Geralda. Ele tinha levado uma bandeja com alimentos para ela. Parou na porta do quarto e comunicou:

— Estou indo. Se precisar de alguma coisa, me telefone.

No dia anterior, Geralda ficara sozinha na casa. Quando queria ir ao banheiro, apoiava-se em uma muleta que o marido de uma vizinha havia emprestado. Tinha medo de descer as escadas e cair, por isso, passava a maior parte do tempo na cama, assistindo a qualquer programa que estivesse passando na televisão.

— Pode ir. Ah, pode retirar a bandeja também.

Solícito, Orlando obedeceu. Não ia dizer a ela que faltaria no trabalho. Achava que ainda estava cedo para comentar com Geralda sobre suas desconfianças em relação à filha. Não acreditara em nenhuma palavra do que Melina tinha dito. Por conhecê-la tão bem, percebeu que ela estava inventando aquela conversa de improviso. Ela até poderia ter se envolvido com o tal de Edson, se é que esse era seu nome verdadeiro. Essa história estava enevoada, e Orlando pretendia investigar o que havia por detrás da névoa.

Como não tinha carro, resolveu fazer o trajeto a pé até o hospital onde ficava o consultório dela. Assim que ele colocou os pés na calçada, Dorian, que o observava atentamente do outro lado da rua, passou a segui-lo. Quando Melina saiu, Charles tinha

entrado no veículo dela para acompanhá-la. Cronos tinha sido bem claro na última reunião, designando uma tarefa específica para cada um deles.

A verdade era que Dorian estava cansado de ser agredido por Cronos, mas o medo que sentia dele era tanto que temia pensar nisso e ser descoberto pelo rei. Por isso, dessa vez, queria dar seu melhor para desempenhar com sucesso a ordem que lhe fora destinada. Já era tempo de ouvir um elogio do chefão, por menor que fosse. Ele tinha que descobrir tudo sobre Orlando. Não seria difícil. Bastava acompanhá-lo e observar, a distância, cada coisa que ele fizesse para, mais tarde, fazer um relatório a Cronos.

Dorian não escondeu a surpresa quando viu Orlando entrar no hospital. Será que ele também era médico? Cada vez mais curioso, foi seguindo seu alvo. Depois de tomar informações com a recepcionista, Orlando ganhou um crachá e partiu na direção dos elevadores. Rapidamente Dorian aproximou-se dele e saltaram juntos no sétimo andar.

Orlando começou a caminhar pelo longo e espaçoso corredor. Parou diante de uma porta de vidro, bateu e entrou. Sorriu para a jovem que estava sentada diante de uma mesa.

— Bom dia, senhor — ela o cumprimentou gentilmente. — Tem consulta agendada com o doutor Edson?

— Na verdade, não. É que sou o pai de uma amiga dele e vim lhe trazer um recado.

Aquela fora uma decisão tomada assim que entrou no hospital. Ele tinha ido até lá com a intenção de averiguar como Melina estava se saindo no trabalho. Contudo, a curiosidade foi maior e

perguntou, na recepção, se algum Edson, geriatra, trabalhava no prédio. Após a confirmação, ele se identificou e subiu até o mesmo andar em que ficava o consultório da filha.

— Ele está em consulta — explicou a moça. — O senhor pode me adiantar do que se trata?

— Infelizmente não. É um assunto particular.

— Sendo assim, queira aguardar sentado — ela apontou um conjunto de estofados bege onde um senhor já aguardava, e Orlando sentou-se. — Vou avisá-lo de sua presença. O seu nome é...?

— Orlando, e minha filha se chama Melina.

A secretária de Edson ergueu-se da cadeira e desapareceu em um corredor. Após quase cinco minutos, ela retornou, trazendo uma expressão confusa no olhar.

— Desculpe, mas ele me disse que não conhece nenhuma Melina.

Fora o que Edson dissera para a moça. Imaginou que Melina tivesse fofocado ao pai e agora não queria problemas com a família dela.

Orlando também ficou confuso. Será que Melina tinha mentido? Ou estaria no consultório do Edson errado, apesar de ele ser o único profissional com aquele nome no prédio?

— Eu posso aguardá-lo mesmo assim? — Como a secretária continuava desconfiada, ele acrescentou: — A minha filha é a doutora Melina, a pediatra que atende neste mesmo andar. Se quiser, vá até lá e confirme com ela.

— Só um momento. — Resignada, ela voltou pelo mesmo corredor e, quando reapareceu, informou: — Ele está terminando um atendimento e falará com o senhor em seguida.

Orlando agradeceu e esperou. Quinze minutos depois, viu um homem vestido num jaleco branco acompanhando um senhor de idade avançada. Ele fitou o visitante de soslaio, despediu-se do paciente, fez um sinal para que o outro senhor aguardasse mais um pouco e chamou Orlando à sua sala.

Dorian o seguiu e ficou surpreso ao deparar com Zeus na sala de consultas.

— Não sabia que você estava precisando de tratamento geriátrico — provocou Zeus.

— O que está fazendo aqui?

— Cronos me pediu que acompanhasse esse médico, esqueceu? — Olhando para Orlando, ele perguntou: — E você? Por que trouxe o velhote pra cá?

— Ele que quis vir. Cronos me disse para descobrir tudo sobre a vida dele, mas não pediu que eu interferisse em suas atitudes.

Zeus deu de ombros e, junto com Dorian, prestou atenção à conversa.

— Como posso ajudá-lo? — indagou Edson, começando a suar frio. Embora Orlando fosse vinte centímetros mais baixo que ele, possuía um olhar tão intimidador quanto o de um general.

— Soube que você e minha filha são amigos. Gostaria de saber até que ponto vai essa amizade.

Sem saber o que Melina tinha dito ao pai, se é que ela contara alguma coisa, ele arriscou:

— Nossa relação é profissional, senhor. Somos bons colegas de trabalho.

— Sua secretária me disse que você não conhecia nenhuma Melina e agora, de repente, se lembrou. Que estranho... — rebateu Orlando, com provocação. — Mas isso não foi o que minha filha me disse. Foi você quem deu aquele chupão no pescoço dela?

— Senhor, isso não é pergunta que se faça. Eu...

— Por que não? Nós dois somos homens, ambos maiores de idade. Sejamos sinceros e realistas. Só quero saber se o coleguismo entre vocês inclui marcas pelo corpo.

No astral, Dorian quase sorriu ao ouvir aquilo. Orlando era um dos maiores empecilhos para os planos de Cronos, mas ele tinha que admitir que o homem tinha língua afiada e mente rápida.

— Não sou obrigado a responder às suas perguntas. Além disso, estou em horário de trabalho, com um paciente me aguardando na sala de espera. — Nervoso, Edson apontou a porta. — Se quiser obter respostas, converse com a sua filha.

Apavorado diante da possibilidade de que Melina tivesse comentado com o pai sobre os comprimidos de metanfetamina, Edson quase empurrou Orlando de sua sala. Antes de sair, o homem advertiu:

— Não sei se Melina gosta de você, mas adianto que não fui com sua cara. Quero-o longe dela ou vou voltar aqui, está me entendendo?

— Está me ameaçando?

— Isso não é uma ameaça e sim o aviso de um pai — e sem mais palavras, Orlando foi embora.

CAPÍTULO 12

Orlando agradeceu intimamente por não haver nenhum paciente na sala de espera do consultório de Melina quando ele o adentrou. Como fizera pouquíssimas visitas ao local, Dione não o reconheceu de imediato, embora o achasse familiar.

— Olá, tudo bem? — saudou Dione educadamente. — O senhor é...?

— Orlando, sou o pai da doutora — com o dedo, ele indicou uma porta à frente deles.

— Oh, sim. O senhor já esteve aqui antes. Como pude me esquecer? — Prontamente, ela se levantou e ofereceu: — Deseja uma água ou um café?

— Eu estou bem, obrigado.

— A doutora Melina está concluindo um atendimento, anunciarei sua presença assim que ela terminar.

— Na verdade, é até bom que ela esteja ocupada — Orlando aproximou-se de Dione, baixando o tom de voz. — Eu vim conversar com a senhora.

Um pouco surpresa, Dione tornou a se sentar enquanto aguardava que ele continuasse.

— A senhora trabalha com a minha filha há muito tempo, não é?

— Orgulho-me de ser a primeira e única secretária que ela já teve desde que veio para este consultório.

— Sendo assim, creio que a senhora a conheça bastante, não é mesmo?

—Isso é verdade. Tenho a doutora Melina como se fosse minha própria filha. Ela é uma mulher admirável.

— Sim, ela é — confirmou Orlando. Após três segundos de silêncio, ele tornou: — E eu espero que ela continue assim, sendo essa pessoa que tanto admiramos.

— Ela é muito pontual com seus compromissos. Há anos que eu trabalho com ela, e foram raras vezes em que ela me deu uma bronca, se é que deu. Os pais das crianças que ela atende a adoram e com a graça do Senhor Jesus ela só tem prosperado. Onde Deus põe a mão, o diabo não consegue encostar.

— Minha filha é mesmo muito rigorosa nesse sentido. Veste a Medicina como se fosse uma segunda roupa.

— Também acho. Por isso, hoje eu até estranhei quando ela me telefonou dizendo que iria se atrasar. Explicou que houve um imprevisto em casa. Com o senhor está tudo bem, não é mesmo?

— Eu estou ótimo. Já que estamos falando dela, diga-me uma coisa: sabe se Melina costuma receber a visita do doutor Edson aqui no consultório?

— O geriatra? — vendo Orlando assentir, Dione negou com a cabeça. — Ele nunca vem aqui, e ela nunca vai até ele, ao menos não que eu saiba.

— Será que eles nem sequer saem para almoçar?

— Ela nunca me disse nada. Aliás, a doutora Melina mal toma água. A vida dela é muito corrida e, infelizmente, ela não vem cuidando da própria saúde como cuida dos seus pacientes.

Aquilo era tudo o que Orlando desejava ouvir por ora. Agradeceu a Dione pelas informações e já estava saindo quando murmurou:

— Se por acaso a senhora notar qualquer mudança de comportamento em minha filha, poderia fazer a gentileza de me telefonar sem que ela saiba? Nós moramos juntos, portanto, deve ter o número em sua agenda.

Notando o ar de estranheza da secretária, Orlando emendou:

— Acontece que a minha esposa deslocou o tornozelo e ficou muito agitada e nervosa desde então. Não quero que isso afete o trabalho de Melina, entende? Preocupação tola de um pai. Ah, e não gostaria que ela soubesse que eu estive aqui. Pode manter essa nossa conversa em segredo?

— Claro que sim. — Dione o brindou com um sorriso. — Se é para proteger aquela menina, eu vou até o fim do mundo. Farei muitas orações em nome dela na minha igreja.

Ao ouvir aquilo, Dorian estremeceu. Era só o que faltava. Mais uma orando por Laguna. Imagine só o que Cronos diria quando soubesse daquilo.

Orlando acenou em despedida e saiu do consultório, com Dorian o seguindo a certa distância. Estava confuso e intrigado. Se Orlando era inimigo do seu rei, logo passava a ser um adversário dele também. Por outro lado, embora não soubesse explicar, sentia

uma afinidade com aquele homem. Era quase como se gostasse de ouvi-lo falar.

Para não deixar que aqueles pensamentos o consumissem e chegassem ao conhecimento de Cronos, Dorian resolveu concentrar-se no plano de vingança do chefe. Sim, ele não podia pensar em admiração ou afinidade positiva. Seu único objetivo era propagar o mal e o caos, aproximando Laguna cada vez mais de Cronos. Orlando era seu rival e, para tanto, tinha que ser afastado do caminho a qualquer custo.

***

Como estava com o dia livre, Orlando não sossegou. Mais tarde, ao retornar para casa após resolver algumas coisas na rua, explicou à esposa que sentira uma leve indisposição e fora dispensado do restaurante antes do horário. Convencida, Geralda não fez mais perguntas, e ele seguiu direto para o quarto de Melina.

Jamais sentira necessidade de vistoriar os pertences dela, porque a filha nunca lhe trouxera amarguras ou mágoas. Confiava mais nela do que em si próprio. Porém, agora as coisas tinham mudado. Melina estava diferente, por mais que todos pudessem pensar que as coisas continuavam do mesmo jeito.

Fez uma busca rápida no guarda-roupa dela, sem tirar nada do lugar para não levantar suspeitas. Vasculhou a gaveta de peças íntimas e o compartimento em que ela guardava seus calçados. Deu uma olhada por entre aquela vastidão de roupas brancas e uma conferida no maleiro.

Dali, ele seguiu para a cama. Olhou por baixo, entre o lençol e o colchão e por dentro das fronhas. Na realidade, não sabia ao certo o que estava procurando, mas esperava que pudesse encontrar algo que confirmasse seu relacionamento com o tal de Edson. Orlando não simpatizara nem um pouco com o médico. Não gostava de pessoas que mentiam. Já que não podia obrigar Melina a casar-se com Amorim, o único em quem confiava, também não permitiria que ela se envolvesse com o outro.

A busca foi em vão. Tudo estava exatamente como deveria estar. Não havia nada que servisse como prova do novo namoro de Melina. Um pouco desanimado, ele voltou ao encontro de Geralda e a comunicou de que iria sair para arejar a cabeça.

— Aproveita-se de que eu estou praticamente inválida e sai para bater perna? — reclamou Geralda, olhando com desgosto para a massa branca em sua perna.

— Se eu tomar um pouco de ar, vou melhorar. Amanhã estarei bem e posso trabalhar normalmente.

Ele também não gostava de mentir, mas não queria contar a ela tudo o que estava sentindo dentro do peito. Havia ali uma sensação angustiante, uma espécie de pressentimento pouco agradável. Só esperava que não fosse nada relacionado a Melina.

Deixou Geralda praguejando e tornou a ganhar as ruas. Dessa vez, foi caminhando pelo calçadão do mar, admirando a beleza das águas que pareciam cantar em seu eterno movimento de vaivém. Ao fundo, o sol morria no horizonte carioca, dando início a uma noite morna e serena. Assim como Melina, ele também amava a

cidade onde nascera, mesmo que houvesse algum tipo de ameaça indetectável pairando sobre sua família.

Mais uma vez, Dorian o seguia, sempre mantendo uma boa distância. Orlando postou-se na entrada do hospital em que a filha trabalhava e pôs-se a esperar. A menos que ela cobrisse algum plantão do período noturno, não deveria demorar a aparecer.

O carro dela era vermelho e facilmente reconhecível, mesmo à noite. Assim, pôde ver quando ela saiu da garagem e empreendeu o caminho de casa. Porém, para surpresa de Orlando, ela encostou o automóvel um pouco mais a frente, à direita, e saltou.

Oculto atrás de um poste, ele desejou ter em mãos um binóculo para que pudesse ver melhor o que Melina estava fazendo. Ela consultou o relógio de pulso duas vezes seguidas. Olhou em volta, como se aguardasse pela chegada de alguém. Ele procurou manter-se atrás do poste para que ela não o visse.

Quando tornou a espiar, viu que ela conversava com um homem, que estava de costas para ela. Ele estava de branco, assim como ela, o que era natural, já que estavam diante de um hospital por onde transitavam muitos médicos e enfermeiros. O recém-chegado tinha as costas largas e era bem alto. E quando ele virou parcialmente o rosto, Orlando compreendeu de quem se tratava. Era Edson, o médico que ele conhecera havia poucas horas.

— Ainda não entendi o que você quer comigo — dizia Melina a ele. — Mandou uma mensagem no meu celular pedindo que eu o esperasse aqui. O que foi que houve?

— Nem vai me perguntar como descobri seu telefone? — ele indagou mostrando seu treinado sorriso de sedutor.

— Eu devo ter te dado o número em um momento de transe.

A verdade era quase aquela. Na noite em que eles ficaram juntos, no carro de Edson, ele aproveitou-se da ausência de química no corpo e pediu o telefone celular dela. Melina, sob o efeito da metanfetamina, informou o número sem pestanejar.

— Aposto que está interessada no que eu tenho pra falar com você.

— Nem um pouco. — Percebendo que não havia ninguém próximo a eles, Melina avisou: — Eu ainda tenho muitos deles. Não posso tomá-los agora, ou meu pai vai desconfiar.

— Seu pai é um velho muito atrevido — criticou Edson, irritado. — Hoje esteve em meu consultório me fazendo ameaças. E a culpa disso tudo é sua. Não tinha nada que contar a ele.

— Mas eu não disse nada. Nem estava sabendo que vocês se encontraram.

— Eu confiava em você. Daqui a pouco, vai contar que eu estou te fornecendo balinhas.

Como Melina sabia a que ele estava se referindo como balinhas, retrucou:

— Ele questionou a marca que você deixou em meu pescoço e tive que ser sincera. Você não conhece meu pai. Ele faz qualquer um revelar um segredo.

— Sabe por que eu sou feliz? Porque meus pais estão mortos. Pai e mãe só servem para encher o saco e, quanto antes forem para o cemitério, melhor.

Melina o fitou com espanto. Nunca tinha percebido aquele lado cruel e estourado de Edson. Se antes já não simpatiza com ele,

agora mal queria vê-lo na sua frente.

O que Melina e Edson não viam era a presença assustadora de Zeus. O espírito imenso estava parado atrás do médico, incitando-lhe pensamentos raivosos e depreciativos.

— Não admito que fale assim do meu pai. Eu o amo e sei que ele só estava tentando me defender. — Querendo dar o assunto por encerrado, Melina virou as costas pra ele. — Vou embora, pois já vi que você não tinha nada de importante para tratar comigo.

Ela só chegou a dar um passo quando Edson a segurou pelo braço, apertando-a com tanta força que Melina quase gritou.

— Solta o meu braço agora mesmo — ordenou, nervosa e amedrontada.

— Não vou soltar. Você só fez sexo comigo porque estava na "noia". Agora eu quero ir pra cama com você estando os dois em plena consciência de seus atos.

— Você é nojento, Edson. Largue-me!

Porém, ele intensificou a força do aperto. Zeus, que se divertia com a cena, começou a sussurrar sugestões de conteúdo pornográfico no ouvido de Edson, o que o deixou subitamente excitado. Desejou rasgar as roupas de Melina ali mesmo, na rua, e arrastá-la para dentro do carro dela.

— Eu quero um beijo — ele tentou aproximar o rosto do dela. — Agora.

Orlando não pôde mais se conter. Tinha percebido tudo o que estava acontecendo. Aquele crápula estava assediando sua filha em plena rua. Agora entendia tudo. Melina não se abrira com ele

antes porque provavelmente estava sendo ameaçada por aquele sujeito.

Ele acelerou os passos e, quando chegou mais perto, partiu para cima de Edson. O outro, pego de surpresa com o ataque, reagiu como era de se imaginar. Deu um soco violento no rosto de Orlando, derrubando-o no chão, quase sem sentidos.

Em espírito, Dorian também se aproximou. Charles deixou o carro de Melina nesse momento e juntou-se aos companheiros. Estava acontecendo algo que nenhum deles tinha pensado, mas que poderia dar certo. Orlando poderia sair de cena se Edson desse um jeito nele. E pela raiva que ele estava sentindo, era bem possível que funcionasse.

Pensando em agitar a briga ainda mais, eles começaram a gritar palavras de incentivo, inflamando o ódio de Edson cada vez mais.

— Você vai me pagar por ter batido no meu pai. — Melina curvou os dedos em garras e tentou alcançar o rosto de Edson, mas ele a empurrou com força sobre o carro.

Com muita dificuldade Orlando conseguiu se levantar. Seus lábios sangravam e um pequeno hematoma já começava a aparecer ao lado da boca.

— Venha pra briga — chamou Edson com os olhos vermelhos de fúria. — Você não é macho, velhote? Não aguenta enfrentar um homem de verdade?

— Socorro — berrou Melina, desesperada. — Meu pai está sendo agredido. Alguém me ajude, por favor.

Várias pessoas olharam naquela direção e começaram a se aproximar. Da lanchonete em que Melina encontrara-se com Amorim, pela última vez, saíram mais pessoas. Um segurança gigantesco, que trabalhava para o hospital, também caminhou até eles a passos largos.

— Eu não tenho medo de você — reagiu Orlando limpando o sangue da boca.

— Então venha pra cima, seu bunda-mole. Quero ver o que você sabe fazer.

Edson fez menção de agredir o senhor outra vez quando foi detido por três homens. O segurança do hospital amparou Orlando, que ainda aparentava estar tonto devido ao murro que tinha levado. Melina estava chorando e começou a acusar Edson de ter tentado matar o pai dela.

A confusão só foi contida quando Edson foi bruscamente afastado pelos homens que intervieram na briga. O segurança grandalhão fez um gesto com as mãos pedindo que Orlando e Melina fossem embora, enquanto o médico continuava gritando e trovejando desaforos.

Edson estava colérico. A raiva que sentia era intensificada pelas provocações dos espíritos empedernidos que se mantinham ao lado dele. E, antes de entrar no carro com Orlando, Melina voltou-se para trás quando ouviu Edson ameaçar:

— Você me paga. Seu segredinho será revelado e vou destruir sua vida. Aguarde.

Ela sentiu uma onda gelada trespassar sua espinha e bateu a porta do carro. Ainda assustados com todos aqueles

acontecimentos, ela e o pai foram para casa.

CAPÍTULO 13

Orlando só quebrou o silêncio quando estavam chegando ao quarteirão em que moravam. Ele virou o rosto para Melina, que dirigia com atenção.

— Se todo o problema era esse, você poderia ter me falado antes.

Ela o fitou de relance e percebeu que a boca dele já estava inchada.

— Eu juro, pai, não conhecia esse lado violento do Edson. Se eu soubesse dessa tendência à agressão, nunca teria me envolvido com ele. “E nem aceitado qualquer coisa que ele me oferecesse”, ela refletiu.

— Se ele voltar a incomodá-la, quero que me conte. Esse homem pode se tornar perigoso e começar a infernizar a nossa vida.

— Não vou esconder mais nada de você.

Ela freou o veículo diante da garagem da casa em que moravam. Delicadamente, ela passou a mão sobre a do pai.

— Eu espero que isso realmente aconteça — fazendo uma rápida pausa, ele indagou: — A que ele estava se referindo quando disse que revelaria seu segredinho?

Melina estremeceu e procurou disfarçar o nervosismo descendo do carro para destrancar o portão da garagem. Ela tinha

certeza de que o pai não tinha escutado as palavras de Edson, pois ele já havia entrado no automóvel. O que diria agora?

Ela tentou distrair o pai comentando algo sobre o cadeado que prendia o portão, mas Orlando não desistiu:

— Não mude de assunto. De que segredo ele estava falando?

Mesmo sabendo que estava se enrolando cada vez mais em uma rede de mentiras e invenções, ela respondeu:

— Sobre ele e eu termos transado por duas vezes. Provavelmente, ele vai espalhar para o hospital inteiro que foi o responsável por deixar essa marca em meu pescoço.

Era bem provável que ele realmente fizesse aquilo, mas Melina sabia que Edson iria além. Mesmo sabendo que também seria prejudicado, ele daria um jeito de revelar aos pacientes de Melina e ao próprio Orlando que ela ingeria metanfetamina ou, simplesmente, que ela era usuária de drogas.

— Nunca mais se envolva com tipos assim — repreendeu Orlando. — Eu sei que você não ama Amorim, mas pelo menos tente encontrar um homem decente como ele.

— Eu estou perdoada? — ela beijou o pai no rosto ao mesmo tempo em que ele respondia a pergunta.

— Vou pensar no seu caso — tornou Orlando, dando um leve beliscão no queixo dela. — Eu já vou entrar e preparar o jantar. Sua mãe deve estar com fome.

— Daqui a pouco, eu faço um curativo na sua boca.

— Deixa assim. Pelo menos sua mãe não vai tentar me beijar.

Melina sorriu, mas assim que ele entrou na casa, o sorriso dela esfriou. Voltou ao carro para guardá-lo na garagem pensando em

Edson e em como seria sua vida dali em diante. O ódio que vira estampado nos olhos dele prometia vingança e para muito em breve.

Não o temia, mas sentia receio do que ele poderia contar. Teria a carreira ameaçada e a decepção de Orlando. Mesmo preocupada e aflita, Melina não pensou em fazer uma oração para se acalmar. Em vez de confiar na espiritualidade, preferia contar com a sorte e aguardar que tudo desse certo.

***

Em Simeon, o sol jamais brilhava, pois uma parede constituída de uma densa camada de névoa cobria o céu, igualmente sombrio e obscuro. A relva dos campos que contornavam a cidade era seca e sem vida. E os pássaros que cruzavam no alto tinham cores escuras e aparência assustadora.

Em um ponto das entranhas do castelo escuro, Cronos olhou embevecido para o corpo nu de Alesha, deitada ao seu lado. Embora tivessem condições de sentir os prazeres do sexo apenas aspirando as energias de um casal de encarnados, eles preferiam praticar, exatamente como teriam feito antes de deixarem o corpo de carne.

Alesha era uma mulher perfeita, sensual ao extremo, divertida quando queria ser, esperta como uma águia e dona de uma crueldade mórbida. Seus olhos verdes brilhavam quando uma nova vítima era colocada aos seus cuidados na câmara de tortura. Consciente de sua beleza, ela adorava provocar os guardas do castelo e os serviçais que prestavam serviço ao rei, porque sabia

que eles nunca poderiam tocá-la. Ninguém era tolo o suficiente para se envolver com a amante de Cronos.

Ela era a companhia adequada para ele e vinha sendo assim há muitos anos. Ele poderia conseguir outras mulheres até mais belas do que Alesha, mas não tinha interesse. A única mulher que superaria qualquer outra, em todos os quesitos, estava encarnada, usando o nome de Melina.

Percebendo que Cronos estava disperso, Alesha apoiou o rosto sobre o peito despido dele para perguntar:

— Como sempre, você está pensando nela, não é?

— Ela é a única razão do meu coração astral ainda bater.

Alesha poderia ter rido do comentário jocoso, mas não achou nada engraçado.

— Às vezes, eu não o entendo. Nós estamos juntos há tantas décadas, desfrutando de uma intimidade deliciosa, participando dos mesmos planos e liderando essa cidade. Nós formamos uma dupla incomparável. Não sei por que não posso substituir Laguna.

Uma das mãos grandes e fortes de Cronos acariciaram os cabelos alourados de Alesha, mas ele permaneceu em silêncio.

— Eu sou um passatempo — ela continuou. — Sei que quando sua amada voltar pra cá, você mal dirigirá um olhar pra mim. Foi assim enquanto ela permaneceu na masmorra e voltará a ser.

— Quero ficar a sós, Alesha. Saia!

A ordem foi firme e fria, o que só serviu para deixá-la ainda mais irritada. Tudo o que mais desejava era ser nomeada a rainha de Simeon, mas sabia que esse posto nunca pertenceria a ela enquanto Laguna povoasse a mente de Cronos. Não tinha medo de

que ele soubesse de suas reais intenções. Talvez até já soubesse, embora nunca tivesse feito nenhum comentário a respeito. Ainda enciumada, com a inveja corroendo-a por dentro, ela saltou da cama, mas o encarou de pé, por alguns instantes.

— Você tenta aparentar ser um homem poderoso, mas uma mulher comum o deixa praticamente destruído. Talvez não seja tão forte como pensa que é, Cronos.

Os olhos azuis dele fixaram-se nos dela, e a energia que foi emanada deles deixou-a tonta por alguns segundos. Por fim, a mente de Alesha pareceu dar um estalo e ela desabou sobre a cama, inconsciente.

Ele também desceu da cama, mas ignorou Alesha atravessada de bruços sobre os lençóis pretos como ébano. Ela era fantástica, mas tornava-se maçante de vez em quando, o que o obrigava a silenciá-la temporariamente.

Batidas suaves anunciaram a chegada de um visitante. Cronos enrolou-se em uma espécie de roupão igualmente preto e ordenou que a porta fosse aberta. Por ela, surgiu Lori, caminhando com passos curtos e apressados. Após uma rápida mesura, ela informou:

— Estão aí fora Charles, Zeus e Dorian. Querem autorização para entrar.

— E por que eles mesmos não se fizeram anunciar?

Engolindo em seco, diante da autoridade máxima de Simeon, Lori retorquiu:

— Eles sabiam que o senhor estava em seus momentos de intimidade com... — os olhos castanhos de Lori desviaram-se para

Alesha, que jazia sobre a cama como se tivesse morrido outra vez — com ela — completou.

— Não sei de onde eles tiraram tanto puritanismo. Mande que entrem.

— Mas Alesha está despida. Vai permitir que eles a vejam nua?

— E desde quando você se preocupa com pudores? Faça o que ordenei e não discuta as minhas ordens. Vamos, dê o fora.

Ofendida, Lori refez o caminho com passos ainda mais velozes. Logo Charles, Dorian e Zeus estavam diante do rei. Os três lançavam olhadelas para as nádegas de Alesha e passavam a língua pelos lábios disfarçadamente. Cronos fingiu nada perceber.

— Muito bem! O que querem comigo? — perguntou, quando ficaram às sós.

— Viemos informar que tudo está saindo melhor do que havíamos imaginado. — Charles abriu um sorriso idêntico ao de um campeão. — Sabe aquele tal Edson, o médico que forneceu os comprimidos da droga para Laguna?

— O que tem ele?

— O velhote, pai de Laguna, foi procurá-lo com aquela chatice de todo homem ranzinza, sobre Edson manter-se longe da filhinha dele. Pois não é que o homem ficou revoltado? Tentou agarrar Laguna em plena rua, para forçá-la ao sexo. Na verdade, isso só aconteceu graças à nossa participação.

— Vocês tentaram aproximar esse homem da minha Laguna, sexualmente falando? — inquiriu Cronos. Como sempre, suas perguntas eram dirigidas a Charles, como se os outros dois espíritos nem estivessem ali.

— O senhor sabe que eles já transaram antes, pois ela estava sob o efeito da droga. Só que o objetivo dessa vez foi outro. O idiota, pai de Laguna, estava observando a distância e resolveu intervir — esfregando as mãos de contentamento, Charles revelou: — Demos um jeito de os dois homens saírem na mão. Lógico que o médico, mais jovem e mais forte, levou vantagem. Atirou o velhote no chão com um murro nas fuças. Não acha que isso foi perfeito para tirá-lo de cena?

— E Laguna o amparou, enfureceu-se com o médico e foi-se embora com o pai — completou Cronos, falando com uma frieza assustadora.

— Sim. — Por um breve instante, Charles ficou confuso. — Como sabe disso?

— Charles, você foi nomeado como meu braço direito justamente para não me dar problemas. Sempre foi um homem inteligente, mas de uns tempos pra cá não está trabalhando a contento. Na próxima falha, irei substituí-lo.

Sem mais explicações, Cronos deu as costas e começou a se afastar na direção da cama, onde Alesha começava a gemer e a se movimentar.

— Desculpe, majestade, mas é que eu ainda não entendi — expressou Charles.

— Agora Laguna deve estar odiando esse Edson e tratando o pai a pão de ló. Desse tratamento, a relação entre eles se solidificará. O amor que nutrem um pelo outro criará uma barreira que nos afastará cada vez mais. — Cronos olhou para Charles e indagou: — É isso que nós queremos?

— Não, senhor.

— Sendo assim, não ajam antes de falar comigo. Não tomem decisões precipitadas. Em Simeon, eu sou o soberano, portanto, as ordens serão ditadas unicamente por mim. E eu vou contar o que precisa ser feito a partir de agora — olhando para o lado da porta, ele chamou: — Lori, preciso de você. Depressa.

Ela reapareceu e veio até o rei quase correndo. Sem rodeios, Cronos apontou para a amante e exigiu:

— Alesha não está se sentindo muito bem. Leve-a para seus aposentos e cuide para que ela fique bem.

— Pois não, alteza.

Solícita, Lori adiantou-se e colocou um dos braços de Alesha sobre seus ombros. Notou que Charles, Zeus e Dorian não desgrudavam os olhos do corpo espiritual de Alesha, embora nenhum deles se atrevesse a fazer qualquer tipo de gracinha com ela.

Cronos aguardou que Lori se retirasse levando Alesha. Por fim, estudou o rosto de seus três homens demoradamente, um a um, como alguém escolhendo crianças para adoção em um orfanato.

— Quero que escutem com muita atenção o que vou dizer — anunciou ele, logo em seguida. — Não vou tolerar novas falhas. Se isso voltar a acontecer, os três não me servirão para mais nada.

Não era preciso perguntar o que aquilo significava. Cronos continuou:

— A minha ideia é...

— Desculpe interromper — cortou Charles, um pouco temeroso. — Mas o senhor não acha que eles podem estar

escutando? — Ele ergueu um dedo e apontou para cima.

— Os tolinhos da luz sempre estão atentos às conversas dos outros. — Como se aquilo não o preocupasse, Cronos deu de ombros. — Por não ter nada pra fazer, eles vêm até aqui ouvir os nossos papos e se divertem um pouco.

Cronos riu, e os outros o imitaram. Quando ele parou, os outros também ficaram sérios, como se fossem reflexos de sua imagem em um espelho.

— E agora ouçam. Eu estava pensando que...

Ao contrário do que eles estavam imaginando, nenhum membro do grupo de Xavier estava no castelo de Cronos naquele momento. Eles encontravam-se na cidade astral em que residiam. Xavier e Tenório já aguardavam, sentados em bancos de madeira, pelos espíritos das duas mulheres. Pretendiam discutir alguns assuntos importantes sobre o possível destino de Melina.

Sandra e Maíra se aproximaram seguindo por um caminho não muito largo. Dos dois lados viam-se muitos tipos de flores. Elas brilhavam e transbordavam cores, como se a única função delas fosse enaltecer os olhos de quem as observasse. Quando a brisa delicada soprava, seus caules balançavam, como uma espécie de dança silenciosa. Nem mesmo uma única erva daninha maculava a perfeição da natureza naquelas plantações.

Elas sentaram-se em outro banco, quase em frente ao que Xavier e Tenório esperavam. Após os cumprimentos, Xavier, com sua tranquilidade infinita, explicou:

— Eu os chamei aqui porque são as principais pessoas, aqui no lado espiritual, envolvidas na tarefa de auxiliar Melina. O cerco

vai se apertar, pois Cronos é incansável. Acha que terá a mulher amada nas mãos se transformá-la em prisioneira e escrava, o que só deverá acontecer se ela desencarnar por overdose, por exemplo. Ele teria o trabalho facilitado se ela se viciar em narcóticos. É por isso que o time dele vem se empenhando tanto nesse caminho.

— Mas se ela realmente se viciar, nós estaremos de mãos atadas? — questionou Maíra, confusa. — Nossa ajuda só vai até o limite em que Melina permitir?

— A ajuda espiritual não cessa, independente do que os encarnados façam, pensam ou acreditam. Nosso trabalho envolve amor e motivação para lutar, mas cabe a cada um, individualmente, batalhar pelo seu melhor. Essa assistência consegue mais resultados quando encontramos um ponto maior de receptividade da pessoa a quem nos predispomos a amparar.

— O que seria essa receptividade? — era Maíra novamente.

— É o acesso que os encarnados dão à espiritualidade — explicou Tenório, com a mesma serenidade do companheiro. — Quanto mais suscetíveis eles estiverem à ação da luz, maior será o retorno que obterão. Existem muitas pessoas que governam seus pensamentos, direcionando-os para coisas produtivas, focalizando o bem e o amor, preocupando-se com o próximo, sempre tentando uma forma de ajudar os outros naquilo que podem. Essas pessoas conseguirão uma afinidade mais ampla com a assistência espiritual do que aquelas que só pensam em se queixar, atribuindo a culpa a todos que a cercam, como se o mundo não pudesse funcionar sem a presença delas.

— Aquelas que se sentem deslumbradas pela ilusória fascinação que as trevas oferecem, criam uma barreira energética em volta de si, que impede a nossa aproximação, dificultando a intervenção — interpôs Xavier. — E quando falamos em trevas, não estamos nos referindo somente ao astral inferior. Também existem trevas no mundo físico, sendo que a pior delas é a interior.

Sandra sorriu vendo que Maíra ainda não havia compreendido completamente. Pedindo autorização a Xavier com o olhar, ela continuou com a explicação:

— A treva interior a que Xavier está se referindo é aquela que apaga tudo dentro de nós. Faz com que nos sintamos imprestáveis, esquecidos por Deus, desprezíveis e odiados. Temos a impressão de que o marido ou a esposa se afasta, os amigos correm e os familiares nos evitam. Não paramos em nenhum emprego, não conseguimos concluir nada do que começamos e sentimos a revolta crescer e tomar formas perigosas.

— E então, nós, aqui no astral, surgimos para ajudar essas pessoas?

— Até pode ser, Maíra — tornou Sandra —, mas é bom ressaltar que nós não somos super-heróis que só aparecem quando as pobres vítimas estão em apuros. Considerando que ninguém é vítima, a não ser da própria consciência e dos grilhões com que a ilusão nos cativa, precisamos, primeiramente, entender que a primeira ajuda deve partir de nós mesmos.

— Na vida, tudo é programado para dar certo, portanto, se as coisas parecem estar fugindo do controle, a responsabilidade é

nossa — ajuntou Tenório. — Quando você está lendo um livro chato, o que costuma fazer?

— Troco-o por outro livro mais interessante.

— Exatamente — sequenciou Tenório. — O mesmo deve ser feito com as nossas atitudes que geram essa treva interior que Xavier e Sandra acabaram de falar. Se tudo parece se tornar negro e tortuoso em nosso dia a dia, se as pessoas parecem nos dar as costas sem que haja motivos aparentes, se tudo o que fazemos sai errado, é hora de dar um basta e mudar. É colocar o livro chato de lado e abrir as páginas de uma obra mais interessante. É rever os conceitos, trocando atitudes que não cabem mais por mudanças significativas e novas formas de interpretar o mundo. Assim, a luz que todos nós possuímos em nosso interior se fortalecerá, as trevas se dissiparão, e a nossa intervenção, aqui do astral, será desempenhada com muito mais sucesso.

Maíra assentiu, maravilhada com as orientações que ouvia dos três amigos. Sabia que Xavier requisitara a presença deles para falar de Melina, embora ele não se importasse em estender a faixa de conhecimento de Maíra.

— É essa luz que não podemos deixar que se dissipe no interior de Melina — ele reforçou. — Será pelos caminhos da ternura, da autoconfiança, da amizade e, sobretudo do amor que a manteremos longe dos intentos de Cronos. Não será uma luta muito fácil. E chamo de luta porque tanto ele quanto eu batalhamos pela mesma pessoa. Eu vou usar os recursos do bem, e ele, os das sombras.

— Então nós vamos ganhar — sentenciou Maíra. — O bem e o amor sempre vencem o mal e o ódio.

— Isso é verdade — concordou Xavier —, porém, vamos considerar o seguinte: Melina não está a par de todo esse processo espiritual que está acontecendo por causa dela. Ela pode pender para qualquer um dos lados. E se ela decidir se enveredar por trilhas ilícitas e obscuras, se afastará de nós na mesma medida em que se aproxima de Cronos. Portanto, será Melina, que no passado foi a minha querida Laguna, quem determinará qual dos dois lados será o vencedor.

CAPÍTULO 14

Melina esperou pelo revide de Edson, que não veio. Ela tinha certeza de que ele tinha preparado algum plano de vingança, mas nada aconteceu. Uma semana se passou desde o dia da briga entre ele e Orlando, mas o médico continuava fechado em um mutismo insondável, o que poderia ser ainda mais ameaçador.

Eles não tinham tornado a se encontrar desde o incidente. Apesar de trabalharem no mesmo andar, não se viram novamente. Edson poderia estar fugindo dela, embora essa possibilidade não parecesse muito plausível. Ele fora acometido por um acesso de fúria que, certamente, não tinha sido momentâneo.

Entretanto, ela não escapou dos comentários dos fofoqueiros que haviam presenciado a discussão. Funcionários do hospital chegaram a abordá-la para perguntar a razão do desentendimento acalorado entre ela e Edson. A notícia se espalhou de tal forma que até mesmo Dione ficou sabendo.

Procurando mostrar-se reservada, ela desviava-se do assunto, dizendo que tinha enfrentado um problema pessoal entre ela, o pai e Edson. Não dava chances para que os outros dessem asas à imaginação, pois logo começariam a surgir boatos que distorceriam totalmente o que tinha acontecido. Esperava que Edson estivesse fazendo o mesmo, a fim de manter a integridade pessoal.

No domingo, Melina conseguiu folga, mas passou o dia todo dentro de casa. Estava tão cansada que mal conseguia se aguentar de pé. Na sexta-feira, cobrira um plantão que se estendera durante toda a noite e a madrugada do sábado. Quando terminou, ela partiu para o hospital em que prestava socorro, na periferia. Como sempre, lá havia casos graves a serem atendidos, como o de um menino diabético que ingerira um grande pedaço de bolo de chocolate, e de uma menina que caíra de cabeça ao escorregar dos patins e tivera o maxilar fraturado.

Ela só chegou em casa no final da noite do sábado. Estava acordada há quase quarenta horas, sem fechar os olhos por nem trinta segundos. Tinha deixado seus comprimidos “milagrosos” em um lugar bem escondido em seu quarto, pois notara que seu pai fizera uma busca por lá, embora o assunto não tivesse sido debatido entre eles. Mesmo desconhecendo do que se tratava, se Orlando encontrasse as pílulas de metanfetamina, faria perguntas inconvenientes, das quais ela não se sentia motivada ou preparada para responder.

Apesar da vontade, Melina resistiu e não ingeriu a droga. Precisava estar com os cinco sentidos atentos durante o atendimento aos pacientes. Acima de seu esgotamento físico, ela amava a profissão e dava o melhor de si no tratamento às crianças a quem acompanhava, consultava e medicava.

Dois dias depois, na terça-feira, o inevitável reencontro com Edson, finalmente, aconteceu. Ambos saíram dos seus carros no mesmo momento, na garagem do hospital. Estavam próximos o

suficiente para estudarem a expressão do olhar que o outro exibia, apesar da penumbra do estacionamento subterrâneo.

Como Edson não falou nada, Melina decidiu ignorá-lo. Não estava a fim de puxar assunto com ele, mesmo porque, achava que não tinham mais nada a tratar. Olhando para o chão, ela cruzou com ele e seguiu na direção dos elevadores. Deu apenas três passos quando ele a deteve pelo braço.

— Vai começar com isso de novo? — ela perguntou com secura na voz. — Não pense que, por estarmos às sós aqui embaixo, você pode me agredir ou falar besteiras.

— Puxa vida, será que eu não tenho nem ao menos o direito de me desculpar com você? — Ele aproximou o rosto, mas, desta vez, sua intenção não era beijá-la. Havia um odor estranho no hálito dele, algo familiar, mas que ela não pôde identificar de imediato. — Eu agi como uma criança naquele dia e estou sinceramente arrependido. Agredi seu pai, que é um homem da terceira idade. Mais tarde, eu fiquei arrasado com aquilo, pois era como se tivesse esmurrado um dos meus pacientes, entende? Meu trabalho é tentar manter a boa saúde das pessoas mais velhas e não apressar a morte delas.

Ao dizer isso, ele a soltou. Melina o encarou por alguns instantes, e os faróis de um carro que estava chegando revelaram que os olhos de Edson continuavam injetados de sangue, quase da mesma maneira como estavam no momento da confusão entre ele e seu pai.

— Tudo bem, eu já o perdoei. Reconheço que meu pai também agiu com precipitação, embora só quisesse me defender. — Mais

aliviada por perceber que Edson não estava tão irado quanto ela imaginara, acrescentou: — Só que, mesmo perdoando-o, eu não quero mais conversar com você. Não quero ser sua amiga e muito menos lembrar de que nós já dividimos uma cama.

— Nós fizemos muito mais do que dividir uma cama.

— Não é preciso me recordar dos detalhes. Essa é uma página que pretendo virar. Quero tocar a minha vida, assim como espero que você dê continuidade à sua. Tenha um bom dia!

Ela deu-lhe as costas e continuou caminhando até os elevadores. Insistente, Edson foi atrás dela. Rodeou-a para encarar o belo rosto da moça.

— Acho que você continua me odiando. Não me perdoou de verdade. Sabe o que eu penso? — ele desviou o olhar rapidamente para um médico que saltava de seu carro e voltou a fitá-la. — Que você não gostou de transar comigo. Deve ser uma mulher muito rodada, dessas que saem com vários homens, o que lhe dá o direito de optar pelo o que lhe for melhor.

Não fosse a presença do médico que se aproximava, Melina teria esbofeteado o rosto de Edson. De qualquer forma, não queria dar início a outro confronto físico com ele. Ali, na garagem, poderia sair em desvantagem.

Um dos elevadores abriu-se, e o médico, após cumprimentá-los, entrou nele. Melina fez o mesmo, sem se importar com o fato de Edson não ter entrado. As portas estavam quase se fechando quando ela o ouviu dizer:

— Tomara que os pais das crianças que você consulta não saibam que você toma metanfetamina como se fosse água. Sua

drogada dos infernos!

A pele do rosto dela assumiu a palidez de uma vela. Rígida e assustada por ter sido exposta de maneira tão brusca, ela voltou-se para o homem que a observava com espanto.

— Por que o doutor Edson disse isso? — ele perguntou, já que conhecia o colega.

— Porque ele tem interesse em mim, mas eu não o quero. É um homem tosco e bruto, que não faz meu tipo. Vendo-se desprezado, passou a me atacar com comentários mentirosos.

O que Rubens tinha acabado de ouvir não tinha nada de mentiroso. Era uma afirmação clara e explícita, em que um médico acusava sua colega de usuária de drogas, e essa era uma acusação extremamente perigosa.

Rubens era cardiologista. Era um homem ambicioso e medíocre. Ao longo de seus vinte e oito anos de carreira, em todas as unidades hospitalares pelas quais passara, sempre dera um jeito de derrubar outros colegas. Ele usava de intrigas e histórias mirabolantes para convencer a diretoria a demitir o médico que o atrapalhasse.

Não tinha nada contra Edson e muito menos contra Melina, já que os conhecia apenas por nome. Não trabalhavam no mesmo andar e raramente se encontravam. Porém, o que ouvira era uma questão importante. Sabia que a diretoria daquele hospital era muito severa e que prezava por uma equipe médica de ponta, a fim de manter seu nome bem-aceito na sociedade e se diferenciar dos concorrentes.

Eles não gostariam de saber que uma de suas médicas era acusada por outro colega de consumir metanfetamina, também funcionário do local. Poderiam inclusive instaurar um processo de cassação do registro de CRM de Melina. Aquele assunto não era da conta dele, mas, certamente, ganharia reconhecimento e destaque da parte dos seus superiores se delatasse a falta grave que, possivelmente, envolvia Melina. Já fizera isso antes e nunca se dera mal. Só deixava de trabalhar num determinado hospital quando recebia uma proposta melhor para atuar em outro.

Alheia aos pensamentos de Rubens, Melina nem notou quando ele desceu no andar em que ficava a direção do hospital. E teria ficado ainda mais assustada se percebesse que, junto dele, seguiam os espíritos de Dorian, Charles e Zeus, que, por mera sintonia de pensamentos, conseguiram convencer Rubens a agir exatamente como eles desejavam.

O setor da administração do hospital ocupava quase todo o andar. Ali ficavam os departamentos financeiros e de recursos humanos, além do setor responsável pelas parcerias com diversos convênios de saúde. Rubens sabia que Aloísio era um dos responsáveis pelo hospital, já que era o presidente da instituição. Ele ficava na diretoria, instalada naquele mesmo espaço. Esperava que o superior pudesse atendê-lo.

Ao informar a razão da visita, a secretária pessoal, após contatar Aloísio, pediu que Rubens entrasse em uma sala branca e espaçosa que, na verdade, era o escritório do presidente. Aloísio também era médico, mas não exercia a profissão. Tinha cerca de

60 anos, era alto e forte, com cabelos fartos e grisalhos. Por detrás dos óculos de armação ultrafina, encarou Rubens com curiosidade.

— Em que eu poderia ajudá-lo, doutor? — ele perguntou ao outro com formalidade, já que normalmente médicos e advogados se tratam por doutor.

— Sei que o senhor é um homem muito ocupado, por isso, tentarei ser o mais objetivo possível. — Rubens ajeitou-se melhor na cadeira. — Este hospital vem crescendo muito, sendo uma das instituições particulares que mais têm se desenvolvido aqui no Rio.

— Fico feliz com isso. É de interesse nosso que a equipe médica daqui forme um grupo que colabore para o avanço da organização.

— Tenho certeza de que muitos desejam isso, não somente para garantir seus empregos, mas também por possuírem, em seus currículos, um hospital de excelência.

— Obrigado — após uma pausa, Aloísio indagou: — O senhor dizia que seria bastante objetivo sobre...?

— Ah, sim, perdoe a minha distração. — Rubens pigarreou, tornou a se remexer na cadeira e informou: — Pensando no padrão de atendimento do hospital, achei que seria útil se eu o informasse da conversa que acabo de ouvir entre dois médicos que trabalham aqui.

Aloísio ergueu ambas as sobrancelhas esperando que o outro continuasse.

— Trata-se da doutora Melina e do doutor Edson. Se não me engano, ele é geriatra, e ela, pediatra. Acho que já trabalham aqui há um bom tempo.

— Lamento, mas não conheço todos os médicos pelos nomes. De qualquer forma, o que foi que você ouviu?

— Aconteceu ainda agora, há uns quinze minutos. Quando eu estava chegando ao estacionamento, eles já estavam discutindo. Ele parecia estar bastante nervoso. Eu os cumprimentei e entrei no elevador. Ela entrou comigo, mas o doutor Edson, antes que a porta do elevador se fechasse, a chamou de drogada. Disse que ela consome metanfetamina e que os pais das crianças que ela atende não ficariam felizes se soubessem disso.

A informação atingiu o objetivo esperado. Aloísio ficou lívido. Suas mãos até chegaram a tremer. De repente, como se algum fato lhe viesse à mente, ele apanhou o telefonou e discou no ramal da secretária.

— Leila, quem eram os médicos que brigaram do outro lado da rua, na semana passada?

— Eram a doutora Melina e o doutor Edson, que possuem consultórios no sétimo andar.

— Está bem, obrigado — ao desligar, ele voltou a contemplar o rosto de Rubens. — Parece que eles já tinham causado um tumulto diante do hospital há alguns dias. Não me interessa as pendências pessoais dos funcionários, desde que isso não afete nossos pacientes. Só que agora, diante de uma acusação tão grave como a que ouviu, terei que tomar minhas providências.

— Desculpe, mas o senhor pretende demiti-los? — quis saber Rubens, tremendo de excitação diante do que estava conseguindo fazer. Aquilo lhe causava um prazer mórbido.

— Um médico está sujeito a sanções administrativas e ações penais quando, no exercício profissional, comete infrações que comprometem a vida do paciente. O Conselho Regional de Medicina, ao ter conhecimento do ocorrido, deve tomar providências, conforme os termos do código de ética médica. A sanção para infração gravíssima é a cassação do registro profissional, ou seja, o médico perderá o CRM e não poderá mais exercer a Medicina. O senhor sabe de tudo isso, doutor.

— Sim, eu sei — concordou Rubens.

— No entanto, abrirei uma sindicância para averiguar a denúncia. Não é que eu não esteja acreditando em suas palavras, porém, preciso me respaldar e ouvir a versão da doutora em questão.

Aloísio encarou Rubens com ar cansado antes de continuar:

— O processo de suspensão definitiva do registro no CRM é bastante demorado. Em alguns casos, pode levar anos. No Conselho Regional, a análise de uma denúncia passa por dois momentos: a sindicância em si e o processo ético disciplinar, ambos tramitando em total sigilo. Neste caso, não será tão sigiloso já que temos testemunhas que presenciaram duas situações bastante desagradáveis entre os profissionais envolvidos. Quando a denúncia vem de um médico contra outro, nas audiências para levantamento preliminar de provas, às vezes, é possível haver conciliação entre as partes. O senhor sabe também que o processo ético-disciplinar somente terá início se ficar comprovado que houve infração grave. Ela não foi pega em flagrante, consumindo drogas.

— Ela poderia ser demitida por justa causa? — provocou Rubens.

— Se comprovada a sua acusação, com certeza. Os dois seriam dispensados. Preciso de uma boa razão para isso, já que uma briga, fora do hospital, não é um motivo muito forte. De qualquer forma, pretendo investigá-los. Manter um médico que consome qualquer tipo de drogas é extremamente perigoso e pode arruinar toda a nossa instituição, além de atentar contra a própria profissão. — Dando o assunto por encerrado, Aloísio estendeu a mão direita para frente. — Muito obrigado por ter vindo aqui me colocar a par de tudo isso, doutor.

— Fiz isso pelo bem-estar do hospital — mentiu Rubens, apertando a mão do executivo. Sabia que agora passaria a ser notado, teria seu valor reconhecido, e, quem sabe, um aumento no salário e uma redução na jornada de trabalho?

Depois que ele saiu, Aloísio permaneceu sentado na mesa, pensativo. Tinha rascunhado os nomes dos médicos num risque-rabisque. Seria necessários mantê-los sob vigilância. Se as palavras de Rubens se confirmassem, ele não veria outra opção a não ser tomar as devidas providências legais e cabíveis.

CAPÍTULO 15

Assim como os espíritos de Dorian, Zeus e Charles estiveram invisíveis para os encarnados Rubens e Aloísio, Xavier e Maíra também não eram vistos pelo trio de espíritos. Tinham acompanhado toda a conversa entre o médico delator e o presidente do hospital. Xavier tentou intervir a fim de convencer Rubens a desistir do seu intento de fazer intriga, contudo, ele estava de tal forma viciado na maledicência e no costume de falar mal de colegas de trabalho que se ligou às ordens dos espíritos sombrios automaticamente.

Xavier e Maíra deixaram a sala da diretoria e foram caminhando devagar pelo largo corredor do setor administrativo. Mais a frente, a moça parou, fitou o amigo e comentou:

— Xavier, acho injusto ver a maneira como muitas pessoas se tornam marionetes nas mãos de espíritos mal-intencionados. Se todas tivessem a mediunidade mais desenvolvida, poderiam vê-los e ouvi-los, evitando atender a tudo o que eles sugerem.

— Lembre-se de que todos nós fazemos parte de um processo coordenado pela divindade. Sendo assim, nada é injusto. O fato de os encarnados não nos enxergar ou ouvir, não os isenta de suas responsabilidades. Todos aprendem noções de moral, ou do que é certo ou errado, dependendo de cada criação e cultura. Se mesmo assim, continuam a prejudicar os outros, seja mentindo, roubando

ou traindo, então, os compromissos com a vida passam a ser individuais.

— Muitas famílias ficam destruídas após a intervenção de espíritos de baixa índole — contrapôs Maíra. — Brigas e desentendimentos no lar são as principais causas de uma família ficar dividida. Filhos vão para um lado, o marido e a esposa para outro, sem saber que só atenderam aos propósitos de seres invisíveis. Seria diferente se nós, como espíritos, pudéssemos ser vistos por aqueles que continuam na Terra.

— Nós podemos ser vistos e, principalmente, ouvidos e sentidos quando o encarnado é mais suscetível a detectar nossa presença — esclareceu Xavier. — No entanto, todo o trabalho de Deus é perfeito. Imagine como seria a rotina no plano físico se as pessoas pudessem ver espíritos constantemente. Alguém que desencarnou sedento de vingança, ou um espírito de um assassino, ou os desafetos de vidas passadas. Assim como seria idílico ver e conversar com os espíritos mais esclarecidos, seria devastador um confronto com seres nessas condições.

Maíra permaneceu calada, refletindo sobre as palavras dele, que continuou:

— Eu tenho certeza de que muita gente gostaria de rever um parente ou amigo que já desencarnou e do qual sente muita saudade, mas não gostaria de obter o dom de ver qualquer tipo de espírito à sua frente. Algumas partes do astral não são bonitas de ser ver. Existem seres que deformam seu perispírito de tal forma que seria capaz de levar um encarnado ao mais avançado estágio

de loucura apenas com a visão de seu aspecto. Quem é que gostaria de ver algo assim?

— Ninguém. Pensando bem, a ideia de ver espíritos não é muito boa.

Xavier sorriu e acariciou a mão de Maíra com carinho. Gostava dos questionamentos que ela fazia, pois isso significava que ela continuava interessada em aprender.

— Não precisamos ver o inimigo para nos defender dele — orientou Xavier. — Na Terra, existem muitos tipos de vírus, por exemplo. Uma pessoa não enxerga, a olho nu, o vírus da gripe aproximando-se de sua boca ou de suas narinas. Quando percebe, já está sentindo os primeiros sintomas da doença. Da mesma forma que não viu o vírus, também não percebe a ação dos anticorpos do organismo, que trabalham para eliminar os corpos estranhos e restabelecer a saúde. Há toda uma guerra dentro do corpo, e não nos damos conta disso, pois tudo é invisível aos nossos olhares.

— Espiritualmente falando, os nossos anticorpos de defesa contra a influência negativa seriam as orações e os bons pensamentos, não é?

— Nunca se esqueça de uma coisa: quem se conecta com Deus, está conectado com o amor. E onde há amor, o mal não consegue chegar. Por isso, nestes ambientes em que há tantas discórdias, faz-se necessário que alguém busque a oração como o principal recurso. É a fé de Orlando, aliada ao seu desejo com o bem, que bloqueia a aproximação do grupo de Cronos em sua residência. Eles não podem ultrapassar a barreira energética que foi criada ao redor da casa. Quem deseja essa proteção, basta fazer

o mesmo. Em vez de entrar na sintonia das discussões, o melhor é afastar-se delas e procurar, no coração, a fonte inesgotável de poder que Deus nos ofereceu.

— O amor — concluiu Maíra. — Tudo gira em torno do amor.

— Sim, tudo está ligado ao amor, até mesmo o ódio, que nada mais é do que o reverso do amor. Quem odeia outra pessoa, no fundo, sofreu algum tipo de frustração ou decepção, em que seus ideais não foram atingidos. É o caso de Cronos. Ele sabe disso, embora jamais vá admitir. Tudo o que ele tem feito é por amor.

— Como assim? Ele só emana vibrações de ódio e revolta.

— Porque se sentiu decepcionado por alguém, porque não conseguiu o que achava que Laguna iria lhe oferecer. Se você notar, ele não pretende destruí-la como faz os outros pensarem. Ele a deseja para si, deseja dela algo que ela nunca lhe ofereceu: amor. Cronos quer ser amado por Laguna, da mesma forma que a ama. Ele quer tê-la sob seu jugo para que ela perceba sua existência. Parece ser um jogo de domínio e de poder, só que a realidade é outra. Se fomos criados à imagem e semelhança de Deus, nós sempre estamos jogando pelo amor.

Duas mulheres passaram diante deles a caminho de seus trabalhos. Teriam ficado surpresas ou até assustadas se soubessem que havia dois espíritos ali, parados em pleno corredor de um hospital.

— Não seria melhor se Cronos desistisse dessa sede insaciável de vingança e tentasse conquistar Laguna humildemente? Quem sabe assim, ele ganhasse o coração dela?

Xavier já havia evoluído o suficiente para não sentir nem uma pequena pontada de ciúme diante daquela sugestão. Maíra ainda não conhecia toda a história que o envolvia juntamente com Laguna e Cronos na última experiência na Terra e não sabia o quanto ele amava o espírito encarnado no corpo de Melina.

— Cronos não faria isso porque tornar-se humilde é algo que ele não pretende fazer. Considera-se o rei de uma cidade no astral inferior e tem uma verdadeira legião de adeptos, seguidores e escravos. Ele acredita no seu poder de dominação, portanto, esperava ter a posse de Laguna, como se os seres humanos fossem donos uns dos outros. Quer forçá-la a amá-lo, sem entender que isso jamais acontecerá. Agindo assim, Cronos nunca conquistará o respeito e a admiração dela, e sim o medo e a aversão. Em vez de aproximá-la, ele a afastará, sem conseguir conquistar um espaço no coração dela.

— Se Cronos pode amar, então ele não é um caso perdido.

Xavier voltou a sorrir. Ele realmente apreciava a companhia de Maíra.

— Nem mesmo um espírito considerado a escória da humanidade pode ser dado como um caso perdido. Nós, tarefeiros a serviços da luz, não podemos abandonar ninguém à própria sorte, pois cedo ou tarde, todos se voltarão para o bem, ainda que demore dias, anos ou séculos. Todos os seres vivos são capazes de amar, mesmo aqueles que rastejam pelas imundícies das profundezas do umbral, pensando em matar, punir ou cometer atrocidades. Com Cronos não seria diferente. E é justamente o amor que ele alimenta por Laguna que poderá ser útil a nosso favor.

— Não entendi.

— É bem simples. Penso que um dia poderemos retirá-lo das condições em que vive usando esse amor como ferramenta principal.

— Aparentemente, ele vive bem. Quando fomos tirar Laguna das masmorras, foi oferecida uma oportunidade de nos acompanhar, todavia, ele a ignorou e fez gozação. Disse que queria continuar sendo um rei, além de desfrutar dos prazeres que as mulheres lhe oferecem.

— O que você falou está correto, ele vive de aparências. É uma criatura tão iludida que ainda sente prazer fazendo sexo com outros espíritos igualmente embrutecidos, mesmo após a morte do corpo. Ele gosta da sua rotina, mesmo ciente de que tudo aquilo é vazio e irreal. Está acomodado na posição de soberano absoluto porque causa medo aos outros. Tem tudo o que pensa desejar, menos a atenção de Laguna. Se isso está lhe faltando, acha mesmo que é um espírito feliz?

— Vendo por esse lado...

— A única chance de que dispomos de salvar Cronos e falar-lhe sobre os verdadeiros valores da vida, sem os quais tudo se torna fútil e ilusório, é o amor que ele sente por Laguna. Por enquanto, não podemos fazer muita coisa, já que ele continuará liderando os ataques contra ela e Orlando. Podemos tentar, ao menos, fazer com que ele perceba que suas ações não o levarão ao que ele tanto almeja.

— O grupo que trabalha para ele está bem organizado. Eles são muito inteligentes.

— Cronos é inteligente, já que os outros apenas cumprem suas ordens. Infelizmente, eles contarão com alguns encarnados que se prestarão aos seus serviços, como Edson, Rubens e outros que virão, além da própria Geralda.

— Geralda? Laguna não seria prejudicada pela própria mãe.

— Intencionalmente, não. Porém, Geralda começará a sentir pena de si mesma com mais frequência, atribuindo a culpa por estar com o tornozelo ferido ao marido. Isso pode criar uma grande instabilidade em Orlando. De qualquer forma, Sandra já se prontificou a ficar ao lado da mulher, tentando orientá-la a ser mais tolerante e paciente.

— Outras pessoas também surgirão para prejudicar Laguna?

— Essas pessoas são aquelas que não fazem coisas boas e não se importam de cometer atitudes que visem à propagação do mal. No entanto, também teremos um grande reforço do nosso lado, que irá amparar Orlando nos momentos em que ele mais necessitará de uma presença amiga.

Maíra pensou um pouco, mas não soube quem poderia ser. Vendo a curiosidade estampada nos olhos dela, Xavier brincou:

— Tenha calma. Logo, logo você vai conhecer essa pessoa. Trata-se de um espírito que encarnou com o único objetivo de semear o bem na Terra. Possui altíssimo conhecimento sobre a vida e a espiritualidade, além de contar com um detalhe extra que fará toda a diferença.

— Que detalhe é esse?

— Aguarde, Maíra. Em breve, você saberá do que estou falando.

***

Melina jamais admitiria para si mesma que estava se tornando uma mulher viciada nos efeitos que os comprimidos de metanfetamina lhe proporcionavam, mas o fato era que quase todos os dias, ao voltar extremamente abatida para casa, ela recolhia-se em seu quarto e ingeria uma das pílulas. Logo depois se sentia flutuando e seria capaz de jurar que tinha superpoderes. Seu cansaço se esvaía e só o que permanecia era a mais absoluta paz.

Quando retornava com um pouco mais de energia, ela ignorava a droga. Fizera algumas pesquisas sobre a metanfetamina na internet e, apesar de ser uma teoria contraditória, a maioria dizia que esse tipo de droga não viciava o usuário como acontecia com a cocaína ou a maconha, por exemplo. Os jovens com um pouco mais de dinheiro tomavam os comprimidos para terem energia em curtições noturnas. Aquele era o mais poderoso energético de que se tinha notícias até então.

Em seu íntimo, Melina sabia que não se tratava simplesmente de um energético. Aquilo era uma droga, tão proibida quanto qualquer outra, independente das reações causadas. Jamais soube como e onde Edson a havia adquirido, e, se realmente fosse contar com aquilo para atenuar seu estresse causado pela excessiva jornada de trabalho, logo precisaria providenciar mais. E isso porque não se reconhecia como viciada ou dependente de metanfetamina.

Quando tomou o último comprimido, em uma noite de quinta-feira, já não podia esconder que eles tinham se tornado parte da vida dela. Nunca os tomava durante o expediente, com medo de

comprometer a saúde dos pacientes ou que as outras pessoas notassem seu excessivo estado de euforia e a denunciassem. Por isso, sempre colocava um deles na boca pouco antes de se deitar. No dia seguinte, acordava com dor de cabeça e rigidez muscular, só que isso era preferível a ter que despertar com a mesma disposição de um moribundo em estágio terminal.

Seus pais não desconfiavam de nada. Melina nunca fora muito ligada à figura materna, embora amasse a mãe, porém, ultimamente, Geralda mal olhava para a filha, porquanto, achava mais agradável reclamar de tudo que via à sua volta. Ela estava se tornando uma pessoa extremamente chata e inoportuna e, dois dias antes, Orlando confidenciara a Melina que não via a hora em que ela retirasse o gesso da perna.

Enquanto Geralda só parecia ter olhos para si, dando pouca ou nenhuma atenção à filha, já que achava que, pelo fato de Melina estar viva, tudo transcorria perfeitamente bem. Orlando acompanhava discretamente todos os movimentos dela. Ela nunca mais parecera estar receosa ou assustada diante de alguma coisa, e Orlando teve a certeza de que ela rompera definitivamente com Edson. Aparentemente, ela não contara novas mentiras, embora ocultasse certos acontecimentos do pai, como o fato de ter sido ameaçada por Edson na garagem do hospital e, naturalmente, seu livre consumo dos comprimidos.

Ela e Edson tornaram a se encontrar outras vezes, fosse na rua, nos corredores do hospital ou na lanchonete. Ela chegou a vê-lo duas vezes acompanhado por uma bela morena, alguns anos mais

nova que Melina. Talvez fosse a namorada que ele sempre alegara ter, embora possivelmente fosse mais uma de suas conquistas.

Melina nem se importou com aquilo. Nunca o amara. Seus sentimentos por ele eram vazios e se tornaram frios depois de vê-lo agredindo Orlando. Muitas vezes se sentiu arrependida por ter se envolvido com ele. Por outro lado, fora graças a Edson que ela conseguira o bilhete de embarque para um novo mundo.

Ela era uma mulher experiente. Todas as pessoas sabem que as drogas não são aconselháveis a ninguém por uma lista interminável de motivos. Ela conhecia muitos medicamentos com um poder de dependência quase tão grande quanto o de uma droga ilícita, por exemplo. Alguns eram relaxantes e calmantes, contudo, ela nunca se interessara em usá-los para relaxamento. Com a metanfetamina era diferente. Dentro de um comprimido tão pequeno havia uma infinidade de sensações e prazeres que muitos seres humanos nem faziam ideia de quão maravilhosos eles poderiam ser.

Quando Melina tomava a droga em sua casa, à noite, estava protegida da influência dos espíritos enviados por Cronos. Xavier, Tenório, Sandra ou Maíra sempre surgiam ao lado dela, tentando, de todas as formas possíveis, dissuadi-la de se drogar, mas Melina nem se dava conta de suas sugestões. Sua vontade de se “autocurar”, como ela denominara, extinguia qualquer chance de reflexão sobre o que ela realmente estava fazendo com o corpo e com a própria vida.

No hospital, Dorian, Charles ou Zeus conseguiam se aproximar e dedicavam horas de seu tempo a atormentá-la, fazendo

afirmações no sentido de que ela só seria uma profissional bem-sucedida se atuasse nos dois empregos com maestria, sem deixar que o cansaço lhe prejudicasse. Ela também não os escutava, mas sentia-se muito mais motivada a continuar consumindo a droga do que procurar uma maneira de clinicar sem que seu horário de trabalho atrapalhasse seu rendimento.

Depois de tomar o último comprimido, ela pôs-se a se questionar sobre como faria para conseguir mais. Não estava disposta a usar Edson como intermediário, pois queria evitá-lo o máximo possível. Não fazia a menor ideia de onde se vendia aquele tipo de coisa, a não ser nas regiões conhecidas como “bocas de fumo”.

Finalmente uma ideia lhe ocorreu. Mais tranquila, ela preparou-se para dormir. No sábado, quando deixasse seu posto no hospital da comunidade, não voltaria diretamente para casa. Conversaria com algumas pessoas até chegar aonde pretendia ir. Se tudo desse certo, todos os seus problemas estariam resolvidos.

Ao se deitar, pouco antes de cerrar seus olhos azuis brilhantes e profundos, ela repetiu para si que estava se acostumando aos efeitos da metanfetamina, mas que aquilo não era o mesmo de se estar viciada. Muitos diziam que, ao ingerir uma droga pela primeira vez, é possível deixá-la quando se bem entende, mesmo quando o estado de dependência aumenta. Ela era uma mulher forte e não seria derrotada por um vício qualquer. Estava absolutamente convencida disso.

Mas Xavier, parado ao lado da cama dela, não tinha a mesma certeza. Não era nada daquilo que ela havia garantido tentar fazer

quando voltasse ao corpo físico. Não fazia nem ideia de que, com cada comprimido tomado, ela dava um passo na direção de Cronos. Ainda havia tempo para que ela desistisse de tudo aquilo, embora não estivesse interessada em fazê-lo.

Xavier lhe aplicou um passe, restaurando as energias que ela só pensava recobrar se tomasse as pílulas. Ele observou o corpo astral de Melina deslocar-se do corpo físico e pairar alguns centímetros acima dele. Embora pudesse, resolveu não acordá-la. O corpo e a alma dela precisavam de descanso, por isso, ele fechou os olhos e concentrou-se em uma oração, invocando todas as forças da natureza para ampará-la naquele e nos momentos que estavam por vir. E quando orou, ele não percebeu que duas lágrimas silenciosas escorriam por sua face.

CAPÍTULO 16

Lori estava deitada em seus aposentos quando pressentiu a presença de alguém. O lugar em que estava era escuro e apertado, apesar de limpo, algo raro nas regiões do submundo astral. Seu quarto ficava em uma das alas da criadagem, no castelo de Cronos. Não possuía janelas, embora ela soubesse que não havia nada para ser visto do outro lado. Além disso, tinha o privilégio de volitar e cruzar paredes quando achasse conveniente fazer isso.

Seu perispírito ainda mantinha a mesma aparência que tinha ao desencarnar. Em sua última existência fora uma criada e continuava sendo depois de morta. Não era uma perspectiva agradável para ninguém, mas ela já se habituara a tudo aquilo. Exibindo a aparência de uma jovem de vinte e poucos anos, cabelos escuros, lisos e curtos e olhos cor de terra, ela era uma bela mulher. Atraía boa parte dos homens de Simeon e sempre que lhe era ordenado pelo rei, via-se obrigada a se deitar com um deles, o que a deixava completamente enojada.

Não era feliz vivendo ali, mas só não pedira ajuda aos espíritos iluminados que costumava ver percorrendo os lamaçais porque tinha medo de receber uma proposta para reencarnar com alguma deficiência. Já ouvira histórias parecidas, onde espíritos que, por muitos anos vagaram pelo umbral, após o socorro e o devido

preparo, necessitariam retornar à matéria com alguma debilidade no corpo ou na mente.

O que Lori desconhecia é que cada processo de reencarne é particular, dependendo do grau de amadurecimento e de necessidade de cada espírito. Alguns acham que a única forma de se sentirem equilibrados com a consciência é sentindo na pele aquilo que causaram a outros. Porém, isso não é uma regra. A reencarnação não pode ser vista como um castigo, ou uma retaliação pelo que foi feito. A volta à Terra é uma oportunidade maravilhosa de crescimento, na qual usaremos os nossos atos do passado para nos desenvolver no presente e conquistar um futuro mais feliz.

Acreditando no que ouvia dos outros, principalmente de Cronos, o primeiro interessado a não perder seus comandados, ela nunca procurou se informar com um dos espíritos enviados pelo astral superior. E, mesmo que ouvisse a verdade da boca de um deles, custaria a acreditar, pois seu rei sempre dizia que os bonzinhos sempre contavam mentiras para iludir as pessoas e adequá-las em reencarnes sofridos e horripilantes.

Ela voltou o rosto na direção da porta, onde logo ouviu batidas suaves. Lori autorizou a entrada, surpreendendo-se com a presença de Dorian. Por uma breve fração de segundo, ela ficou desgostosa, achando que Cronos o enviara para que se divertisse com ela, mas quando o olhou melhor, percebeu que sua expressão não denunciava desejo aflorado, mas sim algo parecido com temor ou preocupação.

— Você já estava deitada? — ele perguntou num sussurro.

— Estou morta. É como se eu estivesse deitada eternamente.

Ele recebeu a resposta com um sorriso e sentou-se na beirada da cama dela e olhou em volta. Lori era um espírito com grande conhecimento para plasmar qualquer tipo de objeto usando o poder de sua mente, mas não podia produzir nada luxuoso para si, ou despertaria a fúria de Cronos.

— Se importa de conversar um pouco comigo?

— Não. — Lori cruzou as pernas sobre a cama e mirou o rosto dele. — O que foi?

— Antes de começar a falar, preciso que você me prometa que nossa conversa não vai sair daqui.

— Você sabe que se Cronos quiser, ele tem condições de descobrir tudo.

— Mas ele não o fará porque não desconfia de mim — tornou Dorian.

— Não me diga que você pretende traí-lo — espantou-se Lori.

Pontadas geladas causadas pelo pânico pressionaram o corpo astral de Dorian. Ele meneou a cabeça negativamente.

— Eu nunca faria isso. Cronos é o nosso superior, e eu devo servi-lo sem contestar suas ordens. O problema é que...

— Continue.

— Que ele nunca saiba disso, mas acho que Cronos está lutando por um ideal que nunca vai acontecer. Ele não conseguiu fazer com que Laguna se apaixonasse por ele em mais de um século, tempo em que ela foi sua prisioneira. Por que pensa que seria diferente agora?

— Eu também já pensei isso, mas não é da nossa conta, Dorian. — Lori estendeu a mão e a colocou sobre a dele. — E acho melhor encerrarmos esse assunto. Não quero ser castigada.

— Ele me odeia. Não cansa de me agredir diante dos outros, mesmo quando todos nós cometemos os erros em conjunto. Às vezes, eu até me sinto cansado disso, sabia?

— Não há nada que possamos fazer. E sugiro que mude seus pensamentos, já que não sabe como bloqueá-los. Cronos pode notar e destruir você.

Lori não estava sendo exagerada. Aquilo era exatamente o que acontecia com que tentava trair o espírito que liderava Simeon. E o fato de estarem mortos não minimizava em nada a dor infligida pelas mais diversas formas de tortura.

Dorian e Lori não se gostavam, nem mesmo tinham afinidade um com o outro, embora já tivessem transado algumas vezes. Não eram amigos, pois naquele lugar, ninguém era amigo de ninguém. No entanto, naquele momento, confiavam um no outro. Mesmo que não sentissem, ambos aspiravam em segredo a um grande desejo de partir de Simeon e deixar Cronos para trás.

Enquanto conversavam aos murmúrios, não perceberam duas coisas. A primeira era o fato de um esboço de algo indefinido de coloração amarelo-clara estar ondulando na altura do coração de ambos. Aquele era o princípio de uma amizade mais profunda e verdadeira que estava prestes a nascer, mesmo que aparentasse ser uma simples parceria.

E o que eles também não notaram é que não estavam sozinhos. A conversa tinha sido presenciada por Alesha que,

semioculta atrás da porta, pôde vê-los e ouvi-los. Ela tinha ido até o quarto de Lori ordenar que a outra lhe plasmasse novas roupas para agradar Cronos. Aquilo poderia ficar para depois. A urgência agora era colocar o chefe a par de sua mais nova descoberta. E quando isso acontecesse, Lori e Dorian teriam o merecido castigo por conspirarem pelas costas do soberano.

***

Alesha o encontrou na praça da cidade astral, a mesma onde havia estampada a imagem de Cristo sem cabeça. Ele estava ditando ordens a um enorme grupo de espíritos. Por entre as determinações de Cronos, ela ouviu várias vezes o nome Laguna ser pronunciado. Não sabia o que ele estava planejando, mas tudo indicava que tinha a ver com a mulher que o inquietava havia tantas décadas.

Quando terminou de expor suas ordens, dispensou a equipe e caminhou lentamente na direção de Alesha, tão logo a viu parada num canto, observando-o. Beijou-a nos lábios com ardor, embora não houvesse nada mais do que desejo inflamado naquele beijo. Estreitando o rosto dela entre as mãos, ele esboçou um sorriso.

— Vou agilizar meu plano de ação para recuperar Laguna. Tenho perdido tempo demais. Meus homens, embora competentes em sua maioria, não têm me trazido o resultado desejado.

— No que você está pensando?

— É primordial para meus objetivos que Laguna afunde no vício das drogas. Ela está consumindo um composto químico que gera dependência, embora seus efeitos não sejam tão destruidores

quanto o de outras drogas existentes na Terra. Além disso, pensa muito no trabalho, nas crianças que atende e, principalmente, no idiota que tem como pai. Por causa deles, ela reluta em ingerir os comprimidos com mais frequência. — Um vento sepulcral surgiu do nada e balançou os cabelos longos e escuros de Cronos quando ele concluiu: — É justamente isso que quero impedir.

— E o que os espíritos destes homens farão?

— Vão investir em grupo contra Laguna, todos ao mesmo tempo. — A brancura dos dentes dele reluziu na escuridão, que dominava a praça da cidade, quando ele sorriu. — Ela é um ser sem nenhum conhecimento espiritual, afastada dos princípios divinos e de qualquer crença religiosa. Acha que será difícil?

— Eles não podem entrar na casa dela.

— Mas ela não permanecerá trancada em casa vinte e quatro horas por dia. Ela trabalha, demais até. A intenção é que Laguna passe a consumir drogas em seu local de trabalho, o que prejudicará a si mesma e aos pacientes.

Dessa vez, foi Alesha quem sorriu. Era um sorriso glacial e truculento.

— Adorei a ideia. O máximo que pode acontecer é que ela deixe uma de suas crianças piores do que possam estar. Já pensou? Um bebezinho dependendo dos cuidados de uma médica drogada?

A ideia lhe pareceu tão divertida que Alesha soltou uma gargalhada estridente. Cronos continuou:

— Mas além de todo esse pelotão que convoquei, não pretendo tirar Charles, Dorian e Zeus de cena, principalmente este

último, que tem certo conhecimento sobre magia espiritual. Ele será fundamental para eliminarmos o último empecilho que temos em nosso caminho, ou seja, o fulano que cometeu a maior tolice de sua vida ao aceitar Laguna como filha. Não quero aquele velho me causando problemas.

— Ele será peixe pequeno. Até mesmo Dorian é capaz de dar conta dele. E é justamente sobre ele que vim falar.

— O que aconteceu? — indagou Cronos, os olhos azulados se estreitando.

— Há alguns instantes, eu o flagrei nos aposentos particulares de Lori. Queria que ela plasmasse alguns trajes novos, já que enjoei dos que tenho. Eu mesma poderia fazer isso, mas ela é criativa e sempre me agradam as suas produções. — Alesha inclinou a cabeça de lado e passou os dedos por entre os longos fios dourados. — Quando estava chegando lá, ouvi vozes. Fiquei sondando perto da porta e os vi juntos. Falavam algo sobre traição.

— O que eles disseram, exatamente?

— Eu tive a impressão de que eles não estão contentes de continuar aqui. Acham que seus planos de trazer Laguna novamente pra cá são infundados. — Após uma pausa estudada, Alesha decidiu exagerar: — Acho até que eles estão amparados pelos espíritos da luz, sabia?

— Por quê? — tornou Cronos, cerrando os punhos.

— Nada foi dito nesse sentido, mas pelo rumo da conversa, ficou claro que um deles, ou os dois, mantêm algum contato secreto com o time de Xavier. Há até a possibilidade de que sejam informantes.

— Eles não precisam de informantes. Costumam ficar amolando por aqui, ouvindo e acompanhando os nossos diálogos, só que invisíveis, como os covardes que são.

— Eu sei disso, mas o fato de você estar sendo atacado pelas costas não é tolerável. Desculpe, Cronos, mas se eu fosse você, tirava-os de seu caminho, principalmente Dorian, que tem menos utilidade do que Lori. Com tantos outros seres à sua disposição, você não precisa dele pra nada.

Alesha se interrompeu outra vez somente para avaliar o efeito de suas palavras.

— Você poderia me entregá-lo, para que eu me divertisse um pouquinho com ele na câmara de tortura. Entretanto, Dorian não é muito tolo e daria um jeito de escapar. Assim, acho que é interessante confiná-lo em uma das jaulas, onde muitos outros já agonizam dia e noite. Quando isso acontecer, eu quero fazer questão de que ele saiba que sou a responsável por tê-lo colocado naquele local. Ele se acha esperto, mas não tem mais sagacidade e inteligência do que eu... do que nós.

— Lori não pode escapar impune.

— E não vai, se você autorizar que ela seja a minha criada pessoal. Quero Lori à minha disposição a todo instante. Ela é tonta e nunca vai desconfiar de que eu já esteja a par de sua possível intenção de fuga.

— Eles falaram em fugir?

— Eles estão aborrecidos com este lugar e cansados de você. É óbvio que vão escapar. — Alesha lambeu a orelha de Cronos, excitando-o e envenenando-o ao mesmo tempo. — Vai permitir que

Xavier tire-os daqui tranquilamente, assim como fez com Laguna? Você foi roubado e será ludibriado outra vez.

Cronos sabia que Alesha tinha razão. Tinha um lema, no qual todos os traidores arcavam com seus atos, sofrendo graves consequências. Dorian realmente não tinha nenhuma serventia. Só o aturava por ser parceiro de Charles. E agora, ouvindo as palavras da amante, percebeu que não precisava mais dele. Iria castigá-lo da mesma forma que já punira tantos outros, antes dele.

— Peça que Charles venha ao meu encontro, mas faça isso sem que ninguém perceba. Vou lhe dar algumas instruções.

— Algo interessante? — sondou Alesha, com um brilho de saciada vingança em seus olhos verdes.

— Lori é sua a partir de hoje. Faça com ela o que bem entender. Quanto a Dorian, lamentavelmente, ele terá que experimentar o sabor amargo por ter conspirado contra meu governo e, principalmente, contra mim. Quero falar com Charles para, em seguida, anular o traidor.

Satisfeita, Alesha aplaudiu. Na maldade, ela conseguia ser ainda pior do que Cronos. Talvez fosse por isso que eles se davam tão bem. Não se importava que ele a destratasse de vez em quando, como na vez em que a fizera desmaiar apenas com a força do pensamento. Por Cronos, valia a pena. Por ele, todo o resto perdia a importância.

CAPÍTULO 17

A concentração de Orlando estava na suculenta picanha que ele assava para os clientes do restaurante em que trabalhava, mas seu coração e sua mente estavam distantes, pensando em Melina. Tudo parecia estar exatamente como antes, mas seu instinto paterno jamais falhava. Havia alguma coisa fora do lugar, como um quebra-cabeça completo com uma das peças colocada ao contrário.

Melina aparentava ser a mesma de sempre todos os dias, quando descia para tomar o café antes de partir para o consultório. Geralda, que só fazia reclamar do gesso na perna, não reparava em nada, mas Orlando não perdia o menor detalhe. Notava que a filha despertava animada e exageradamente empolgada, como se não tivesse trabalhado mais de 12 horas consecutivas no dia anterior. Era como se ela passasse por um tipo de restauração corporal ao longo da noite, algo que ele sabia ser impossível de se conseguir com apenas poucas horas de sono.

Até onde ele sabia, ela nunca mais se envolvera com Edson. Tinha certeza de que ela realmente se afastara dele. Nunca mais demonstrou estar assustada ou intimidada. Agora, só o que o intrigava era o fato de Melina chegar em casa esgotada e acordar novinha em folha no dia seguinte.

Depois da visita que fizera ao consultório dela, ele tornara a segui-la mais algumas vezes, sempre que conseguia dar uma escapada do restaurante, o que não agradava muito ao seu patrão. Porém, por ser um excelente funcionário e *chef* de mão cheia, a hipótese de demitir Orlando não era muito conveniente.

Aquele era um típico sábado de calor no Rio. As praias estavam lotadas, assim como as sorveterias, lanchonetes e restaurantes. No horário do almoço, não havia uma única mesa disponível no restaurante. Orlando trabalhava incansavelmente na churrasqueira, sendo auxiliado por mais dois garçons. Lidar com comida era algo que ele adorava. Ia muito além de um simples *hobby*. Era graças ao seu empenho nos pratos, que preparava, que o estabelecimento conquistou seu diferencial. Não havia concorrente na região que oferecesse um cardápio tão variado e saboroso como o que era preparado por Orlando.

Ele tirou o espeto com a carne da churrasqueira de pedra e começou a fatiá-la em uma bandeja. O cheiro era delicioso. A picanha estava tão macia e convidativa que conseguiria abrir facilmente o apetite de alguém que tivesse acabado de almoçar. Com a bandeja nas mãos, ele foi até o bufê onde ficavam as demais bandejas em que os clientes se serviam à vontade. Estava ajeitando a bandeja com a picanha sobre um imenso fogão à lenha quando ouviu uma mulher, com seu prato na mão, comentar com a amiga:

— O Rodolfo é outra pessoa desde que passou a usar drogas. A mãe dele conta que a primeira coisa que mudou foi sua forma de agir. Ele adotou um comportamento completamente diferente do

que tinha até então, o que a levou a investigar o que vinha acontecendo com o filho.

— É uma judiação — lamentou a outra. — Ele ainda é menor de idade. Não pode perder a vida para as drogas.

— A situação dele, atualmente, está irremediável. Ele saiu de casa e agora vive por aí, vagando pelas ruas com outros marginais. Luciene está arrasada e com razão. Que mãe deseja isso para um filho?

Algo naquela conversa causou um calafrio tão grande em Orlando que ele deixou de sentir o calor que seu corpo absorvera da churrasqueira. Sabia que era um assunto que não tinha nada a ver com sua filha, por mais que ela estivesse diferente. Instruída e experiente como era, jamais se envolveria com aquele tipo de coisa. Sua alteração de comportamento devia-se à carga de trabalho pesada demais. Se aquilo continuasse acontecendo, ele tentaria convencê-la, mais uma vez, a demitir-se de um dos empregos, para ganhar mais tempo para que cuidasse de si.

Ele retornou para perto da churrasqueira com um novo pedaço de picanha, agora temperado e cru. Observou a carne começar a assar, notando as fagulhas que pulavam do carvão em brasa. Sua filha estava bem. Reconhecia o cansaço dela, mas não existia nada além daquilo. Tudo não passava de uma fase um pouco delicada.

Mas novamente o coração de pai de Orlando lhe dizia que ele estava enganando a si mesmo e que a verdade poderia ser muito mais aterradora do que ele queria aceitar ou acreditar.

***

Ao deixar o hospital da periferia, Melina desejou ser uma serpente para se arrastar pelo chão. Suas costas estavam doloridas e as pernas tão moles quanto um travesseiro de penas. Momentos antes de sair, a moça passara pelo banheiro e contemplara sua imagem no espelho. Viu um rosto abatido e pálido, cheio de olheiras. Mais uma vez, trabalhara por 38 horas seguidas e o que mais queria, naquele momento, era que uma cama se materializasse à sua frente.

Invisíveis a ela, um verdadeiro batalhão de espíritos a acompanhava. Todos faziam apelos associados ao uso da metanfetamina, na tentativa de que ela se recordasse de que não tinha mais nenhum comprimido em casa. À frente do grupo, seguiam Charles, Zeus e Dorian. Eles a abraçavam e saltavam sobre as costas dela, o que causava a dor física que ela estava sentindo. Repetiam, a todo instante, que o único jeito de acabar com aquele cansaço era tomando as pílulas.

Enquanto ela seguia na direção do carro, incerta sobre suas condições de assumir o volante, Charles olhava para Dorian de esguelha. Ele fora chamado pelo líder na noite anterior, que lhe confidenciara a possível traição por parte de Dorian. Cronos não informou a fonte da informação, mas determinou que queria o outro fora do caminho. Charles deveria agir como se nada estivesse acontecendo e, quando retornassem às trevas, desse um jeito de surpreender Dorian e enclausurá-lo em uma das celas da masmorra.

Melina entrou no carro, e Charles fez um gesto com as mãos, impedindo os espíritos de avançarem. Daquele momento em

diante, apenas ele, Dorian e Zeus a acompanhariam. Não queriam que ela ficasse atormentada por conta da influência do bando. Se sofresse qualquer tipo de acidente enquanto estivesse dirigindo, a culpa recairia sobre o próprio Charles.

Ela deu partida e tomou um caminho diferente do que fazia para retornar à própria casa. Contornou o quarteirão por trás do hospital, fez algumas curvas e seguiu por um caminho ladeado de casinhas mal construídas ou com tijolos à mostra.

Dirigia rumo à zona norte da cidade. Adentrou uma favela que ficava na divisa com o município de Duque de Caxias. Ali, como em muitos outros locais, o índice de tráfico de drogas era alto. Sempre havia troca de tiros entre policiais e traficantes naquela região, mas Melina não tinha medo. Tinha certeza de que não seria assaltada e, muito menos, vítima de uma bala perdida.

Avançou por uma ladeira íngreme e colocou o carro em primeira marcha para conseguir subir. Não sabia ao certo onde ficava o local que procurava, por isso, pediu informações para dois rapazes que estavam pedindo dinheiro em um semáforo. Ela lhes deu algumas moedas, e eles afirmaram que ela estava bem perto do lugar em que desejava chegar.

Parou mais duas vezes até que chegou a uma praça pequena. De dentro do carro, viu alguns rapazes andando devagar e conversando. Usavam bonés ou capuzes, apesar do calor sufocante. Todos seguravam cigarros acesos entre os dedos ou levavam algo até o nariz para cheirar.

Alguns familiares de seus pacientes do hospital em que prestava atendimento, na comunidade, já haviam falado daquela

praça. Naquela região havia, de forma mais discreta, alguns pontos de compra e venda de droga, mais conhecidos como cracolândias. Ela não desejava nada além dos comprimidos de metanfetamina e estava certa de que conseguiria adquiri-los ali, tudo de forma rápida e anônima. Ninguém iria querer saber nada sobre a vida particular dela, desde que o dinheiro caísse nas mãos certas. Lidar com eles seria muito melhor do que pedir favores a Edson.

O lugar não era bonito e, pela primeira vez, ela se sentiu acovardada. Porém, os três espíritos que a acompanhavam, no carro, continuavam ordenando que ela fosse em frente. Encontrou conexão com as ideias deles automaticamente e, praticamente, nem se apercebeu das súplicas, em contrário, de Xavier e Maíra, que também estavam ali, invisíveis a ela e a Charles, Zeus e Dorian.

Enchendo-se de coragem, ela desceu do carro. Vestia-se inteiramente de branco e sentiu-se destoada, no meio da rua. Trancou o carro e acionou o alarme por medida de segurança. Antes mesmo de dar alguns passos, percebeu que as pessoas passaram a encará-la como se ela fosse uma aberração.

Não sabia a quem deveria procurar, por isso, seguiu na direção de dois rapazes magros que fumavam baseados. O forte cheiro dos cigarros de maconha a deixou um pouco zonza, mas ela não se deteve. Viu que a dupla a fitou com curiosidade, enquanto ela se aproximava deles.

— Olá, boa tarde! — Sentindo-se cada vez mais nervosa, ela acrescentou: — Como faço para me encontrar com o vendedor?

— Que vendedor? — devolveu um dos garotos, expelindo uma fumaça esbranquiçada da boca.

— O que vendeu esses cigarros para vocês.

— E por que nós diríamos alguma coisa? Nem mesmo a conhecemos. Como podemos saber se não está metida com a polícia?

— Olha, eu sou médica. Minha carteirinha de C.R.M.[1] está no carro e posso mostrá-la para comprovar que não estou mentindo. Eu preciso comprar um produto que não é vendido em outros lugares, como a maconha que vocês estão fumando.

Eles tornaram a avaliá-la de alto a baixo. Nunca a tinham visto antes e estavam totalmente perplexos. Aquela mulher era linda como uma modelo de capa de revista, alegava ser médica e estava procurando por um traficante de drogas. Tinham quase certeza de que ela fora enviada pela polícia, por isso, resolveram não dizer nada.

— Não sabemos do que você está falando. É melhor voltar para seu carro e dar o fora daqui. Seu veículo, apesar de não ser novo, vale uma boa grana para quem o levar e vender as peças.

Melina sabia que não conseguiria um contato com os fornecedores de drogas agindo daquela maneira. Falava como uma inexperiente e só estava conseguindo deixar os dois homens desconfiados. Por outro lado, ela sabia que todo mundo que consome algum tipo de droga sempre conhece algum contato. Edson deveria ter o dele. Ela só precisava descobrir como chegar à pessoa certa.

O aroma exalado pelos cigarros de maconha estava causando uma sensação diferente nela. O cheiro era enjoativo, mas dava para se acostumar com ele ao inalá-lo durante um período maior. Ela

permaneceu encarando os garotos, até que um deles, disposto a livrar-se dela, sugeriu:

— Já que você não está a fim de ir embora, façamos o seguinte: você nos dá uma grana e nós damos a pista. Depois disso, cada um cuida da sua vida e fingimos que nunca nos vimos antes, o que acha?

Ela não respondeu. Voltou ao carro e contou algumas cédulas que havia deixado no porta-luvas do carro. No bolso da calça, trazia mais dinheiro, que pretendia destinar à compra da metanfetamina, embora não fizesse a menor ideia do valor que custavam aqueles comprimidos.

Os rapazes, que não esperavam que Melina estivesse disposta a pagá-los, estatelaram os olhos quando ela depositou o dinheiro nas mãos de um deles. Jogaram os cigarros no chão e contaram as notas duas vezes. Não era muito, porém, era mais do que eles conseguiam com seus assaltos medíocres.

— E então? — ela insistiu. — Vão me dizer o que quero saber ou não?

Um deles sacou um papel amassado e um lápis de um dos muitos bolsos de sua bermuda larga. Anotou um endereço e o nome de um homem. Entregou a informação para Melina, que mal entendeu os garranchos escritos ali.

— Quem é Colelo?

— É Coelho — corrigiu o que tinha escrito. — Esse é o cara que nos consegue o baseado, embora seja peixe pequeno no esquema. Trabalha pra gente grande, mas nós procuramos por ele quando queremos fumar um *breu*.

— Ele também tem outros tipos de mercadorias — ajuntou o outro. — O que a gatinha está procurando exatamente? Pedra?

— Que pedra? — estranhou Melina, sem saber que eles se referiam às pedras de *crack*.

— Não sei qual é a sua, mina, mas Coelho consegue de tudo um pouco.

— Eu quero uns comprimidos que...

— Metanfetamina? — O que perguntou pareceu decepcionado. — Isso é coisa pra criança. Se você gosta de viajar legal, deve experimentar coisas mais poderosas. Vá falar com Coelho e boa sorte. Ah, agradecemos pela grana.

Eles disseram que a residência de Coelho ficava no quarteirão seguinte, mas Melina resolveu seguir com o carro. Não queria desistir de seu intento, embora achasse que estava cometendo a maior loucura de sua vida. Com que tipo de gente iria se meter? E se eles tentassem lhe fazer mal?

Não, decidiu-se. Ela estava ali para comprar um produto e pagar bem por ele. Não queria formar pacto ou construir alianças com ninguém. Queria que confiassem nela, aceitando-a como uma futura cliente, para que pudesse confiar neles também.

A casa de Coelho ficava em uma viela tão apertada que uma pessoa mais forte só passaria por ali andando de lado. Ela abriu o portão de ferro, que estava destrancado, e seguiu por aquele corredor estreitíssimo, ladeado pelas paredes sujas e descascadas das casas vizinhas. Sentiu cheiro de urina e de feijão sendo cozido. Ali, as fragrâncias eram totalmente opostas, embora se mesclassem umas às outras.

Bateu na última porta, no final daquela passagem, conforme as instruções do papel que tinha recebido. Viu quando uma sombra passou pelos seus pés e olhou para o alto. Lá em cima, na beirada da laje, um rapaz mulato e sem camisa a espiava. Não disse nada, mas deixou visível aos olhos dela o cano de uma arma de grosso calibre que segurava. Provavelmente deveria ser o segurança do tal Coelho, e Melina sentiu a primeira pontada de arrependimento por ter se metido ali.

A porta foi aberta por um homem que usava apenas calças jeans. A braguilha estava aberta e Melina observou, pouco antes de corar, que ele não usava cueca por baixo. O tórax era liso feito uma tábua e os braços finos como os de uma criança. Havia um nome feminino tatuado na altura de suas costelas.

Aparentava menos de trinta anos e sua pele era parda. Ele tinha os cabelos encrespados, a testa franzida, as bochechas caídas, olhos pequenos e levemente estrábicos. Os dentes incisivos superiores, que obviamente fizeram jus ao seu apelido, eram enormes e se projetavam para fora de sua boca. O conjunto resultava em um homem feio e intimidador.

— Você é Coelho?

— E você quem é? — perguntou ele, por sua vez.

— Vim aqui porque soube que você vende o que estou precisando.

Os olhos miúdos de Coelho se estreitaram, formando duas fendas. Havia desconfiança e interesse naqueles olhos.

— Não sei quem lhe deu meu endereço, mas não sou vendedor de nada. É bom a mocinha fazer o mesmo caminho de onde veio e

se mandar.

— Veja — num gesto estudado, ela tirou um pequeno volume de dinheiro do bolso da calça, preso por uma tira de elástico. — Quero me tornar uma cliente sua e prometo que não vou criar problemas para você. Preciso de uns tais comprimidos com urgência. Vou comprar, pagar-lhe e ir embora.

— Você curte balinhas?

Ela demorou alguns segundos para associar o termo com as pílulas de metanfetamina. Lembrou-se de que Edson já fizera aquele comparativo antes. Meneou a cabeça afirmativamente.

— Eu não vendo balinhas — ele explicou, embora ainda estivesse desconfiado da visitante. — Só trabalho com bagulhos de primeira.

— Ah... bom, eu...

— Mas se sua intenção é relaxar, tenho algo mais forte, que lhe trará um efeito maior e muito mais poderoso. Claro que vai custar bem mais caro, mas garanto que não vai se arrepender.

Para Coelho, aquilo estava sendo inédito. Jamais sugerira a venda de cocaína a alguém como se estivesse falando com uma criança. Ele recebia as mercadorias de gente graúda e a repassava para os pés-de-chinelo que viviam amolando em sua porta, mas que sabiam o que queriam. É claro que mantinha suas precauções, pois somente naquele mês a polícia já fizera duas vistorias em sua casa. Inteligente, Coelho estocava as drogas no forro do teto do seu quarto e até então nunca havia sido descoberto. Todavia, se continuasse a receber clientes em domicílio, a polícia ficaria alerta outra vez.

— Eu topo — sem perguntar o preço, Melina entregou todo seu dinheiro a ele. Ambos notaram que as mãos dela estavam trêmulas. — Veja se isso é o suficiente.

Com dedos finos e nodosos, Coelho conferiu as cédulas com a cobiça saltando por todos seus poros. Considerava seu pó como sendo de primeira linha e cobrava muito caro por ele. Poucos tinham condições de comprá-lo e optavam por opções mais baratas, como as pedras de *crack*. O valor que Melina pagou daria um bom estoque para ela, o suficiente para que a idiota se viciasse e se tornasse uma freguesa.

— Vou pegar o bagulho. Espere aqui.

Ao dizer isso, Coelho entrou por uma porta e a deixou sozinha no pequeno cômodo sujo e malcheiroso, que servia como o *hall* de entrada. Ele retornou cinco minutos depois e trazia uma sacola de plástico preta nas mãos.

— Aí está. Faça bom proveito.

Melina apanhou o embrulho e olhou o conteúdo. Viu duas trouxinhas amarradas em saquinhos transparentes e dentro deles, um pó branco e espesso, como gesso ou cal.

— O que é isso? — ela perguntou, embora já desconfiasse.

— Coca natural. Vai ver que isso é muito melhor do que tomar balinhas.

— Você está me vendendo uma droga proibida. E se a polícia me parar na rua?

Coelho revirou os olhos vesgos, implorando aos céus por paciência. Aquela mulher, para uma médica, era muito burra ou estava curtindo com a cara dele.

— As pílulas são igualmente proibidas e não acontece nada. Aposto que agora vai me perguntar como se usa essa *bagaça.*

Melina assentiu, e Coelho explicou, de forma bastante didática, o passo a passo para ela produzir as carreirinhas e inalar o pó. Explicou que ela ficaria doidona e que o efeito durava mais tempo do que a metanfetamina.

— O meu objetivo é reduzir meu cansaço. Acha que vai dar certo?

Ele quase respondeu que a única forma de ela descansar era se demitindo do trabalho, mas, em vez disso, argumentou:

— Isso é um verdadeiro milagre. Foi uma das coisas mais maravilhosas que já foram inventadas. Vai acabar com seu estresse, mocinha.

"E vai acabar com a sua vida também", ele pensou, vendo-a despedir-se e empreender o caminho de retorno. No carro, ela escondeu a embalagem embaixo do banco e acelerou na direção de casa. Estava nervosa, mas confiante de que havia feito a coisa certa.

Dessa vez, Charles, Zeus e Dorian não a seguiram. Não era mais necessário. Cronos tinham planejado tudo de uma forma que era impossível falhar. E dera certo. O soberano ficaria extremamente satisfeito ao ser informado de que as coisas estavam acontecendo exatamente como ele havia imaginado.

---

1 Número de registro médico junto ao CREMERJ, o Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Janeiro.

CAPÍTULO 18

Nas profundezas de seu castelo, Cronos ouviu o relatório que seus enviados lhe forneceram. Estava satisfeito. Laguna mal sabia que, ao adquirir a cocaína, tinha dado início a uma descida vertiginosa rumo ao precipício da dor e da destruição. Ele cuidaria para que ela se afundasse cada vez mais no vício, pois ao desencarnar, fraca e desorientada, não obteria outra forma de ajuda a não ser a que viesse dele.

Mas ainda havia algo que não o agradava. Sabia que cedo ou tarde, o homem que era pai de Laguna, nesta vida, descobriria que ela estava se enveredando para o caminho das drogas e tentaria socorrê-la. Ele poderia aliar-se às forças do grupo de Xavier e retardar o plano de conquista de Cronos.

— Charles, eu quero que você se encarregue de tirar o velho do meu caminho de uma vez por todas. Tente cercar algum marginal ou bandido e lhe inspire ideias de brutalidade para que ataque esse tal Orlando. Quero esse infeliz morto o quanto antes.

— Nós não conseguimos entrar na casa dele, e suas energias nos repelem. — Pensativo, Charles olhou para o chão e tornou a encarar o rosto do rei. — Já descobri que ele é um ótimo funcionário, portanto, será meio difícil provocarmos uma possível demissão. Até podemos tentar influenciar algum assaltante, mas pode não dar certo.

— Não vamos trabalhar com possibilidades e sim com certezas. Isso é tudo por hoje. Se uma ideia melhor me surgir, eu aviso você. Podem se retirar.

Dorian e Zeus saíram e, quando Charles ia fazê-lo, Cronos esbarrou propositadamente no braço dele e fez um gesto na direção de Dorian. Charles aquiesceu. Sabia o que aquilo significava. Tinha chegado o momento de tirar o maldito traidor do caminho de sua majestade.

Sem desconfiar de nada, Dorian murmurou algo para Zeus e se afastou na direção dos aposentos que lhe foram destinados. Ele ainda não tivera a oportunidade de conhecer toda a extensão do magnífico castelo projetado por Cronos. Não tinha permissão para andar por todas as alas e, apesar da curiosidade, sabia se conter.

— Ei, Dorian, preciso falar com você.

Ele se voltou quando ouviu Charles chamá-lo. A expressão do outro estava neutra, impossibilitando qualquer tipo de desconfiança.

— Ainda temos mais alguma coisa para fazer por hoje?

— Sim. Cronos me deu umas instruções que devo cumprir na área das jaulas e pediu que você me ajudasse. Acho que ele quer que levemos alguns espíritos rebeldes até ele.

— E por que ele não pediu isso a um dos guardas?

— Não sou eu que vou perguntar. Ele estava de bom humor, mas nem por isso podemos abusar. Vamos lá?

Confiando em Charles, Dorian o seguiu. No passado, ele já sentira um sádico prazer ao observar as criaturas amontoadas

como lixos em jaulas minúsculas e apertadas, mas agora não sentia mais nada, talvez um pouco de monotonia.

Os guardas fizeram um gesto de cumprimento com a cabeça ao reconhecê-los e liberaram a passagem. Ao todo havia 13 gaiolas. Os espíritos reclusos ali, vítimas da ilusão do sofrimento eterno, só conseguiam gemer, lamentar ou praguejar. Muitos não mais encontravam forças para exprimir palavras ou já não possuíam lágrimas para verter. Seus corpos astrais, semelhantes a farrapos humanos, estavam fétidos e feridos. Eles colocavam os dedos por entre as grades e clamavam por piedade, apesar de nenhum deles se sentir preparado ou disposto a invocar o auxílio divino.

O espírito de uma senhora, cujos cabelos eram brancos como a neve, fitou Dorian com olhos angustiados. Ao abrir a boca para falar, revelou total ausência de dentes, exatamente como no último dia de sua existência terrena. Usava apenas uma espécie de fralda de tecido que encobria parcialmente sua genitália.

— Água, por caridade — ela pediu com voz rouca. — Tudo o que eu quero é um copo com água.

— Só temos barro por aqui, minha querida Leonor — Charles exibiu um sorriso mordaz. — Não foi à toa que sua família a colocou naquele asilo, pouco antes de desencarnar e vir parar aqui. Acha que não sei que você tinha pagado para um criminoso eliminar o namorado de sua filha porque ele não tinha o mesmo nível social que o dela? Você traz um crime nas costas, minha flor, portanto, arque com a consequência dos seus atos.

O estado de demência de Leonor era tamanho que ela mal registrou as palavras de Charles. Continuou pedindo por água,

enquanto outros começaram a imitá-la.

— Não tem água para ninguém, nem adianta me pedir. — Irritado, Charles se voltou para os guardas. — Preciso de vocês.

— Às ordens, senhor — retirando um chicote da cintura, um dos seguranças aproximou-se de Charles fitando as jaulas. — Quer que eu os acerte com a chibata ou os queime com a brasa?

— Nada disso. Quero que vocês coloquem lá dentro mais um para a coleção.

Foi tudo rápido demais. Antes que Dorian pudesse se dar conta do que estava acontecendo, sentiu quando as mãos fortes dos guardas envolveram seus braços como tornos e começaram a arrastá-lo para a gaiola em que estava Leonor.

— Charles, o que está acontecendo? — ele indagou com pânico no semblante.

— Você tentou trair o nosso rei. É contra seus projetos de reaver Laguna. Alesha ouviu toda sua conversa com Lori e contou a Cronos. Por conta disso, você não terá mais nenhuma utilidade a nós.

— Não é verdade, eu só disse que estava cansado de tudo isso. Nunca faria nada para desgostar Cronos. Ajude-me, Charles.

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Dorian. Charles sorria friamente, observando um dos brutamontes, que faziam a guarda, apanhar uma chave do bolso para destrancar o imenso cadeado pendurado na entrada da cela.

— Não vou ajudá-lo. Não queira bancar o santo agora, porque você nunca foi um. Seja homem e assuma seus atos. Quem não

concordar com as diretrizes de Cronos, merece pagar neste lugar, que eu creio ser o verdadeiro inferno.

A porta da cela foi aberta. Três guardas desembainharam suas espadas afiadas e apontaram para os presidiários, no caso de uma possível tentativa de fuga. Nenhum deles se mexeu, e um homem usou sua bota para chutar um espírito a fim de ceder espaço para encaixar Dorian lá dentro.

Mesmo sabendo que tudo estava perdido, Dorian fez uma coisa que jamais pensara em fazer antes. À sua mente, vieram imagens que ele guardava de sua última encarnação. Lembrou-se de como era o céu, claro e límpido. Se houvesse o Deus que todos diziam existir, Ele deveria habitar em algum lugar daquele amplo espaço azul. Enquanto era brutalmente empurrado para o interior da jaula, pronunciou, em voz alta:

— Se eu ainda for digno do Seu perdão, Senhor, impeça que eu seja trancafiado neste lugar. O Senhor conhece meu coração e sabe o que realmente vai dentro dele. No fundo, estou esgotado de continuar a seguir por esse caminho de trevas e desolação, mas ainda não pedi ajuda por temer o desconhecido. Agora, que nada mais me resta, busco Sua misericórdia para me tirar daqui.

Feixes de luzes róseas e azuladas começaram a brilhar nas paredes e no teto. Uma claridade branca começou a ganhar força e a se expandir rapidamente.

— Droga! — gritou Charles, percebendo o que estava para acontecer. — Isso é uma armadilha. Chamem Cronos, depressa.

Um dos guardas saiu correndo pelo mesmo caminho do qual tinham vindo Dorian e Charles. Quando ele se preparou para fugir,

sentiu que seus pés não saíam do chão, exatamente como havia acontecido na casa de Orlando.

Dorian observava a explosão de luzes com olhos vidrados. Os prisioneiros, assustados e admirados com a luz que seus olhos não estavam habituados a ver, cessaram os resmungos e queixumes. Os outros guardiões viram-se obrigados a cerrar as pestanas ou tinham a certeza de que ficariam cegos. A intensidade da luz era quase insuportável.

Linhas de contornos mais brilhantes se destacaram no centro da luminosidade e começaram a ganhar aspectos de corpos humanos. Pouco depois, Tenório e Sandra surgiram da luz e seguiram tranquilamente até Dorian, que estava ajoelhado no chão, diante da jaula aberta. Seus olhos também estavam fechados, não por causa daquele brilho fluorescente, que não o incomodava, mas sim como forma de agradecimento por perceber que sua súplica havia sido atendida mais depressa do que imaginara.

— Olá, Dorian. — Carinhosamente, Sandra estendeu a mão para ele. — Não sabe como nos sentimos felizes em poder levá-lo para um lugar melhor. Há tempos, oramos para que pudesse expressar seu desejo sincero de mudar seu padrão de vida — ela olhou para as criaturas reclusas atrás das grades —, assim como também aguardamos que essas pessoas busquem sintonia com a divindade.

— Vocês não podem levá-lo — rugiu Charles, soltando fagulhas de ódio pelos olhos semicerrados. — Aqui não é o domínio de vocês. Dorian é traidor e merece ser punido.

— Se Deus, que é o único e verdadeiro líder de tudo o que existe no universo, não castiga ninguém, quem seríamos nós, seres humanos, para aplicarmos lições ou reprimendas em nossos semelhantes? — indagou Tenório com brandura. — Diante da grandeza da natureza, nós ainda somos apenas um grão de areia.

— Calem a boca. — Desesperado, Charles voltou o olhar para a porta à espera que Cronos entrasse ali e colocasse um final àquela palhaçada. — Odeio quando vocês começam com esse papo de moralidade e bons modos. Na verdade, não passam de covardes, que nos retêm ao chão por temer nosso poder. Por que não me solta? Por que não liberam os nossos guardas? Por que não enfrentam nosso rei?

Enquanto Sandra ajudava Dorian a se levantar, Tenório retrucou:

— Mas vocês estão soltos. Ninguém os está prendendo, a não ser a aceitação de que o poder das sombras é nulo perante as forças da luz. Eu poderia conversar com Cronos sem problema algum, mas não iria brigar com ele, fisicamente falando.

— Porque é um covarde.

— Por que eu já evoluí o suficiente para compreender que as agressões físicas, as trocas de insultos morais, as ofensas e as discussões violentas jamais garantem um vencedor. Só há perdedores em uma briga, porque ambos os lados saem feridos, sem solucionar, de fato, a verdadeira razão da discórdia.

Furioso, Charles desatou a blasfemar uma infindável lista de palavrões, que não deixou Tenório nem um pouco abalado.

Ignorando o xingamento de Charles, ele caminhou até Sandra, que murmurava algumas palavras para Dorian.

— Não chore, meu querido — dizia ela. — Você jamais foi o ser inescrupuloso que julga ser. Se algumas escolhas suas o trouxeram para cá, outras podem levá-lo para planos melhores. Basta querer.

— Eu fui cúmplice de todas as barbaridades de Cronos. — As lágrimas saltavam dos olhos dele e caíam em seus pés. — Eu o ajudei a influenciar Laguna para que ela se tornasse uma usuária de drogas. Eu participei dos planos maquiavélicos para afastar Orlando, que é apenas um pai tentando defender a única filha.

— Os planos não funcionaram até agora — garantiu Sandra, afagando a mão dele com carinho. — Quanto ao amor paterno, você sabe muito bem o quanto é importante. Sei que ainda o guarda em algum lugar do seu coração.

Dorian ergueu o olhar para ela bem devagar. Não podia estar ouvindo aquelas palavras. Não era possível. Há décadas, tudo estava perdido.

— O que é bom nunca se esvai, meu filho — reforçou Tenório. — Sei que nunca se esqueceu do pequeno Antônio.

Acometido por uma crise incontrolável de tremores, que sacudia todo seu perispírito, Dorian não escondeu as novas lágrimas que surgiram. Naquele momento, toda a valentia que um dia julgara possuir, servindo às ordens de Cronos, se transformou em esquálidas lembranças de um passado longínquo. Tinha perdido a conta de quantos anos haviam se passado desde sua última encarnação na Terra, pouco antes de assumir o pseudônimo de Dorian, quando ainda se chamava Luís Felipe.

CAPÍTULO 19

Luís Felipe fora um fazendeiro nos idos de 1840. Não era um homem rico, mas suas terras, no interior mineiro, eram bastante produtivas e invejadas pelos barões do café. No entanto, sua ambição não era financeira e sim amorosa. Desde os dias em que colocara os olhos na bela Niara, a escrava recém-adquirida para sua fazenda, sentiu algo diferente corroê-lo por dentro. Aquela negra era, sem dúvida, a mulher mais espetacular que ele já conhecera.

Era um homem com ideais abolicionistas, mas para não perder a amizade e os contatos com outros fazendeiros, Luís Felipe mantinha uma senzala nos fundos de suas terras. Porém, não permitia que os escravos fossem torturados sob hipótese alguma. O feitor, diziam, era um homem sem coração, porém, tinha ordens de não tocar ou humilhar os negros, podendo ser expulso da fazenda se fizesse o contrário.

Luís Felipe optara por viver solteiro desde a morte do pai. A mãe há muito já havia desencarnado. Aristides, seu pai, também era um homem de coração generoso e, desde seu tempo, já não existiam troncos ou agressões físicas aos escravos. Embora tudo fosse feito às escondidas para não levantar suspeitas nos barões, os negros eram tratados com respeito e gentileza.

Com a morte de Aristides, Luís Felipe herdou tudo, tornando-se o novo fazendeiro. Quando sentia falta de uma companhia feminina, divertia-se com as meretrizes disponíveis nos bordéis, mas jamais se deixara envolver amorosamente por nenhuma delas. Para ele, as moças que conhecera até então serviam somente para conter as chamas ardentes do desejo que o envolvia, mas jamais compartilharia sua vida com elas.

O feitor, que na verdade apenas cumpria o papel de supervisor do trabalho dos escravos, era também encarregado de comprar, para as terras de seu patrão, novos negros, muitos deles recém-chegados da África. Foi em uma dessas ocasiões que ele voltou trazendo três pessoas para apresentar a Luís Felipe. Dois eram rapazes jovens e robustos, que certamente renderiam boa produção, e a terceira, era Niara, que no instante em que cruzou seu olhar com os de seu futuro sinhô, deixou-o com o coração pulsando freneticamente.

Ela viera de Luanda e sabia se expressar razoavelmente bem em português. Luís Felipe percebeu que gostava de conversar com ela e logo a convidou para morar na casa-grande. Ele soube que ela nunca tivera um envolvimento mais profundo com outro homem e, no final da primeira semana em que ela estava lá, levou-a ao seu quarto.

Quando a emoção serenou, e os segredos foram desvendados, ambos sabiam que pertenciam um ao outro, de corpo, coração e alma. Para Luís Felipe, não importava o fato de a mulher que desejava tomar por esposa ter a pele escura, numa época em que o preconceito e o desrespeito imperavam. Não tinha que se

esconder dos demais fazendeiros a vida inteira, pois não devia nenhuma satisfação de seus atos a eles. Pensando assim, Luís Felipe desposou Niara um mês depois.

Aquilo rendeu a maior polêmica do ano na cidade. O padre recusou-se a admitir a entrada de uma negra em sua igreja, e os barões das terras vizinhas imediatamente romperam seu relacionamento com Luís Felipe. Ele só conseguiu casar-se com Niara na capital do Rio de Janeiro, onde o preconceito, embora fosse grande, era menor do que nas cidades do interior.

De volta à fazenda, a vida do casal tornou-se um inferno. Os fazendeiros vizinhos passaram a ordenar ataques às terras de Luís Felipe. Frequentemente seu gado aparecia morto ou suas plantações amanheciam queimadas. Deram um jeito de dificultar seu comércio com indústrias importantes e por muito pouco ele não foi à falência.

Por outro lado, ele entregou uma carta de alforria a cada um dos seus escravos. Agora já não tinha mais importância esconder que era um homem abolicionista. Porém, nenhum deles quis partir, mesmo porque não tinham para onde ir. Queriam continuar trabalhando para Luís Felipe, que fora corajoso e ousado o suficiente para se casar com uma mulher com o sangue deles. Alegaram que estariam dispostos a tudo para salvar a fazenda e que o sinhô não seria destruído pelos inimigos.

Empenharam-se de tal forma na plantação e cuidados com o gado, que em pouco tempo a fazenda prosperava novamente. Percebendo que Luís Felipe não era tão frágil quanto parecia, os

seus adversários começaram a se cansar dele, e, aos poucos, foram deixando-o em paz.

A notícia de que Niara estava grávida foi um novo alento para o apaixonado Luís Felipe. A gestação foi tranquila e ela deu à luz o lindo Antônio, de pele tão clara quanto a do pai. Ele teria amado o filho da mesma forma se a criança fosse negra, mas o bebê era idêntico ao pai. Daquele dia em diante, ele jurou a si mesmo que viveria somente para Niara e Antônio.

Mas a felicidade do casal foi abalada por uma tragédia meses depois. Niara contraiu meningite e morreu antes do primeiro aniversário de Antônio. Luís Felipe quase enlouqueceu. Idolatrava a ex-escrava e viu-se sem chão após a morte dela. Sabia que nenhuma outra mulher no mundo poderia substituir sua graça, ou exibir um sorriso tão lindo, ou ser uma esposa carinhosa e amá-lo tanto. Sem Niara, uma parte do seu mundo tinha se tornado obscura.

Mas ainda havia o filho, e era por ele que deveria lutar. Como prometido, Luís Felipe jamais se envolveu com outra mulher, tendo Antônio como seu único filho, até o dia em que desencarnou. O garoto era uma criança esperta e falante e, aos quatro anos, encantava os ex-escravos com seus traquejos infantis. Luís Felipe se esmerava em fazer de tudo para agradar ao garoto, pois desejava torná-lo um homem justo, íntegro e honesto, como ele próprio era, e como Niara gostaria que o filho fosse.

Antônio costumava brincar no alpendre da casa enquanto o pai trabalhava em seu escritório. Não havia perigo algum, pois os negros, que agora eram vistos como funcionários e não mais

escravos, ficavam de olho na criança. Os ataques dos invejosos de terras vizinhas havia muito se encerrara e não havia mais o que temer.

Fazia muito calor naquela manhã de terça-feira quando Luís Felipe tinha convocado o tabelião do cartório até sua fazenda, pois desejava que ele conferisse uma papelada referente à venda do café para uma indústria europeia. Ele estava terminando de organizar os últimos papéis quando ouviu uma gritaria acalorada do lado de fora. Assustado, saiu do escritório às pressas e deparou com a cena mais trágica que jamais tornaria a ver em toda a sua vida.

Ainda havia sangue na relva verde, por onde os dois cavalos haviam arrastado o corpinho de Antônio. O tabelião, que guiara pessoalmente sua carruagem, estava pálido e não continha o pranto. Era um senhor de idade avançada, que alegava não ter conseguido deter os cavalos quando a criança, correndo atrás de uma pena de ganso, atirou-se na frente da carroça instantes antes de ser brutalmente pisoteado.

Por muito pouco, Luís Felipe não desmaiou ao avistar o corpo alquebrado do filho, ainda preso sob a carruagem. Os cavalos o arrastaram por alguns metros, e as rodas do veículo terminaram o serviço. Não era preciso olhá-lo de perto para saber que Antônio estava morto, aos quatro anos de idade. Em sua mãozinha pequena e ferida estava a pensa do ganso que ele conseguira apanhar.

Se possível, o sofrimento durante a sepultura do filho foi ainda mais implacável do que o enterro de Niara. Agora não havia mais

por quem Luís Felipe viver. Perdera as duas pessoas que foram mais importantes em sua vida, vitimadas pelo o que ele considerava como um devastador acaso do destino.

Nunca mais voltou a ser o homem alegre e bem-disposto do passado. Não mudou seu comportamento em relação aos negros, mas jurou vingança. Achava que Deus tinha conspirado contra ele, tirando pessoas queridas de sua vida, portanto, deveria dar o troco. Quem o prejudicara algum dia, iria pagar.

A partir dali, Luís Felipe dedicou-se ao crime. Agia com as próprias mãos e não temia as autoridades. A primeira vítima de sua espingarda foi o tabelião que atropelara, por acidente, seu filho. Surpreendeu o velho senhor no cartório, quando ele estava sozinho, e disparou impiedosamente. As próximas vítimas foram seus fazendeiros vizinhos, que tentaram destruí-lo de todas as formas, logo após seu casamento com Niara. Um a um, conseguiu ceifar a vida de três, até ser detido pela polícia, julgado e condenado.

A vida de Luís Felipe se encerrou na cadeia. Era um homem amargurado e triste, que guardava ódio e revolta no peito. Ao desencarnar, viu-se diante de seres medonhos e agressivos, mas foi salvo por um homem de vestes negras, que o levou para uma cidade sombria e distante.

Seu salvador era Charles, que o apresentou a Cronos. Nessa época, ele estava recrutando servos dispostos a destruir outros seres humanos para que trouxessem Laguna aos seus cuidados. Logo depois, ela deixou a vida física, e Cronos a arrebatou para si,

prendendo-a na masmorra do seu castelo, implorando pelo amor que ela lhe negava veementemente.

Luís Felipe então se tornou Dorian. Este era seu nome de guerra. Era um espírito vazio e sanguinário, que obedecia, sem pestanejar, a todas as ordens que recebia de Cronos, por estar de pleno acordo com sua sanha de maldade e violência. Gostava do que fazia e lhe trazia prazer ver outras pessoas sofrerem exatamente como ele achava que Deus o fizera sofrer.

Mas conforme décadas e décadas foram se passando, aquela rotina foi perdendo a graça, tornando-se maçante e cansativa. Ganhou um pouco de ação quando Laguna foi libertada pelo grupo de Xavier, levando o rei ao mais elevado patamar de fúria e ira. Desde então, ele, Charles e, mais tarde, Zeus juntaram-se para reencontrar Laguna, que agora vivia como uma pediatra no Rio de Janeiro.

Aquela linda cidade repleta de praias lhe trazia lembranças dolorosas, embora ele se esforçasse para afastá-la. Fora lá que se casara com Niara, e sabia que jamais tornaria a vê-la. Não sabia se eles e Antônio já haviam trilhado caminhos lado a lado em vidas anteriores, pois não guardava resquícios em sua memória. Talvez tivessem se conhecido apenas na última existência, fazendo o amor brotar naquela relação.

Agora, depois de tanta dedicação a Cronos, estava sendo confinado numa jaula como um traidor desgraçado. Morrera em uma prisão e não suportaria continuar ali por outro longo período. Seu desespero, aliado ao seu profundo desejo de sair das trevas, à grande vontade de dar um basta nas humilhações e agressões que

lhe eram infringidas pelo líder, foi tão grande que invocou a presença divina, a mesma a quem atribuía a culpa pelas mortes da esposa e do filho.

— Vocês falam de Antônio... — cego pelas lágrimas, ele soluçava como uma criança perdida. — O que sabem dele?

— Antes, precisamos saber se você ainda quer influenciar Orlando com pensamentos negativos e sugestões perniciosas, tentando impedi-lo de defender a filha.

— Não — ele respondeu sem hesitar. — Não posso mais continuar com isso. Só agora vejo o quanto estava errado. Ele é pai, assim como eu também fui um dia. Ele quer o melhor para a filha e vai defendê-la com unhas e dentes, tentando afastá-la do caminho das drogas. Eu teria feito a mesma coisa por Antônio, se ele ainda existisse.

— Um espírito jamais deixa de existir — exprimiu Sandra, delicadamente —, assim como não morreu o amor que você ainda sente por ele e por Niara.

Antes que Dorian pudesse falar, Tenório e Sandra se afastaram para o lado. Da mesma forma que havia acontecido com eles, do centro da luz, materializou-se o espírito de uma criança, envolta em uma túnica branca. Aproximou-se de Dorian e sorriu, exibindo seus dentes pequeninos. Ali estava Antônio, tão lindo e querido como no dia em que ele o vira pela última vez. Nas mãos, trazia uma pena de ganso.

— Deus — pronunciar esse nome já não lhe causava nenhum sentimento controverso —, isso é uma miragem. Meu Antônio não pode estar aqui.

Mas a criança acelerou os passos e pulou para os braços do pai, que o esperava agachado. Ambos choravam e se apertavam com força, como se jamais quisessem se separar novamente. Dorian não conseguia emitir nenhuma palavra e só desejava que tudo não passasse de um mero sonho ou uma fantasia criada pela sua mente perturbada.

— Você não foi pai — manifestou-se Tenório, sorrindo. — Você continua sendo pai. Niara está encarnada há apenas vinte anos. Antes disso, o esperou em esferas mais elevadas, mas você nunca se arrependeu dos seus feitos para que pudesse ir ao encontro dela. De qualquer forma, vocês poderão ficar juntos de novo.

Dorian apenas o olhou, enquanto beijava o rosto do filho repetidas vezes.

— Após um tempo de readaptação, você estará pronto para reencarnar também. Voltará à Terra junto com Antônio. Ambos serão irmãos gêmeos, recebidos e criados com muito amor pela mamãe Niara.

Assim que Tenório terminou de explicar, Sandra acrescentou:

— Antônio quis aguardá-lo, pois sabia que um dia você voltaria para sua verdadeira casa. E, para alegrá-lo, manteve a aparência que tinha ao desencarnar.

— Mas eu não sou merecedor de tantas bênçãos — protestou Dorian, a voz embargada pela emoção. — Eu matei pessoas inocentes, revoltei-me contra Deus e fui cúmplice dos atos bárbaros de Cronos. Não é justo que eu seja recompensado depois de tudo o que fiz.

— Isso não é uma recompensa e sim o resultado do amor que você cultivou um dia — retorquiu Sandra. — Não recuse essa oportunidade de modificação que a vida está lhe oferecendo. Você tem todo o direito de ser feliz e de rever suas escolhas.

— Agora, é melhor partirmos, não acha? — convidou Tenório.

Abraçado firmemente a Antônio, Dorian estendeu a mão para ele. Sandra voltou-se quando vários outros espíritos, que estavam enjaulados e emocionados com toda aquela conversa, sentiram, pela primeira vez, uma vontade imensa de mudar o modo de vida, arrependendo-se das atitudes que os levaram até lá por comunhão de pensamentos.

Outros benfeitores que trabalhavam pelo socorro de irmãos menos favorecidos começaram a aparecer. Ao todo, mais de trinta espíritos foram socorridos ante os olhos chocados de Charles. Aquilo era um verdadeiro assalto ao estoque de criaturas torturadas que Cronos mantinha ali. E, afinal, onde ele estava que ainda não aparecera?

Banhados em luz, os espíritos desapareceram. Quando tudo silenciou, Charles percebeu que suas pernas estavam soltas outra vez. Agora, de que adiantava? Dorian fora levado junto com um imenso lote. O que Cronos diria ou faria quanto àquela baixa?

O rei de Simeon entrou nesse momento, empunhado espada e escudo. Junto com ele, seguia Alesha, Lori e Zeus, além de mais de cinquenta seres dispostos a lutar. Charles sabia que eles haviam chegado atrasados. Não havia mais pelo o que guerrilhar, e, mesmo que houvesse, de nada adiantaria. Todos ficariam

paralisados no lugar, como ele e os guardas tinham ficado, observando a ausência de muitas pessoas nas imensas gaiolas.

— Não pude impedir, alteza — justificou-se Charles, antes que Cronos trovejasse seu ódio sobre dele. — Dorian se arrependeu e foi levado. Com ele, seguiram muitos outros. — Sentindo que seu corpo astral era sacudido pelo medo, ele completou: — Castigue-me se achar necessário, pois não fiz nada para evitar que isso acontecesse.

— Xavier esteve aqui? — inquiriu Cronos, parecendo mais ameaçador do que nunca.

— Não, mas veio aquele casal, Sandra e Tenório.

— Que pena que não os encontrei a tempo. De qualquer forma, meu assunto principal é com Xavier. Os outros não me interessam.

Ele terminou de falar. Os outros lançaram olhares de especulação, mas ninguém se atreveu a fazer perguntas. Na realidade, desejavam saber o real motivo, originado no passado, que ligava Xavier, Cronos e Laguna.

— O senhor poderia me dizer qual será a minha sanção? — tornou Charles, abaixando a cabeça.

— Apesar de merecer, você não será punido. Não podia fazer muita coisa. E quero que saibam que não vou admitir novas falhas. Isso serve para todos. — Sem mais palavras, Cronos rodou nos calcanhares e retornou para seus aposentos.

CAPÍTULO 20

Geralda estava em um terrível dilema. Não conseguia se decidir sobre a cor do esmalte que aplicaria sobre as unhas das mãos. Vermelho escarlate ou rosa-choque? Independente da escolha, lamentava não poder pintar também as unhas dos pés. O gesso continuava no mesmo lugar e parecia se tornar mais incômodo a cada manhã. Ela mal via a hora de retirá-lo e voltar a caminhar pela casa com a leveza de um pardal.

Por outro lado, sua fase de “invalidez” tinha lá suas vantagens. Foi seu marido quem sempre preparou as refeições da casa, mas cabia a ela lavar, passar, limpar a casa e cuidar de outras exigências do lar. Agora, imobilizada, abrira mão de todas as suas tarefas, passando as incumbências a Orlando. Tinha tempo para ler revistas, ouvir música ou acompanhar a reprise da novela e de filmes que passavam à tarde.

Ela não culpava Melina por não ajudá-la. Sabia que todas as noites a filha retornava para casa com a mesma firmeza e lucidez de um zumbi. Às vezes, nem sequer tinha ânimo para jantar e logo se fechava em seu quarto, onde aguardava pelo próximo amanhecer.

Orlando era o marido perfeito que muitas mulheres queriam ter e não conseguiam. Não era uma criatura bonita, aliás, passava a quilômetros do terreno da beleza. Tinha poucos cabelos grudados

na cabeça e uma barriga proeminente. Porém, era um *chef* de cozinha e tinha conhecimento no preparo de uma infinidade de pratos, muitos deles internacionais. Como se não bastasse, ele era o responsável pela manutenção da casa e consertava qualquer coisa que muitos outros homens não sabiam mexer.

Ela gostava de Orlando. Podiam brigar como cão e gato, mas mantinham um vínculo afetivo bastante sólido, estruturado em mais de três décadas de casamento. No início do relacionamento, ela o amara muito, mas com o decorrer do tempo, a paixão esfriou e o amor se transformou em um companheirismo rotineiro. Havia respeito e compreensão entre eles. Para Geralda, aqueles eram os ingredientes básicos para um casamento de longa duração continuar se sustentando.

Ela estava passando o pincel sobre uma das unhas quando viu Melina subir as escadas rapidamente. Ela trazia uma sacola preta nas mãos e agiu como se não tivesse visto a mãe sentada no sofá.

— Boa tarde, Melina! Esta mulher sentada aqui ainda é a mesma que te gerou. E ela não se importaria se você a tratasse com um pouco mais de gentileza.

Melina, finalmente, fitou a mãe. Havia uma sombra indefinível escurecendo seus olhos azuis e que Geralda não conseguiu interpretar o significado.

— Mãe, poupe-me de repreensões e ironias. Estou acordada há mais de 40 horas. Tudo o que eu quero é a minha cama. Me dê um pouco de paz, por favor.

Fingindo não ter ouvido a resposta atravessada da filha, ela exibiu as unhas recém-pintadas e pegou um vidro de esmalte com

a outra mão.

— Acha que essa cor combina comigo? — indagou Geralda. — Ou essa outra é mais bonita?

— Lamento, mas não vou opinar. Você sabe que não gosto de usar esmaltes, portanto, é inútil fazer esse tipo de pergunta pra mim. — Ela olhou por cima do ombro e tornou a encarar Geralda. — O pai já chegou?

— Está no banho. Você é muito engraçada, Melina — Geralda olhou para o gesso com comiseração e reclamou: — Parece que só tem pai. Sempre pergunta por Orlando, mas nunca se interessa em saber de mim. Assim como estou viva agora, amanhã posso estar com as carnes tão geladas quanto a pele de esquimós, enterrada nas profundezas de um cemitério qualquer...

Quando Geralda tornou a erguer o olhar, percebeu que estava falando sozinha.

Melina entrou no quarto, certificou-se de ter trancado a porta duas vezes. Não queria ser surpreendida por ninguém. Fechou as cortinas, mas não totalmente, para que um pouco da claridade do fim da tarde carioca iluminasse parcialmente a penumbra do ambiente. Em seguida, despiu-se totalmente e seguiu para o banheiro, onde se atirou sob a água fria do chuveiro. Ali ficou por mais de meia hora, de olhos fechados e por pouco não dormiu. Quando terminou, enrolou-se em uma toalha e voltou para a cama.

Com dedos ávidos, ela apanhou as duas trouxinhas com o pó branco. Estava tão ansiosa para experimentar aquilo quanto uma criança no dia do passeio da escola. Tinha certeza de ter compreendido perfeitamente bem as instruções cedidas por

Coelho. Além disso, não havia muito mistério. Tudo o que ela precisava fazer era inalar aquele pó, da mesma forma que tomara todos os comprimidos de metanfetamin*a* que Edson lhe entregara.

A toalha felpuda e colorida escorregou para os seus pés. Qualquer homem perderia o juízo diante de tanta feminilidade e beleza que Melina exibia com sua nudez. Contudo, ela não pensava neles e muito menos em sexo. Só desejava usar aquilo como um repositor de energias de longa duração. Afinal, para desempenhar bem o trabalho que tanto amava fazer, tinha que ter uma disposição que fosse além de qualquer capacidade humana.

Afastou alguns produtos pessoais de sua penteadeira. Tirou um espelho retangular de uma moldura e, sobre ele, despejou um pouco do pó. Retirou o tubo de tinta de dentro de uma caneta e apanhou um cartão de crédito. Pelo o que ela entendera, aquela era toda a parafernália necessária para o ritual.

A droga não possuía nenhum cheiro específico, o que seria ainda melhor para ela. Não queria levantar nenhuma suspeita nos pais. Tinha que ser rápida e precisa. Assim, tampou uma das narinas e aproximou o outro lado do canudo de plástico formado pela caneta sem carga. Usou o cartão para fazer um montinho de pó sobre o espelho. E, no instante seguiu, inalou.

Nos primeiros segundos, nada aconteceu. Logo em seguida, sentiu que seu coração disparava num ritmo alucinante, ao mesmo tempo em que uma força nova e desconhecida irrompia de dentro dela, tornando-a forte, poderosa e destemida.

Sob o efeito da cocaína, Melina descobriu sensações ainda mais fantásticas em comparação ao que sentia quando tomava

metanfetamina. Sentiu que todo seu sono atrasado tinha desaparecido. O cansaço que assolava seu corpo não existia mais. Agora, ela tinha energia e força para aguentar outras 40 horas acordada, se fosse necessário.

Aquilo era perfeito. Como não descobrira aquela fonte mágica anteriormente? Tudo era tão perfeito, tão fascinante, que ela começou a rir. Abriu os braços e pôs-se a girar pelo quarto, enquanto erguia o rosto para o alto e explodia em gargalhadas. Tudo era tão belo, que parecia ser fantasioso. E para não deixar que todas aquelas maravilhas acabassem, ela apanhou a caneta vazia e inalou o pó outra vez.

***

Quando o domingo clareou, ela não desceu para o café da manhã. Geralda e Orlando comiam em silêncio. Ela refletia se sua cabeleireira teria condições de atendê-la em domicílio, já que as recomendações médicas exigiam que ela mantivesse repouso em casa. Achava que seus cabelos tingidos de loiro necessitavam com urgência de mãos experientes para tratá-los, e ninguém faria isso melhor do que Clarinha, a melhor e mais capacitada profissional de cabelos da Barra da Tijuca.

Já Orlando mais uma vez pensava em Melina. Sabia que algo continuava errado com ela, embora não soubesse definir o que era. Conhecia-a melhor do que a si mesmo e poderia dar a cara à tapa para provar que ela não mantinha o comportamento de sempre. Se o médico com que ela se relacionara a tivesse esquecido, ainda

havia outro fator oculto que a impelia à mudança que ela vinha apresentando.

Poderia ser excesso de cansaço, mas Orlando sabia que estaria se enganando se acreditasse nisso. E, enquanto mastigava um pedaço do pão francês, vieram-lhe à mente a conversa das duas clientes do seu restaurante:

“O Rodolfo é outra pessoa desde que passou a usar drogas. A mãe dele conta que a primeira coisa que mudou foi sua forma de agir. Ele adotou um comportamento completamente diferente do que tinha até então, o que a levou a investigar o que vinha acontecendo com o filho.”

As drogas eram a razão principal para uma pessoa modificar suas atitudes. Adotavam condutas estranhas e misteriosas. Alguns usuários, com o decorrer do tempo, podiam se tornar agressivos e autoritários. Orlando não conhecia ninguém que tivesse, na família, um dependente de narcóticos, mas imaginava como seria uma situação difícil e desesperadora para aqueles que viam seus entes queridos se autodestruírem pouco a pouco.

Estava tão imerso em suas divagações que nem ouvia os comentários da esposa.

— Já basta Melina, que vem me ignorando, agora você também vai se fazer de surdo?

— Estava distraído.

— Logo percebi. Eu aqui falando de um assunto importante, e você com a cabeça no mundo da lua, pensando sabe-se lá no quê ou em quem.

Como Orlando era um homem sensato, achou que não valeria a pena se estressar em uma manhã dominical, principalmente durante o café. Por isso, considerou:

— Acho que estou ficando esgotado que nem Melina. Tenho trabalhado bastante no restaurante e isso está me deixando um pouco aéreo.

— Se a sua carga de trabalho está maior, trate de pedir aumento. — Ela passou a faca na geleia e a deslizou sobre uma fatia de pão integral. — Frederico, seu patrão, é um homem muito astuto. Se você bobear, ele monta. Não é porque não estou lá que não conheço o tipo.

— Frederico é um homem justo — defendeu Orlando. — Não é à toa que estou trabalhando com ele há mais de 15 anos. Aliás, qual era o assunto tão importante que você queria me falar?

— Acha que se eu chamar, Clarinha virá cuidar dos meus cabelos aqui em casa?

— Se esse era o assunto importante, não quero nem pensar quando você começar a falar bobagens — dizendo isso, ele passou o guardanapo pelos lábios, num claro sinal de que já tinha terminado sua refeição.

— É fácil me criticar, não? Olha esse gesso no meu pé. Não sabe o quanto isso pesa. Pensa que é fácil passar dias e noites enfurnada nesta casa?

— Não queira me convencer de que não está gostando dessa situação. — O tom de zombaria na voz de Orlando era frio e cortante. — Você deixou de fazer o pouco que fazia antes, que era desempenhar seu papel de dona de casa.

— Em outras palavras, você está querendo dizer que eu era sua empregada.

— Você não trabalhava pra mim e sim para nossa casa. Se quisermos morar em um ambiente limpo e agradável, penso que devemos zelar pela sua manutenção.

— Só porque sofri um acidente não significa que estamos morando num ninho de bactérias e entulhos — rebateu Geralda, sentindo-se indignada. — E se você tem trabalhado mais do que está aguentando, a ponto de nem ouvir o que estou falando, trate de pedir reajuste no seu salário. Assim, com esse dinheiro extra que entrar, você contrata uma diarista para deixar tudo brilhando.

Aquela discussão já estava se estendendo mais do que Orlando gostaria. Ele se levantou da mesa e jogou o guardanapo sobre o prato, com raiva.

— Não pense que vou tirar a mesa, meu bem. Sou uma mulher aleijada.

— Não estou ouvindo esse absurdo. — Cada vez mais furioso, ele sentiu o rosto corar de irritação. — Você deveria bater na boca ao dizer uma besteira dessas. Um tornozelo quebrado não a torna uma deficiente. Você é uma mulher preguiçosa, que sempre gostou de frequentar salões de beleza, *shoppings* centers e as casas de suas amigas igualmente desocupadas. Agradeço a Deus por Melina não ter herdado sua ociosidade, pois, do contrário, seria outra inútil. Em seu corpo, Geralda, a única coisa deficiente é seu cérebro.

Orlando rodou nos calcanhares sem esperar por resposta. Geralda estava perplexa, mas ainda pôde ouvi-lo falar a distância:

— A mesa é por sua conta. Se não quiser tirar, vai almoçar com o prato na mão.

Depois que ele se afastou, ela olhou para as guloseimas sobre a mesa, percebendo que todo seu apetite tinha desaparecido. O marido nunca lhe falara naquele tom, mesmo quando ela se esforçava para tirá-lo do sério. Talvez tivesse sido exageradamente arrogante, mas pressentiu que havia algo mais por trás daquilo.

Ele andava com os pensamentos distantes e sempre evitava ficar por muito tempo ao lado dela. Quando se deitavam, ele logo fechava os olhos e adormecia, ou pelo menos fingia ter dormido para não conversar com ela. Para Geralda, tudo aquilo só podia indicar uma coisa: Orlando tinha uma amante. Se fosse isso, ela daria um jeito de descobrir a identidade da outra. Não estava disposta a permitir que uma vagabunda qualquer pusesse fim a um relacionamento que já durava mais de 30 anos.

***

Orlando seguiu para o quarto da filha. Geralda estava mais chata a cada dia que passava, e ele já não tinha a menor paciência para aturá-la. Enquanto não estivesse seguro de que Melina estava bem, não daria ouvidos às reclamações infrutíferas da esposa.

Bateu à porta, mas ela só foi aberta na quarta batida. Melina estava com o rosto inchado de sono, os cabelos em desalinho e os olhos avermelhados. Orlando a fitou por alguns segundos, sem conseguir articular nenhuma palavra. Jamais vira a filha com aquela aparência e, instantaneamente, imaginou que ela estivesse doente.

— Bom dia, filha. O que aconteceu? Você está bem?

— Sou eu que faço essas perguntas. — Ela esfregou os olhos como se tentasse afugentar o sono. — Para você ter vindo aqui me acordar, sabendo que eu mereço muitas horas de descanso, é porque algo grave deve estar acontecendo.

Sem responder, Orlando tentou entrar no quarto, mas Melina o deteve com o braço, impedindo-o de passar.

— O que significa isso, Melina? Por que não quer que eu entre?

— Porque eu vou voltar a dormir e quero que a minha privacidade seja respeitada.

— Não sei o que está havendo com você, mas eu vou descobrir — e num gesto rápido, Orlando empurrou o braço dela para trás e entrou no quarto.

Ele olhou tudo de um lado a outro, tentando perceber, no primeiro olhar, algo diferente. Tudo o que viu, porém, foi o mesmo quarto no qual entrara por muitas vezes para dar um beijo na filha ou simplesmente para perguntar se ela estava bem.

— Achou que eu tivesse trazido um homem pra cá? — tornou Melina, ríspida.

— Não... não achei nada. — Ele ainda esquadrinhou o quarto mais uma vez antes de virar as costas e caminhar até a porta. — No fundo, sou um velho tolo e levemente caduco.

Ao contrário do que ele esperava, Melina não sorriu e não retrucou com nenhuma piada engraçada. Simplesmente continuou encarando-o, esperando que ele saísse.

— Melina, só quero lhe fazer um único pedido. Quero que você me prometa que sempre, em qualquer circunstância, vai confiar em

seu pai. Sabe que pra mim não existe nada mais importante no mundo do que você. Eu a amo, minha querida.

Foi tão rápido como o clarear de um relâmpago, mas Orlando viu, através dos olhos azuis de Melina, um brilho de angústia, como um pedido mudo de socorro. Ela continuava impassível, mas seus olhos denunciavam o que ela realmente estava sentindo e que não se sentia encorajada a falar. Naquele momento, ele teve suas dúvidas confirmadas. Ela estava enfrentando sérios problemas, mas preferia mantê-los em segredo. E ele, por amor a ela, daria a própria vida se fosse preciso para ajudá-la.

CAPÍTULO 21

Melina evitou sair do quarto durante todo o domingo. Ao longo do dia, experimentou o pó mais duas vezes e tornou a inalá-lo à noite, antes de se deitar. Escondia a droga dentro de uma de suas botas de cano alto, pois sabia que o pai já estava farejando algo novo no ar. Precisava continuar fingindo que tudo estava exatamente como antes e, apesar de amar Orlando, ela jamais lhe diria a verdade.

Na segunda-feira, partiu no horário costumeiro para o consultório. Colocou o carro no estacionamento subterrâneo do edifício e, assim que saltou do veículo, foi puxada pelo braço esquerdo com tanta violência que alguns ossos chegaram a estalar.

— Ninguém brinca comigo, sua ordinária — rosnou Edson, cravando os dedos no braço dela da mesma forma que fizera na vez anterior, quando Orlando o atacou.

— Eu já estou cansada de você, Edson — reagiu Melina, falando bem alto, quase aos berros. — Já disse que nós não temos nada um com o outro, seu ignorante.

— Eu quero você, sua vadia gostosa. Nós ainda temos muitas coisas para fazer juntos. — Sob o efeito de duas pílulas de metanfetamina que ingerira havia poucos minutos, Edson a empurrou com violência sobre o carro, enquanto tentava despi-la.

— Basta se deitar no chão para eu possui-la. Aqui é bem escuro, ninguém nem vai perceber.

Ela revidou com mordidas e unhadas, mas isso pareceu deixar Edson ainda mais excitado. Ele rasgou a blusa branca que ela usava com a mesma facilidade de quem arranca a capa de um caderno. Quando viu os seios firmes e macios, seu desejo se tornou quase insuportável. Enlouqueceria se não a possuísse ali mesmo.

Melina gritava, mas não foi ouvida. Implorou para que alguém chegasse de carro, mas o único som audível era a respiração ofegante de Edson, que abria o zíper da própria calça. Ela cravou as unhas pelo rosto dele, criando sulcos profundos e avermelhados, mas nem isso foi o suficiente para contê-lo. Quando ela tentou feri-lo outra vez, Edson conseguiu abaixar a calça dela.

As luzes dianteiras de um carro iluminaram uma das paredes da garagem. Melina intensificou os gritos, sentindo as mãos de Edson afastarem suas pernas. Vozes femininas foram ouvidas, mais gritos e, pouco depois, sons de passos pesados correndo na direção deles.

Edson foi arrancado de cima de Melina no instante em que ia estuprá-la. Outro segurança cobriu a nudez dela com o próprio paletó. Melina não conseguia conter as lágrimas, não por vergonha, medo ou constrangimento, mas sim por julgar-se culpada por ter permitido que a loucura de Edson por sexo chegasse àquele ponto. Ela lhe dera liberdade quando estava interessada. Achava que aquilo era simplesmente um retorno de seus atos.

As duas médicas, que presenciaram a cena de horror e que correram para chamar os seguranças do hospital, estavam paralisadas a um canto. Uma delas estava pálida, enquanto a outra chorava mansinho. Conheciam Melina e Edson e fariam um Boletim de Ocorrência contra ele, mesmo que não fizessem a menor ideia do que teria acontecido para levar um profissional da saúde a cometer algo tão vulgar e repulsivo contra uma colega.

Aloísio, um dos diretores do hospital, estava em sua sala quando a secretária interfonou para falar sobre o ocorrido. Imediatamente, ele se recordou de quando outro médico, Rubens, viera fazer uma denúncia sobre Edson e Melina. Rubens garantira ter ouvido o médico acusar Melina de ser drogada. Ele até chegara a iniciar uma investigação sobre os dois, mas não levou o caso muito longe, pois eles continuavam desempenhando bem seus respectivos trabalhos, e não havia nenhuma reclamação dos pacientes contra eles.

Mas uma tentativa de estupro dentro do estacionamento do hospital já era demais. Se aquela notícia se espalhasse, o nome da instituição seria manchado. A imprensa cairia sobre ele como um cardume de piranhas. E os pacientes poderiam perder a confiança na instituição. O caso deveria ser direcionado ao Conselho Regional de Medicina. Ambos os médicos, provavelmente, perderiam o direito de clinicar após serem cassados.

— Onde estão a doutora Melina e o doutor Edson? — ele questionou à secretária.

— Ainda estão lá embaixo. O Cássio, chefe da segurança, informou que o doutor Edson está praticamente descontrolado,

ofendendo a todos com palavreado grosseiro. Já a doutora Melina, está em estado de choque. Não para de chorar.

— Peça aos seguranças que os acompanhem até minha sala — ordenou Aloísio. — Vou colocar um fim nessa história antes que se torne prejudicial a nós mesmos.

Minutos depois, Edson e Melina entraram na sala de Aloísio, amparados por homens de ombros tão largos quanto a dianteira de um ônibus. Edson estava com o rosto vermelho, tanto pela raiva por ter suas intenções frustradas quanto pelos arranhões deixados por Melina. Ela continuava pálida e trêmula, as lágrimas descendo num fluxo contínuo. Mal conseguia encarar o superior.

— Já estou sabendo o que aconteceu, portanto, não vou perder tempo ouvindo explicações — informou Aloísio. Vendo que um dos seguranças continuava segurando Edson, ele pediu: — Pode soltá-lo. Acho que sua insanidade não vai chegar a ponto de tentar me atacar aqui, diante de todos.

O homem soltou Edson e o empurrou para frente, sem muita força. Aloísio o encarou com uma expressão de fúria incontida nos olhos.

— O que pretendia fazer, doutor Edson? Queria violentar uma colega dentro de nossa instituição? Não é a primeira vez que vocês dois me causam problemas.

Como ninguém respondeu, Aloísio continuou num tom mais autoritário:

— Vocês não são crianças, pelo o amor de Deus. Onde já se viu, doutor Edson, agindo como um marginal. — Fitando Melina, ele nem sequer perguntou se ela estava bem ou se precisava de

alguma coisa. Preferiu acusá-la: — Quanto a você, doutora, já fui informado de que o doutor Edson a acusou de ser uma usuária de metanfetamina.

O rosto de Melina, que já estava branco, assumiu uma palidez fantasmagórica. Precisou apoiar a mão no braço de um dos seguranças ou teria caído ali mesmo.

— Quero uma resposta, doutora. Por que o doutor Edson disse isso? Qual a relação que vocês mantêm ou mantiveram dentro ou fora do hospital?

No astral, parados ao lado de Aloísio, estavam Zeus e Charles. Os espíritos recitavam ordens para o diretor e se regozijavam de satisfação por ver que ele estava agindo exatamente como eles queriam, embora não percebesse a presença deles.

— Eu não sei do que o senhor está falando — reagiu Melina. — Esse homem é um louco. Como pode dar crédito às infâmias que ele diz? Por pouco não fui abusada sexualmente por ele. Acha que uma pessoa assim é confiável?

— Quem não é confiável é você — revidou Edson, passando as mãos pelo rosto ferido. — Por que não conta ao doutor Aloísio a verdade? Por que não diz que você foi pra cama comigo em troca de alguns comprimidos de metanfetamina?

Melina balançou a cabeça negativamente, enquanto desabava num pranto profundo. Em poucos segundos, todo seu mundo estava ruindo. Edson estava tentando derrubá-la, exatamente como tinha prometido que faria.

— O que está dizendo? — questionou Aloísio, empalidecendo também. Aquilo era o maior disparate que ele já ouvira em toda a

sua carreira.

— Eu não vou negar que uso metanfetamina. Se o senhor quer saber, eu tomei duas pílulas agora há pouco, antes de vir pra cá. Elas me fazem bem, me tornam mais forte e capacitado. Melina também já usou. É tão viciada quanto eu. O problema é que depois de ter conseguido o que queria, ela passou a me evitar. E isso eu não aceito. Não sou descartável e muito menos um joguete nas mãos de uma cretina como ela. Se não quer fazer sexo comigo por bem, então vai fazer por mal. Ninguém dá muito importância aos que os drogados costumam fazer, não é mesmo?

Havia o esboço de um sorriso cínico nos lábios de Edson. Tudo já estava perdido, mas não cairia sozinho. Arrastaria Melina até as profundezas mais sombrias em que estivesse. Ela era tão culpada quanto ele, se Aloísio estivesse à procura de culpados.

Edson esticou o braço esquerdo e bateu em uma das veias com dois dedos.

— Faça um exame de sangue em mim, doutor Aloísio, e verá o componente químico da metanfetamina correndo em minhas veias. Se não está acreditando em minhas palavras, peça um exame médico a ela também. Se Melina tomou as pílulas, como sei que deve ter tomado, provavelmente ainda terá vestígios da droga em sua corrente sanguínea.

— O que a senhora me diz a respeito disso, doutora? — inquiriu Aloísio, cada vez mais indignado e enraivecido. — Nega as acusações de seu colega? Vai permitir que uma amostra do seu sangue seja coletada para alguns exames?

Zeus caminhou alguns passos e parou bem atrás dela. Esticou ambas as mãos e começou a movimentá-la de baixo para cima, como se estivesse aplicando um passe energético. Na verdade, o que ele estava fazendo era impregnando o corpo físico e astral de Melina com energias tão condensadas e inferiores que ela quase sentiu falta de ar.

Sabia que se eles examinassem seu sangue, não encontrariam resíduos de metanfetamina, mas sim de cocaína. Ela tinha aspirado o pó momentos antes de adormecer, na noite anterior. Ainda era possível que seu sangue continuasse impregnado pelas substâncias. Sentindo-se cada vez mais esgotada, tanto por ter sido exposta por Edson quanto pela influência negativa de Zeus, ela deu de ombros. Queria entregar os pontos e acabar com aquilo de uma vez.

— Sei que errei, doutor Aloísio. Estou profundamente arrependida. Garanto ao senhor que jamais coloquei a saúde dos meus pacientes em risco. Nunca experimentei drogas durante o meu horário de expediente.

— Está dizendo isso para tentar minimizar a sua responsabilidade? — censurou Aloísio. Ele estava quase gritando, pois não conseguia controlar a revolta que sentia. — Vocês são dois inconsequentes, que envergonham a classe médica. Veja o perigo que os pacientes correram ao serem consultados por dois profissionais drogados. Aliás, o termo profissional não serve para nenhum de vocês.

Melina cobriu a boca com as mãos, tremendo convulsivamente. O rosto estava lavado de lágrimas, mas aquilo jamais convenceria

Aloísio a mudar de ideia.

— Vocês traíram minha confiança e a das pessoas que juraram um dia zelar pela saúde. A partir desse momento, a carreira de ambos estará arruinada. Vou cuidar pessoalmente para que não consigam outros empregos em instituições relacionadas à medicina. E se tiverem outros empregos, estejam certos de que serão demitidos. Terão seus registros cassados e suspensos.

A onda de ódio que assolava Aloísio vinha muito mais de Charles do que dele mesmo. Estava tão colérico, que se esforçou para não agredi-los. Só não o fez para não se prejudicar. Se alguém tinha que pagar, seriam aqueles desgraçados à sua frente.

Pela primeira vez, Melina temeu pelo seu futuro. Aloísio, se quisesse, poderia abrir um processo contra ela, ou simplesmente denunciá-la à polícia. Sabia de outros casos envolvendo médicos que resultaram em prisão. O menor dos males seria a demissão por justa causa. Desejou ardentemente que Aloísio fizesse isso.

Aloísio continuou descarregando sua ira durante mais de 20 minutos. Edson o encarava com ar de mofa, como se não estivesse realmente muito preocupado com o futuro. Melina, por entre as lágrimas, mal conseguia colocar os pensamentos em ordem. Finalmente, o diretor afirmou o que já estava óbvio: ambos estavam demitidos por justa causa. Tinham meia hora para passar por seus consultórios e retirar todos os seus pertences, sempre sob a vigilância dos seguranças.

Melina estava arrasada quando deixou a sala da diretoria. Dois seguranças a seguiram enquanto ela retornava para o elevador e saltava no andar em que ficava seu consultório.

Dione veio recebê-la com um imenso sorriso nos lábios, indicando três casais que aguardavam no banco de espera, com seus filhos.

— Bom dia, doutora! Estava ficando preocupada, pois a senhora não falou que ia se atrasar e que...

Ela deixou a frase inacabada quando fitou melhor o rosto de sua chefe e notou que os olhos dela estavam inchados e avermelhados pelo choro.

— Sangue de Jesus tem poder! — exclamou Dione, assustada. — O que houve, doutora? A senhora está muito pálida.

— Por gentileza, Dione, dispense as consultas — sussurrou Melina. — Diga aos pacientes que surgiu um imprevisto e que não poderei atendê-los. Depois que eles partirem, vá até minha sala.

Melina passou pela secretária de cabeça baixa, evitando olhar para as pessoas que esperavam por ela. Em menos de dez minutos, Dione bateu na porta da sala onde ela realizava os atendimentos.

— Posso entrar? Eles já foram embora.

Dione levou a mão ao peito ao notar que Melina estava colocando todas as suas coisas em duas sacolas de plástico. Percebeu que ela tinha recomeçado a chorar.

— Doutora, é algum problema em casa? Os seus pais estão bem?

— O problema é comigo, Dione. Não trabalho mais aqui. Em breve, vão colocar outra pessoa em meu lugar. — Vendo que a secretária ia fazer mais perguntas, Melina estendeu a mão aberta,

interrompendo-a. — Por favor, não me pergunte mais nada. Tive um desentendimento muito sério com a diretoria do hospital.

— Mas a senhora é uma mulher tão gentil e educada. Todos a apreciam muito. O que poderia ter causado essa discussão entre a senhora e eles?

— Não quero falar sobre isso.

Angustiada, Dione viu-se obrigada a se calar. Adorava Melina e não sabia se continuaria trabalhando no consultório depois que ela se fosse. Não fazia a menor ideia do que teria acontecido para que ela saísse praticamente às pressas.

Houve outra batida na porta, e Dione foi abrir. Deparou com os dois seguranças, que a olharam fixamente.

— A doutora Melina já terminou de arrumar as coisas dela?

— Oh, Deus, o que está acontecendo aqui? Por que estão esperando minha chefe?

— Eu estou aqui — anunciou Melina, segurando as sacolas plásticas. — Vocês podem deixar meu computador separado, pois vou pedir para Dione entregar ainda hoje, na minha casa.

— Ninguém me explica nada — tornou Dione, à beira das lágrimas. — Esses homens estão a acompanhando como se a senhora fosse uma ladra. Não entendo...

— Posso garantir que não roubei nada de ninguém. — Melina aproximou-se de Dione e beijou o rosto dela com carinho. — Obrigada por tudo, minha querida. Sei que nunca terei outra secretária tão especial quanto você.

Dizendo isso, Melina partiu com os seguranças. Dione finalmente tinha se rendido ao pranto. Melina estava saindo como

se fugisse de alguma coisa. Ela abriu a porta do consultório e saiu para o corredor a tempo de ver Edson deixando o consultório dele com uma caixa de papelão nos braços. Sua secretária também parecia tão perplexa quanto ela, e havia outros dois seguranças ao lado dele.

Aturdida, Dione voltou ao consultório. Fez uma oração pedindo proteção para Melina, ainda sem ter a menor noção do que tinha acontecido. Abriu a gaveta de sua mesa e pegou a agenda. O pai dela tinha lhe pedido que o comunicasse caso notasse alguma mudança no comportamento de Melina. Quem sabe ele pudesse lhe explicar o que realmente estava acontecendo.

Em sua casa, Orlando estava se preparando para sair quando o telefone tocou. Olhou para Geralda, que o encarava com expressão carrancuda. A esposa não estava conversando com ele desde a discussão do dia anterior. Certa de que Orlando tinha uma amante, Geralda decidiu que só falaria com ele sobre o que fosse estritamente necessário.

— Alô? — ele atendeu.

— Seu Orlando, aqui é Dione, a secretária da doutora Melina.

— Olá, como você está?

Geralda apurou os ouvidos, tentando prestar atenção à conversa. Será que a amante teria a desfaçatez de lhe telefonar em casa?

— Muito mal, seu Orlando. — Ele pôde notar que a secretária estava chorando. — A doutora Melina foi embora...

— Como assim, foi embora? — indagou Orlando. Subitamente, todos os seus sentidos ficaram em alerta.

— Ela chegou atrasada. Estava tremendo, chorosa e um pouco nervosa. Dispensou os pacientes e começou a recolher todos os seus pertences. Disse que se desentendeu com a diretoria do hospital. Acho que ela foi demitida.

O coração de Orlando começou a bater em ritmo acelerado.

— E onde ela está agora?

— Foi embora. Sabe o que é mais estranho? Havia seguranças esperando por ela, como se a doutora fosse uma bandida que precisasse ser vigiada. Logo depois que ela saiu, eu fui até o corredor e vi que o doutor Edson estava saindo, com uma caixa nos braços. Parecia que também estava indo embora. Seja lá o que aconteceu, envolveu os dois.

Ao ouvir aquele nome, Orlando soube que não havia mais dúvidas. Se Melina tinha sido despedida, a culpa era daquele médico infeliz.

— Vou conversar com a secretária do doutor Edson. Quem sabe ela tenha mais informações do que eu. Assim que souber de qualquer coisa, comunico o senhor. E espero que faça o mesmo por mim, pois estou muito inquieta e preocupada.

— Pode deixar. Muito obrigado por ter ligado.

Orlando desligou, os pensamentos em turbilhão. Geralda, cada vez mais curiosa, foi obrigada a quebrar o muro de gelo que tinha levantado em torno de si mesma.

— Quem era?

— Parece que Melina foi demitida.

Ele esperou que Geralda fosse ficar tão nervosa quanto ele estava ficando. Em vez disso, deu de ombros e retrucou:

— Ela ainda tem o outro emprego, lá naquela favela. É melhor do que nada. E se a situação apertar, você terá que dar conta do recado, querido. Já falei para pedir aumento ao seu patrão.

— Se a situação apertar, você vai ter que arrumar um emprego.

— O quê? — Sentindo-se insultada, Geralda se apoiou nas muletas e se levantou. — Já estou com mais de 50 anos. Não tenho mais idade para trabalhar. E depois, sofri uma fratura no tornozelo. Depois que o gesso for retirado, ainda preciso ficar muitos meses sem forçar o pé. Neste ano, não posso fazer mais nada.

— Considerando que ainda estamos em março, você vai continuar mergulhada na preguiça por um longo tempo. Sua idade não é impedimento para trabalhar. Sabe, Geralda, estou me cansando dessa situação.

— Está se cansando de mim?

— Você não percebe o quanto está sendo maçante. Nunca se preocupa com sua filha. Nem sequer cogitou o motivo que levou Melina à demissão.

— Alguma ela aprontou.

— Nossa filha não apronta nada, você sabe bem disso. Ela tem 30 anos e uma cabeça madura. Não faria qualquer bobagem para prejudicar a si mesma.

— Já que você sabe de tudo, por que não vai descobrir o que houve?

Ele ia responder àquela pergunta com grosseria quando resolveu se calar. Não ia entrar na mesma frequência de pensamentos que a esposa. Instantes depois, ouviu ruídos na

porta. Melina entrou segurando as sacolas. Encarou o pai por um breve instante antes de irromper em uma nova crise de choro.

Mesmo querendo fazer um milhão de perguntas, Orlando se conteve. Abraçou Melina com força. Ela retribuiu, puxando-o para mais perto de si. Percebeu que o final de todos os caminhos por onde passava levavam a um só lugar: o coração de seu pai.

CAPÍTULO 22

Mais do que doloroso, foi vergonhoso e humilhante contar ao pai que havia sido demitida do hospital. Entretanto, Melina não revelou a verdade na íntegra. Falou sobre a tentativa frustrada de estupro por parte de Edson e que ele a acusou, perante o diretor, de manter um relacionamento amoroso.

— Ele disse que nós mantínhamos um romance, mas que eu o evitava diante dos outros. Não contente em ficar comigo quando eu desejasse, resolveu agir dessa maneira para me punir. Ameaçou fazer um escândalo na mídia se eu continuasse trabalhando no hospital. O doutor Aloísio, que é um dos diretores, para evitar polêmica, julgou que o melhor seria nos demitir.

— E por que você não fez um Boletim de Ocorrência contra esse médico?

Melina quase respondeu que não desejava envolver a polícia em seus assuntos. Temia que, de alguma forma, notassem sua dependência em substâncias ilícitas.

— Acho que seria pior. Se Edson tomasse conhecimento disso, poderia fazer comigo mais do que uma violência íntima.

— E por que vocês não cumpriram aviso prévio? — Você não pode temê-lo. Precisa fazer alguma coisa.

— Acredito que eu já tenha me livrado dele, pai. É melhor deixar como está.

— E sobre o emprego? Você não vai cumprir aviso prévio?

— Fomos dispensados do aviso — mentiu Melina. — Ele queria se ver livre de nós o quanto antes. Mandou que pegássemos nossos pertences pessoais no consultório e que voltássemos para casa. O pessoal do RH vai telefonar comunicando a data da homologação.

— Dione me contou que havia seguranças acompanhando vocês — contrapôs Orlando. — Por que isso aconteceu?

Melina estremeceu. Não imaginava que Dione fosse fofoqueira. Novamente foi obrigada a colocar a mente, que ansiava pela cocaína, para funcionar.

— Porque temia que Edson tentasse me atacar outra vez. Eu fui seguida pelos seguranças até aqui em casa. Na realidade, eles não fizeram isso pensando no meu bem-estar, mas sim em preservar o nome do hospital.

— Eu sempre soube que seu namoro com aquele homem nos traria problemas.

— Nunca mais vou voltar a vê-lo — garantiu Melina. — Eu prometo.

Geralda, que se mantivera calada até então, interveio:

— Pelo menos você continua trabalhando no hospital, atendendo às criancinhas carentes.

Orlando a fuzilou com os olhos. Melina fez um esforço para sorrir. Como diria aos pais que jamais voltaria a trabalhar num hospital? Como explicar que seu currículo fora enodoado ao confessar ser usuária de uma droga ilícita? Como esclarecer que

desonrara tudo aquilo em que acreditava, sujando seu diploma para sempre?

— Depois disso, nem sei se vou querer continuar trabalhando lá na comunidade.

— E por que não? — espantou-se Orlando. — Não dê ouvidos aos comentários preconceituosos de sua mãe. Sabe que a língua dela tem a mesma dimensão que a Ponte Rio-Niterói.

— Será que eu estava sob efeito de alguma hipnose alienígena quando aceitei me casar com você, Orlando?

— Não briguem, por favor. De qualquer forma, eu já decidi. Não vou voltar ao outro hospital. Nunca tirei férias, portanto, acho justo passar um período descansando, viajando, ou aproveitando a vida. Depois, vou atrás de outra coisa.

Orlando não estava gostando nem um pouco daquela conversa. Reconhecia que sua filha andava muito cansada, necessitando realmente descansar. Só não a queria completamente ociosa, ou terminaria como Geralda, amontoada sobre o sofá, reclamando até da cor do céu.

Melina foi para seu quarto enquanto Orlando telefonava para o restaurante, justificando o atraso ao patrão. Teve vontade de não ir trabalhar e ficar com a filha, mas não gostava de perder um dia de serviço. Mesmo relutante, ele saiu de casa pouco depois.

***

Como sempre acontecia, Cronos esperou pacientemente que Charles e Zeus terminassem o relatório verbal. Contaram que

Edson e Melina haviam sido demitidos, e que ela voltara para casa completamente destruída.

— Isso é ótimo — aprovou Cronos. — Sem emprego, Laguna vai consumir drogas com uma frequência cada vez maior. Seu vício vai aumentar, e, quando ela ficar sem dinheiro, vai passar a vender tudo o que possuir de valor.

— É o que sempre acontece com os viciados — ressaltou Charles.

— Sim, é. Até agora, Laguna tem reagido exatamente como eu esperava. Só não estou completamente satisfeito.

Charles e Zeus trocaram um rápido olhar, que não passou despercebido ao rei.

— Não estou me referindo a vocês. Gosto da forma como trabalham. Demonstram muito mais competência do que o crápula do Dorian, que não tem feito a menor falta desde que foi levado pelos tolos que compõem o grupo de Xavier. O que não está me agradando é a ameaça que continua pairando sobre meus planos.

— Refere-se à atuação de Xavier, majestade? — indagou Charles.

— Isso também, mas a minha conversa com ele é outra. Essa ameaça está mais próxima de Laguna. Estou falando do velho.

— Com todo o respeito, alteza — interveio Zeus —, sei que não devo me intrometer em sua conversa sem ser convidado, mas quero justificar o motivo de não termos conseguido conter Orlando. Ele emana energias fortíssimas de amor, e isso nos repele. A casa continua protegida por uma redoma de força e de luz, que também não permite nossa aproximação.

— Já sei de tudo isso. Eu tinha ordenado que vocês influenciassem algum marginal para assaltar o velho, agredi-lo ou matá-lo, mas nada foi feito. Quero saber o motivo.

— Ele realmente é um estorvo, mas pensamos que a nossa concentração deveria estar o tempo todo em Laguna. Afinal, é o espírito dela que o senhor almeja.

Os olhos de Cronos cintilaram. Sim, aquilo era o que ele mais desejava. Não era segredo para seus súditos a ânsia com que ele aguardava pelo desencarne de Laguna.

— Muito bem. A próxima tarefa de vocês é eliminar o velhote. Enquanto se dedicam a isso, vou designar outra pessoa para acompanhar os passos de Laguna.

— Nós conhecemos?

— Sim. Lori irá à Terra. Ela ficará encarregada de forçar Laguna a usar a droga. Dará início a um processo de obsessão, que funcionará 24 horas por dia. Antes disso, pretendo me encontrar com ela.

— Com Laguna? — sondou Charles.

— Exatamente. Até agora consegui controlar a minha curiosidade de vê-la, mas decidi promover um breve reencontro. Quero conversar com ela durante seu sono.

— Mas majestade, é impossível aproximar-se da casa. Ou será que seu poder é suficiente para destruir a barreira energética que circunda o local?

Cronos não quis dizer que não possuía poder algum para romper a energia criada pelas forças do bem. Todavia, para não

ficar desmoralizado perante seus homens, deu de ombros, respondendo:

— A casa só está protegida por causa dos bons pensamentos do velho. Se ele passar por uma recaída, por menor que seja, vai perder essa força. Para isso, basta que ele sinta raiva, amargura ou revolta. Já sabemos que a esposa não serve pra nada, portanto, temos que atuar sobre ele. Se um ladrão o assaltar, ou o ferir, ele pode baixar a guarda. Quando isso acontecer, Xavier não conseguirá evitar nosso acesso e conquistaremos o espaço novamente. E, então, finalmente poderei falar com minha Laguna, olhar em seus olhos, sentir suas energias.

Charles e Zeus nada disseram. Simplesmente, balançaram a cabeça em concordância com os objetivos do espírito que comandava a cidade astral Simeon.

***

Alesha se encontrou com Lori em um dos corredores estreitos e semiescuros do castelo, cuja única claridade era proveniente das tochas fincadas nas paredes. Os espíritos das duas mulheres se confrontaram por um momento até Alesha informar:

— Cronos quer que você fique próxima de Laguna. Deverá voltar à Terra nas próximas horas.

— Por quê? O que ele espera que eu faça?

— Vai influenciá-la para que consuma drogas com um intervalo de tempo cada vez menor. Eu ficaria feliz se precisasse desempenhar essa tarefa.

— Então, por que você não vai?

Sentindo-se afrontada, Alesha desferiu um tapa contra o rosto de Lori. A outra esfregou o local atingido, mas não tentou revidar.

— Isso é pela sua insolência. Sou a amante do rei, portanto, quero ser tão respeitada quanto ele é. Abuse da minha paciência e darei um jeito de colocá-la em uma das gaiolas.

— Foi você quem ouviu a minha conversa com Dorian e informou Cronos, não é?

— Fui eu sim, e daí? É bom que não continue pensando que pode traí-lo. Cronos tem muito mais experiência do que você, em todos os quesitos. Além disso, tem muitas pessoas o auxiliando, e eu sou uma delas. Desde que ele determinou que você fosse minha criada pessoal, tenho evitado que seja castigada. Entretanto, se você me irritar, vai se tornar meu próximo brinquedo na câmara de tortura.

Lori baixou o olhar para que Alesha não visse o clarão lampejante de ódio que ela exibiu.

— Eu entendi.

— E quero ser chamada de senhora a partir de agora. Fui clara?

— Sim, senhora.

Alesha sorriu friamente. A cada minuto adorava mais a ideia de ditar ordens para Lori. Aquele espírito ingênuo ainda a faria se divertir, por muitas vezes.

Alesha mantinha a mesma aparência da última encarnação. Os olhos eram grandes, verdes e expressivos e o rosto claro e oval. Seus cabelos dourados tocavam em sua cintura fina e provocante. Desencarnara com menos de trinta anos e continuava exibindo

essa idade. Nunca fora uma criatura bondosa, mas conseguira se tornar muito pior após despertar no astral inferior e entrar para a falange de Cronos.

A melhor coisa que lhe aconteceu foi ter atraído a atenção dele. Cronos não era um espírito que gostava de se divertir com outras mulheres, mesmo porque sempre acreditou na teoria de despertar o amor de Laguna por ele. Todavia, Alesha era linda e sensual, e os dois se uniam para desfrutar das prazerosas energias emanadas pelo sexo.

Tornar-se a única amante de um espírito líder era um verdadeiro privilégio. Graças a isso, ela desfrutava de alguns privilégios que muitos outros não tinham. O primeiro era o contato mais próximo com Cronos. Depois, tinha autorização para castigar espíritos quando bem entendesse, o que a deixava extasiada. Apesar de nunca ter sido intitulada, Alesha se considerava a rainha de Simeon. Sabia que só não conquistaria esse posto porque Cronos o reservava para Laguna.

Assim como os outros, ela também achava que os planos do rei eram infundados. Ele jamais conseguiria fazer com que a amada se apaixonasse por ele, principalmente sob torturas e ofensas. Se não obtivera êxito em todos os anos em que a mantivera prisioneira, não seria diferente dessa vez. Para Alesha, era até bom que fosse assim. Quem sabe ele acabasse desistindo de Laguna e a reconhecesse como sua esposa, tornando-a chefa suprema daquela cidade.

***

Aloísio cumpriu com sua promessa, e a diretoria do hospital da comunidade informou que Melina também fora demitida de lá. Eles sabiam que perderiam uma excelente profissional, pois necessitavam de novos médicos pediatras e não podiam se dar ao luxo de afastar a única que tinham. Por outro lado, os comentários de Aloísio, nome de destaque na área médica, foram convincentes. Não queriam na equipe uma médica que também era usuária de drogas. Além disso, ele havia repassado o caso ao Conselho Regional de Medicina para as devidas providências.

Ela continuou consumindo cocaína, com intervalos cada vez menores. Se antes pretextava sentir os efeitos da droga para amenizar o cansaço infligido pela longa jornada de trabalho, agora afirmava para si mesma que precisava fugir da realidade, ou se julgaria uma incompetente pelo resto da vida por não ter honrado seu diploma.

As desconfianças de Orlando quanto ao comportamento da filha tornaram-se uma absoluta convicção de que algo muito anormal estava acontecendo. Ela acordava tarde e se recolhia cedo. Quase não saía do quarto durante o dia, segundo Geralda. Tinha pouco apetite, não puxava assunto e, se questionada sobre sua saúde, mostrava-se irritadiça e agressiva.

Ele determinou que aquilo teria um fim. Não criara uma filha para vê-la afundar em seus próprios problemas sem que pudesse fazer nada para ajudá-la. De uma hora para outra, saíra de dois empregos. Ele nunca acreditou muito nas explicações que ela fornecera, e Dione não conseguiu descobrir o real motivo da partida

da moça, já que Aloísio dera um jeito de abafar o caso a fim de evitar polêmica.

Melina teria que abrir o jogo com ele, pensou Orlando, enquanto deixava o restaurante. Ela poderia ter 50 anos de idade, mas enquanto tivesse um pai, lhe deveria satisfações. E ele não estava disposto a permitir que aquela situação se prolongasse. Geralda fazia vista grossa, fingindo que tudo estava normal, mas ele não era tolo. Tinha longa experiência de vida para ser ludibriado pela própria filha.

Andando a pé, alheio ao movimento de fim de tarde e às pessoas que cruzavam com ele pela calçada, Orlando não reparou no homem forte e mal-encarado que o sondava. Tinha problemas demais na mente para se preocupar com a vida das outras pessoas. Por isso, foi surpreendido quando o sujeito carrancudo, que estava acompanhado por Charles e Zeus, aproximou-se dele, empurrando-o com força contra a porta de aço de uma loja que acabara de fechar, em uma travessa pouco movimentada.

— Pra tudo continuar na moral, tiozão, é melhor me dar a carteira e qualquer coisa que tu tiver de valor, sacou? — E para mostrar que não ficaria só na ameaça, o homem passou os dedos pelo bolso da bermuda, deixando visível o cano do revólver.

Zeus e Charles estavam satisfeitos. Tinham localizado aquele marginal simplesmente usando a força do pensamento. Logo rastrearam suas energias e perceberam que ele precisava desesperadamente de dinheiro para comprar algumas pedras de *crack*. Sua vontade de usar a droga era tanta que ele não hesitaria em matar para conseguir o valor necessário.

Facilmente manipulável pela dupla de espíritos, o viciado deixou-se conduzir até o caminho que Orlando fazia todos os dias quando voltava para casa. Zeus deu início às transmissões de fluídos negativos enquanto Charles gritava no ouvido do usuário que reparasse em Orlando, assim que o viram caminhando. Mesmo sem ouvi-los, o assaltante os obedeceu cegamente. Só que simplesmente roubar o velhote não seria suficiente. Era preciso dar um jeito nele. Algo que nunca mais o colocasse no caminho de Laguna.

— A ordem é a seguinte — sugeriu Charles ao sujeito. — Tire todo o dinheiro desse velho e em seguida acabe com ele. Atire quantas vezes precisar até se certificar de que ele está morto. E, em seguida, fuja. Garanto que você não vai se arrepender.

CAPÍTULO 23

No mundo das drogas, ele tinha vários nomes e apelidos, mas fora registrado como Juliano. Aparentava ter menos de 30 anos. Seu corpo era imenso e os braços fortes e tatuados. Tinha um rosto que nem mesmo uma mãe amorosa conseguiria achar bonito, e o constante uso do *crack* deixara sua aparência ainda mais deplorável.

Não fazia a menor ideia de que estava sendo influenciado por dois espíritos, pois a vontade de consumir a droga era muito mais intensa. Também não os ouvia, mas captava suas expressões como se fossem ordens ditadas pelo seu cérebro.

Jamais matara ninguém, mas naquele momento sentiu uma sanha assassina invadi-lo. Não era justo que todo mundo tivesse dinheiro, menos ele. Poderia limpar aquele velho quase careca que tinha à sua frente, mas certamente seria denunciado à polícia. Já estivera em centros de detenção anteriormente e não tinha o menor desejo de voltar para um deles.

— Atire neste homem — continuou Charles. — Se não fizer isso, ele dará um jeito de enfiá-lo atrás das grades. Vamos, atire nele.

Cada vez mais nervoso, Juliano sacou o revólver. Orlando, ao notar que ele realmente estava armado, entrou em pânico.

— Meu amigo, não precisa se exaltar. Não tenho muito dinheiro, mas vou lhe entregar tudo o que eu tiver. Guarde essa arma, pelo amor de Deus.

— Cale a boca, seu mané. Passa o dinheiro de uma vez. Não vou falar de novo.

O cano da pistola foi pressionado contra o peito de Orlando, cujo coração disparou num ritmo frenético. Não se importava de perder o dinheiro que trazia consigo, mas não desejava morrer ainda, muito menos daquela forma, não sem antes ajudar Melina.

Orlando desviou o olhar para os lados, mas como por encanto, todo mundo havia desaparecido. Ele viu algumas pessoas transitando na rua adiante, mas ninguém iria ajudá-lo. Vistos de longe, pareceriam dois amigos batendo um papo animado ou um casal homossexual em seus momentos de descontração.

Com gestos lentos para não assustar o bandido, Orlando puxou a carteira e a colocou nas mãos de Juliano. O assaltante abriu um zíper e conferiu as cédulas por alto. Em seguida, colocou tudo no bolso da bermuda, o mesmo do qual tirara a arma.

— Basta apertar o gatilho, meu querido — incentivou Charles. — Já tem o que desejava, mas é bom varrer a sujeira do seu caminho. Atire várias vezes e se mande daqui.

A possibilidade de cometer seu primeiro crime veio à mente de Juliano com força total. No Rio de Janeiro, diariamente, aconteciam dezenas de assassinatos e, muitas vezes, a polícia jamais encontrava o verdadeiro culpado. Por que com ele seria diferente?

Orlando percebeu o brilho sinistro nos olhos de Juliano e soube que iria morrer. Tentou se concentrar em uma oração, mas o medo

afastou qualquer palavra do seu pensamento. Quase às lágrimas, ele encarou o assaltante fixamente e perguntou:

— Você tem filhos?

— Do que está falando, seu otário? Tu deu azar, sabia? Vou acabar com tua raça.

— Eu sei disso. É que antes de morrer, eu queria saber se você tem filhos.

— Tenho duas filhas sim, e daí?

— É que eu nunca imaginei que um dia seria morto por um homem como eu, que também é pai de família.

Com a mente em conflito, tanto pela abstinência da droga quanto pelas sugestões de Charles e de Zeus, Juliano fitou o rosto de Orlando, incrédulo.

— Acha mesmo que sou um pai de família? Eu fumo pedra, sacou?

— Isso não o torna um delinquente. Suas filhas o amam da mesma forma.

— O que tu sabe sobre as minhas filhas? — indignou-se Juliano.

— Não sei nada, mas penso que elas o admiram pelo o que sabem de você. Poderia me dizer a idade delas?

Orlando fingiu não ter percebido quando Juliano baixou a arma.

— Rafaela tem seis anos, e Ingrid, quatro.

— Que nomes lindos! A minha única filha se chama Melina, mas ela já tem 30.

— Minhas filhas não sabem que eu sou drogado, e nunca vou deixar que elas saibam. Minha mulher sabe de tudo, mas guarda

segredo. Não queremos que as meninas sofram por causa dos meus erros.

— Ser usuário de drogas não é nenhum erro, mas talvez uma fase de fraqueza pela qual todo ser humano pode passar. Acho que se você me matar, ficará muito mais arrependido do que pelo fato de experimentar drogas. Suas filhas poderiam perdoá-lo por ser viciado em narcóticos, mas talvez nunca o perdoem por ser um assassino.

Orlando não sabia como estava conseguindo raciocinar enquanto o pânico o encurralava como uma fera. Cada vez mais confuso, Juliano não sabia o que fazer. Percebendo o que estava acontecendo, Charles se enfureceu. Aquele velho era mesmo muito topetudo. Como se atrevia a atrapalhar seus planos mais uma vez?

— Não dê ouvidos a esse homem — gritou Charles, extremamente furioso. — Não vê que ele o está enrolando até a chegada da polícia? Quer ser preso? Quer ficar longe de suas filhas para sempre?

— Sei que suas meninas o amam — contrapôs Orlando. — Elas não o recebem bem quando volta pra casa?

— Elas me abraçam e me beijam — confessou Juliano. — Não fazem nem ideia de que eu me relaciono com traficantes e que consumo substâncias proibidas.

— Eu sei como é isso. Nada é mais gratificante para um pai do que ser amado por um filho. Você pode não se orgulhar de ser um usuário, mas, certamente, se me deixar sobreviver, vai se orgulhar por ter poupado a vida de alguém e mostrar às suas meninas o grande homem que você pode se tornar.

Diante daquelas palavras, Juliano se emocionou. Nunca ninguém lhe dissera nada parecido. De repente, era como se estivesse ouvindo seu próprio pai, que partira no início de sua adolescência. Se carregasse um crime nas costas, jamais seria um homem feliz se um dia conseguisse se livrar das drogas.

Ele tornou a pegar a carteira de Orlando, tirou o dinheiro para si e a devolveu a ele. Seus olhos tinham ficado ainda mais avermelhados do que antes, mas dessa vez anunciavam uma possível crise de choro.

— Não posso acabar com tu. Eu não sou um criminoso.

— Então guarde sua arma e seja feliz. Hoje, quando chegar em casa, vai poder beijar as suas filhas com a consciência muito mais tranquila.

Juliano esticou a mão e apertou a de Orlando. Charles e Zeus não podiam acreditar. Aquele velho era mesmo uma peste. Tinha contaminado o imbecil do Juliano com suas vibrações de amor, despertando o lado paternal do sujeito. O que diriam a Cronos? Como explicar que Orlando, mais uma vez, conseguira driblá-los?

Quando Juliano começou a dar alguns passos para se afastar, Orlando perguntou:

— Sei que não é da minha conta, mas por que você começou a usar drogas?

Sem se voltar, Juliano explicou:

— Achava que meu mundo era muito vazio. Não entendia que minha riqueza era a minha esposa, Rafaela e Ingrid. Hoje sei que é tarde demais.

— E quando você experimentou drogas pela primeira vez o que sentiu?

Juliano já estava vários metros à frente quando tornou:

— Senti que tudo era maravilhoso, mas sei que mudei meu modo de agir. Quando alguém usa drogas, tudo muda e se transforma para sempre.

***

As últimas palavras de Juliano ainda ressoavam na mente de Orlando quando ele chegou em casa. Tinha passado por um susto tão grande que suas mãos ainda tremiam. Jamais estivera tão próximo da morte. Só Deus poderia tê-lo ajudado naquele momento, inspirando-lhe as palavras certas para convencer o assaltante a desistir de seu objetivo.

Apoiada em suas muletas, Geralda caminhou lentamente ao seu encontro.

— Está atrasado. Por onde andou?

Achando que não valeria a pena contar à esposa o que tinha acontecido, Orlando deu de ombros.

— Frederico me segurou um pouco mais no restaurante. O movimento estava grande. — Olhando na direção das escadas, ele perguntou: — Melina está em casa?

— Acabou de sair. Mais alguns minutos e você iria vê-los.

— Vê-los? Como assim?

— Aquele seu amigo advogado, o Amorim, esteve aqui. Veio convidá-la para jantarem fora. Eu recusei e respondi, em seu nome, que você também não iria.

— Fez bem. Gosto de Amorim e continuo achando que ele é a melhor opção para Melina. Espero que os dois se entendam.

— Não consigo entender você, Orlando. — Ajeitando melhor o apoio das muletas sob as axilas, Geralda continuou: — Idealiza o casamento perfeito para sua filha quando não faz muita coisa pelo seu.

— E o que eu deveria fazer pelo meu casamento?

— Você não me dá a devida atenção. Desde que desloquei o tornozelo, apenas me olha de soslaio e, quando conversamos, sempre acabamos discutindo.

— Eu sei de uma forma em que poderemos evitar brigas desnecessárias. — Orlando foi até Geralda e colocou ambas as mãos nos ombros dela. — Basta que você fique calada por alguns anos.

Assim que entendeu a ironia, Geralda começou a reclamar do tratamento que o marido lhe dava, mas Orlando já tinha se trancado no banheiro.

***

Amorim percebeu que Melina não estava com fome assim que ela começou a brincar com os talheres. Empurrava a comida no prato de um lado para o outro. Respondia ao que ele perguntava com monossílabos ou simplesmente se limitava a balançar a cabeça.

— Fiquei surpreso por você ter aceitado o convite para jantar comigo, já que vive se esquivando de mim — ele comentou,

analisando o olhar de Melina. — Sei que está triste. Compreendo o quanto é difícil perder o emprego.

— Como você sabe disso?

— Sua mãe me contou enquanto eu a esperava. Só não entendo porque resolveu pedir as contas do outro hospital.

— Porque eu queria me dar o direito de descansar. Será uma espécie de férias.

— Sei que você é uma profissional gabaritada e que logo estará empregada novamente. Faltam médicos em todos os lugares, não é mesmo?

Melina fez que sim com a cabeça e olhou para o prato com desinteresse. Amorim a estudava com atenção. Inegavelmente, ela continuava tão bonita quanto antes, mas havia algo de diferente na feição dela. Ela estava pálida e parecia um pouco ansiosa e agitada, como se tivesse pressa de voltar para casa.

Tentando fazer com que ela se abrisse com ele, Amorim segurou as mãos dela sobre a mesa e acariciou-as com os dedos polegares.

— Nunca quis esconder meus sentimentos por você, Melina. Sabe que a amo em segredo, não sabe? — ela tornou a consentir. — Também estou ciente de que não devo guardar esperanças de que você vá me corresponder. Seu envolvimento com aquele rapaz...

— Não estou mais envolvida com Edson. Continuo solteira.

— Mas então... não entendo porque nós dois não podemos dar certo.

Ela o encarou por alguns segundos. Amorim era um homem muito atraente. Não importava que tivesse mais de 40 anos. Era muito mais sedutor e galante do que um rapaz com a metade de sua idade. Todavia, ela não conseguia ver nada nele que a interessasse. Jamais se envolveria com um homem por causa de sua beleza, muito embora tivesse se deitado com Edson porque fora traída pelos desejos do próprio corpo.

— Eu não o amo e acho que nenhuma relação vai muito longe sem amor. Sinto muito, de verdade.

Amorim não retrucou. Continuou jantando em silêncio, enquanto Melina continuava revolvendo a comida no prato, sem colocar um único grão na boca.

***

Quando percebeu que seu estoque de cocaína estava acabando, Melina não hesitou. Logo que o pai saiu para trabalhar, três dias depois do jantar com Amorim, ela pegou o carro e foi até a residência de Coelho. Dessa vez, acertou o caminho sem hesitação. No porta-luvas do veículo, levava todo o dinheiro que recebera da rescisão trabalhista de ambos os empregos, embora não tivesse recebido praticamente nada por ter sido demitida por justa causa do hospital de Aloísio.

Coelho a atendeu melhor dessa vez, pois já não estava tão desconfiado. Melina adquiriu sete trouxinhas recheadas de pó e não se arrependeu por colocar todo seu dinheiro nas mãos do vendedor.

— Acho bom que você compre uma quantidade grande, pois assim não precisa vir aqui com muita frequência. Sabe que não quero correr nenhum tipo de risco.

— Não precisa se preocupar. Acho que isso me basta por algum tempo.

Melina se virou para deixar a casa quando Coelho lhe perguntou:

— Ei, gata, qual é seu nome?

Como ele sempre havia sido gentil com ela, Melina não viu nenhum problema em dizer a verdade.

— Melina.

— Gostei do nome. Quanto ao meu, nem adianta perguntar. É melhor continuar a me chamar de Coelho — e ele sorriu, exibindo os enormes dentões.

Ficou acompanhando-a com o olhar. Assim que Melina se despediu e saiu, Coelho apanhou o celular. Tinha ordens expressas de jamais incomodar o chefão do tráfico, a não ser em casos de extrema urgência, que envolvessem a polícia. De qualquer forma, achou que Ted Cavalcante não iria se importar.

Ele jamais conheceu o traficante pessoalmente. Não fazia a menor ideia de como ele seria. Possuía uma voz grave e falava corretamente o português. Sempre mandava um representante levar a “mercadoria” para Coelho, quando seu estoque começava a diminuir.

— Chefe? — confirmou assim que a ligação foi atendida do outro lado. — Está ocupado ou posso falar?

— Sim, o que há?

— Desculpe incomodá-lo, mas a minha coca acabou. Tenho uma cliente que comprou tudo sem perguntar o preço.

— Já investigou essa mulher? Não quero saber de problemas.

— Ela é muito discreta. É a segunda vez que vem aqui, mas decidi avisá-lo somente hoje porque ela comprou sete papelotes de uma vez. E paga com notas graúdas.

— E o que mais?

— Ela possuiu um Citroen vermelho. Não é um carro muito caro, mas certamente deve ter um bom dinheiro em casa. É linda, loira, com olhos bem azuizinhos. E hoje me disse que se chama Melina.

Houve uma pausa do outro lado, tão longa que Coelho achou que o chefe tinha desligado.

— Quando essa mulher voltar, descubra tudo sobre ela. Não a quero perder de vista.

— Entendido, senhor. — E a ligação foi cortada abruptamente.

CAPÍTULO 24

Frederico, o patrão de Orlando, era um homem amargurado, talvez por ter sido infeliz em seus três casamentos. Depois de muitos desentendimentos, sua primeira esposa o abandonou como quem deixa uma sombrinha quebrada sobre o banco de uma praça. Consumado o divórcio, ele se envolveu com outra mulher, alguns anos mais nova que ele, e que afirmava amá-lo mais do que a si mesma. Frederico casou-se novamente, mas em menos de quinze dias foi traído duas vezes.

Ele descobriu que sua mais recente esposa trocava de amantes como ele trocava de meias. Mais uma vez, entrou com um pedido de divórcio e, enquanto aguardava pelo término do processo, continuou sendo substituído por todos os tipos de homens que ela encontrava em seu caminho.

Julgando-se um homem carente, que não conseguia viver sem uma mulher ao seu lado, Frederico começou a procurar pela nova candidata. Dessa vez, efetuou um verdadeiro processo seletivo. Levou cerca de seis meses para encontrar aquela que parecia ser perfeita para ele. Apaixonou-se e teve certeza de que o sentimento era recíproco. Pediu-a em casamento sob juras de amor e promessas de eterna felicidade.

Após o casamento, a mulher apresentou compulsividade por compras. Adquiria tudo o que lhe chamasse a atenção, desde

roupas e sapatos a relógios e revistas de moda. Determinou que tinha horror a filhos, algo que ela afirmara ser seu sonho antes de se casar com ele. Desiludido e infeliz, Frederico não teve outra opção a não ser dar entrada no processo de separação. Seu advogado mal podia acreditar. Não era possível que alguém tivesse tanto azar na relação com as mulheres.

Como havia se casado em comunhão de bens com essa última mulher, ela aproveitou a oportunidade e sugou tudo o que ele tinha de valor, como se fosse um aspirador de pó implacável. Só lhe deixou a casa e o restaurante, após esvaziar suas contas bancárias e tomar-lhe o carro.

Revoltado e entristecido com o rumo que sua vida tinha levado até então, Frederico, finalmente, desistiu de tentar se casar outra vez. Pagava pelos serviços de acompanhantes quando tinha interesse, sem nenhum compromisso com elas. Nunca tivera filhos com nenhuma das esposas e sabia que jamais teria. Tudo o que lhe restava era se dedicar à administração do seu restaurante.

Naquele momento, ele olhava fixamente para Orlando. O homem era um espetáculo na cozinha. Sua fama como *chef* já tinha se espalhado por vários bairros vizinhos da Barra da Tijuca e seu público se tornava cada vez maior. Movidos pela curiosidade e pelo apetite, sempre surgiam clientes novos para comprovar a qualidade dos dotes culinários de Orlando.

— Mas você ainda não me disse por que precisa sair mais cedo hoje — quis saber Frederico, diante do pedido de Orlando.

— É um assunto particular, que envolve a minha filha. Se eu sair uma hora antes do término do expediente, será mais do que

suficiente pra mim.

Como Orlando jamais lhe dera trabalho, Frederico aquiesceu. Gostava de ajudar os funcionários quando eles o ajudavam também.

No horário combinado, Orlando deixou o restaurante. Como gostava de caminhar a pé, seguiu diretamente para o hospital em que Melina trabalhara. Não sairia dali enquanto não soubesse de toda a verdade.

Na recepção, pediu para falar com Dione e se identificou. A atendente entrou em contato com a ex-secretária de Melina e, após informá-la da presença do visitante, autorizou sua entrada. Pouco depois, ele entrava no consultório onde sua filha trabalhara por muitos anos.

Como não havia pacientes na sala de espera, eles poderiam conversar mais à vontade. Após os cumprimentos, Orlando indagou:

— Quem é seu chefe agora?

— O doutor Ismael. É um homem muito educado, mas eu preferia a doutora Melina. Sinto muitas saudades dela.

— Ele está aqui?

— Já foi embora. — Dione deu de ombros. — Eu não me importaria de repetir tudo isso na frente dele.

— Quando puder, vá à minha casa visitá-la — convidou Orlando. — Tenho certeza de que Melina ficará contente com sua presença. — Após uma rápida pausa, ele emendou: — Na verdade, não vim aqui para falar com você, embora aprecie sua companhia. Gostaria de saber como faço para falar com a diretoria do hospital.

— A doutora Melina vai voltar? — Os olhos de Dione se acenderam como duas lanterninhas.

— Não sei. Preciso saber o que aconteceu. Não acho que uma simples discussão com a diretoria do hospital culminaria em demissão.

— Existem vários diretores, pois o hospital pertence a muitos sócios. O que está mais presente é o doutor Aloísio. Ele vem diariamente e ainda deve estar lá embaixo. Só que dificilmente atende alguém sem horário marcado, principalmente, pessoas desconhecidas.

— Não saio daqui sem que ele me atenda antes.

Dione explicou como Orlando poderia encontrá-lo. Ele agradeceu e despediu-se dela, reforçando o convite para que ela fosse visitar Melina.

— Se descobrir alguma novidade, me conte, por favor — ela pediu.

— Pode deixar, minha amiga. Você será a primeira a saber.

Cinco minutos depois, Orlando se achava no andar em que ficava o setor administrativo e a diretoria do hospital. Ele sorriu para a moça sentada por trás de uma das mesas.

— Boa tarde, senhorita! Gostaria de falar com o doutor Aloísio. Meu nome é Orlando e sou pai da doutora Melina, que trabalhou aqui recentemente.

A expressão da secretária mostrou a Orlando que ela sabia muito bem quem era Melina. Pediu que ele aguardasse e interfonou para Aloísio, transmitindo a informação.

Aloísio não ficou nada contente. Não gostava de ser incomodado, muito menos pelos familiares de seus ex-funcionários. Na certa, aquele homem estava lá para implorar o emprego da filha, algo que ele jamais autorizaria. Insatisfeito, respondeu à secretária:

— Dispense-o imediatamente, Leila. Não tenho tempo a perder ouvindo súplicas e apelos. Eu sempre estarei indisponível para ele.

Leila conversou com Orlando. Explicou que Aloísio se encontrava em reunião e que não poderia atendê-lo naquele momento.

— Se preferir, deixe seu telefone — ela concluiu. — Quando eu conseguir um horário livre com ele, telefonarei ao senhor para comunicá-lo.

— Ele não quer falar comigo, não é mesmo? Tudo o que quero é saber o motivo que o levou a demitir minha filha. Você também deve saber. Tenha a bondade de me dizer, por favor.

— Lamento, mas não estou autorizada a falar sobre esse assunto.

— Será que o doutor Aloísio não pode me atender nem ao menos por cinco minutos?

— Senhor — claramente irritada, Leila contornou a mesa e encarou Orlando —, já falei que meu diretor não o atenderá hoje. A recepção nem ao menos me informou de sua chegada. Nem sei como conseguiu subir até aqui. O melhor que tem a fazer é ir embora, se não quiser causar problemas.

Orlando pensou em virar as costas e ir embora, mas achou desaforo. Melina só faltou dar o sangue por aquela instituição, e eles não tinham a menor gratidão por ela? Ela trabalhava durante

muitas horas todos os dias em dois hospitais diferentes e, muitas vezes, trabalhara também durante o plantão da madrugada. Não era justo que eles fingissem nunca tê-la conhecido antes.

— Pois se seu diretor não me atender, eu realmente vou causar problemas — retrucou Orlando. — Não vim aqui arrumar confusão. Tudo o que eu quero é saber a razão de minha filha ter sido demitida, pois sinto que ela não me disse a verdade. Será que é muito trabalho me dar essa informação?

— O que a doutora Melina lhe disse?

— Ela contou que teve um desentendimento com a diretoria do hospital, que a demitiu imediatamente, liberando-a, inclusive, do cumprimento do aviso prévio. Quero saber que discussão tão grave foi essa.

— De certa forma, foi isso mesmo que aconteceu.

— Como assim, de certa forma? O que você sabe que eu não sei?

— Senhor, já falei para ir embora — ratificou Leila. — E não cause nenhum tumulto, para seu próprio bem.

— E quem a mocinha pensa que é para me ameaçar? Vocês querem evitar escândalo, não é? Pois eu mesmo vou dar conta disso. Saio daqui direto para uma emissora de televisão. Os repórteres não vão desperdiçar a oportunidade de filmar a fachada deste hospital e veicular em todos os jornais.

— E do que pretende nos acusar? — inquiriu Leia, mais branda.

— Motivos não vão faltar. Você não me conhece, senhorita, não sabe do que eu sou capaz.

Certa de que Orlando cumpriria a ameaça, ela tornou a discar para Aloísio e sussurrou a mensagem do visitante. O diretor, apavorado diante de uma possível exposição na mídia, viu-se obrigado a permitir a entrada de Orlando, apesar da contrariedade.

Assim que o viu entrar, Aloísio ergueu as sobrancelhas. Tinha certeza de que haveria problemas à vista.

— Agradeço a gentileza de ter encontrado uma brecha em sua reunião para me atender. — O tom sarcástico na voz de Orlando deixava claro que ele não acreditara nas desculpas da secretária.

— O que deseja?

Os dois homens trocaram um aperto de mão, e Orlando respondeu:

— Sou o pai da doutora Melina. Ela foi demitida há menos de um mês. Eu soube que no mesmo dia de sua saída, o doutor Edson também foi dispensado.

— As notícias correm muito depressa, não?

— Correm depressa, porém, incompletas. Melina me disse que foi demitida após uma divergência de opiniões entre ela e a diretoria. Admito que essa história não me convenceu, mas sei que ela não vai revelar a verdade. Tudo o que eu desejo é saber o que aconteceu. Ela sempre foi uma excelente profissional.

— Não duvido disso. O espantoso é que o senhor não saiba de nada. Algo assim é tão visível.

— Se o senhor está se referindo ao relacionamento dela com o doutor Edson, devo lhe dizer que estou a par. Nunca fui a favor desse namoro, mas segundo ela, eles não estão mais juntos.

— Ela fez bem de terminar com ele. O doutor Edson não é o homem adequado para nenhuma mulher. É um sujeito perigoso e vingativo. Não fosse por ele, a doutora Melina continuaria trabalhando aqui, mesmo colocando a saúde de seus pacientes em risco, pois eu nunca saberia de nada.

— Poderia se explicar melhor? — pediu Orlando, começando a se arrepender de ter insistido naquela conversa. Subitamente, sentiu o medo corroê-lo por dentro. Estava assustado diante do que ouviria daquele homem.

— O senhor realmente não está inteirado das atividades de sua filha?

— Do que está falando?

— Nunca soube que ela consome drogas?

Diante daquela pergunta, algo foi morrendo aos poucos dentro de Orlando, como a chama de uma vela que se apaga lentamente. Sentiu a boca seca e uma dor profunda esmagar seu peito.

Aloísio não poderia estar falando de Melina, não da sua menina adorada, que sempre fora motivo de orgulho. Só tivera uma filha e a criara muito bem. Ela não poderia ter se desviado dos bons caminhos, pelo menos não daquela maneira.

— Melina jamais usou drogas — ele afirmou quando conseguiu reagir, mas pela primeira vez não tinha muita certeza do estava dizendo.

— Os dois consumiam metanfetamina. Edson confessou primeiro. Disse que ela concordou em transar com ele em troca da droga. Quando eu a pressionei, ela também revelou tudo. Parece que ela vinha desprezando-o ultimamente, o que o deixou de

cabeça virada. O caso ficou tão grave que ele tentou estuprá-la na garagem do hospital.

Orlando apoiou os cotovelos sobre a mesa de Aloísio e afundou o rosto pálido entre as mãos. Era como se estivessem falando de duas pessoas desconhecidas. Como tudo aquilo poderia ter acontecido com Melina? Como ela pudera esconder dele algo tão horrendo? Que outros segredos ela vinha ocultando dos pais?

— Essa foi a gota d´água — continuou Aloísio. — Fui obrigado a demiti-los por justa causa. Ambos terão o registro no CRM cassado. Imagine só, dois médicos drogados colocando a saúde dos nossos pacientes em perigo.

— Mas Dione, a secretária dela, teria notado se Melina trabalhasse com alguma alteração física.

— Ela disse que nunca consumiu drogas no hospital. Sendo assim, creio que ela o fazia na rua, ou na própria casa. O senhor mora com ela? — Orlando assentiu. — E como nunca notou nada estranho envolvendo sua filha?

Tudo passou a fazer sentido, como se um véu fosse tirado de sua mente. A súbita mudança de comportamento de Melina, as longas horas trancadas no quarto, a ausência de apetite, a irritabilidade aflorada, a vontade de “descansar” do outro emprego. Lembrou-se mais uma vez dos comentários que ouvira das clientes do restaurante e das palavras ditas por Juliano. As drogas afetavam diretamente o comportamento dos usuários.

— Eu... não sabia — murmurou Orlando, por fim. Subitamente, sentiu vontade de chorar. Tinha certeza de que haveria muitas

outras coisas que Melina escondia dele. Por que sua filha o traíra daquele jeito?

— Sinto muito por dar a notícia de forma tão direta. Achei que soubesse de tudo.

— Só posso agradecê-lo por ter aberto meus olhos. — Sem saber se conseguiria caminhar, Orlando arriscou ficar em pé. — Agora entendo porque Melina teve de deixar o hospital imediatamente.

— Ela foi despedida da outra instituição na periferia graças a mim. Não me culpe, mas achei certo preveni-los do que vinha acontecendo. Ela trabalhava com crianças completamente inocentes. Não tinham nada a ver com seus problemas pessoais, não é mesmo?

— É, sim. — Dessa vez, Orlando não estendeu a mão para Aloísio. Saberia que iria tremer quando o fizesse. — Eu preciso ir agora.

— Eu lamento por tudo — repetiu Aloísio. — E lhe desejo boa sorte. Aproveite que Melina está só tomando metanfetamina para ajudá-la, pois sabemos que existem outras drogas muito mais poderosas e destrutivas. Se ela ainda não estiver completamente viciada, procure uma clínica de reabilitação para interná-la enquanto há tempo.

Orlando apenas sacudiu a cabeça positivamente e saiu. Quando chegou à rua, tomou o caminho de casa totalmente desnorteado. Em poucos minutos, fora apresentado a uma nova Melina, que destoava completamente da pessoa que ele conhecia até então. Havia a possibilidade de que Aloísio tivesse mentido,

mas ele não conseguia acreditar nisso. Não podia mais tapar os olhos diante do que tinha se tornado tão claro e reluzente quanto prata polida.

Com os olhos marejados, andando pelas ruas sem prestar atenção a nada, Orlando só tinha um único pensamento: sua filha era uma usuária de drogas.

CAPÍTULO 25

As luzes foscas e levemente esverdeadas, plasmadas como tudo o que havia em volta, iluminavam o caminho pelo qual Cronos transitava. Ele seguia pelo longo corredor a passos largos. Durante o percurso, vários guardas e criados curvavam-se à sua passagem, num gesto de reverência, mas ele os ignorava por completo. Ouviu gritos e lamentos vindos de algum lugar perto dali, mas fingiu não ter escutado nada.

Aquele corredor terminava em uma longa escadaria de pedra que levava para um setor inferior. Ele desceu os degraus rapidamente. Chegou numa área de teto baixo, iluminada por tochas. Vários guardas circulavam por ali, atentos a qualquer possibilidade de fuga dos espíritos presos às correntes nas paredes. Ao vê-lo, inclinaram o corpo, saudando sua chegada.

— Seja bem-vindo, alteza.

Cronos não respondeu enquanto seus olhos miravam as correntes vazias em uma das paredes. Fora ali que Laguna permanecera por tantas décadas. Apesar de ela ter sido levada pelo grupo de Xavier há muitos anos, ele ainda tinha a impressão de que a encontraria ali a qualquer momento.

Se fechasse os olhos, poderia vê-la. Ela era linda, e seu olhar o queimava como um incêndio. Fizera-a de escrava, mas sabia que a

verdade era o oposto. Ele era seu escravo, um verdadeiro cativo dos sentimentos que nutria por ela.

Uma lágrima escorreu do seu olho direito, e ele a enxugou rapidamente. Ouviu passos se aproximando por trás e virou o rosto, já completamente recomposto. Charles e Zeus o fitavam com dúvidas. Haviam adiado aquele encontro o máximo que puderam, mas sabiam que não haveria como prorrogar a conversa ainda mais.

— O que querem? — perquiriu Cronos.

— Nós falhamos outra vez — respondeu Charles num sussurro. — O pai de Laguna evitou o ataque do marginal que influenciamos para matá-lo. Como se não bastasse, ainda convenceu o bandido a devotar seu amor às filhas que tem.

— Vocês me surpreendem. Dois espíritos treinados, com alto grau de conhecimento sobre a influência dos encarnados e não conseguem dar conta de um velho despreparado.

— Com todo o respeito, majestade — interrompeu Charles —, mas sabemos que ele conta com todo o suporte dos espíritos da luz. Enquanto nós trabalhamos aqui, o grupo de Xavier também faz sua parte, revertendo nossas más ações.

— Eu estou cansado desse Xavier e de suas interferências. Se ele...

Vários guardas portando lanças e espadas entraram em disparada. Após fazer uma rápida reverência, ainda ofegantes, gritaram:

— Alteza, a sala do trono foi invadida.

— O quê? Invadida por quem?

— Pelos seres da luz.

— Desgraçados! — Cronos bramiu o punho e pôs-se a subir a escadaria rapidamente, sendo seguido pelos guardas e pelos seus auxiliares. — Será que eles vieram baldear outro espírito para o lado deles?

Instantes depois, Cronos chegava à sala onde costumava ditar ordens. Viu Alesha e Lori acuadas em um canto e todos seus outros asseclas paralisados do outro lado. Envoltos em um brilho claro estavam Sandra, Tenório e Maíra.

— Olá, Cronos — cumprimentou Sandra quando o viu entrar.

— Vocês de novo. — Ao contrário dos outros, que não conseguiam se mexer, Cronos caminhou tranquilamente. O poder da luz não o intimidava, ou pelo menos não demonstrava ter medo, embora soubesse até onde iam seus limites. — Adoram entrar em meu território, não é mesmo? Quem vocês vieram roubar dessa vez? A quem pretendem enganar com suas falsas promessas de paz e renovação?

— Viemos falar com você — respondeu Sandra. — Mais uma vez estamos aqui para lhe fazer um pedido. Rogamos que pare de influenciar Melina. Respeite o livre-arbítrio que ela possui. Ajude-a em seu crescimento moral e espiritual.

— Para começar, o nome dela não é Melina e sim Laguna. E não vou parar o trabalho ao qual venho me dedicando há décadas. — Um sorriso vivaz surgiu nos lábios de Cronos. — Por que estão tentando erguer a bandeirinha branca da paz? Por acaso estão com medo dos meus planos? Se não podem com o inimigo, juntem-se a ele.

— Por que você não volta sua inteligência e seu conhecimento a serviço do bem? — questionou Tenório. — É um homem com grande entendimento sobre as leis espirituais que nos regem, mas ainda permanece preso às amarras ilusórias da maldade.

— Onde está Xavier? — devolveu Cronos, como se não tivesse ouvido as últimas palavras. — Ele não é o responsável pelo grupo? Por que ele nunca aparece para me enfrentar? Mande-o vir falar comigo. Quero ter uma conversa de líder para líder.

— Eu estou aqui, Cronos.

Ele se voltou lentamente e deparou com Xavier parado a poucos passos dele. Ele não estava emitindo luz como sempre acontecia, pois havia baixado a frequência vibratória para se assemelhar a um espírito comum. Olhava fixamente para o rei de Simeon.

Cronos caminhou até ele. Ficaram tão próximos que seus narizes quase se tocaram. Ambos eram da mesma altura e seus olhos permaneceram no mesmo nível.

— Olá, Xavier. Veio assistir de camarote à derrota do seu grupo?

— Você continua achando que nós estamos duelando, não é?

— Eu prefiro acreditar que estamos em uma guerra. Vence aquele que conquistar o coração de Laguna.

— Quando você vai notar que seus planos são totalmente infundados? Acha mesmo que vai despertar o amor de Laguna se a trouxer para cá após seu desencarne?

— Ela vai me amar, nem que eu tenha que obrigá-la a isso.

— É tão ingênuo que não percebe que o amor é um sentimento espontâneo, que cresce e se expande naturalmente, como o desabrochar de uma flor. Ninguém pode forçá-lo a surgir, pois a natureza não pode ser controlada pelas mãos humanas.

— Você diz isso porque espera que ela continue a amá-lo. Eu vou atrapalhar seu romance e seus planos para ela. Não percebe que Laguna está se tornando uma dependente química? Aposto que você não tinha imaginado que isso fosse acontecer com ela.

— Sempre soube que ela estaria sob sua influência durante a existência como Melina. Experimentar drogas é uma experiência da qual ela extrairá algumas lições, cedo ou tarde.

— Eu vou continuar lutando até vê-la cair cada vez mais.

— Isso porque você a ama, certo?

Aquela pergunta simples deixou Cronos sem resposta. Chispas de ódio eram expelidas dos seus olhos, mas encontravam a paz e a serenidade emanadas do cândido olhar de Xavier.

— Você a tirou de mim duas vezes, Xavier. Primeiro, quando estivemos na Terra, e depois quando a resgatou das masmorras. Não vou perdê-la pra você outra vez. Esteja certo disso. Quanto ao tal Orlando, vamos investir pesado para destruí-lo. Não o quero em meu caminho, pois ele só tem me dado dor de cabeça.

— E o que pretende fazer contra um homem que está focado nas virtudes divinas, que age por amor e se ampara na oração?

— Vamos ver até onde vai a força que ele acredita possuir.

— Assim como você, Cronos, nós também não vamos desistir. Estaremos atentos a todos os movimentos de Melina e de Orlando. E saiba que tudo o que você fizer, eu darei um jeito de desfazer.

Será uma grande perda de tempo. Em vez disso, poderíamos nos unir para nos dedicarmos à propagação de obras que favoreçam a semeadura do bem na Terra. E já que você prefere seguir por essa direção, vou respeitar sua vontade.

Cronos fechou a mão e desferiu um soco violento contra o rosto de Xavier, mas sua mão cortou o ar. Aos poucos, a imagem do espírito de luz foi desaparecendo, juntamente com Sandra, Tenório e Maíra. Ao se ver sozinho com sua equipe, Cronos rugiu:

— Eles vão me pagar. Desde já quero saber quem está comigo nesta batalha.

Sem hesitação, todos seus seguidores ergueram a mão. Satisfeito, ele arrematou:

— Vou mostrar a eles que Laguna ainda será minha, custe o que custar.

***

Orlando estava arrasado quando chegou em casa. As palavras de Aloísio ressoavam em sua cabeça como uma sentença de morte. A revelação sobre Melina simplesmente matou uma parte dele.

Geralda estava esparramada no sofá da sala assistindo à novela. Olhou com desinteresse a chegada do marido.

— Chegou alguns minutos mais cedo? A novela ainda nem terminou.

— Onde está Melina?

— Deve estar lá no quarto. Não fico vigiando os passos da nossa filha porque tenho mais o que fazer.

Orlando resolveu não responder. Decidiu que, antes de confidenciar à esposa o que tinha acabado de descobrir, iria confrontar Melina.

Ela estava no quarto e só abriu a porta após Orlando bater incontáveis vezes. Fios de cabelos loiros lhe caíam pelo rosto, mas ela não se deu ao trabalho de arrumá-los. Trajava um camisão branco cujo comprimento ia até suas coxas. Estava descalça e não pareceu satisfeita com a visita do pai.

— Não quero jantar, se você veio me chamar pra isso.

— Eu posso entrar?

Ela se afastou para que ele entrasse. Ele observou os móveis em volta. Em algum lugar daquele quarto, Melina escondia a droga. Onde poderia estar?

— Precisamos conversar, querida.

— Justo agora? — Como uma menina mimada, ela jogou-se sobre a cama e cruzou as pernas e os braços com expressão enfadada. — Eu queria dormir um pouco mais.

Orlando sentou-se na beirada da cama e tomou as mãos da filha. Melina estranhou um pouco o gesto, mas não tentou afastá-lo de perto de si.

— Este pode não ser o momento mais adequado, mas eu preciso ter uma conversa muito importante, talvez a mais importante que nós já tivemos em toda a vida.

— Estou esperando...

Ele perscrutou os olhos dela tentando imaginar o quanto mais ela vinha escondendo dele. Ainda mantendo as mãos dela entre as suas, ele iniciou:

— Como foi seu jantar com Amorim? Nem tive tempo de perguntar.

— Já faz tanto tempo.

— Faz apenas três dias que vocês estiveram juntos.

— Ele continua educado como sempre, tentando me convencer a namorá-lo. Porém, ele não me interessa como homem.

— E Edson? — rebateu Orlando. — Ele a interessa até que ponto?

— Esse assunto outra vez, pai? Que saco! — Ela bufou com raiva. — Dá um tempo.

— Não vou dar tempo algum até entender o que você anda fazendo da sua vida.

— A vida é minha, não é? Sou maior de idade e vacinada. Sou responsável por tudo o que eu fizer.

— Ter 30 anos de idade e uma formação não serviu para colocar um pouco de juízo em sua cabeça.

— Se essa era a conversa tão importante, não vejo...

— Desde quando você está usando drogas?

A pergunta de Orlando foi tão direta e precisa quanto um tiro disparado. Ele notou quando ela empalideceu e recuou como se desejasse fugir de alguém. Ela puxou a barra do lençol e cobriu as pernas enquanto encarava o pai com uma expressão de pânico no olhar.

— Eu nunca usei drogas, a não ser os remédios que...

— Você se deitou com Edson em troca de comprimidos de metanfetamina — cortou Orlando, sentindo-se um vilão por estar agindo daquela maneira com Melina. No entanto, não havia outra

saída para ajudá-la. — E vem consumindo essa droga desde então. Não adianta negar porque já estou sabendo de tudo.

— Quem te contou isso está mentindo.

Como que impulsionada por uma mola invisível, Melina deu um pulo da cama e começou a caminhar pelo quarto. Orlando também se levantou e a segurou pelo braço, obrigando-a a ficar parada e olhá-lo.

— Vamos, Melina, quero a resposta. E quero uma resposta sincera. Já estou farto de ser enganado por você. Você experimentou esses malditos comprimidos?

Ela sacudiu a cabeça, negando, pois não conseguiu falar. A voz morreu em sua garganta e se misturou ao soluço que brotou em seu peito e subiu até a boca.

— Então por que o doutor Aloísio inventaria essa história?

— Você não tinha o direito de procurá-lo — ela reagiu, gritando. — Não tem o direito de mandar na minha vida. Estou cheia de suas interferências e seus palpites. Saiba que não sou mais a menininha cujas fraldas você trocou.

— Não grite comigo, Melina. Como seu pai, quero ser respeitado e exijo saber a verdade. Se você nunca usou drogas, então por que Edson foi demitido no mesmo dia em que você também foi?

— Como eu vou saber? Tudo o que eu quero é ter paz. Está ouvindo? Pare de se meter na minha vida. Pare de me empurrar pra cima do Amorim. Pare de se achar o dono da verdade.

Orlando ia retrucar quando algo lhe chamou a atenção sobre a penteadeira do quarto. Ele não teria notado, não fosse a disposição

dos objetos. Tudo estava afastado para a beirada do móvel e no centro dela havia apenas um espelhinho sem moldura.

Ele se aproximou da penteadeira e curvou o corpo. Viu as partículas de um pó branco espalhadas sobre o tampo de madeira. Também havia resíduos do pó sobre o espelho que Melina, talvez pela pressa, por distração, ou pela euforia, não havia se lembrado de limpar.

— Santo Deus, minha filha, o que significa isso? — Cada vez mais decepcionado, Orlando não conseguiu conter as lágrimas, que jorraram livremente. — Diga para seu pai que você não está mexendo com isso. Por favor, Melina, não me torture a esse ponto.

— Saia do meu quarto, pai. — Furiosa, Melina o segurou pela camisa e tentou empurrá-lo até a porta. — Não o quero aqui. Saia.

Enquanto ele chorava, os olhos de Melina estavam secos e praticamente vidrados. Mesmo que ela negasse, não havia como esconder agora. Naquele olhar estava a prova cabal de que ela estava se tornando usuária de uma droga mais forte do que os comprimidos. Ele sabia muito bem o que aquele pó branco representava.

Ambos estavam pálidos, mas Orlando achou que não poderia entregar os pontos. Não era um homem de se render facilmente.

— Não vou sair. Quero que você me diga onde está escondendo a cocaína. Vamos, Melina, fale a verdade. Com quem você conseguiu essa porcaria?

— Vá embora daqui — ela berrou totalmente descontrolada. — Eu odeio você, seu velho intrometido.

A bofetada que Orlando desferiu contra Melina doeu em ambos. Era o primeiro tapa que ele lhe dava em 30 anos. Quase se arrependeu por ter batido nela, mas já não tinha como voltar atrás.

— Você não sabe o que está falando, menina. Saiba que esse tapa foi dado porque eu a amo e quero o melhor pra você.

— Eu nunca vou te perdoar por isso. — Rendida, ela também cedeu às lágrimas, alisando a bochecha que estava se avermelhando. —Vou te odiar pra sempre.

Orlando não queria acreditar que aquela ameaça fosse verdadeira. Como ele se descontrolou totalmente, tomado pela raiva e pela mágoa, não soube que o invólucro astral que protegia sua residência começou a se dissipar. Quase simultaneamente, o espírito de Lori, que estava de prontidão, entrou e se deteve ao lado de Melina.

Pai e filha ouviram resmungos no corredor e a porta do quarto foi aberta. Geralda estava ali, apoiada nas muletas, com uma expressão de assombro no semblante.

— Que gritaria é essa? Dá pra ouvir lá de baixo. Fui obrigada a subir as escadas, coisa que não estou podendo fazer.

— Eu acabei de descobrir que nossa filha é usuária de drogas — revelou Orlando, sentindo-se alquebrado. — Ela está negando, mas acabei de ver resquícios de cocaína sobre a penteadeira dela.

— Ele me bateu, mãe — contou Melina, parecendo uma menininha assustada. — Leve-o embora daqui, por favor.

— Orlando, você ficou maluco? — Manquitolando, Geralda se aproximou de Melina e a beijou no rosto, onde ainda ardia o tapa

aplicado pelo pai. — Nossa filha é uma médica e jamais se meteria com essas bobagens.

— Eu fui investigar o motivo de ela ter sido demitida do hospital. Ela se envolveu com outro médico, também usuário, que a levou à bancarrota. Ele tentou estuprá-la no estacionamento de lá porque Melina tinha se cansado dele. Antes disso, os dois se deitaram algumas vezes após se drogarem com metanfetamina. Então ele contou tudo ao diretor do hospital. Melina confessou também, e ambos foram demitidos. Por isso, ela também foi afastada do hospital da comunidade, ao contrário do que ela nos contou.

Rápida, Lori envolveu Geralda com os braços, sussurrando em seu ouvido:

— Seu marido está mentindo. Sua filha jamais usou drogas na vida. Na verdade, ele diz isso porque Melina descobriu que ele tem uma amante e quer abafar seu segredo. Não acredite no que ele está dizendo. Faça com que ele as deixe sozinhas.

Geralda compreendeu os comentários de Lori como um diálogo mental consigo. Há tempo, vinha desconfiando de que Orlando tinha outra mulher. Aquilo era muito mais provável do que as acusações que fizera contra Melina.

— Não acredito em você, Orlando. Melina é inocente e não merece ser taxada de drogada por ter saído dos hospitais. E não acredito que ela se envolveria com qualquer homem, principalmente, a ponto de ir para a cama com ele.

— Então veja isso. — Orlando passou os dedos pelo resto do pó sobre a penteadeira, exibiu para a esposa e limpou a mão na

calça. — Cocaína. Veja o espelho. Melina está se drogando dentro do próprio quarto.

— Já basta — tornou Melina. — Não briguem por minha causa. — Sem perder tempo, ela abriu o guarda-roupa, pegou uma calça jeans e a vestiu. Calçou sandálias sem salto e pegou a bolsa sobre a cama. — Vou sair para esfriar a cabeça.

— Aonde você vai? — Como ela não respondeu, ele decretou: — Eu vou atrás de você. A partir de hoje, não a perco mais de vista, está entendendo? Não me importa se a tapada da sua mãe não acredita em mim, mas eu sei o que vi e conheço você mais do que ninguém.

Ela passou por Orlando como um furacão, quase o jogando no chão. Lori seguiu atrás. Melina desceu as escadas correndo, ignorando os apelos do pai e os berros da mãe. Disparou até a garagem, destrancou o portão e abriu o carro. Momentos depois, acelerou o veículo e saiu cantando os pneus.

CAPÍTULO 26

Mesmo sem fazer ideia do destino que Melina tinha tomado, Orlando também correu até a rua. Ainda teve tempo de ver o automóvel da filha dobrando a esquina, na direção da praia. Talvez ela tivesse ido procurar Dione ou Amorim, ou ido atrás de amizades que Orlando desconhecia.

Completamente perplexo, sentindo que sua vida tinha desmontado como um castelo de cartas, Orlando atravessou a rua. No céu escuro, não havia estrelas e nem lua, embora a noite estivesse extremamente abafada. Ele não queria continuar andando a esmo pelo bairro, mas também não desejava voltar pra casa e aturar a chatice, as lamúrias e as desconfianças de Geralda.

Melina havia se transformado em outra pessoa, da noite para o dia, ou talvez essa mudança tivesse sido gradativa, e ele não tivesse se dado conta. Tinha certeza de que jamais se esqueceria do olhar inflamado de ódio com que ela o observara. Sua doce menina parecia ter sofrido uma espécie de mutação genética, assumindo uma personalidade quase doentia.

Ele sentiu-se sozinho. Em muitos anos, desde o nascimento de Melina, era a primeira vez que se sentia desamparado. Tinha alguns amigos, mas não confiava sua vida particular a nenhum deles. Desejou r ter alguém que o ouvisse, e o único nome que veio à sua

mente foi o de Dione. Entretanto, não iria incomodá-la, muito menos durante a noite.

Ao atravessar a rua, imerso em seus pensamentos, Orlando não percebeu que o semáforo estava aberto para os carros. Não havia grande movimento de tráfego, por isso, ele nem se deu ao trabalho de olhar para os lados antes de pisar no meio-fio. Seu cérebro mal registrou a freada brusca de um carro, pois a dor que o atingiu no braço direito e nas pernas foi muito mais forte e intensa.

Orlando custou alguns segundos para perceber que tinha sido atropelado. A pancada o derrubou no asfalto com força. Ele ainda estava aturdido quando a motorista desceu apressada do veículo e correu até ele, agachando-se ao seu lado.

— Meu Deus! O senhor está bem?

Talvez ele tivesse sido atingido na cabeça também e sua mente estivesse mais grogue, pois o rosto que ele observava fitando-o do alto era o mais esplêndido que já vira em uma mulher.

Ela o ajudou a se sentar enquanto Orlando não conseguia deixar de olhá-la. Ela era jovem, negra, muitos anos mais nova do que ele. Talvez tivesse a idade de Melina. Usava uma blusa preta, de alcinhas e calças cáqui. Os cabelos escuros eram tão enroladinhos quanto um punhado de molas e tocavam em seus ombros. Os olhos que fitavam Orlando, grandes, brilhantes e preocupados, eram pretos como ônix. Os lábios cheios estavam entreabertos, revelando um trechinho dos seus dentes branquíssimos.

Os curiosos começaram a se aproximar, vindos de todos os cantos. Orlando baixou o olhar para um dos braços que estava

bastante ralado. Em seguida, ergueu os olhos para a mulher que o atropelara e forçou um sorriso:

— Eu estou bem, sim. Um pouco ardido, mas bem.

— Tem certeza? Não quer que eu o leve a um pronto-socorro?

— De jeito nenhum. Os prontos-socorros devem estar abarrotados. Além disso, não foi tão grave. Poderia ter sido pior.

— A sua sorte foi eu estar dirigindo com velocidade reduzida. — Ela o apalpou como se estivesse à procura de outros ferimentos. — Acha que tem condições de caminhar?

— Ah, sim. Seu carro bateu nas minhas pernas, mas tenho certeza de que não estou com nenhum osso quebrado.

Os curiosos começaram a fazer perguntas, e alguém disse que era preciso chamar uma ambulância, mas Orlando, com o auxílio da desconhecida, conseguiu se levantar, mostrando aos demais que estava bem.

— Não precisam chamar o resgate. Eu estou bem. Foi apenas um empurrão. — Ele olhou para a parte dianteira do carro da mulher e comentou: — Talvez eu tenha amassado ou arranhado seu carro. Se isso aconteceu, eu me responsabilizo pelo conserto. A culpa foi minha, pois não vi que o semáforo estava fechado pra mim.

— Olha, acho melhor sairmos daqui. — Ela deu uma rápida conferida na frente do veículo e sacudiu a cabeça negativamente, balançando os cabelos cacheados. — Aparentemente, o carro não sofreu nenhum dano. Vamos, eu o levo ao local aonde estava indo.

Orlando ia recusar, mas decidiu aceitar o convite. Não havia nenhum problema em desfrutar da companhia daquela belíssima

mulher por mais alguns minutos. Além disso, o braço e as pernas estavam mais doloridos do que ele queria admitir.

Entraram no carro, e ela deu partida. Orlando a analisou de perfil e concluiu que aquela mulher conseguia ser bonita vista de qualquer ângulo. Era impressionante. Percebendo-se contemplada por ele, ela sorriu.

— Ainda não me disse onde gostaria que eu o deixasse.

— Bom... na verdade, eu tinha saído de casa, mas não estava indo a nenhum lugar especial. — Ele pensou na saída apressada de Melina e conteve um estremecimento. — Talvez caminhar pela areia da praia.

— E eu simplesmente feri suas pernas. — Ela o olhou rapidamente e havia consternação na expressão da moça. — Sinto muito mesmo.

— Não precisa se desculpar. Já disse que o culpado fui eu. E acho que também será minha culpa se eu atrasá-la em seus compromissos.

— Ah, não se preocupe. — Ela tornou a abrir um sorriso fantástico e consultou o horário no painel do carro. — Hoje eu não tenho a primeira aula.

— Então você é professora?

— Dou aulas em uma universidade. Fica bem perto daqui. Normalmente aproveito as minhas aulas vagas para orientar alguns alunos em seus trabalhos de conclusão de curso, o famoso TCC, que tanto apavora os universitários.

— E que disciplinas você leciona? – Em um único instante, Orlando queria saber tudo sobre ela. As dores latejavam nos locais

atingidos pelo carro, mas a curiosidade sobre aquela mulher tão cativante nem o deixava senti-las.

— Dou aulas para todas as turmas de Humanas, área da Educação. E você? O que faz da vida, além de atravessar as ruas sem olhar para os lados?

A gargalhada que Orlando soltou foi natural e relaxante. Havia tempos ele não ria tão à vontade. De repente, se pegou pensando em Melina outra vez e ficou tenso. Ele adoraria continuar conversando com aquela moça tão simpática, mas sua filha estava em primeiro lugar.

— Se você puder fazer a gentileza de virar no próximo quarteirão, estarei na rua da minha casa — pediu Orlando. — Quanto à minha profissão, sou *chef* de cozinha em um restaurante. Garanto que não costumo deixar o arroz grudar.

— Nunca conheci um *chef*. — Rindo, ela bateu as belas mãos no volante. — Já senti meu apetite se abrir.

Orlando percebeu quando ela olhou pelo espelho retrovisor interno. Automaticamente, ele voltou o rosto para o assento traseiro, que estava vazio.

— Você quase quebrou as minhas pernas e ainda não me disse seu nome — tornou Orlando, em tom de brincadeira.

— Estou ficando muito distraída. — Ela virou na rua em que Orlando indicou e respondeu: — Eu me chamo Rosa, e você?

— Orlando. — Ele apontou para a casa em que morava, e Rosa parou o carro no acostamento. — Foi um prazer conhecê-la. Você me pareceu ser bastante divertida e carismática.

— Você também. — Rosa tornou a olhar para o espelho e o fitou. — Mesmo que esteja usando esse momento de descontração para encobrir o que realmente sente em seu coração.

O sorriso de Orlando começou a murchar. Antes que fizesse uma pergunta, Rosa continuou:

— Não se aflija com os problemas de sua filha. Lembre-se de que a espiritualidade não vai abandoná-la. Nossos amigos invisíveis se empenharão em protegê-la.

Orlando custou alguns segundos para reagir. Estava branco como uma folha de papel. Sentiu vontade de abrir a porta do carro e sair correndo se as pernas machucadas permitissem essa ação. Por outro lado, a curiosidade o manteve no mesmo lugar. Era óbvio que Rosa não dissera aquelas palavras para assustá-lo. Ela falava com suavidade e delicadeza. Em voz alta, ele questionou:

— Como você sabe sobre...

— A sua filha? — ela completou. Olhou pela terceira vez para o espelho e anunciou: — O nome dela é Melina, certo?

— Não me diga que você a conhece.

— Nunca tinha ouvido falar nela até que você entrou no meu carro.

Cada vez mais intrigado e até um pouco amedrontado, Orlando quis fazer mil perguntas em um só instante. Nem percebeu que Geralda estava espiando da janela, semioculta por trás de uma cortina.

— Moça, desculpe se vou ofendê-la, mas você é algum tipo de bruxa? Por que fica olhando para o espelho retrovisor? Ele é

mágico? — Podia parecer tolice, mas era exatamente nisso que Orlando estava começando a acreditar.

— Não sou bruxa e nem tenho espelho mágico. — Ela ergueu a mão e ajustou o espelho. Tornou a fitar Orlando com um leve sorriso nos lábios. — Sou médium. A minha mediunidade sempre foi extremamente desenvolvida. Eu vejo e converso com espíritos da mesma maneira que estou vendo e falando com você.

Orlando abriu a boca como se não pudesse mais respirar pelo nariz. Rosa prosseguiu:

— Havia dois espíritos no assento traseiro do carro ainda há pouco, mas eles já foram embora. Eu os olhava pelo retrovisor. Eram espíritos de luz e pretendem ajudá-lo e à sua filha. Um deles disse que se chamava Tenório, e o outro, Xavier.

Ele nunca conhecera ninguém com aqueles nomes. Para dizer a verdade, Orlando jamais ouvira falar de alguém que tivesse aquele dom que Rosa afirmava ter. Teria achado engraçado se fosse em outro momento e outra ocasião. Contudo, a expressão de Rosa não deixava dúvidas de que ela não estava brincando.

— Perdoe-me, mas é difícil crer que isso exista. Não estou chamando-a de mentirosa, mas...

— Eu não poderia saber o nome da sua filha sem conhecê-la, certo? E como poderia adivinhar que você está com o coração carregado de preocupação por ela? Eles não me disseram quais são os problemas pelos quais vocês vêm passando. Simplesmente me disseram as palavras que comentei com você. Querem que você saiba que terá todo o amparo espiritual na superação desse desafio.

Orlando ainda não conseguia acreditar. Ele sempre admitira a existência de Deus, assim como contava com a proteção Dele para sua família. Jamais imaginara que alguém pudesse manter um contato tão próximo com espíritos.

— De fato, eu estou passando por uma fase muito complicada em casa. Minha filha foi demitida de dois empregos por razões que não convêm mencionar agora. Minha esposa não acredita em mim e decidiu apoiar Melina de uma maneira que não será de grande ajuda. Eu tinha saído de casa justamente para esfriar minha cabeça. Estava tão disperso que não vi seu carro se aproximando.

Convicto de que Rosa estava sendo sincera, Orlando também decidiu se abrir. Estava revelando detalhes de sua família a uma mulher praticamente desconhecida, coisa que não faria nem mesmo com seu patrão Frederico, a quem conhecia há tantos anos.

— Já parou para imaginar que talvez esse atropelamento tenha sido proposital?

— Acha que os espíritos queriam que eu a conhecesse?

— Pode ser.

— Mas não tinha uma forma menos dolorida?

Rosa sorriu. Raramente revelava aos outros sua sensibilidade aflorada. Desde pequena, via espíritos, e as pessoas zombavam dela, taxando-a de louca, de feiticeira ou de charlatã. Seu irmão caçula, que nasceu dois anos depois dela, não viveu muito tempo para que ela descobrisse se ele também teria a mediunidade desenvolvida.

Quando seu pai percebeu suas habilidades de comunicação com o plano astral, separou-se da mãe e as abandonou. Eugênia, a mãe, apesar do medo que sentia da presença dos espíritos, criou a filha com amor e zelo. Com o decorrer dos anos, ambas descobriram a espiritualidade através de estudos e ficaram em paz. Rosa compreendeu que ser médium não era uma desgraça e sim um benefício.

Claro que não era algo que ela desejava para si, pois do mesmo jeito que costumava ver espíritos instruídos, via também criaturas que a deixavam apavorada. Perdera as contas de quantas amizades se foram por causa do preconceito e da ignorância das pessoas. Trabalhou em três universidades em menos de dois anos. Apesar de ser uma excelente profissional, tendo conquistado um título de doutora no meio acadêmico, as pessoas não confiavam nela quando a viam falando sozinha pelos corredores ou analisando uma parede quando aparentemente não havia nada ali.

Estava com 32 anos. Sua mãe desencarnara no início do ano passado, deixando-a fisicamente sozinha, pois já conversara com Eugênia algumas vezes após sua morte. Sabia que ela estava bem e que fora bem acolhida em uma cidadezinha astral. Sempre que conseguia autorização, a mãe vinha visitá-la por alguns instantes.

Seus namoros não duravam muito, pois os pretendentes corriam dela, certos de que Rosa era desajustada. Por isso, morava sozinha na residência em que vivera desde criança. Fora lá que vira seu pai partir para nunca mais voltar e assistira às mortes do irmãozinho e de Eugênia.

— Deve ser maravilhoso poder conversar com quem já morreu — exprimiu Orlando, apesar de ainda estar um pouco incrédulo.

— Às vezes, não é. Existem coisas que eu vejo e que gostaria de jamais ter visto. E eu não falo com os mortos.

— Não? Mas você acabou de dizer...

— Só é possível falar com quem está vivo. O que morre e apodrece é o corpo, mas não o espírito, que é imortal e que conserva os mesmos conhecimentos que tinha ao deixar o corpo. As pessoas continuam vivas, e então eu falo com elas quando querem ser vistas ou desejam se comunicar comigo.

— E o que você faz quando isso acontece?

— Eu peço orientação na tenda. Lá, eles são encaminhados para os locais mais convenientes para a melhoria e o aprendizado de cada um.

— E o que é essa tenda?

— É o centro de Umbanda que frequento. Foi lá que me ensinaram que eu não era uma aberração por enxergar espíritos. Fizeram com que eu percebesse que a clarividência é um processo natural, assim como outros semelhantes. — Percebendo que Orlando estava ficando confuso, Rosa puxou o freio de mão e desligou o veículo. — Os médiuns clarividentes costumam ver o mundo astral à nossa volta com bastante nitidez. Embora não aconteça comigo, alguns até conseguem enxergar acontecimentos que estão ocorrendo em outros lugares ou que ocorreram no passado.

— Mas você não só os vê, como os ouve também.

— Sim. Tem pessoas que só escutam as vozes dos espíritos. São chamadas de médiuns audientes. Outras são médiuns de incorporação, quando o espírito se utiliza de alguém para se comunicar, para psicografar etc. Eu nunca psicografei nem uma palavra. Simplesmente os vejo. Eles falam comigo, me dão orientações ou pedem algum tipo de auxílio. Nesses casos, eles são instruídos na tenda, que é dirigida por uma falange de índios com muitos conhecimentos. Eles sempre estão dispostos a ajudar o próximo.

Eram muitas informações para que Orlando pudesse assimilar todas de uma vez. Sabia que teria que se encontrar com Rosa outras vezes. Ela estava apresentando para ele um mundo fantástico, que destruía qualquer misticismo envolvendo a morte.

— Querida Rosa, eu preciso entrar agora, e você tem que partir para a universidade, mas espero que a nossa conversa não se encerre aqui.

— Eu adorei conhecê-lo — confessou Rosa com sinceridade. — Apesar das dúvidas, foi a primeira pessoa que não saiu correndo de perto de mim e respeitou tudo o que eu disse.

— Como eu poderia fugir de uma mulher tão bonita estando com as pernas doloridas? Você está de carro e poderia me atropelar novamente.

Rosa apoiou a cabeça no encosto do assento e soltou uma gargalhada descontraída. De repente, baixou o olhar para as pernas dele.

— Não quer mesmo que eu o leve para consultar um médico?

— A minha filha é médica. “Embora não estivesse se comportando como tal”, pensou Orlando. — É pediatra, mas pode resolver os problemas de um velhinho como eu.

— De coração, espero que tudo fique bem entre você e ela – dizendo isso, Rosa inclinou o corpo para abrir o porta-luvas. A suave fragrância do perfume que ela usava deixou Orlando inebriado. Ela apanhou um cartão de visitas e entregou-o a ele. — Aí tem o número do meu celular. Mandei fazer esses cartõezinhos para distribuir entre os meus alunos. Eles sempre me ligam pedindo socorro por causa dos trabalhos.

Orlando agradeceu e guardou o cartão no bolso da calça. Rosa abriu a porta do carro e contornou o veículo para ajudá-lo a descer. Nesse momento, a porta da casa foi aberta, e Geralda, apoiada nas muletas, ficou contemplando o movimento da entrada.

Os lábios dela apertaram-se um contra o outro. Quem era aquela negra alta e elegante que abria a porta do carro para seu marido como se fosse sua chofer particular? Orlando fora encontrá-la e ainda tivera o desplante de vir com ela até sua própria casa?

Claudicando, Orlando tornou a contemplar o rosto de Rosa por alguns segundos. Ela era uns dez centímetros mais alta do que ele e certamente ficaria ainda maior se colocasse sapatos de salto alto. Sua beleza ainda o hipnotizava um pouco. Pensou em dizer que ela deveria ter tentado a vida como modelo fotográfico, mas deixou o comentário para outra ocasião.

— Aquela é sua esposa? — perguntou Rosa, ao notar que Geralda a encarava friamente, a distância.

— Por que você foi me lembrar disso? — retrucou Orlando, sorrindo. — Para evitar atritos com ela, vou deixar para apresentá-las outro dia. Você se importa?

— De modo algum. Não quero ser pivô de um desentendimento entre vocês.

— Obrigado. Você é muito compreensiva. — Baixando o tom de voz, ele completou: — Estou com seu cartão. Vou te ligar o quanto antes.

— Faça isso — ela acenou um tchau. — E se recupere rapidamente.

Orlando balançou a cabeça em consentimento. Ela entrou no carro e se afastou. Finalmente ele se entregou a uma careta de dor. Mal estava conseguindo ficar de pé. Sabia que Frederico não ficaria contente, mas ele não tinha condições de ir trabalhar no dia seguinte.

Geralda o observava se aproximar mancando. O que aquele homem aprontara naqueles poucos minutos desde que saíra? Com as pernas moles como geleia, ele saltara do carro de uma mulher jovem. Será que ele achava que ela era uma completa idiota?

Geralda o deixou passar e trancou a porta atrás de si. Estava furiosa e enciumada. Assim que se viram a sós, ela foi direto ao ponto:

— Muito bem, senhor Orlando. Pode começar a se explicar.

CAPÍTULO 27

Melina dirigia devagar por ter a visão embaçada pelas lágrimas. Não estava indo para um lugar específico. Simplesmente queria queimar combustível para adiar o momento de voltar para casa e confrontar seu pai.

Ela o traíra. Ela o enganara de uma forma sórdida e inescrupulosa. Ela fora ríspida e agressiva com ele. Fizera tudo o que Orlando jamais merecera. Era uma filha ingrata, que não soubera retribuir tudo aquilo que seu pai fizera por ela desde que nascera. Conquistara um diploma, um carro e uma independência graças ao incentivo que ele sempre lhe dera. Orlando trabalhava por longas horas na cozinha de um restaurante para comprar tudo o que ela queria.

A culpa e o remorso esmagavam sua mente como se fosse um pilão de aço. Tudo o que ela mais desejava era voltar para casa e envolver o pai em um abraço caloroso, garantindo a ele que nunca mais usaria drogas. Sabia, entretanto, que seria uma promessa em vão. Não valia mais a pena fingir para si mesma que não estava viciada. Gastara o dinheiro que recebera de sua rescisão trabalhista com cocaína. E já sabia que quando o pó acabasse, ela daria um jeito de conseguir dinheiro para comprar mais.

Isso não era estar viciada? Isso não era a prova de que tinha se tornado uma dependente? Aquela euforia de liberdade, poder e

prazer ainda lhe fazia bem, mas parecia ter uma duração cada vez menor. Ela já não precisava mais daquilo para aliviar seu cansaço, uma vez que estava desempregada. No entanto, era como deter um trem desgovernado. Não havia como parar. Achava que a droga era mais forte do que ela, uma luta desigual. Simplesmente, tinha que se entregar ao vício.

Havia clínicas de recuperação para dependentes químicos. Ela mesma conhecia algumas. E se procurasse Orlando e pedisse a ele que a internasse em um daqueles lugares? Não era motivo de vergonha ou de constrangimento. Sabia que haveria outros como ela, de diferentes idades, em estágios mais precoces ou avançados no vício. Ela ainda era uma iniciante, e talvez sua recuperação fosse mais rápida. Orlando ficaria contente com aquela decisão e voltaria a confiar nela.

Melina não percebia que estava sendo influenciada por Xavier. Sentado no banco do passageiro, ele murmurava palavras de incentivo e de superação. Aquele era o momento adequado para que ela procurasse ajuda com especialistas da área. Se ela cedesse ao vício e aos comandos dos enviados de Cronos, o sofrimento seria maior.

— Volte para casa, meu amor — induzia Xavier. — Fale com seu pai e peça ajuda. Não fique se martirizando com a culpa. Não veja suas atitudes como erros, mas sim como mecanismos que favoreçam seu crescimento. Quem consome drogas não se transforma em escória humana, ao contrário, os usuários são pessoas que necessitam de todo e qualquer apoio para vencer

esse obstáculo. Eu estou aqui para ajudá-la. Você precisa ser forte para passar por isso. Só assim conseguiremos viver nosso amor.

Assim que parou de falar, Xavier voltou o rosto para o banco traseiro, onde Lori acabava de se materializar. Ela estava nitidamente assustada. Há décadas, não vinha ao plano físico e não estava satisfeita com a ordem de Cronos. No entanto, sabia que seria castigada por ele ou por Alesha se não obedecesse fielmente. Sua tarefa era obrigar Laguna, que agora se chamava Melina, a consumir drogas com mais intensidade.

Lori acompanhou os pensamentos de Melina com certo espanto. Ela já estava falando em se internar para promover a própria recuperação. Aquilo não poderia acontecer. Sem enxergar Xavier ali, ela começou:

— Não sei para onde você está indo, mas é bom voltar para casa. Adorei a forma como agiu com seu pai. Ele só quer se intrometer na sua vida e você não deve permitir que isso aconteça. Ele não tem direito de mandar em você, sabia? Quanto à sua ideia de se recuperar, é totalmente descabida. Nunca voltará a ser o que era antes. As drogas são um caminho sem volta. Você pulou em um abismo, agora só resta aguardar pelo momento em que vai se arrebentar lá embaixo. Como não resta muito a ser feito, eu sugiro que você continue consumindo. Vai ajudá-la a se esquecer de seus problemas com seu pai.

Xavier sabia que poderia ficar visível para Lori e detê-la. Mas se fizesse isso, tiraria de Melina o direito de escolher. Ela tinha sentido as inspirações de ambos os lados. Assim como poderia buscar ajuda e se recuperar, poderia continuar cheirando a cocaína e

deixar que o mundo se lixasse. O pó poderia destruí-la ou salvá-la do embate com Orlando.

— Melina, você é médica — intercedeu Xavier. — Dedicou anos de sua vida estudando diversas maneiras de curar as crianças. Você trabalhou pela cura, pela recuperação. Por que não pensa em curar a si mesma? Por que não valoriza sua saúde como sempre valorizou a dos seus pacientes?

— Seu pai te bateu — replicou Lori. — Se ele a amasse, jamais tocaria em você. Agora que ele descobriu que você consome drogas, nunca mais a deixará em paz. Você precisa se fortalecer e, para isso, só existe uma maneira, que você sabe qual é.

Em uma batalha mental de prós e contras, Melina se decidiu quanto ao que deveria fazer. Amava o pai, mas precisava pensar em si mesma por enquanto.

Enfiou a mão debaixo do banco e apanhou um dos saquinhos de cocaína que comprara com Coelho da última vez. Tinha optado por deixar um no carro, caso quisesse cheirar enquanto estivesse no trânsito. Sabia que poderia ser perigoso, mas de uns tempos para cá sua vida se tornara uma constante fonte de adrenalina.

Ela até uma rua escura e pouco movimentada. Parou o carro junto ao meio-fio, mas não desceu do veículo. Desligou os faróis e soltou o cinto de segurança. Com as mãos trêmulas, para tristeza de Xavier e satisfação de Lori, ela colocou um pouco do pó na palma da mão, inclinou o banco para trás, tampou uma das narinas e aspirou a droga. Logo em seguida, repetiu o procedimento com a outra narina.

Imediatamente, sentiu que seu cérebro se aquecia, iluminava e funcionava com rapidez, como se alguém o colocasse em uma tomada. Ela se preparou para inalar a cocaína mais uma vez quando ouviu batidas no vidro do seu lado. Assustada, Melina deixou o saquinho cair para o piso e virou o rosto. Dois policiais fardados estavam ali.

Lentamente, ela abaixou o vidro e os fitou. Estava escuro, mas pôde ver-lhes o rosto nitidamente.

— Boa noite, minha jovem! — cumprimentou um deles. — Poderia descer do carro por um instante? Precisamos conversar.

***

Geralda avaliava Orlando, que se mantinha calado. Ela repetiu:

— Quero ouvir suas explicações. Quem era a mulher que o trouxe de carro?

— Eu a conheci agora. Sofri um acidente, e ela me socorreu.

A resposta de Orlando soou tão improvisada que Geralda soltou uma risada de escárnio.

— Acidente? O que acha que eu sou? Uma imbecil?

— Eu fiquei tão desnorteado com a discussão com Melina que precisava arejar a cabeça de alguma forma. Nenhum pai gostaria de estar no meu lugar recebendo a notícia de que a filha é usuária de drogas. Eu fui pra rua, não para encontrá-la, já que não sei para onde ela foi, mas simplesmente para desanuviar as ideias. Não conseguia pensar em outra coisa e não vi o carro daquela moça. Ela me jogou no chão com a pancada — para provar o que estava dizendo, Orlando ergueu o braço mostrando a pele ferida.

— Não comece com essa história de drogas — contestou Geralda. — Nossa filha jamais mexeria com essas coisas. Ela é uma médica. Onde já se viu? Não use isso como pretextos para abafar seus casos com suas amantes.

Dessa vez, foi Orlando quem sentiu vontade de rir. O absurdo da situação soava, no mínimo, ridículo e cômico.

— Você é pirada, Geralda. De onde tirou a ideia de que eu tenho amantes? Sabe que eu nunca a traí com ninguém. Essa moça simplesmente me deu carona até aqui a meu pedido, pois eu recusei que ela me deixasse no pronto-socorro.

— Ela deve ter sugerido um motel, e você disse que não tinha tempo.

— Vou tomar um banho. — Ele fez um muxoxo e virou as costas para a esposa. — Não vou perder meu tempo ouvindo suas asneiras. Quero ver até que ponto minhas pernas estão feridas.

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — questionou Geralda, andando atrás dele, movimentando suas muletas com rapidez. A voz dela parecia chorosa, mas seus olhos estavam secos. — A intimidade com que ela o ajudou a descer do carro não surgiu hoje. Vocês já se conheciam antes.

— Só se foi em uma vida passada. — Debochado, Orlando desfechou: — Talvez ela e eu tenhamos mesmo sido amantes quando as bruxas ainda iam para as fogueiras.

Geralda estacou no lugar quando o viu subir as escadas pulando os degraus de dois em dois. Nunca pensou que Orlando pudesse ser tão engenhoso na arte da mentira. Além de acusar

Melina de uma inverdade, ainda negava veementemente a existência de uma amante, o que ela comprovara havia pouco.

Furiosa, ela apertou a madeira de uma das muletas com força, desejando poder esmigalhá-la em sua mão, da mesma maneira que gostaria de fazer com o marido naquele momento.

***

Rosa passou pela praça de alimentação no campus da universidade e tomou um café. Tinha atropelado uma pessoa naquela noite. Jamais sofrera nenhum tipo de acidente grave no trânsito caótico do Rio de Janeiro. Sabia que se não tivesse freado a tempo, Orlando teria bem mais do que algumas escoriações nas pernas e no braço. Ela não se perdoaria se fosse a responsável pela tragédia envolvendo outra pessoa.

Por sorte, nada de mais grave tinha acontecido. Os espíritos que ela vira pelo retrovisor interno, acomodados no assento traseiro, tinham lhe dado uma mensagem que ela repassou para Orlando na íntegra. Era bem provável que o acidente não tivesse sido ao acaso, conforme ela já tinha comentado com ele. Sabia que a espiritualidade sempre envia diferentes sinais e avisos para promover avanços e benfeitorias na vida de alguém. Talvez fosse o caso de Orlando, ou dela mesma.

Depois que terminou o café, Rosa jogou o copinho descartável num cesto de lixo e pegou um dos elevadores para subir até a sala em que daria a segunda aula. Gostava de ficar ali preparando algumas atividades ou atendendo alguns alunos desesperados,

que apresentariam seus trabalhos de conclusão de curso nas próximas semanas.

Assim que acendeu as lâmpadas da sala, ela colocou o *notebook* sobre a mesa e conectou o cabo de rede à saída da parede. Percebeu um movimento na lateral e virou o rosto. Viu uma jovem de óculos segurando alguns livros e várias pastas. Ela parecia ansiosa para perguntar alguma coisa à professora. A um gesto de cabeça da docente, a garota se aproximou.

— Boa noite, professora Rosa. A senhora tem um tempinho pra mim?

— Você de novo, Mariana? Sabe que não deveria estar aqui.

— Sim, eu sei, mas é que ainda não consegui colocar meu trabalho em ordem. — Ela bateu em uma das pastas. — Só queria que a senhora desse uma olhadinha pra ver se eu estou indo bem.

— Mariana, você sabe que eu adoraria ajudá-la, só que, infelizmente... — Rosa deu de ombros, deixando a frase inacabada.

— Você tem muitos outros alunos a ser orientados, não é? — A menina pareceu triste, mas de repente um sorriso iluminou seu rosto. — E se eu fosse procurá-la em sua casa?

— Nem tente isso. Sinto muito se pareço grosseira, mas não a quero em minha casa. Você sabe muito bem a razão, mas finge não entender.

— Eu não sei de nada. E não se preocupe, professora Rosa. Se não tem tempo pra mim, então vou pedir para outro professor dar uma olhada em meu TCC. Obrigada.

Rosa ficou observando a estudante caminhar na direção da porta e desaparecer em pleno ar. Já estava acostumada com o

espírito da ex-aluna. Ela tinha morrido em um acidente de moto, com o namorado, havia um ano. O rapaz sobrevivera, e ela viera a óbito na mesma hora.

Em espírito, rejeitando qualquer tipo de ajuda ou orientação, ela se recusava a acreditar que estava morta e ainda dizia que as pessoas eram mal educadas por ignorá-la. Insistia em terminar o trabalho que seria apresentado dentro de poucos dias. Ouvira outras alunas falando sobre as orientações dadas por Rosa e viera procurá-la. Tudo ficou ainda mais natural para ela quando Rosa a viu e a ouviu perfeitamente. Porém, quando Rosa explicava que ela já havia desencarnado e que tinha que partir para outros lugares, ela ficava nervosa e fugia do assunto.

Depois que ela partiu, Rosa tornou a se concentrar no *notebook*. Sua concentração durou pouco tempo, pois logo seus pensamentos foram desviados para Orlando. Não tinha pedido o telefone da casa dele. Sabia onde ele morava, porém, não iria procurá-lo, pois vira que sua esposa a fitara com ares de poucos amigos. Só que ela continuava se responsabilizando pelo atropelamento e gostaria de acompanhar a recuperação dele. Esperava que ele lhe telefonasse o mais depressa possível.

***

Vendo que não havia outra opção, a não ser acatar as ordens dos policiais, Melina desceu do carro com o coração batendo na garganta. Estava suando frio e colocou as mãos nos bolsos da calça para que eles não notassem que ela estava tremendo.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou. — Eu não fiz nada.

Uma parte do seu cérebro ainda estava lúcida, mas a outra parte já estava sob efeito da droga. O lado que raciocinava com clareza sabia que ela tinha de se manter o mais natural possível para que eles não percebessem nada.

— É que registramos o caso de um roubo aqui nos arredores e estamos parando todos os veículos para uma avaliação.

— O que foi roubado?

— Joias, de uma joalheria localizada no quarteirão seguinte.

— Eu garanto que não preciso roubar nada. Sou pediatra. — Ela abriu a bolsa e mostrou sua carteirinha do Conselho Regional de Medicina aos soldados. — Só parei o carro nessa rua escura porque o filho de uma mulher está passando muito mal. Ele tem apenas seis anos. Ela acabou de me telefonar.

Um dos policiais ainda reteve a carteirinha de Melina por alguns instantes e a devolveu, por fim.

— Tudo bem. Vamos liberá-la, mas é melhor que saia daqui, ou correrá o risco de ser assaltada.

O suspiro de alívio que ela soltou foi quase visível.

— Obrigada.

Ela já ia entrar no carro quando um dos homens a segurou pelo braço. Ele a estudou fixamente por alguns segundos enquanto Melina tornava a suar frio.

— O que é isso nas suas narinas? Parece um pó.

A palidez tomou conta do rosto dela por completo. O nervosismo já estava sendo demonstrado. O mesmo policial que

fizera a pergunta, completou:

— Se a senhora não se importa, vamos revistar o carro.

CAPÍTULO 28

Na penumbra de um quarto amplo e ricamente decorado, um homem colocou um dos aparelhos celulares sobre a mesinha de cabeceira e deitou-se lentamente sobre a cama, coberta por mantas finas e lençóis de seda. Dedicava-se a algo que lhe era rentável. Extremamente rentável. Algo que muitos nem consideravam como uma profissão, embora, na opinião de Ted Cavalcante, ser traficante também era uma espécie de trabalho quase honesto.

Aquele não era seu nome verdadeiro, mas era como queria ser conhecido no ramo. Não se orgulhava de ser um dos maiores chefões do tráfico do Rio de Janeiro, mas sim de obter um vultoso retorno financeiro. A grana caía em suas mãos como uma cascata caindo em um lago. A cada dia, tornava-se mais rico, tão rico que já possuía duas propriedades no exterior. E tudo isso à custa da venda de drogas, de todos os tipos e todas as espécies conhecidas.

Quando um homem tem muito dinheiro costuma ser também muito influente. Ted tinha influência em muitos meios. Seu poder de persuasão eram as notas que depositava nas mãos certas. Conseguia o que queria sem ser incomodado, já que conhecia alguns policiais que, por uma boa grana, fingiam jamais ter ouvido falar no codinome que ele adotara.

Tinha dezenas de “revendedores” espalhados pelos morros do Rio de Janeiro e nas áreas nobres também. Não lhe davam problemas, mas, quando isso acontecia, a ordem era uma só: tal pessoa precisava ser anulada do esquema. No dia seguinte, o corpo crivado de balas era encontrado em um beco qualquer. Diante da fama de homem impiedoso, Ted nunca era desafiado ou traído. Os homens a quem ele repassava as drogas eram tão confiáveis quanto o anoitecer.

Coelho era um deles. Tentava ser esperto, mas era ingênuo como um pombinho. Morria de medo do chefe e se esmerava para dar a impressão de que trabalhava com perfeição. Para evitar uma bronca de Ted que, em outras palavras, era o mesmo que perder a vida, ele procurava informá-lo de tudo o que via de estranho. Por isso, tratou de comunicá-lo sobre a segunda compra que Melina fizera com ele.

Sete trouxinhas de cocaína de uma só vez. Aquela mulher estava mesmo necessitada. Ele adoraria saber os motivos que a levaram àquela compra. Raramente uma mulher ia sozinha adquirir esse tipo de coisa, principalmente em uma quantidade tão grande. Se Melina enfrentara o medo e ousara se meter na periferia atrás de drogas, era porque tinha boas razões para isso.

No escuro, Ted sorriu. Ele adoraria saber quais seriam aquelas razões.

***

Ao ouvir os policiais afirmarem que iriam revistar o carro de Melina, Lori resolver intervir. Não podia permitir que eles

descobrissem o saquinho oculto com a droga sob o banco em que ela se sentara. Se Melina fosse presa, não consumiria a cocaína por algum tempo, e os planos de Cronos seriam adiados outra vez.

Ela aproximou o rosto do ouvido de Melina e ordenou:

— Diga que o pó branco em seu nariz é algum remédio ou vestígio de maquiagem. Invente alguma coisa, mas não permita que eles entrem em seu carro.

Sem esperar pela reação de Melina, Lori voltou-se para os policiais. Falou em voz alta, quase gritando:

— Saiam daqui! Ela não roubou nenhuma joia. Se procurarem em outro lugar, vão encontrar o que estão buscando. Deixem-na em paz.

Obedecendo fielmente às instruções do espírito, Melina redarguiu:

— Esse pó é o que sobrou do produto que uso logo após a aplicação de cera quente para retirada do buço.

Os policiais, que nada sabiam sobre a vaidade feminina, deram de ombros. Aquele que pedira para revistar o carro, ao sentir as orientações ditadas por Lori, olhou para o colega com ar de dúvida.

— Não acha que estamos perdendo tempo com ela, Roger?

Antes que o outro respondesse, Melina esclareceu:

— O fato de eu estar parada em uma rua escura e quase deserta não me torna uma bandida. Nunca roubei joia alguma.

Eles perceberam que ela estava nervosa, atropelando as palavras enquanto falava. Não estava totalmente sóbria. Era como se estivesse um pouco bêbada, mas isso não era problema deles. Tinham obrigações mais importantes a tratar.

— Só tome cuidado quando for dirigir, senhora. — Eles se afastaram dela. —Tenha uma boa noite e nos desculpe pelo incômodo.

Melina só assentiu e entrou no carro. Subiu os vidros escuros, aliviada. Graças a eles, os guardas não puderam vê-la inalando a droga. Fora por pouco. Jamais cometeria a tolice de consumir o pó em via pública outra vez.

Ela deu partida e tomou o caminho de casa. Xavier, que assistira a tudo, permanecia calado, dando a Lori a impressão de que saíra vencedora.

“Aquele difícil embate por Laguna ainda não tinha terminado”, ele pensou. “Aliás, estava simplesmente começando”.

A casa estava às escuras e silenciosa quando Melina voltou. Teve uma grande sensação de alívio. Pelo menos não teria outro confronto com o pai e nem seria obrigada a ouvir os lamentos esganiçados da mãe. Com o cérebro parcialmente drogado, ainda assustada com a abordagem dos policiais e influenciada constantemente por Lori, tudo o que ela mais desejava era cair na cama e dar aquela noite por encerrada.

Ela não se deu ao trabalho de acender a luz, por isso, tomou um susto quando o vulto se ergueu do sofá e pulou diante dela. Reconheceu a silhueta do pai e recuou alguns passos, como se achasse que ele fosse atacá-la.

— Achei que você fosse chegar mais cedo — ele balbuciou, ainda no escuro.

Melina caminhou até o interruptor, e a claridade preencheu o ambiente. Orlando nem sequer piscou. Permaneceu parado, de pé,

com os braços cruzados, à espera de uma explicação que, possivelmente, não viria.

Sem responder, ela deu alguns passos, aproximando-se dele. O que cheirara da cocaína não a deixara “doidona”, embora seu raciocínio não estivesse trabalhando com plena lucidez. Era como um avião voando com apenas uma das turbinas em funcionamento. E o que viu nos olhos do pai a deixou arrasada. Havia tanta tristeza naquele olhar que ela quase caiu de joelhos aos pés dele, para pedir-lhe perdão por fazê-lo sofrer.

— O que você estava fazendo no escuro, sozinho?

— Esperando você chegar — tornou Orlando. — Não vai me dizer onde esteve?

— Pai, eu vou dormir. Estou cansada.

— Mande esse velho às favas — induziu Lori. — Você não precisa dele para ser feliz e independente. Ele é o último obstáculo que a impede de ser livre e poderosa.

— Saí por aí — com essa resposta vaga, Melina chegou ainda mais perto dele, sem nenhuma intenção de tocá-lo.

Orlando continuou fitando-a, se esforçando para não chorar. Melina estava tão próxima dele que era possível ver os vestígios da droga nas narinas dela. Na pressa em despistar os policiais, ela nem se lembrou de limpar o rosto. Ver a única filha se entregar passivamente para a força do vício era como ter o coração queimado por ácido. Ele sabia que havia muitas coisas que poderia fazer para ajudá-la, mas nada daria certo sem a vontade de Melina de se recuperar.

A cumplicidade quase infantil que havia entre eles deixara de existir. Para onde fora todo o respeito, a amizade e o carinho que um nutria pelo outro? Para onde fora a Melina que Orlando criara e vira crescer alegre e saudável?

— Não dê ouvidos ao seu pai — estimulou Lori. — Deixe-o falando sozinho e vá para seu quarto. Lá existem maravilhas esperando por você.

Mesmo sentindo a frequência das palavras do espírito, Melina não agiu como Lori desejava. Havia algo que a imobilizava, algo que a impedia de atacar Orlando. Ficara furiosa quando ele jogara a verdade sobre ela, relembrando seu caso com Edson, a verdadeira razão que culminou em sua demissão e sua dependência das drogas. Tinha alardeado seu ódio por ele, mas era um sentimento que ela não conseguia sentir.

— Por que, Melina? — quis saber Orlando. Aquela simples pergunta poderia trazer a resposta para todos os seus questionamentos. — Você sempre teve tudo do bom e do melhor. Não somos ricos, mas vivemos bem, e nunca deixei que lhe faltasse nada. Sempre pensei que você vivesse uma vida de plena satisfação. Sempre há uma causa para que as pessoas procurem as drogas. Quero saber quais foram seus motivos.

— As drogas também procuram as pessoas.

— E basta recusá-las. Você não podia ter feito isso. Por que você entrou para esse mundo? Por curiosidade, não pode ser, pois você é uma mulher experiente.

— Eu trabalhava demais. Estava muito cansada, mas não queria parar. Sempre amei tudo o que eu fiz. Adoro a minha

profissão. Só precisava de uma dose extra de energia para continuar o que eu fazia, e Edson me proporcionou isso. O cansaço adquirido após dobrar dois ou três turnos desaparecia em segundos.

— Você não precisava disso. — As lágrimas finalmente transbordaram dos olhos de Orlando. — Bastava abrir mão de um dos empregos. Você nunca foi uma pessoa ambiciosa e não precisava de tanto dinheiro assim. Não é possível que você tenha se tornado uma viciada por causa de algo tão banal.

— Os efeitos passavam mais rápido e já não pareciam tão divertidos. Então descobri isto — ela ergueu dois dedos e apontou para o próprio nariz.

— Pare de dar satisfações a esse imbecil — rugiu Lori. — Vá cheirar no seu quarto. Vamos, Laguna, faça o que estou mandando imediatamente.

Dessa vez, a força da ordem de Lori teve mais impacto sobre Melina. Uma vontade incontrolável de inalar o pó tomou conta do corpo dela. Queria dar aquela conversa com o pai por concluída. Nada lhe diria sobre a abordagem dos policiais, naturalmente, e nem pretendia falar sobre como descobrira Coelho, tornando-se cliente dele.

— Eu quero subir, pai. Por enquanto, não temos mais nada a dizer.

— Eu te amo, minha filha — confessou Orlando. — E vou te amar cada dia mais, independente do que você decida fazer.

Uma luz clarinha começou a brotar do peito de Orlando e a se estender na direção de Melina, em semicírculo, como se fosse a

formação de um arco-íris. Assustada, Lori tratou de intervir. Especialista em plasmar objetos, ela conseguiu materializar uma espécie de escudo. Usou o acessório para tentar impedir o fluxo da luz, mas foi empurrada para trás com tamanha violência que quase foi parar no chão.

Lori mentalizou Charles e Zeus e enviou um chamado telepático de urgência. Segundos depois, ambos estavam na casa de Orlando. A companheira apontou para o ocorrido.

— As vibrações de amor desse velho vão influenciar Laguna. Se isso acontecer, por amor ao pai, ela vai procurar um meio de se tratar em uma clínica. Tentei impedi-lo e não obtive sucesso.

— Deixe comigo. — O imenso Zeus contornou Orlando e parou atrás das costas do homem. — Sei de uns truques que vão tirar esse infeliz do nosso caminho definitivamente.

Como se soubesse o que estava se passando no astral, Orlando, ao declarar seu amor por Melina, fechou os olhos e mentalizou a proteção divina. Rosa dissera ter visto dois espíritos de luz e afirmou que eles ajudariam pai e filha. Ele precisava dessa ajuda naquele momento.

— Sou um homem que acredita no amor e na vitória do bem — ele sussurrou em voz tão baixa que nem mesmo Melina conseguiu ouvir. — Acredito que Deus quer o melhor para todos nós. Sendo assim, o melhor para mim é ver a minha filha longe do caminho das drogas. Que os espíritos instruídos me orientem nesse momento, guiando todos os meus passos na direção mais adequada. Ajudem-me a salvar minha filha antes que seja tarde demais.

Para os três espíritos, o ar se tornou denso como uma calda. O jorro de luz que emanava de Orlando se intensificou. Algo como uma onda invisível avançou sobre eles. O primeiro a cair foi Zeus. Logo, Charles e Lori também desabavam no chão, totalmente atordoados com aquela reação provocada por Orlando. E quando a claridade aumentou, eles precisaram manter os olhos fechados se não quisessem ficar cegos.

Melina sentiu uma profunda paz. Seguindo o exemplo do pai, ela também começou a chorar. Em seguida, contornou as costas de Orlando com os braços, puxando-o para que ele a abraçasse.

— Espero que me perdoe porque eu te amo, paizinho — ela soprou no ouvido dele. — Está proibido de se esquecer disso.

— Minha memória ainda funciona, minha pequena — devolveu Orlando, selando a velha troca de palavras que eles mantinham há tantos anos. — Antes que eu soubesse que essas coisas estavam acontecendo, eu já a tinha perdoado de antemão. Quem realmente ama, não precisa perdoar, pois o amor impede a formação de mágoas e rancores. — Alisando os cabelos dela com os dedos, ele completou: — Só quero que me prometa que vai procurar uma clínica de reabilitação amanhã mesmo. Você não pode perder mais tempo, ou seu vício vai destruí-la cada vez mais.

Melina assentiu, ainda chorando, abraçada a ele. Os três espíritos continuavam caídos no chão, sem conseguir intervir. A luz os mantinha afastados e imóveis.

— Amanhã não vou ao restaurante — exprimiu Orlando. — Vamos dedicar o nosso dia para procurar um bom lugar onde você possa ficar por algum tempo. O que acha?

— É o que eu mais quero — e naquele momento Melina foi sincera ao dizer isso.

— Agora vá dormir. Eu também preciso me deitar. Estou tão cansado que me sinto como se tivesse sido atropelado — brincou Orlando, sem mencionar o incidente envolvendo Rosa e ele.

Melina tornou a balançar a cabeça em concordância. Beijou-o duas vezes no rosto e subiu as escadas. Ele a acompanhou com o olhar, trancou a porta de saída e foi descansar.

Em seu quarto, ela tomou um banho rápido e sentou-se na beirada da cama. A reconciliação com seu pai a deixou mais leve e serena. Ele era seu único amigo, e ela tinha consigo a ideia de que nunca poderia traí-lo ou decepcioná-lo como estava fazendo.

A vontade de inalar a cocaína tinha desaparecido. Era como uma dor de cabeça que ia e voltava. Estava ainda meio agitada, mas sabia que aquilo também passaria. O importante fora feito, pelo menos naquela noite. Se gostava realmente do pai e se tinha um pouco de amor-próprio, acataria a sugestão de Orlando. No dia seguinte, se internaria em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos.

***

Alesha estava confortavelmente sentada no colo de Cronos, trocando carícias com o líder daquela comunidade astral. Muitos dos chefes das falanges do submundo espiritual eram feios e decadentes, mas aquele era uma exceção. Não havia como uma mulher não se sentir atraída por ele, pelo fogo que ardia em seu olhar, pelos braços fortes que arrebatavam uma fêmea. Jamais

entenderia porque a idiota da Laguna não conseguia enxergar tudo aquilo.

Ambos voltaram o rosto na direção da porta quando viram três espíritos passarem por ela. Eram Charles, Zeus e Lori. Os três caminhavam sem muito equilíbrio, como um trio de bêbados. Os olhos ainda estavam contraídos e as mãos, Cronos percebeu, trêmulas como bandeiras ao vento.

— O que houve? Vocês me parecem desnorteados.

— Fomos atacados — declarou Charles, desviando o olhar.

— O quê? O que o grupo infame de Xavier fez dessa vez?

— Não foi um grupo — replicou Charles. Seria absolutamente vergonhoso admitir, mas não havia como esconder nada de Cronos. — Nós fomos abatidos por Orlando.

Cronos piscou seus olhos azuis enquanto digeria a informação. De repente, alçou a cabeça para trás e soltou uma explosiva gargalhada. Para agradá-lo, Alesha começou a rir também.

Quando a crise de riso amainou, Cronos cerrou os punhos e ficou sério como uma estátua. Sem perder tempo, desferiu um murro contra Zeus e outro no rosto de Lori. Quando Charles já se preparava para ser agredido também, Cronos o agarrou pela roupa e o chacoalhou com força.

— Desses dois incompetentes eu espero tudo, mas não creio que você também me desapontou dessa forma. Como podem? São espíritos com anos de treinamento na influência de encarnados, preparados para lidarem com todas as situações. Deveriam corar de vergonha por confessarem um absurdo como esse. Aquele

homem maldito não é nenhum feiticeiro poderoso. É simplesmente um ser humano, tão fraco e inseguro como qualquer outro.

— Desculpe, majestade, mas isso não é verdade. — Charles não escondeu o alívio quando Cronos o largou. — O poder que ele detém se chama amor, e não aprendemos a lutar contra esse sentimento em nossos cursos de treinamento. Lori estava sozinha e pediu reforço. Eu e Zeus chegamos até ela, mas não pudemos fazer nada. Havia muita luz, e ficamos imóveis e quase cegos.

Lori massageava o local atingido pelo punho de Cronos, mas fez um gesto pedindo autorização para falar.

— O que quer, sua imprestável?

— Orlando já sabe que Laguna está consumindo drogas e vai levá-la para uma clínica de recuperação em breve. Ela está viciada, mas sente vontade de parar. Por outro lado, nós conseguimos romper a proteção que havia em torno da casa e conseguimos entrar lá novamente. Não sabemos por quanto tempo continuaremos a ter acesso à casa, por isso, acho que temos que voltar e revidar.

— E quem é você para falar em ataque e revide? — desdenhou Cronos. Se ele não precisasse daqueles fracassados, colocaria todos nas jaulas da masmorra.

— Cronos — interveio Alesha —, reconheça que é hilário ver que os três não dão conta de um homem sozinho. Todos se dizem tão corajosos, mas não servem de nada. Formam uma corja de inúteis, assim como aquele tonto do Dorian, que também não tinha nenhum valor.

— Eu sei do que estou falando, Alesha — retrucou Charles, com raiva. — Esse tal Orlando superou até mesmo a magia de Zeus, que jamais falhou.

— Isso mostra o quanto vocês três são dispensáveis — contrapôs Alesha.

— Se você é tão boa, então por que não vai lá?

— Ora, como ousa falar comigo nesse tom?

— Já basta! — O grito de Cronos soou como o estrondo de uma bomba. — Não percam tempo com essas discussões supérfluas. Eu mesmo irei até Laguna.

O silêncio se fez por alguns segundos até que Charles reagiu:

— O senhor? Vai lá sozinho?

— Não se lembram de quando eu disse que pretendia me reencontrar com Laguna através de seus sonhos? Pois esse momento chegou. Aproveitando-me de que a casa dela está aberta ao público — ele soltou uma risadinha sarcástica — vou procurar Laguna. Não suporto mais ficar longe dela. Quanto ao velho, embora eu pudesse dar um jeito nele sem dificuldade, vou deixá-lo para mais tarde. Vou fazê-lo chorar lágrimas de sangue por ter se colocado em meu caminho. O melhor ficará guardado para o final.

CAPÍTULO 29

Não tardou para Melina adormecer e menos ainda para sonhar. Logo que seus olhos físicos se fecharam, ela se descobriu olhando através da janela do seu quarto. Não via nada especificamente e não saberia dizer o que estava fazendo parada ali.

— Finalmente, Laguna.

Ela não atribuiu a voz ao seu dono, mas sentiu um estremecimento ao ouvi-la. Sem nenhuma pressa em confrontar o homem que a chamava por aquele nome estranho e, ao mesmo tempo, familiar, ela virou o corpo lentamente. Antes de vê-lo, notou o próprio corpo adormecido sobre a cama, mas estranhamente aquilo não a impressionou.

Devagar, ela ergueu o olhar para o homem que estava parado do outro lado do quarto, vestido em um traje preto, feito de couro. Ele usava botas pretas de cano alto. Os braços estavam à mostra e eram fortes e musculosos. Os cabelos escuros esvoaçavam em torno do rosto, e a barba por fazer o deixava ainda mais atraente. Os lábios estavam entreabertos e os olhos, quase tão azuis quanto os dela, a fitavam com uma assustadora adoração.

Como se um filme estivesse se desenrolando em sua mente, ela tornou a se ver, dessa vez, num local escuro, abafado e apertado. Estava amarrada à parede por correntes sólidas e resistentes. Sofria por estar naquele lugar, e o homem, o mesmo

que estava parado diante dela agora, não fazia nada para ajudá-la, como se apreciasse cada minuto do seu sofrimento.

— Não se lembra mais de mim, Laguna?

— Por que me chama de Laguna? O meu nome é Melina.

— Eu gostava mais da voz que você tinha antes, quando viveu como a minha amada Laguna. Apesar de que esse corpo atual é mais lindo do que o outro.

— Não estou entendendo nada do que você está falando. Deixe-me em paz!

— Isso é tudo o que eu não pretendo fazer. — Ele sorriu, e ela ficou apavorada com aquele sorriso. — Eu posso tocá-la, meu amor?

O bloqueio mental finalmente foi rompido e ela recuou até encostar-se ao parapeito da janela. Como não o reconhecera de imediato? Como pudera, ainda que por alguns breves segundos, ter se esquecido daquele que lhe infligiu mais de um século de torturas e humilhações?

— Não se aproxime, Cronos.

— Ah, sua memória voltou? — O sorriso dele se ampliou. Devagar, adorando cada instante naquele momento, ele caminhou até ela. — Não faz ideia de como me foi doloroso conseguir conter a ansiedade até aqui. Meus homens já a viram muitas vezes desde que voltou à Terra com este corpo novo, mas eu soube esperar. Queria entrar em cena no momento certo.

Melina tornou a olhar para o seu corpo encolhido sobre a cama e tentou correr na direção dele. Cronos, mais rápido, a deteve pelo braço, fechando os olhos em completo deleite.

— Suas energias continuam as mesmas. Posso senti-las daqui. Posso perceber o quanto você ainda me ama.

— Meu coração nunca foi seu. — Num gesto brusco, ela puxou o braço para trás, livrando-se da pressão que ele fazia. — Eu amo Xavier e vou amá-lo sempre.

— Lembrou-se dele também? — inquiriu Cronos, tentando esconder a raiva e a decepção. — Então vai se lembrar de tudo o que nós vivemos... do filho que tivemos.

— Aquele filho nunca foi seu. O pai daquela criança era Xavier. Foi o fruto de um amor verdadeiro e não do asco e repulsa que sempre senti de você.

— Cuidado com suas palavras — ameaçou Cronos, o sorriso desaparecendo dos seus lábios, os olhos tornando-se frios como aço. — Não vai querer se arrepender mais tarde, não é mesmo?

— Estou farta de sua maldade. Não vou permitir que me torne sua prisioneira outra vez. Xavier me mostrou o quanto sou forte. Tenho meios de enfrentá-lo.

— Pelo jeito, você aprendeu muitas coisas com ele durante o período em que ficamos separados. Aprendeu tanto que continua agindo como eu quero.

— Do que está falando? — tornou Melina, desviando-se quando Cronos tentou tocá-la novamente.

— Você é uma viciada em drogas, assim como foi viciada em bebidas durante sua existência como Laguna. O vício é o seu ponto fraco, minha querida. Eu já a tive uma vez por conta disso e a terei de novo. É só uma questão de tempo.

— Eu fraquejei, confesso, mas já estou me reerguendo. Amanhã mesmo, meu pai vai me colocar em um local para tratamento. Dessa vez, você vai perder, Cronos.

— A quem você está tentando enganar? Julga-me um tolo, não é mesmo? Você também tem ânsia pelo poder. Sempre teve. Esse é o verdadeiro motivo de você ter experimentado metanfetamina pela primeira vez. O efeito da droga a fez se sentir mais forte. Você aspira a essa força.

— Como você sabe de tudo isso?

— Eu sei de muitas coisas que você desconhece. — Ele inclinou a cabeça de lado, estudando cada traço do rosto dela e, sobretudo, o brilho de seu olhar. — Vamos, Laguna, se quer tanto ter poder, basta me aceitar. Eu vou transformá-la na mulher mais poderosa de Simeon, desde que queira. Terá tudo aos seus pés, desde criados e servos a armas e roupas. Colocarei dezenas de espíritos para servi-la.

— Quando eu estive lá, fui sua prisioneira.

— Aquela foi uma época diferente. Agora percebo que você gosta de mim também. Temos apenas que entrar em um acordo.

— Você não pode me levar. Meu corpo não morreu.

— Você pode apressar a morte dele, inalando a droga. O poder que a cocaína está lhe oferecendo é passageiro. Não é nada comparado ao que tenho reservado para você, minha amada.

— Não vou ouvir mais nada — apesar da frieza dos olhos dele, Melina estava conseguindo sustentar o olhar sem se intimidar. — Você é um amargurado, porque sabe que jamais terá meu amor. Se

eu não puder amar Xavier, então nunca serei feliz ao lado de outro homem.

— É por isso que pretende fazer seu velho pai Orlando sofrer tanto?

A pergunta desarmou Melina. Ela olhou mais uma vez para o lado, medindo a distância até seu corpo adormecido. Porém, Cronos se colocou em seu caminho, voltando a exibir aquele sorriso que a deixava gelada.

— Não vai me responder?

— Não entendi sua pergunta.

— Ora, vamos, você compreendeu muito bem. Se amasse seu pai, não o decepcionaria tanto como vem fazendo.

— É por isso que eu quero deixar as drogas. Vou me tratar para que ele volte a sentir orgulho de mim.

— Você jamais se curará definitivamente. O anseio pelo poder pertence ao seu espírito e não se livrará dele facilmente. Quando você foi Laguna, já era assim. Daqui a algum tempo, encontrará novos subterfúgios para voltar a consumir drogas. Fará isso até matar seu pobre velhote de desgosto.

Melina não respondeu, e Cronos, implacável, continuou:

— Você está em guerra consigo. Uma parte quer deixar o vício por causa dele, mas a outra parte quer afundar cada vez mais, assumindo todos os riscos. Estou falando alguma mentira?

Por mais que ela o odiasse, foi forçada a admitir que ele estava coberto de razão.

— Sua força de vontade não é tão grande como pensa. Sendo assim, vou lhe dar um conselho, e isso independe da nossa

relação.

— Que conselho? — ela perguntou, contrariada.

— Fuja desta casa. Não é preciso mudar-se para outra cidade, mas vá para uma região em que seu pai não a encontre. Ele sofrerá por tê-la perdido, mas é melhor do que observá-la voltando ao vício de tempos em tempos. Junte-se àqueles que usam drogas livremente e nem por isso são infelizes. Viva uma vida só sua e, se não gostar, ou não der certo, basta voltar para cá.

— Eu não posso fazer isso com meu pai.

— Você já fez, só que ainda não percebeu. Mesmo que não acredite no que estou dizendo, pare e reflita. Aí dentro — ele apontou para a altura do coração de Melina — você está gostando dessa situação. Tudo é novo e diferente, e é disso que você precisa. Continua sendo a Laguna de antes, que já pensava dessa mesma maneira.

— Chega, eu não quero mais ouvi-lo. Por favor, saia daqui. Me deixe sozinha.

— Não tente escapar de si mesma e nem lute contra aquilo que você é — aconselhou Cronos. — Eu vou embora agora, mas estarei sempre por perto. E jamais se esqueça de uma coisa, Laguna: você ainda vai pertencer a mim.

Cronos sumiu, e quase simultaneamente o espírito de Melina saltou para seu corpo físico. Dois segundos depois, ela despertou assustada, sentindo as costas molhadas de suor e a boca ressecada. O coração batia em descompasso, e as mãos estavam frias como pedras de gelo.

Recordou-se de ter sonhado com uma figura assustadora usando roupas escuras. Ele lhe dissera alguma coisa que a deixara em pânico e, ao mesmo tempo, com um desejo enlouquecedor de inalar a cocaína. Ela consultou as horas, o relógio marcava três e meia da manhã.

Apesar de não se lembrar das palavras do homem de seu sonho, ela sentiu ímpetos de sair dali. Não do quarto, mas da casa. Descobriu que não estava disposta a tolerar regras e disciplinas de uma clínica de reabilitação. Não passaria pela abstinência, que sabia existir nesse tipo de lugar.

Quanto ao pai, embora o amasse, não suportaria continuar vendo-o sofrer por causa dela. Ao mesmo tempo em que pensava assim, ela vestia as roupas rapidamente e enfiava outras em uma grande mochila preta. Xavier e Sandra estavam ali, suplicando para que ela não cedesse aos desejos de Cronos, mas Melina não captou nenhuma das palavras que eles lhe disseram.

Quando encheu a mochila com roupas e outros acessórios importantes, ela pegou um dinheiro que mantinha guardado e o que lhe restava da cocaína. Jogou tudo no bolsinho menor da mochila. Em seguida, abriu uma gaveta da penteadeira e apanhou um caderno e uma caneta. Dele, destacou uma folha e começou a escrever. Chorou algumas vezes durante a escrita, mas não poderia fraquejar, ou desistiria de tudo.

Ao terminar, colocou um pote de creme sobre o papel. Colocou a mochila nas costas e olhou em torno, como se estivesse se despedindo do quarto que a acolhera nas últimas três décadas. Sempre guardaria lembranças boas daquele lugar, daquela casa e,

principalmente, dos pais. Achava que o momento de fazer o que tinha vontade, ainda que fosse ilícito ou obscuro, tinha chegado. Queria agir para agradar a si mesma e não aos pais. Esperava que eles, algum dia, pudessem perdoá-la por aquela fuga precipitada.

Silenciosa como uma gata, ela abriu a porta do quarto e olhou ao redor. Tudo estava escuro e quieto, mas ela sabia que Orlando podia estar espreitando-a da escuridão. Não sabia o que diria se ele a abordasse no caminho. Caminhou pelo corredor e desceu as escadas sem que ninguém a detivesse. Acelerou os passos até a porta de saída e, novamente, olhou para trás, vendo apenas as sombras e os contornos dos móveis.

Respirou fundo e destrancou a porta. Saiu e deixou a porta apenas encostada. Continuou agindo em silêncio até alcançar seu carro na garagem. Sabia que Orlando poderia acordar ao ouvir o ruído do motor, mas aí já seria tarde demais. Ninguém mais conseguiria impedi-la de conquistar o que julgava ser sua liberdade.

Deixou o ar escapar lentamente dos pulmões quando ganhou a rua. Não havia muitas pessoas nas ruas naquele horário, e a praia estava escura e vazia. Melina não fazia ideia do destino que tomaria, mas só sabia que queria se afastar do lar que a acolhera por toda a vida e, principalmente, do amor de Orlando.

***

Ele acordou antes que o despertador tocasse. Abriu os olhos em plena felicidade. Sua filha vinha atravessando uma terrível turbulência, mas seu sol particular estava prestes a aquecê-la outra

vez. Ela se recuperaria rapidamente e voltaria a ser a Melina de antes, retomando a rotina que tanto amava, embora de uma forma muito mais amena, para evitar cansaço e estresse desnecessários.

Orlando deixou Geralda dormindo, passou pelo banheiro, onde se lavou e fez a barba, e desceu até a cozinha. Nem percebeu que estava sorrindo. Abriu os armários e consultou a geladeira. Queria ver o que tinha de ingredientes para preparar um café da manhã digno de um hotel cinco estrelas. Havia motivos para comemorar. Ele sabia que muitas famílias perdiam seus entes queridos definitivamente para as drogas. Melina, pelo menos, não lhe daria mais aquele desgosto. Ela deixaria o vício o quanto antes.

Com sua perícia de *chef* de cozinha, em menos de meia hora Orlando tinha cinco tipos de iguarias preparadas, além de três tipos de frutas. Serviria Melina em seu quarto, como costumava fazer aos domingos. Ela acordaria tão feliz quanto ele estava e, depois que se alimentasse, eles sairiam, juntos, em busca de auxílio.

Ele colocou a bandeja nas mãos e estava se dirigindo para a escada quando notou o primeiro sinal de que algo estava errado. Havia um ruído vindo da porta da sala. Aquilo costumava acontecer quando estava ventando muito ou quando a porta permanecia destrancada. Curioso, ele pousou a bandeja sobre a mesinha de centro e seguiu até a porta. Tomou um susto ao descobrir que ela estava aberta.

Ele mesmo a trancara na noite anterior, logo depois de ter conversado com Melina. Geralda não estava saindo de casa nem mesmo para ir até a garagem. Será que a filha fora para algum lugar logo cedo?

Totalmente esquecido da bandeja com o café da manhã, Orlando subiu as escadas rapidamente. Seguiu direto até o quarto de Melina e abriu a porta com um tranco. Sentiu o estômago se contrair ao vê-lo vazio e arrumado. Deu uma rápida conferida no banheiro e, quando voltou ao quarto, não tardou a enxergar o papel sobre a penteadeira.

Orlando reconheceu a delicada caligrafia da filha, uma das poucas médicas que ele conhecia que tinha uma letra bonita. O homem leu:

Pai, dirijo esse bilhete a você, pois sempre foi a pessoa mais próxima de mim. Quando ler a minha mensagem, por favor, comunique à mamãe. Não me recriminem e nem me odeiem, mas eu precisava ir embora. Descobri que deixar as drogas, quando se está totalmente dependente, é uma tarefa extremamente complicada, que exige sacrifício, força de vontade e determinação, coisas que eu não possuo. Não suportaria me trancar em uma clínica e menos ainda vê-lo sofrer por minha causa. Eu o amo muito e vou continuar a amá-lo a distância.

Deixei meus pertences aí, pode doá-los a outras pessoas. Não pretendo voltar. Saí com a roupa do corpo e com algumas poucas coisas que carrego em uma mochila. Levei o que sobrou da cocaína e um pouco de dinheiro. Quando minha grana acabar, darei um jeito de conseguir mais, mesmo que tenha que vender meu carro. Vou conseguir sustentar a mim e ao meu vício. Sou fraca demais para me superar em qualquer coisa. Percebo que usar drogas é como saltar de um avião, pois fatalmente iremos cair. Agora é tarde demais. Para tudo, é tarde demais.

Talvez eu não saia do Rio de Janeiro, mas não quero que me procure. Nem Dione e nem Amorim vão saber onde eu estarei, portanto, nem adianta tentar se comunicar com eles. Não gaste seu dinheiro com detetives ou se dê ao trabalho de dar queixa na polícia. Essa cidade é enorme, e esconderijos não me faltarão. Posso assegurar que também não estou indo ao encontro de Edson. A partir do instante em que deixar esta casa, serei uma mulher livre e independente, mesmo sendo grata por tudo aquilo que você pôde me dar.

Perdoe-me mais uma vez. Sei que vou fazê-lo sofrer, mas será por pouco tempo. Aos poucos, sua dor se transformará em saudade. Você tem a mamãe para consolá-lo. Trate-a com carinho, por favor. Sei que é duro concluir este bilhete com tais palavras, mas imploro que me considere como uma filha morta. Será melhor para nós dois.

Eu te amo, paizinho. Está proibido de se esquecer disso.

Beijos,
Melina.

Orlando chorou como uma criança apertando a folha de papel entre os dedos. Caiu ajoelhado no chão do quarto de Melina, soluçando descontroladamente. Seu pranto foi tão alto que, momentos depois, Geralda entrou no cômodo, empurrando a porta com a muleta.

— Homem de Deus, por que chora desse jeito? Cadê Melina?

Ele não respondeu, mas estendeu a mão com o bilhete para que Geralda pudesse ler por si mesma. Não podia conceber a ideia

de que Melina o abandonara, quando sua única intenção era ajudá-la. O que se se passava na cabeça dela afinal? Como ela podia ser tão fria a ponto de abandonar a própria família sem nenhum remorso?

Geralda ficou estarrecida quando terminou de ler. Ao contrário do marido, não derramou uma única lágrima. Balançando o pé engessado, ela simplesmente balbuciou:

— Então era verdade? Ela está usando drogas?

— E nos deixou por causa do vício.

Geralda tornou a ler o bilhete. Por fim, fez uma bola com o papel e o arremessou contra a cabeça de Orlando. Seu rosto ficou corado de raiva.

— A culpa de tudo isso é sua. Se Melina se viciou, é porque você não foi um bom pai. Ou será que a decepção dela ao descobrir que você é amante daquela negra foi tão grande que ela não resistiu e procurou uma rota de fuga?

— Ou será que ela percebeu que a mãe dela é uma inútil? — retrucou Orlando, levantando-se do chão. — Eu mesmo nunca notei o quanto você é intragável, Geralda.

— Pode tratar de procurar por Melina. Não vou dormir se ela não voltar pra casa.

— Ela disse que não vai voltar. Não se iluda pensando nisso. Por mim, você pode permanecer acordada como uma coruja a noite inteira, desde que não fique reclamando nos meus ouvidos. — Tomado pela mesma raiva que a mulher sentia dele, Orlando se esforçou para respeitar as muletas em que ela se apoiava, pois, do contrário, teria perdido a cabeça.

— Você é o culpado de tudo — repetiu Geralda, acusadora.

— E você é digna de compaixão.

Com o rosto molhado, Orlando passou por ela e tornou a descer até a sala. Na urgência dos acontecimentos, tinha se esquecido de telefonar para Frederico e comunicar sua ausência naquele dia. Como conseguiria trabalhar quando sua filha fugira de casa feito uma adolescente rebelde?

Parecia que tudo estava perdido quando ele se lembrou de alguém. Era a única pessoa em que ele poderia confiar agora. Somente ela poderia ajudá-lo. Vasculhou a gaveta do *rack* onde colocara o cartãozinho de visita que recebera. Seus dedos tremiam quando discou o número do celular.

Uma voz feminina sonolenta atendeu, e ele foi direto ao ponto:

— Rosa, sinto muito por tê-la acordado. Aqui é Orlando... — ele não conseguiu terminar a frase.

— O que aconteceu? — ela ficou alarmada ao percebeu que ele estava chorando.

— Por favor, Rosa, me ajude. Não tenho outra pessoa para me ouvir.

Sem fazer nenhuma pergunta, ela simplesmente respondeu:

— Me dê meia hora. Estou indo até sua casa.

CAPÍTULO 30

Quando Melina parou o carro diante de uma casa conhecida, o céu ainda não dava mostras de clarear. Segurando a mochila, ela trancou as portas do automóvel e ligou o alarme. Ao erguer o rosto para cima, viu dois homens sondando-a do alto das lajes das casas vizinhas. Aqueles eram os vigilantes de Coelho, mas provavelmente não a incomodariam, afinal, eles já a viram antes.

Ela seguiu pelo corredor estreito até a porta do traficante. Bateu várias vezes, com força. Como não obteve retorno, ela o chamou em tom sussurrado:

— É Melina. Você sabe quem eu sou. Abra a porta, por favor.

Como se tivesse dito uma senha secreta, ela ouviu o barulho de chaves. A porta foi aberta, e ela deparou com seu fornecedor de drogas a olhá-la espantado.

Coelho usava um bermudão largo e estava sem camisa outra vez, mostrando seu peito magro. Melina teve a impressão de que, no escuro, seus dentes se tornavam maiores. Havia assombro nos olhos dele e um resquício de medo.

— O que você quer aqui a essa hora? O que aconteceu? — quando ele perguntou isso, virou o corpo de lado, e ela viu o cano da arma sobressaindo do elástico de sua bermuda.

— Eu preciso que você me dê uma orientação, Coelho. É muito importante. — Vendo que ele estava desconfiado, ela completou: —

Minha família descobriu que eu estou lidando com essas coisas, e fui obrigada a fugir de casa. Veja só.

Ela tirou a mochila das costas e abriu o zíper, mostrando suas roupas e pertences íntimos.

— Você comentou com alguém sobre mim?

— Não, é claro que não. Não quero que meu pai me encontre, e ele jamais vai saber que estou aqui.

— Aqui? — espantou-se Coelho. — Você fugiu da sua casa para ficar hospedada aqui? E quem disse que eu vou permitir?

— É só até amanhecer. Prometo arrumar um local para ficar.

— E por que não procurou um hotel em vez de vir à minha casa?

— Porque... — ela não soube responder. Quando saíra de casa, a primeira pessoa na qual pensara para socorrê-la foi Coelho. Não queria ficar em um hotel qualquer, mas sim próxima dele e do que ele vendia. Acreditava sinceramente que eles já estavam construindo uma amizade.

Como Melina não terminou a frase, Coelho se preparou para mandá-la partir. Não queria problemas. Foi então que teve uma ideia. Ela tinha um bom carro, que certamente valeria um dinheiro razoável no mercado negro. Além disso, tivera a leve impressão de que o chefão do tráfico, Ted Cavalcante, ficara um pouco interessado em Melina quando ele a mencionara e poderia gostar de tê-la por perto.

Mas havia outra possibilidade. Embora não parecesse, Melina poderia ser alguma agente infiltrada da polícia em busca dos pontos de drogas. Ele nunca a vira inalando o pó. Nas duas vezes

em que estivera lá, comprou, pagou pela mercadoria e desapareceu. O que garantia que ela não queria ficar lá apenas para monitorar suas ações e informar os comparsas policiais?

Só havia uma forma de saber, decidiu Coelho. Ele era bom em lidar com armas de fogo, e se aquela loirinha estivesse com segundas intenções, não hesitaria em atirar nela. Ou ela morreria ou ele mesmo perderia a vida a mando de Ted se a polícia desmantelasse seu sistema de fornecimento.

Sendo assim, Coelho resolveu acolhê-la somente até clarear. Logo mais, chegariam alguns compradores costumeiros, e ele faria um teste com ela. E então descobriria se ela realmente estava dizendo a verdade.

***

Aquele era o dia mais feliz da vida espiritual de Cronos. Vira Laguna, conversara com ela e até mesmo a tocou. No entanto, esse não era o motivo de sua comemoração. O que o felicitava era a certeza de que ela não desistiria das drogas. E Lori logo o informou de que a moça abandonara seu lar, exatamente como Cronos a tinha induzido.

Sem Orlando por perto, Laguna estaria vulnerável. Claro que ainda haveria a intervenção do grupo de Xavier, mas Cronos sabia que eles estavam perdendo terreno. Por mais que tentassem, Laguna não acatava as sugestões deles, do contrário, não teria chegado ao ponto em que estava. Ela não admitia com palavras, mas se estava fazendo tudo aquilo, a mando dele, era porque o amava. Cronos não tinha mais dúvidas.

Trazer o espírito de Laguna para seus braços era agora uma questão de dias. Não dava para saber quanto tempo um usuário de drogas podia sobreviver após estar viciado. Alguns resistiam por anos, mas outros, dependendo de alguns fatores, mal duravam alguns meses. Ele se encarregaria para que sua amada não ficasse por muito mais tempo na Terra. Faria com que ela consumisse drogas com a mesma velocidade em que levava ar aos pulmões. Não haveria corpo que suportasse tamanha dose de narcóticos.

Mesmo que tudo estivesse saindo como ele esperava, ainda havia Orlando. Era verdade que agora o velhote não seria um empecilho em seu caminho. Ele queria dar o troco naquele sujeito. Ninguém brincava com ele e seus asseclas. Tinha percebido que Lori, Charles e até mesmo Zeus já estavam se acovardando diante de Orlando. Aquilo não podia acontecer. Daria um jeito de eliminar o velho maldito de forma que ele nunca mais interferisse em seus planos.

Já sabia como lidaria com Orlando. Convocaria espíritos das mais poderosas falanges do submundo. Alguns líderes mantinham certas rixas entre si, mas ninguém odiava Cronos. Sentiam inveja dele, mas mantinham um respeito mútuo. Por isso, cederiam ao que ele desejava em troca de alguns favores. Eles “emprestariam” suas criaturas mais pérfidas e inteligentes para atenderem Cronos. Antes disso, ordenaria a Charles que ficasse de olho no velho. Orlando não teria a menor chance.

Cronos já podia sentir na boca o amargo sabor da vingança.

***

Rosa trancou a porta de sua casa apressadamente. Ainda não eram seis horas da manhã. Tinha ficado tão preocupada com o telefonema de Orlando que não hesitou em atendê-lo. A voz chorosa que ouvira do seu mais recente conhecido a deixou completamente desconcertada.

Quando parou o carro em frente à casa de Orlando, desceu e bateu na porta em vez de tocar a campainha. Esperava que a esposa dele não acordasse e a interpretasse mal.

Orlando abriu tão rápido que parecia estar aguardando encostado na porta. Antes que qualquer um dos dois dissesse alguma coisa, ele abraçou Rosa com força, exatamente como gostaria de abraçar Melina.

Novamente, as lágrimas vieram em um rompante, e ele não conseguiu evitar. Nunca fora um homem de chorar, embora não se considerasse durão. Só que a emoção ia além do que ele poderia controlar.

— Não chore. Tente se acalmar para me contar o que houve.

Orlando assentiu e a puxou para dentro. Secou o rosto e apontou o sofá. Rosa reparou na bandeja com várias guloseimas, mas não teceu comentários. Quando ele conseguiu serenar, balbuciou:

— Minha filha fugiu de casa durante a madrugada. Deixou um bilhete avisando que não pretende voltar. Ela quer se entregar para as drogas.

— E você não tem nem ideia do local onde ela possa ter ido, não é?

— Não. Ela não quer ser encontrada. Deixou isso bem claro. — Sem se preocupar em baixar o tom de voz, ele revelou: — A minha esposa me culpou por isso. Disse que eu não fui um bom pai, por isso, Melina se perdeu. Se nós a criamos juntos, então, ela também não foi uma boa mãe.

— Acho que esse não é o momento para você trocar acusações com sua mulher. Ninguém falhou na criação de sua filha. Tenho certeza de que ambos sempre almejaram o melhor para ela. Acontece que cada um de nós toma as próprias decisões. Melina tomou as dela, e será a única responsável por isso, e não vocês.

Orlando a olhou por alguns instantes. Rosa falava com a mesma suavidade da noite em que ele a conhecera. Apesar de ter sido despertada às pressas, estava linda. Usava blusa e calça pretas, e os cachinhos dos cabelos pareciam mais sedosos do que antes.

— Desculpe, mas eu não ofereci algo para você comer ou tomar. É que estou fora do prumo. Nem deveria ter te acordado. Desculpe.

— Não quero nada, obrigada. Posso compreendê-lo. Qualquer pai ficaria em estado semelhante por causa de uma atitude assim envolvendo um filho. — Os lábios dela se abriram num sorriso. — Quanto a ter me acordado, sei que foi uma vingança por eu ter atropelado você.

O comentário tão singelo fez Orlando sorrir também, apesar do nervosismo. Rosa ia fazer uma pergunta quando virou o rosto discretamente para o lado e viu o espírito de um homem

caminhando na direção deles. Baixou o olhar para o chão e fingiu não tê-lo percebido ali.

Charles parou ao lado do sofá, olhou com curiosidade para Rosa, tentando imaginar quem ela seria e fitou Orlando. Adorou vê-lo chorando, imerso em sofrimento.

— E agora, velhote? — ele perguntou em voz alta. — Onde está sua valentia? Não era tão poderoso? Por que não usa as suas energias de amor agora para encontrar sua filhinha?

Ele soltou uma gargalhada, e Rosa disfarçou um estremecimento. Orlando percebeu que ela empalideceu um pouco e aconselhou:

— Acho que você precisa comer alguma coisa. Está um pouco descorada.

— Eu estou bem — ela forçou um sorriso, tentando se manter indiferente à presença do espírito. — Você já avisou a polícia?

Orlando sacudiu a cabeça negativamente, momento em que Charles gritou:

— E nem adianta chamar porque não vai resolver seu problema. Tudo saiu como Cronos desejava. Laguna será dele. Você perdeu, imbecil. Perdeu sua filha para o meu rei. E agora, sugiro que você continue chorando à vontade.

Às gargalhadas, Charles desapareceu. Rosa soltou um suspiro profundo, que não passou despercebido a Orlando.

— Você está vendo alguém além de mim? — ele perguntou, curvando o corpo para frente.

Em tom quase cochichado, ela devolveu:

— Você já ouviu falar em nomes como Cronos e Laguna?

Orlando tornou a fazer que não com a cabeça. Rosa prosseguiu:

— Havia o espírito de um homem aqui. Ele estava rindo, satisfeito com seu sofrimento e com a partida de sua filha. Não era uma criatura iluminada, naturalmente. Disse que as coisas sairiam como esse tal de Cronos desejava e que você a perdeu para o rei dele.

— Então era o Diabo? — alarmou-se Orlando. — Vou mandar exorcizar minha casa.

— Aqueles que conhecemos como demônios são espíritos humanos como esse que acabou de sair daqui. Sentem afinidade com o mal, sem saber que todos nós estamos ligados a um todo, onde há a predominância do bem. Pelo modo como ele falou, acho que eles tiveram algo a ver com a forma como Melina agiu.

— Um espírito pode influenciar uma pessoa a usar drogas?

— Pode influenciar para muitas outras coisas, sejam boas ou não. Se ela acata mentalmente as sugestões que eles lhe enviam, cederá às suas intenções, que garanto não serem boas.

— Mas nunca ouvi falar nesses nomes esquisitos.

— Ele disse que Laguna será do tal Cronos. Talvez seja o chefe que o enviou pra cá. Parece que ele estava se referindo a Melina.

— E o que essa Laguna tem a ver com a minha filha?

Esperta, Rosa desfechou:

— Ela pode ter tido esse nome em uma vida passada. Muitos casos de obsessão espiritual podem ter origem em acontecimentos mal resolvidos de experiências anteriores, aqui na Terra. Se eles a

estão perseguindo, creio que seja por uma razão mais antiga do que podemos imaginar.

A cabeça de Orlando já começava a doer quando ele perguntou:

— E como vamos nos livrar deles?

— Quem está aí, Orlando? — indagou Geralda, descendo as escadas mais depressa do que ela admitiria conseguir. E ao visualizar Rosa sentada em seu sofá, sentiu alguma coisa explodir em seu peito. — Não acredito que você a trouxe para dentro de nossa casa.

Rosa se levantou, e Orlando fez o mesmo.

— Geralda, não comece com suas fantasias. O nome dela é Rosa e é apenas uma amiga minha.

— Muito prazer — cumprimentou Rosa, indo até Geralda e estendendo a mão direita.

Geralda a mediu de cima a baixo, ignorando a mão esticada.

— Não seja falsa. Pensa que não sei que é amante de Orlando? Melina sabia disso e foi embora. A pobrezinha não suportou essa vergonha, assim como eu não estou suportando.

— A senhora está fazendo um julgamento errado a meu respeito. Eu conheci seu marido naquele dia em que o ajudei a descer do carro porque...

— Não perca seu tempo dando justificativas — cortou Orlando, em socorro de Rosa. — Geralda tem a mesma educação e o mesmo bom senso que um nazista embriagado. Vamos conversar lá fora.

Pegando Rosa pelo braço, Orlando pôs-se a conduzi-la para fora.

— Vocês são dois imprestáveis — berrou Geralda furiosa. — E você, mocinha, é uma destruidora de lares. Acabou com a vida da minha filha e agora quer demolir as estruturas do meu casamento.

Rosa não revidou as ofensas e indicou seu carro para Orlando quando chegaram à calçada. Ao entrarem no veículo, ele pediu desculpas em nome da esposa.

— Não tem problema — Rosa o tranquilizou. — Imagino como ela esteja se sentindo. É justificável. Acho que qualquer outra mulher pensaria a mesma coisa.

— Mas ela não tem motivos para sentir ciúmes de mim. Até parece que uma mulher jovem e tão encantadora quanto você se interessaria por um homem como eu, com quase 60 anos, meio calvo, baixinho e um pouco barrigudo.

Rosa só sorriu, mas se limitou a não responder. Ela deu partida e, enquanto rodavam pelas ruas, Orlando relembrou:

— Você acabou não me respondendo como enfrentaremos esses espíritos.

— O que acha da ideia de nós formarmos uma parceria? — tornou Rosa.

Orlando pousou a mão sobre a dela, que estava encostada no câmbio do carro. Ambos sentiram uma corrente elétrica atravessar seus corpos.

— Sabe o que eu penso? — lentamente, ele concluiu: — Se temos que lidar com espíritos, eu estou preparado para me

defender. Estou preparado para qualquer coisa em nome de Melina. E acho que nós dois seremos muito mais do que parceiros.

***

Na belíssima cidade astral em que Xavier vivia, seus companheiros o olhavam com curiosidade. Ele os reunira ali, diante de uma pequena queda d´água. O ar parecia perfumado ou adocicado, e a paz era quase visível.

— Mais uma vez eu gostaria de agradecê-los por estarem dedicando um pouco de seu tempo para ajudar a mim e a Laguna.

— Fazemos isso com muito prazer — garantiu Sandra. — Sempre aprendemos um pouco mais quando estamos em sua companhia.

Maíra e Tenório assentiram. Xavier continuou:

— Na verdade, eu os chamei aqui por outro motivo. Vocês estão me auxiliando, mas eu nunca expliquei o que causou os acontecimentos de hoje. Vocês souberam aguardar com paciência, sem questionar a minha história com Laguna e Cronos.

— Você não precisa nos contar, se não quiser — confortou Tenório.

— Não, eu quero me abrir com vocês. A relação que nos uniu no passado é muito forte para ser deixada de lado.

— Tudo o que eu entendi — interveio Maíra — é que você e Cronos se apaixonaram por Laguna, mas que ela escolheu você, o que enraiveceu o outro, fazendo com que ele o visse como seu maior inimigo.

— Mas um dia, Cronos e eu já fomos grandes amigos.

Os três benfeitores, apesar da surpresa, não disseram nada. Xavier, falando calmamente, finalizou:

— Nesta vida em que nos apaixonamos por Laguna, ele e eu fomos muito próximos um do outro.

— Por vocês serem amigos?

— Não só por isso, Sandra. Cronos é meu irmão gêmeo.

***

Melina tinha adormecido sobre a cama dobrável, dura e esburacada que Coelho lhe oferecera. Acordou ouvindo vozes estranhas e, por uma rápida fração de segundo, imaginou que seu pai ou a polícia a localizara ali.

Seguiu até a salinha da entrada e viu três rapazes rindo e gesticulando. Havia algo nas mãos deles que ela não reconheceu de imediato. Coelho, ao vê-la, sorriu.

— Temos visita, gata — anunciou.

— Quem é a gostosa? — interessou-se um dos usuários, que estava sob o efeito alucinógeno de alguma droga.

— Vem em mim, delícia — completou o outro.

— O que eles estão fazendo? — ela perguntou. Também tinha inalado a cocaína antes de dormir e seu cérebro ainda estava atordoado.

— Agilizando o efeito do pó. Coca na veia. Curte?

Sem esperar por resposta, Coelho colocou uma seringa com um líquido esbranquiçado na mão dela. Ele era o único que não estava consumindo.

— Eu nunca fiz isso.

— Espeta aí, mina — disse um dos homens —, pois depois a gente vai espetar você.

A gargalhada foi coletiva. Melina revirou a injeção entre os dedos. Todo o seu conhecimento sobre o perigo de compartilhar seringas foi para o lixo. Naquele momento, ela só queria se sentir mais forte e feliz.

Ela viu que o que os rapazes seguravam também eram injeções. Observou um deles injetar a droga na veia do braço com a maior naturalidade.

Apesar de um pouco receosa, ela estendeu o braço esquerdo para frente e localizou a veia. Tinha perícia em aplicar injeções. Jogando qualquer precaução para o alto, ela aproximou a seringa da pele e começou a se injetar.

CAPÍTULO 31

O restaurante, que havia acabado de abrir as portas, estava vazio no horário em que Orlando chegou. Rosa o aguardava no carro, do lado de fora. Ela o convencera a dar parte do desaparecimento de Melina na delegacia, e estavam indo para lá, assim que ele avisasse seu patrão de que faltaria ao trabalho.

Frederico não estava nos seus melhores dias. Havia passado a noite com uma acompanhante linda de morrer. Porém, ao final de muitas horas de sexo apimentado, ela pegou o dinheiro que cobrou pelo programa, despediu-se dele com um beijo no rosto e foi embora como se nada tivesse acontecido.

Era sempre frustrante terminar assim, pois no dia seguinte não haveria mais nada. Entretanto, ou ele saía com acompanhantes ou abria mão das mulheres, coisa que nunca conseguiria fazer. Como fora infeliz em seus três casamentos, jamais manteria uma relação duradoura com outra mulher. Não queria compromisso nem para namoro, embora estivesse se cansando de trocar de mulher quase todos os dias.

Frederico afastou esses pensamentos de sua mente quando Orlando o procurou no escritório. Seu *chef* de cozinha estava atrasado, aliás, ele vinha chegando atrasado com uma frequência cada vez maior. Isso quando não pedia para sair mais cedo. Frederico não estava vendo aquilo com bons olhos.

— Demorou, hein? — ele foi logo dizendo antes mesmo de responder ao bom-dia dito por Orlando. — Está se aproveitando da minha boa vontade, pois nunca descontei um real do seu salário por causa dos seus atrasos.

Orlando franziu o cenho. Se o homem já estava com os ânimos azedos, ficaria ainda mais nervoso.

— Peço desculpas mais uma vez. O senhor sabe que nunca fui um homem de atrasos. Odeio faltar com meus compromissos. Acontece que estou enfrentando sérios problemas familiares.

— Os funcionários devem deixar sua vida pessoal do lado de fora do ambiente de trabalho.

— Eu sei disso, mas é muito complicado. — Como se confidenciasse um segredo de morte, Orlando contou: — Minha filha saiu de casa.

Não era preciso dizer as circunstâncias que a levaram a sair fugida.

— Sinto muito, Orlando. Lamento mesmo. Nunca tive filhos, mas sei que lidar com eles exige muito de nós. Entretanto, espero que você entenda. Meu restaurante será prejudicado sem você. Nossas cozinheiras são excelentes, mas os clientes vêm aqui experimentar os pratos preparados por você.

— Eu compreendo, seu Frederico, mas isso vai acabar. É apenas uma questão de tempo.

— Assim espero. Bem, pode ir para a cozinha agora. Veja quais serão os pratos do dia, já que você gosta de inovar.

Orlando não saiu do lugar. Nitidamente preocupado, ele comunicou:

— Eu vim aqui avisá-lo de que não poderei trabalhar hoje. Preciso dar queixa do desaparecimento de Melina à polícia, pois não sei onde ela está. Depois, preciso resolver alguns assuntos pessoais que são de suma importância.

— Isso já é demais. — Nervoso, Frederico enfiou dois dedos pela gola da camisa como se quisesse alargá-la. — Não vou liberá-lo. Preciso de você aqui.

— Com todo o respeito, seu Frederico, mas eu não estou pedindo autorização. Só estou lhe avisando que preciso ser dispensado hoje. Eu assumo minha falta.

— Achava que você tinha um pouco mais de consideração por mim, após tantos anos trabalhando aqui. Já que resolveu me enfrentar, é problema seu.

— Eu só estou pedindo...

— Vá, pode ir. Eu me viro sem você.

Um garçom, que também trabalhava no estabelecimento há uns cinco anos, aproximou-se deles com um sorriso debochado nos lábios finos. Aparentava cerca de 40 anos. Tinha estatura mediana, tanto quanto Orlando, e possuía um nariz tão esparramado no rosto que era como se estivesse derretendo nas laterais. Como não gostava de Orlando, olhou para ele com ironia.

— A noitada foi boa, não?

— Do que está falando? — indagou Orlando.

— Acha que não vi o momento em que você desceu daquele carro? O vidro está abaixado, e pude ver a negrinha linda que está ao volante. — Ele beijou a ponta do dedo indicador. — Um verdadeiro filé.

— É uma amiga da minha filha — Orlando mentiu para não dar mais explicações.

— Somos homens, meu caro. Não precisa mentir só porque estamos na presença do chefe. O seu Frederico não vai se importar, não é mesmo, patrão?

O comentário venenoso do garçom teve o resultado desejado. Frederico não acreditou na história que Orlando tinha acabado de lhe contar. Imaginou que ele estava paquerando a tal mulher e que desejava passar o dia com ela, enquanto a esposa pensaria que ele estava trabalhando.

— Vai sair daqui direto para um motel, não é, Orlando? — redarguiu Frederico.

— O senhor me ofende com essa insinuação.

Aquilo era só o que faltava, pensou Orlando. Não bastasse a implicância de Geralda, que via chifres em cabeça de cavalo, agora vinha seu patrão com a mesma história. Será que um homem casado não tinha o direito de ser visto acompanhado por outra mulher sem levantar comentários maldosos dos fofoqueiros de plantão?

— E você, Malvino, deveria cuidar do seu serviço em vez de prestar atenção na minha vida — contrapôs Orlando, fitando o garçom com raiva. — Na minha casa, tem um tanto de contas para eu pagar. Você vai querer um pouco?

Malvino manteve o sorrisinho perverso nos lábios. Orlando fez um cumprimento com a cabeça para Frederico e, assim que ele saiu, Malvino voltou-se para Frederico:

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim. O que você quer saber?

Malvino sabia que teria que agir com cautela, pois seu patrão era um homem esperto. Desde que viera trabalhar naquele restaurante, antipatizara com Orlando. Via-o como a menina dos olhos de Frederico e isso o enchia de inveja e revolta. O chefe só tecia elogios para ele e sempre dizia que sua clientela era tão vasta graças ao trabalho de Orlando, como se todo o atendimento oferecido pelos outros garçons e funcionários não valesse de nada.

Ao longo dos últimos cinco anos, ele usara de várias artimanhas para puxar o tapete de Orlando, mas nada adiantava. O velho parecia ser protegido por todos os deuses da mitologia grega. Já havia desistido de tirá-lo de seu caminho quando surgia agora uma oportunidade indispensável. Com Orlando se ausentando do trabalho, chegando mais tarde e saindo mais cedo, era tempo de fazer a cabeça de Frederico contra seu funcionário predileto.

— Eu queria saber se você não tem interesse em contratar outro *chef* para a cozinha — informou Malvino.

— É claro que não. Orlando me basta. Seus dotes culinários são inigualáveis.

Disfarçando a contrariedade, Malvino insistiu:

— É que eu tenho um primo com longa experiência na culinária. Nunca o mencionei antes porque sempre vi que aqui não havia espaço pra ele, já que Orlando é muito bom no que faz. — Ele quase se engasgou com a mentira, mas viu-se obrigado a completar: — Só que agora, diante dessas ausências, esse meu primo poderia substituí-lo. Ele trabalha atualmente em um

restaurante na zona norte, mas está insatisfeito lá. Viria pra cá imediatamente se eu o chamasse.

— Não sei. Dois *chefs* em uma mesma cozinha pode não dar certo.

— Mas ele seria um substituto. E talvez Orlando até goste de uma segunda opinião. Principalmente agora que ele anda se divertindo com a mulher que o trouxe até aqui de carro.

Frederico meditou por quase um minuto completo. Orlando vinha o decepcionando ultimamente. Talvez estivesse meio cansado do que fazia e tivesse vergonha de admitir isso. Quem sabe se outro *chef* viesse trabalhar lá, Orlando temesse perder seu emprego e voltasse a caminhar nos trilhos?

— Muito bem, Malvino. Traga seu primo para falar comigo. Vou fazer alguns testes com ele. Se for aprovado, estará contratado.

Malvino sorriu e assentiu com a cabeça. Seu primo ganharia espaço rapidamente no restaurante. Aquele velho esnobe estava com seus dias contados.

***

Orlando e Rosa registraram o desaparecimento de Melina, mas o delegado não pareceu nem um pouco interessado quando ele mencionou a idade da filha. O chefe de polícia comentou:

— Desculpe, mas sua filha é bem grandinha, não? Ela sabia o que estava fazendo quando saiu de casa. Ou ela tem alguma deficiência mental?

— Não, senhor. A minha filha... consome drogas.

O delegado o olhou por cima dos óculos como se Orlando fosse um louco.

— O senhor tem ideia de quantos dependentes químicos saem de casa todos os dias para se juntar aos seus amigos igualmente viciados? Existem inúmeros pontos de tráfico aqui no Rio. Sabe disso, não é mesmo?

— Sei. Acontece que ela é iniciante nesse ramo. É uma garotinha perdida no meio de marginais.

Como se lidasse com uma criança problemática, o delegado respondeu:

— Quem experimenta drogas pela primeira vez perde toda a inocência, meu senhor. Vou registrar sua queixa, mas adianto que não vai ajudar em nada. Nossos policiais não vão vasculhar cada comunidade, vila ou bairro à procura de sua filha. Esteja ciente disso.

— Se ela for encontrada, vocês irão nos avisar, não é? — quis saber Rosa.

— Com certeza. Saibam, entretanto, que quando uma pessoa não deseja ser encontrada, ela consegue um jeito de escapar. Tenho experiência nisso e sei do que estou falando.

Orlando e Rosa ainda permaneceram mais alguns minutos na delegacia e saíram pouco depois, deixando um sarcástico delegado para trás.

CAPÍTULO 32

Orlando permaneceu calado por quase dez minutos, até que Rosa rompeu seu mutismo, enquanto dirigia por uma das principais avenidas da capital carioca.

— Você ficou quieto, de repente. O que houve?

— Não ouviu o que o delegado disse? Ele perdeu o pouco interesse que tinha no sumiço de Melina quando soube que ela usa drogas. Eu gostaria de saber por que os viciados são vítimas do desrespeito, do preconceito e da intolerância das outras pessoas.

— Porque muita gente associa os usuários, principalmente aqueles que vivem soltos pelas ruas, a bandidos delinquentes e assassinos sem escrúpulos. Acham que quem é dependente, impreterivelmente, terá que roubar para sustentar seu vício, uma vez que não há dinheiro que chegue para comprar drogas.

— E não é o que acontece? — perguntou Orlando, parecendo ainda mais desanimado. — Eles se tornam criminosos. Não hesitam em roubar o que têm dentro de casa. Melina foi embora antes que isso começasse a acontecer, mas tenho certeza de que se ela não procurasse um meio de se recuperar, passaria a vender nossas coisas para conseguir dinheiro e comprar cocaína.

— Não podemos generalizar. Há os que perdem a cabeça e ultrapassam qualquer limite para conseguir drogas, mas existem outros, que não são poucos, que ainda guardam no coração

conceitos que se referem à boa conduta e honestidade. Nem todo viciado é ladrão.

— Acho que você está sendo muito boazinha, Rosa. A realidade é diferente.

— Se você fala assim, então, por que questiona o preconceito das pessoas contra os usuários? Desculpe, Orlando, mas você está agindo igual aos outros.

Ele parou de falar, enquanto admitia para si mesmo que Rosa, mais uma vez, estava certa.

— É tão difícil aceitar. Ninguém deseja uma pessoa assim na família.

— Ninguém deseja muitas coisas que parecem ser ruins aos nossos olhos, mas que não são. Eu não julgo aqueles que usam drogas e nem sinto pena por vê-los em situações caóticas. Simplesmente faço uma oração, pedindo que a espiritualidade possa amparar cada um deles, guiando-os para direções melhores, para que eles se afastem do vício. O caminho da reabilitação está mais perto do que eles imaginam. É como se precisassem atravessar uma ponte. Eles dependem apenas de seus potenciais interiores para acreditarem na própria capacidade de vencer e fazer a travessia com segurança, pois só Deus constrói pontes indestrutíveis.

Quando Orlando percebeu, já estava sorrindo. Admirava aquela mulher a cada minuto que passava. Sua beleza física, ele notava, era um dos seus menores méritos. Os conhecimentos que ela tinha e seu modo de interpretar as coisas da vida, associados à sua

incrível sensibilidade de ver, ouvir e falar com espíritos, tornava-a a criatura mais especial que ele já conhecera.

— Por falar nisso, para onde estamos indo? — ela questionou, também se rendendo a um sorriso. — Se você estivesse em um táxi, não teria condições de pagar a corrida.

— Eu também não sei. Eu passaria o restante do dia na sua companhia. Seria um bálsamo para que eu me esquecesse dos meus problemas. Não tenho a menor vontade de voltar para casa e lidar com Geralda.

— Fugir dos problemas é perda de tempo, já que cedo ou tarde teremos que enfrentá-los. Não é possível fugir de nossos próprios medos, portanto, temos que aprender a lidar com eles. — Rosa girou o volante para a direita, pegando uma via no sentido oposto à praia. — Acho que, por enquanto, estamos sem ter o que fazer para localizar sua filha. Sendo assim, o que acharia de almoçar em meu apartamento? Fica próximo daqui. Podemos aproveitar e nos conhecer melhor, já que eu tenho certeza de que seremos grandes amigos.

— Já somos — garantiu Orlando. — O convite está aceito. Você é uma mulher tão cativante que não há como recusar nada que você ofereça.

Rosa sorriu, desconsiderando aquele comentário como uma paquera. Como já fazia um bom tempo que ela não namorava ninguém, uma vez que punha seus pretendentes para correr por causa de sua mediunidade, estava meio por fora das atuais cantadas masculinas, embora achasse que Orlando ainda fosse um homem à moda antiga.

***

O apartamento dela ficava em um edifício cor de gelo, de apenas três andares. Orlando gostou da fachada do prédio, cuja vizinhança parecia ser bastante tranquila. Rosa acionou o controle para abrir o portão automático e guiou o carro até a garagem.

— Não vai prejudicá-la ser vista levando um homem para seu apartamento? — sondou Orlando, logo depois de ela manobrar e estacionar.

— Ah, não — ela riu divertida. — Aqui todo mundo se respeita e ninguém se mete com a vida de ninguém.

— Então Geralda poderia passar uma temporada com esse povo — fantasiou Orlando, arrancando mais risadas de Rosa.

Ele a seguiu por uma área grande, com pequenos canteiros de florezinhas rosas e roxas. Entraram na recepção do prédio, e Rosa viu um senhor grisalho caminhando na direção deles. O homem sorriu e a cumprimentou:

— Bom dia, Rosa! Vejo que está feliz hoje. Posso saber o motivo?

— Eu não preciso de motivos para ser feliz — ela retrucou, sorridente. — A felicidade não precisa ser justificada por um conjunto de razões, pois ela é um estado do espírito. Quem está bem consigo mesmo, sempre vai estar feliz.

O homem concordou com a cabeça e acenou para Rosa. Orlando, boquiaberto, a fitava completamente deslumbrado.

— Acho que você não falou isso comigo.

— Foi com o seu Expedito — ela explicou, apertando o botão para chamar o elevador. — Desencarnou há três meses, mas não

quer se afastar da esposa, pois desde que enviuvou, ela não para de chorar e rogar a presença dele. Os dois são meus vizinhos. Ele, pelo menos, foi.

Por mera curiosidade, Orlando virou o pescoço para trás, mas não viu absolutamente nada de anormal. Afinal, ver um espírito era algo anormal, não era?

O apartamento dela era pequeno, mas mantinha a mesma limpeza e organização encontrada na cozinha de uma amável vovó. Orlando viu vários livros acadêmicos em uma estante, na parede. Havia uma televisão de plasma no *rack,* e os móveis, ou estavam muito bem conservados, ou eram recém-adquiridos.

— O que gostaria de comer, Orlando?

— Pode deixar que eu preparo — ele se ofereceu.

— Medo que eu o decepcione? Quer me humilhar só por ser *chef* de cozinha. Pois fique sabendo que eu consigo cozinhar arroz, carne e macarrão ao mesmo tempo, sem deixar nenhum dos três queimar.

Ele deu uma gargalhada, que serviu para relaxar seus músculos tensos. Rosa o fez rir novamente quando mostrou a lasanha pronta e congelada que ela tirou do freezer.

— Tenho duas destas. Basta colocar no forno micro-ondas agora. Não disse que eu era uma cozinheira de mão cheia?

— Enquanto sua lauta refeição é aquecida, por que não fala um pouco sobre você? Minha vida é um livro aberto, embora Melina tenha rasgado algumas páginas, mas não sei quase nada a seu respeito, à exceção de que é professora em uma universidade e que vê o que outras pessoas não veem.

Rosa abriu uma gaveta do gabinete e apanhou uma toalha de mesa rendada. Estendeu-a sobre a mesa da cozinha e virou-se para Orlando.

— Eu tive um irmão, mais novo do que eu. O nome dele era José, mas meus pais e eu o chamávamos de Zezinho. Quando eu tinha cinco anos, ele estava com três. Nessa época, eu já via espíritos, mas para mim, eles pareciam tão vivos quanto eu mesma. Conversava com eles, e meus pais achavam que fossem coisas da cabeça de uma criança e não davam muita importância.

Rosa abriu um armário e pegou dois pratos, que colocou na mesa. Logo em seguida, perguntou a Orlando:

— Você toma vinho? Eu tenho uma garrafa guardada para momentos especiais.

— Eu aceito. E obrigado por me incluir nesse momento especial. — Após uma pausa, Orlando perguntou: — E onde vive seu irmão atualmente?

— No plano espiritual. Ele desencarnou aos três anos. Era uma criança com graves problemas de saúde. Durante esse curto período de vida, ele foi internado quatro vezes, sempre com uma complicação diferente. Eugênia, a minha mãe, cuidava de Zezinho com toda a dedicação do mundo, e eu a auxiliava, pois o amava muito. Meu pai era mais distante, mas acredito que gostasse dos filhos do seu modo.

Rosa caminhou até o bar e pegou a garrafa de vinho. Em seguida, tirou duas taças do armário, enquanto o cheiro de queijo emanado da lasanha impregnava a cozinha.

— Zezinho não resistiu à última internação. Minha mãe dizia que seu frágil coraçãozinho não suportou a química dos remédios que lhe eram injetados, mas obviamente a equipe hospitalar jamais concordou com essa teoria. Eu me lembro até hoje de como nós duas choramos no dia do enterro dele. O caixãozinho dele era branco, mais ou menos desse tamanho — Rosa abriu os braços para mostrar as dimensões. — Mas eu parei de chorar imediatamente quando vi uma cena da qual nunca vou me esquecer.

— Imagino que você tenha visto algum espírito no cemitério.

— Eu via vários. Lá existem muitos, às vezes, em um número muito maior do que os encarnados visitantes. A maioria vaga perdida, ou fica próxima ao corpo morto como se fosse seu único veículo protetor. A mulher que eu vi era iluminada e sorridente. Veio até perto de mim e me disse que Zezinho ficaria bem no lugar em que estava, e que minha mãe e eu precisávamos parar de chorar por causa dele. Eu comecei a respondê-la e meus pais ficaram apavorados. Começaram a achar que aquilo que antes parecia ser fantasia da minha cabeça, estava se tornando uma espécie de transtorno mental, agravado após a morte do meu irmão.

O forno micro-ondas começou a apitar, anunciando que a lasanha estava no ponto. Rosa apanhou um pano de prato, segurou a bandejinha quente e a colocou sobre a mesa, ao lado dos pratos. Em seguida, indicou uma gaveta para Orlando pegar os talheres.

— Não é um almoço digno de um *chef,* mas dá para enganar o estômago — brincou Rosa.

— Com certeza. Voltando à sua história... o que houve depois?

— Eu repeti a mensagem desse espírito aos meus pais. Minha mãe ficou na dúvida, mas meu pai rechaçou a ideia imediatamente, dizendo que quem morre não volta, que os espíritos repousam com Deus. Aquele tipo de coisa que aprendemos antigamente e que hoje sabemos não ser verdade. Conforme os meses foram passando, eu fui dialogando com mais espíritos, muitas vezes, sem conseguir distingui-los de um encarnado. Eles surgiam tão nítidos para mim quanto agora. E isso desagradou ou acovardou o meu pai. Dizendo que não poderia criar uma filha louca, ele saiu de casa, deixando minha mãe e eu sozinhas.

Rosa baixou os olhos para a lasanha fumegante, e Orlando supôs que ela fosse chorar de emoção. Para surpresa dele, ela não derramou nem uma lágrima.

— Foi outro sofrimento em nossas vidas, mas fomos aprendendo a superar. Todo ser humano é capaz de superar qualquer obstáculo, pois possui a força adequada para lidar com cada desafio. Graças a Deus, nós vencemos. A minha mediunidade era um segredo que só minha mãe e eu sabíamos, já que as outras pessoas simplesmente diziam que eu era louca e se afastavam de mim. Nunca tive amigos por conta disso.

Orlando assoprou um pedaço da lasanha e o colocou na boca, imaginando que Rosa tinha todos os motivos para ter se tornado uma pessoa revoltada com a vida. Perdera o irmão caçula e fora abandonada pelo pai. Sua sensibilidade a privara de uma infância comum. Apesar de todos aqueles fatores, ela conseguira crescer,

se desenvolver e aprimorar seus conhecimentos, ensinando a outras pessoas, como o ensinava agora.

— Quando eu estava com 15 anos, passei a ver o espírito de um homem que desencarnara em uma troca de tiros com a polícia. Ele era bandido, e seu corpo astral conservava as marcas dos tiros no peito, por onde o sangue escorria ininterruptamente. Estava revoltado por ter sido assassinado ainda jovem e decidiu fazer da nossa casa sua moradia. Suas energias eram horríveis, e afetavam a mim e a minha mãe. Ele me assustava durante a noite e dizia que mataria nós duas.

Rosa estremeceu diante daquelas lembranças. Recordava-se do rosto do homem como se o estivesse vendo naquele minuto.

— Precisávamos fazer alguma coisa. Falamos com um padre, e ele disse que seria necessário exorcizar a casa, pois o demônio estava plantado lá. Depois, procuramos um pastor evangélico, que disse que se não fôssemos à igreja com frequência, o Diabo dominaria nossas vidas até nos destruir totalmente. Confusas e apavoradas, ouvíamos várias sugestões, até que alguém nos convidou para ir a um centro umbandista. Minha mãe ficou com tanto medo que se recusou a ir, no início. Contudo, a pressão que o espírito fazia sobre nós, principalmente em mim, que o via e ouvia, estava nos deixando doentes. Sem outra opção, fomos conhecer o tal centro, certas de que faríamos algo de errado.

— É o mesmo centro que você frequenta até hoje?

— Sim. Chama-se tenda. As entidades que atuam lá se apresentam como índios. Muitos mantêm os nomes que tinham em suas tribos ou usam nomes simbólicos. É dirigida pelo Caboclo

Beira-Mar. Na primeira vez em que fomos lá, sem que eu dissesse nada a ninguém, ele me disse que ver pessoas mortas era normal, natural. Disse que a carne cria barreiras que nos impedem de ver muitas coisas, mas para mim essa barreira não existia. Foi a partir daí que eu percebi que não era um monstro ou um ser excepcional. Era amada por Deus como Seus outros filhos.

— E sua mãe perdeu o medo?

— Sim. Passamos a estudar e a conhecer a espiritualidade de forma simples e transparente. Os índios da falange do Caboclo Beira-Mar me ajudaram a orientar o espírito que estava em nossa casa. Depois dele, outros vieram, mas eu já não tinha mais medo. A sabedoria deste caboclo parece ser infinita, e sua bondade é algo tocante. Ele jamais se negou a esclarecer uma dúvida minha ou a me auxiliar no encaminhamento destes espíritos confusos aos locais mais indicados a eles.

— Não sabia que a Umbanda era assim tão sutil. Nunca ouvi coisas muito boas sobre esses lugares.

— Porque assuntos relacionados à espiritualidade tendem a ser distorcidos por pessoas preconceituosas e ignorantes. Acham que lá só é praticado o mal, espaço propício para trabalhos espirituais, popularmente conhecidos como macumba, despacho, entre outros. Situação semelhante envolve os centros espíritas kardecistas, de onde também surge a crença de que se lida apenas com espíritos perversos e perigosos.

Rosa sorveu um gole do vinho e estalou a língua. Sorriu para Orlando ao comentar:

— Um dia, se você quiser, eu o levo à tenda, para que você peça uma orientação ao Caboclo Beira-Mar. Tenho certeza de que ele saberá dar sugestões sobre a melhor maneira de ajudar Melina.

— É tudo o que eu mais quero. Quando podemos falar com ele?

— Vamos agendar para a quinta-feira que vem? Teremos um feriado na próxima sexta, e muita gente vai viajar. Acredito que estará mais tranquilo.

— Combinado. — Orlando soltou o garfo que segurava para pousar sua mão sobre a de Rosa, exatamente como tinha feito dentro do carro. — Obrigado por tudo o que você está fazendo por mim.

Rosa usou a outra mão para cobrir a dele. E aquele simples gesto fez com que os dois se sentissem mais fortes.

— Não considero o que estou fazendo como ajuda, e sim como um aprendizado. Juntos, nós vamos encontrar sua filha, guiando-a para o caminho da recuperação. Basta aguardar que tudo vai dar certo. Tenho certeza disso.

CAPÍTULO 33

Apesar de pedir abrigo para apenas uma noite, Melina foi ficando na casa de Coelho. Ele logo informou Ted da presença da mulher na casa e ouviu do chefão do tráfico que seria perigoso mantê-la escondida lá, principalmente, se a família dela estivesse à sua procura. Ted ainda recomendou que Coelho não a deixasse sair de casa sozinha sem mandar seus comparsas segui-la.

Com o passar dos dias, ele ficou convencido de que Melina não era uma olheira da polícia, pois ela consumia drogas como se fosse uma pessoa faminta se esbanjando diante de um banquete. Inalar a droga já não lhe era suficiente. Queria efeito imediato e duradouro, por isso, aplicava a droga diretamente na veia e, assim que sentia o efeito começar a diminuir, tornava a se injetar.

Em menos de cinco dias morando com Coelho, Melina tornou-se uma mulher quase irreconhecível, tanto na aparência, como no comportamento. Seus cabelos, antes lisos e sedosos, agora viviam presos no alto da cabeça em um penteado torto ou os deixava caídos no rosto de forma desgrenhada. Vestia quase sempre a mesma roupa e confessou a Coelho que deixara de usar calcinha e sutiã.

De posse dessas informações, tanto Coelho quanto os outros usuários, que costumavam frequentar a casa para consumir drogas livremente, passaram a seduzir Melina, que se entregava sem

pudores. Ela transava com qualquer um deles, na frente dos outros, sem se envergonhar. Houve um dia em que fizera sexo com quatro homens, sem utilizar nenhum preservativo. E como se estivesse despreocupada ante a possibilidade de se contaminar com alguma doença mais séria, Melina compartilhava a seringa com pessoas que via pela primeira vez.

Sob a constante euforia causada pela cocaína, já não raciocinava com clareza. Quando Coelho perguntou seu nome completo, ela simplesmente não conseguiu se lembrar e pediu que ele procurasse o documento que mantinha guardado em sua mochila. Jamais se recordava de que um dia fora uma pediatra, nunca pensava na mãe e quando se lembrava de Orlando, dava um jeito de afastá-lo de sua mente.

Lori, Charles e Zeus continuavam com ela. Nos momentos em que Melina ficava praticamente fora de si, ela os ouvia perfeitamente. Houve uma situação em que viu Lori e Charles num fração de segundo e, quando comentou o fato com Coelho, ele riu. Sabia o quanto a droga poderia influenciar no cognitivo de um ser humano.

Coelho nunca consumia as mercadorias que vendia. Precisava se manter lúcido para não ser tapeado em seus negócios. Além disso, Ted Cavalcante poderia aparecer em sua casa de uma hora para outra. O chefe nunca dera as caras, mas agora, alegando querer conhecer Melina, o homem podia chegar sem aviso prévio. O que ele diria ou faria se flagrasse Coelho drogado?

Sem que Melina soubesse ou se lembrasse de perguntar, seu carro havia desaparecido no dia seguinte ao que ela chegara. A

ordem viera diretamente das esferas superiores. Ted não queria nenhum tipo de pista. O carro fora levado para um lugar de desmanche, e suas peças vendidas no mesmo dia. Ted determinou que o dinheiro levantado com a venda das peças fosse enviado para Coelho, como uma espécie de pagamento pela estadia de Melina.

Ela mal se alimentava e, dez dias depois de ter fugido da casa dos pais, tinha perdido sete quilos. Seu rosto adquirira uma palidez cadavérica e seus olhos, antes brilhantes e viçosos, mantinham agora uma esquálida tonalidade de azul.

Tinha cortado os cabelos, porque se cansara mantê-los presos ou de ficar afastando-os do rosto. Ela mesma fizera o corte usando uma tesoura cedida por Coelho, que ficou penalizado ao ver o resultado. Melina ficou parecendo um homem e havia diversos buracos onde ela tosara os fios, rente ao couro cabeludo. Isso só serviu para apagar o pouco que ainda lhe restava de beleza.

Sua pele era bem clara, por isso, os furos nos braços se tornaram bastante visíveis. Houve um dia em que ela injetara duas ampolas de cocaína em ambos os braços, quase ao mesmo tempo. Teve uma arritmia cardíaca e quase desmaiou. Coelho ficou preocupado, pois não teria condições de levá-la a um médico. Porém, quando ela se recuperou, garantiu que estava bem e inalou mais pó, como se não fosse sobreviver sem a droga.

Além disso, ela era assediada pelos três espíritos enviados por Cronos constantemente. Eles praticamente não deixavam que o efeito da droga acabasse e que o organismo dela se ressentisse. Mantinham-na drogada e sempre pediam que ela experimentasse

quantidades cada vez maiores. Fora graças a eles que Melina quase tivera uma *overdose*. Imaginavam que assim que ela consumisse uma dose que seu coração não pudesse suportar, desencarnaria e seria imediatamente levada para Cronos, o que completaria o ciclo da vingança ardentemente desejado pelo rei.

Alguns dias antes de Melina chegar a esse ponto, Cronos conseguira uma reunião exclusiva com outros líderes de falanges e comunidades do astral inferior. Ao todo, havia seis espíritos, todos reunidos em um espaço adequado no castelo de Simeon. De todos, Cronos era o que mantinha a melhor aparência, já que havia um que plasmara em si chifres, asas e pés de bode para representar a imagem de um demônio; outro se assemelhava a um macaco, e uma mulher tinha os dentes tão grandes e afiados quanto os de uma vampira à caça de sangue.

Cronos explicou em poucas palavras o que desejava deles. Contou que precisava atacar um encarnado protegido pelos seres da luz, o que dificultava as coisas. Ele acreditava que a questão poderia ser revertida se Orlando fosse influenciado por espíritos preparados para todo tipo de situação. Havia alguns com altíssimo grau de conhecimento sobre a influência de encarnados. Eram tão sábios que foram rotulados de cientistas, magos, feiticeiros das sombras, entre outros.

Os outros chefes concordaram em “emprestar” seus melhores espíritos a Cronos em troca de alguns prisioneiros, que pretendiam usar como escravos. Cronos consentiu, e o acordo foi fechado imediatamente. Aqueles espíritos poderiam se invejar entre si, mas quando o assunto era maldade, todos se uniam, tentando fazer seu

melhor para propagar o terror e as trevas, como se o bem e a luz pudessem perder forças.

Os espíritos enviados chegaram a Simeon em questão de horas. Eram dez no total, e não eram criaturas bonitas. Alguns garantiram conseguir até mesmo levar um encarnado à morte, tamanho era o poder que julgavam possuir. Cronos chegou a considerar a ideia de usar um deles para apressar o desencarne de Melina, mas decidiu ser paciente. Não queria dever aquele tipo de favor a eles.

Todos combinaram de investir a um só tempo contra Orlando. Não haveria a menor possibilidade de que o pobre homem pudesse escapar da perspicácia de um grupo de espíritos que vinham se preparando para ações semelhantes havia séculos. Veriam até que ponto ele conseguiria se manter de pé, sustentando sua fé na espiritualidade superior.

O grupo passou a vigiar Orlando a distância, por alguns dias, e não tardaram a agir. Como não conseguiram rastrear a presença de nenhum espírito de luz nas proximidades, resolveram partir para o ataque, aproveitando-se do momento em que ele e Geralda estavam entravados em uma acalorada discussão.

— Durma no quarto de Melina, no sofá da sala ou na garagem — esbravejava Geralda. — Não vou me deitar ao lado de um homem que tem uma amante. Não sou idiota.

— Por Deus, mulher, quantas vezes preciso repetir que entre mim e Rosa só existe amizade? Você não sabe como ela tem se empenhado em me ajudar a descobrir o paradeiro da nossa filha.

— Conversa fiada. — Com as bochechas inflamadas de ódio, Geralda sentenciou: — Nosso casamento acabou. Será que você não percebe isso?

— Já faz tempo que eu percebi — concordou Orlando. — Mas eu achei que ainda houvesse uma forma de salvar algo que criamos juntos há mais de trinta anos e que vínhamos mantendo bem até então.

— Você é o culpado por isso e por muitas outras coisas. Se não tivesse se engraçado com essa mulher, Melina ainda estaria aqui em casa, longe das drogas, e nosso casamento continuaria firme como sempre foi. Se você quis partir a nossa família ao meio, só me resta acatar sua decisão. Continuamos a dividir esta casa, mas não o mesmo quarto.

Naquele ínterim, três dos espíritos acercaram-se de Orlando. De suas mãos, projetaram-se camadas escuras e densas de algo parecido com fumaça. Aquela energia envolveu todo o tórax de Orlando e logo contornou sua fronte, abrangendo também a cabeça dele. Imediatamente, ele se sentiu mal, enquanto outros dois espíritos o atingiam pelas costas com armas semelhantes a flechas, cujas pontas continham algo de cor esverdeada. Ele não sentiu o impacto dos dardos astrais, mas sua cabeça começou a rodar na medida em que seu corpo esfriava, como se sua pressão estivesse caindo.

Geralda percebeu a mudança na expressão do marido, mas fingiu não se importar. Acreditou que, no mínimo, ele estava tentando enganá-la, para que ela sentisse pena e não o expulsasse do próprio quarto. Com tontura, Orlando recuou até o sofá e

desabou sobre ele, vendo Geralda e os móveis passarem girando diante de seus olhos.

— O que você tem a dizer sobre isso, Orlando? — tornou Geralda, ignorando o mal-estar que o acometia.

— Por favor, me traga um pouco de água. Acho que a minha pressão está caindo.

— Vou fazer de conta que caio nessa. Não adianta fingir. Seja homem, assuma que tem um caso extraconjugal e que é o responsável por todas as coisas ruins que estão acontecendo com nossa família.

Orlando não respondeu, porque não tinha condições físicas para revidar as acusações. Percebeu que aquele mal-estar não era natural e se lembrou das palavras de Rosa. Havia espíritos interessados em prejudicar Melina. Embora ele não pudesse ver nenhum deles, teve quase certeza de que havia uma energia negativa tentando derrubá-lo. Apoiou a cabeça no encosto do sofá e fechou os olhos, respirando pausadamente.

As criaturas astrais não cessaram os ataques. Vendo que Orlando estava enfraquecendo, eles ampliaram o impacto dos golpes. Um deles plasmou nas mãos ossudas uma espécie de corda fluorescente, com a qual envolveu o corpo do homem rapidamente, como se fosse amarrá-lo. Os arqueiros continuavam disparando suas flechas enquanto os outros despejavam suas energias nocivas sobre a cabeça de Orlando.

— Geralda, me ajude, por favor — ele pediu, a ponto de perder os sentidos. — Traga-me um remédio, ou chame um médico.

— E se isso for uma desculpa que você está criando somente para se encontrar com a tal Rosa? — devolveu Geralda, desconfiada. — E se vocês estiverem de conchavo para me enganar?

Novamente, ele a deixou falando sozinha. Mais uma vez vieram à mente dele as palavras de Rosa, como se alguém as estivesse ditando em seus ouvidos. Se desejasse salvar Melina das drogas, a filha que ele criara com tanto amor, precisava ser forte. Não podia permitir que ninguém o detivesse agora e nem se deixaria entregar para energias inferiores, fossem de origem espiritual ou não. Ele não daria a ninguém o direito de vencê-lo.

— Rosa me disse que a espiritualidade não desampara ninguém — ele balbuciou em voz baixa e tão ininteligível que Geralda não entendeu nada. — Sei que Deus é a força universal que comanda nossas vidas. Seu poder é único e absoluto, transformando o resto em mera ilusão. É ao Criador do universo e da inteligência humana que rogo a minha súplica. Que o Senhor possa intervir em meu socorro, livrando-me de influências perniciosas, dando-me forças para lutar contra elas e afastá-las definitivamente da minha vida e daqueles que me cercam. Ajude-me a encontrar em mim mesmo as forças necessárias de que preciso para trazer minha filha até mim outra vez. Que o Senhor, sabedor de todas as coisas, possa enviar seus anjos para me proteger, pois sei que nunca estamos sozinhos e abandonados.

Focos largos e brilhantes de luz brotaram do teto e das paredes da casa, mirando cada espírito das trevas com precisão absoluta. Em segundos, seus corpos astrais pareceram se desintegrar em

pleno ar, enquanto eles eram impulsionados para suas comunidades de origem, ainda confusos e atordoados. Jamais tinham sido derrotados por um encarnado. Por outro lado, nunca tinham ouvido alguém pronunciar uma prece com tanta fé e credulidade na providência divina.

Maíra foi o primeiro espírito de luz que se materializou logo em seguida. Ela parou ao lado de Geralda, aplicando-lhe um passe para tentar acalmá-la. Em seguida, chegaram Tenório, Sandra e Xavier, que fez outra prece, pedindo proteção para o lar. Sintonizado aos pensamentos de Orlando, o cinturão energético que envolvia a casa tornou a surgir, parecendo mais poderoso do que antes.

A corda plasmada, as flechas astrais e as energias escuras também tinham desaparecido. Sandra deu um passe em Orlando, tentando reerguer seu padrão de vibração, enquanto Tenório promovia uma verdadeira limpeza espiritual na residência, através de suas energias.

Geralda subiu para o próprio quarto sem dizer mais nada, enquanto Orlando, com dificuldades, levantava-se do sofá e partia para a cozinha em busca de um copo com água. Tomou dois copos cheios, sentindo uma energia revigorante e totalmente oposta a que o envolveu anteriormente. Naquele momento, não lhe restou mais nenhuma dúvida de que estava sendo atacado por espíritos. Porém, se assim fosse, ele já sabia como se defender.

— Nós poderíamos ajudá-lo antes mesmo que os cientistas das trevas conseguissem dominá-lo — comunicou Maíra em dado momento.

— É verdade, mas deixamos a fé e a confiança de Orlando extravasar, o que foi muito melhor, pois agora ele acredita piamente na ajuda que a espiritualidade sempre concede aos encarnados — elucidou Xavier. — Nós ajudamos quando possível, mas não podemos fazer a parte que cabe a cada um. A de Orlando era encontrar, dentro de si, a força que todos possuem para superar as dificuldades do dia a dia.

— Esses espíritos ainda podem voltar, não podem? — questionou Maíra.

— Esses talvez não, pois tiveram seus brios afetados. Viram, em poucos minutos, mais de dois séculos de experiência para influenciar os encarnados parar no lixo. Sabiam que nós estaríamos por perto, mas não imaginaram que Orlando estava pronto para se defender.

— Mas foi Cronos quem os enviou. Ele vai recrutar outros espíritos para tentar novamente.

— Pode ser, mas se ele perceber que essa técnica de ataque não está funcionando, vai tentar outros meios. Orlando é um espírito bem preparado. Ele tinha sido orientado sobre isso antes de seu reencarne. Já Geralda, infelizmente, não consegue ver nada de positivo, pois vive de acusações contra os outros, fazendo chantagens emocionais para chamar a atenção. Pessoas assim não são realmente felizes, pois nunca estão satisfeitas com nada.

— E quanto a Melina? — Maíra olhou para Sandra e Tenório, que a fitavam com ternura e paciência, e tornou a se concentrar em Xavier. — Nós não temos feito muito para ajudá-la. Ela continua consumindo drogas com uma intensidade assustadora.

— Lembra-se de uma vez em que eu disse que contaríamos com uma pessoa nos ajudando? Pois é, trata-se de Rosa. Ela será peça fundamental para Orlando afastar Melina das influências de Cronos e livrá-la das drogas.

— Rosa tem a mediunidade bastante desenvolvida. Ela viu e ouviu Sandra e Tenório no carro. E se nós aparecêssemos para ela e contássemos onde Melina está escondida? Ela diria a Orlando, que iria até lá com a polícia, prenderia os traficantes, salvaria a filha e a colocaria em uma clínica de reabilitação.

Xavier sorriu diante da sugestão e respondeu:

— Maíra, querida, não há necessidade de apressarmos as coisas. Tudo está fluindo como deve acontecer. Se acontecesse conforme você está falando, Cronos esperaria Melina deixar a clínica para influenciá-la outra vez. Já vimos que ela se conecta às sugestões deles com mais facilidade do que às nossas. Logo ela estaria consumindo drogas outra vez.

— Então se o problema é Cronos, precisamos resolver o assunto diretamente com ele.

— Isso já foi tentado e não deu certo — interveio Tenório. — Até agora ninguém conseguiu convencê-lo a deixar Melina em paz e seguir seu próprio caminho.

— Você nos disse que Cronos foi seu irmão gêmeo — lembrou Maíra a Xavier —, mas devido aos acontecimentos que requereram a nossa atenção, você ainda não nos contou sua história.

— Sim, eu sei disso. Vamos para um lugar mais tranquilo, respeitando a privacidade de Orlando?

Os três espíritos assentiram e volitaram com Xavier para a cidade astral em que viviam e estudavam. Lá, acomodaram-se no gramado de um verde intenso, que cercava um lago de águas tão transparentes quanto vidro. Era possível ver uma infinidade de peixes coloridos nadando de um lado a outro, enquanto duas garças passavam voando sobre o lago com graça e destreza.

E foi ali, diante daquela lindíssima visão da natureza, rodeado pela tranquilidade e pelas boas vibrações dos que habitavam aquela colônia, que Xavier deu início à sua história.

CAPÍTULO 34

Os gritos ensurdecedores de Adelina eram tão altos que seriam ouvidos a um quilômetro de distância. No interior de sua humilde residência, esparramada sobre uma cama rota, suando em bicas, ela olhava do marido para a parteira, sem saber ao certo em qual dos dois deveria confiar mais. Já estava naquela situação havia cinco horas, e até agora não havia nem sinal de o bebê nascer.

Sua barriga estava tão redonda e dura quanto a roda de uma carroça. Seus cabelos escuros estavam empapados de suor, grudados à pele como se estivessem colados. A cada contração, ela berrava a ponto de sentir o gosto do sangue vindo de sua garganta arranhada pelos gritos intermináveis. Não via a hora de que aquele pesadelo terminasse. Era o seu primeiro filho com Laurindo, já amado há muitos meses, mas nunca imaginou que a dor fosse tão grande.

A parteira, que se mantinha atenta ao seu trabalho, finalmente, afirmou estar vendo a cabeça da criança. Adelina tentou sorrir de alívio, mas outra pontada lancinante transformou seu sorriso em uma careta contraída. As lágrimas pingavam dos olhos de Laurindo, que daria a própria vida para tomar pra si a dor que castigava Adelina.

Apesar de não parecer possível, as dores se intensificaram conforme o corpo da criança começava a escorregar para fora.

Adelina, chorando, mordia um travesseiro que lhe fora dado, fincando as unhas no lençol da cama, rezando para que Deus pudesse amenizar aquele sofrimento.

A retirada da criança não foi fácil e demorou mais uma hora até que a parteira conseguisse abertura suficiente para puxá-la. O menino saiu gritando tanto quanto a mãe, brandindo os punhos como se desejasse socar a parteira por tê-lo tirado de sua zona de conforto. Porém, quando Laurindo já começava a se levantar para ver o filho de perto, a parteira anunciou em voz baixa:

— A barriga estava grande demais. Eu deveria ter imaginado. São dois.

Laurindo foi pego de surpresa, e Adelina, quase inconsciente, mal registrava as informações enquanto ouvia o pranto do filho recém-nascido ecoando em seus ouvidos. As dores ainda permaneciam, e ela ouviu a voz da parteira ordenando-lhe que continuasse a empurrar, pois havia outra criança a caminho.

Dessa vez, o segundo menino saiu em menos de dez minutos. Ao contrário do irmãozinho, este não deu um único choro. No rostinho tingido de sangue, havia um par de olhos bem abertos, como se ansiasse ver a claridade do sol ou conhecer aqueles que seriam seus pais.

Os irmãos gêmeos foram chamados de Leopoldo e Xavier. Conforme cresciam, pareciam mais idênticos. Ambos tinham os cabelos fartos e negros de Adelina e os olhos azuis herdados de Laurindo. Foram os únicos filhos que eles tiveram e, apesar de suas condições modestas, o casal sempre se esforçou para não deixar faltar comida para os pequenos.

Leopoldo, o que nascera primeiro, era birrento, manhoso e chorão. Queria brincar com os brinquedos de Xavier e, se algo o desagradasse, ele agredia o irmão. Xavier, sempre mais calmo e pacífico, parecia não se importar com os golpes do outro e o perdoava com um abraço ou um beijo fraternal. Com as rixas infantis perdoadas, eles tornavam a se divertir como se nada houvesse acontecido.

Assim continuou acontecendo durante os anos seguintes. Os dois sempre eram vistos juntos, e tentar distingui-los era tão difícil quanto encontrar diferenças entre duas gotas de água. Os próprios pais se confundiam, pois os meninos não possuíam nem mesmo algum sinal de nascença que servisse para identificá-los. Sabedores de sua semelhança, ambos se divertiam trocando de papel, um fingindo ser o outro para enganar os pais ou os amigos. Muitas vezes, brigavam, já que Leopoldo era agressivo, mas não demoravam a fazer as pazes, voltando para a velha amizade, companheirismo e cumplicidade encontrados somente entre irmãos.

Xavier sempre se oferecia para ajudar o pai nos trabalhos com a lavoura. Leopoldo, mais preguiçoso, preferia ficar em casa, auxiliando a mãe nos trabalhos mais leves. Adelina amava os dois com a mesma intensidade e nunca demonstrara predileção por nenhum dos filhos. Laurindo também dedicava seu amor aos filhos igualmente, e via em cada um deles muito mais qualidades do que defeitos.

Quando os meninos completaram 16 anos, conseguiram emprego na estância de um coronel. A função dos dois seria cuidar

do gado. Havia muitos animais, mas eles contariam com a ajuda de dois outros garotos, também recém-contratados. O coronel destinaria os negros somente para as plantações. Xavier ficou feliz com o trabalho desde o primeiro dia, mas Leopoldo não se interessou. Ficou por lá apenas três dias, pois logo arrumou briga com os colegas, e o patrão pediu que ele se afastasse.

O coronel Horácio era um homem muito justo, apreciado pelos seus funcionários como se fosse um pai. Nem parecia haver escravos na fazenda, uma vez que não existiam senzalas, troncos ou castigos. Horácio os tratava como pessoas decentes que eram e sempre fora a favor da abolição.

Guilhermina, sua esposa, apesar de não compartilhar dos ideais de liberdade do marido, nunca intervinha em seus negócios. Era uma mulher apagada e sem vida. Mas apesar de não se meter nos assuntos de trabalho de Horácio, acordava reclamando e adormecia se queixando de tudo o que via e julgava estar errado dentro de casa. Implicava com as funcionárias, sempre ordenando que elas fizessem o mesmo serviço três vezes, até que ficasse a contento.

Ela não chegava a maltratar os criados, mesmo porque sabia que o marido não admitiria. Guilhermina os tratava friamente quando Horácio não estava perto. E quando ele voltava para casa, uma nova enxurrada de lamúrias esperava por ele.

Horácio tinha uma irmã que morava no interior do Amazonas. Havia uns três anos, o marido dela falecera após ter sofrido um derrame e, desde então, de acordo com as cartas que ela lhe

enviava frequentemente, vivia apenas com a filha adotiva em uma cidadezinha próxima a Manaus.

Mas em sua última correspondência, Diva, a irmã de Horácio, escreveu dizendo estar muito adoentada e que temia pelo destino de sua filha. Se morresse de repente, não sabia o que seria feito da menina, ainda menor de idade. Percebendo que Diva estava desesperada, sem pedir autorização à esposa, Horácio anexou dinheiro à carta de resposta, dizendo que as duas deveriam comprar passagens e viajar imediatamente até a fazenda dele. Mesmo sem saber a gravidade do estado de saúde da irmã, Horácio pediu que ela fizesse um esforço para viajar, garantindo a estabilidade da menina.

Guilhermina protestou quando ficou sabendo da decisão do esposo, mas Horácio, como sempre, não lhe fez caso. Gostava da irmã, apesar da distância que os separava. Há tempos não a via e, quando ela e Alaor, o marido dela, lhe mostraram a menina adotada, ela mal tinha completado cinco anos de idade.

Apesar de todos os sacrifícios da longa viagem, que agravaram o estado de saúde de Diva, ela conseguiu chegar à estância do irmão trazendo a filha. A moça estava com 15 anos, era loira e miúda, mas com um brilho intenso nos olhos claros, mais ou menos como Horácio se lembrava dela. Apesar de ele nunca ter se esquecido do nome da sobrinha, fingiu não se lembrar e pediu que ela se apresentasse.

— O meu nome é Laguna — ela respondeu, sem timidez.

Horácio também se lembrava de como a irmã e o cunhado adotaram aquela criança. Eles tinham acabado de se casar e foram

passar lua de mel no Amazonas. Alaor era um médico com grande interesse nos diversos costumes brasileiros e queria unir a viagem à sua vontade de conhecer um pouco mais da cultura indígena brasileira. Lá, eles visitaram algumas aldeias e fizeram amizade com alguns índios que falavam bem português.

O cacique da tribo pediu para falar com o casal em particular. Explicou que uma semana antes, outro casal de turistas, de origem espanhola, havia visitado a aldeia com a filha pequena. Eles disseram que a menina, chamada Laguna, estava doente e desejavam comprar alguns remédios feitos à base de ervas. Um pajé examinou a criança e constatou que tudo o que ela tinha era um chiado no peito e que um emplastro resolveria o problema. O casal, alegando cansaço, pediu autorização para deixar a filha na tribo, sob promessas de buscá-la na manhã seguinte. Disseram estar hospedados na cidade vizinha e conquistaram a confiança do cacique.

Porém, eles nunca mais voltaram. Os índios logo compreenderam que aquela fora a maneira encontrada por eles para abandonarem a menina na aldeia. Nunca se soube os motivos que os levaram a tal atitude, e os índios a acolheram por alguns dias até a chegada de Alaor e Diva. O cacique mencionou a menina e explicou seu desejo de que ela fosse criada por uma família de pessoas brancas, tal qual a cor da pele dela. E quando eles viram o meigo rostinho da criança, encantaram-se totalmente por ela. Ganhariam uma filha mesmo tendo se casado havia poucos dias.

Alaor sabia que o nome Laguna significava lagoa, em espanhol. Talvez os pais biológicos tivessem lhe dado aquele nome devido à

cor dos seus olhos, tão azuis quanto pequenas lagoas. Os pais adotivos retornaram para Minas Gerais com a criança e passaram a criá-la com todo o amor que possuíam.

Mas cinco anos depois, coincidentemente, Alaor recebeu uma proposta de trabalho para clinicar no Amazonas. Retornariam ao local onde conheceram a filha, que sempre soube ser adotada. Partiram e nunca mais voltaram, até o dia em que Diva e Laguna, agora com 15 anos, reviam a família.

Guilhermina não demonstrou satisfação com as visitantes e deixou clara a sua contrariedade com a chegada da cunhada. Diva, adoentada demais para perceber o desprezo da mulher de seu irmão, mal saía da cama que Horácio lhe destinara. E na noite em que morreu, pediu a Horácio que cuidasse bem de Laguna, como os índios haviam cuidado dela no passado. Sob a promessa do irmão e diante do choro angustiado de Laguna, Diva fechou seus olhos e partiu.

Após o enterro da mãe, Laguna passou mais de uma semana entristecida, fechada em um mutismo inquebrável. Apenas sacudia a cabeça diante das perguntas que lhe eram feitas e deixava o tio de coração partido quando a via chorando silenciosamente. Ele compreendia o quanto ela sentia pela morte da mãe, principalmente por só ter visto Horácio e Guilhermina uma única vez em toda a sua vida. Eram parentes, mas, ao mesmo tempo, estranhos.

Como não queria ver a jovem esmorecer de tristeza, Horácio sugeriu que ela passeasse pela estância. Designaria alguma criada para acompanhá-la, caso ela desejasse tomar um banho na

cachoeira, localizada próxima à fazenda ou andar a cavalo pelos campos.

— Você cavalga? — Horácio perguntou a ela, mas Laguna sacudiu a cabeça negativamente.

Apesar da desolação, ela aceitou a recomendação do tio. Quem sabe se procurasse outros afazeres não sentisse a tristeza bater tão forte em seu peito? Precisava se distrair para tentar esquecer, temporariamente, a morte da mãe.

Uma criada negra acompanhou Laguna até o estábulo onde ficavam os cavalos de montaria. A moça tentou puxar conversa, mas a menina não respondia ao que lhe era perguntado. Nunca fora uma pessoa malcriada, mas todo seu ânimo tinha desaparecido.

Xavier estava dando alimentos para os cavalos quando as duas entraram no estábulo. Os outros rapazes tinham ido tratar as vacas, que ficavam em outra parte da estância. O trabalho era constante, e ele sentia falta de Leopoldo. Se o irmão não fosse tão esquentado, estaria trabalhando com ele, servindo como companhia e dividindo o serviço.

Ao perceber a movimentação, ele virou o rosto e deparou com as duas jovens que se aproximavam. Acariciou a cabeça do cavalo que alimentava sem deixar de olhar para a moça loira, sobraçando um chapéu e uma sombrinha, que fitava com curiosidade os animais por trás dos cercados. Nunca a vira antes e imaginou qual seria a relação dela com o coronel Horácio.

Finalmente, quando estava a três passos de Xavier, Laguna direcionou seu olhar para o rosto dele, encarando-o. Os dois

permaneceram se estudando por alguns segundos, encantados com o que viam, deslumbrados com aquele rápido e, ao mesmo tempo, duradouro instante.

Um dos cavalos relinchou, quebrando o encantamento. Pela primeira vez, desde a morte de Diva, Laguna permitiu-se sorrir, sem deixar de olhar para Xavier. Ele, meio tímido e sem jeito, limpou as mãos na calça e fez uma rápida reverência, o que a levou a alargar o sorriso.

— Não me falaram que o estábulo receberia visitas — ele declarou em voz baixa, olhando-a como se estivesse hipnotizado —, ou eu teria arrumado o lugar.

— Mas o que haveria para arrumar? — Laguna olhou em volta. — Palhas e cavalos?

— Não sei... Eu poderia ter ao menos varrido e retirado as fezes dos animais... — ele se interrompeu, corando em seguida. Não lhe pareceu agradável falar sobre fezes de cavalos com uma moça de beleza indescritível.

— Está tudo bem. Na verdade, nem eu mesma sabia que viria. — Como se só agora se recordasse da presença de sua acompanhante, Laguna sorriu para ela. — Se quiser, pode ir. Sei o caminho para voltar à fazenda. Vou ficar bem.

— Mas senhorita — interrompeu Xavier, ficando ainda mais vermelho —, estou sozinho aqui. Isso não a incomodaria?

Ela piscou seus lindos olhos, que há dias pareciam apagados e mortiços.

— Os cavalos nos farão companhia.

Pedindo licença, a criada se retirou. Xavier, ainda sem saber o que dizer ou como agir, tornou a esfregar as mãos na calça com força.

— Não seria melhor lavá-las? — sugeriu Laguna, apontando para as mãos dele.

— Sim, claro. É o que eu pretendia fazer quando terminasse meu serviço.

— Não o atrapalho conversando com você?

— O quê? — Ele riu, alinhando os cabelos escuros. — De jeito nenhum. É que não costumo receber visitas de mulheres aqui, à exceção de criadas que, às vezes, vêm me trazer um copo de refresco ou um prato de comida.

— Muito me espanta saber que você não tenha ouvido falar da minha chegada com a minha mãe. — Uma sensação triste a envolveu, mas ela procurou dispersá-la, afagando delicadamente o cavalo que Xavier estava tratando.

— Na verdade, eu ouvi falar sobre vocês, mas nunca a tinha visto, nem mesmo de longe. Quanto a sua mãe, lamento profundamente o acontecido. Meus pêsames.

Ela assentiu, demonstrando que os sentimentos dele tinham sido aceitos. Os dois tornaram a se olhar por mais alguns segundos, em silêncio, como se todo o assunto tivesse se encerrado. Por fim, Laguna perguntou:

— Como se chama? E quantos anos têm?

— O meu nome é Xavier e tenho 16. E você?

Laguna começou a falar de si mesma, deixando Xavier intrigado quando revelou seu nome. Ele garantiu nunca ter ouvido nome

semelhante, e ela acreditou, pois também nunca vira outra pessoa chamada Laguna. Ela contou sobre o amor que sentia pelos pais e contou que Alaor morrera três anos antes. Sem delongas, ela explicou que era adotada, que nada sabia a respeito dos pais biológicos e que permaneceria na estância de Horácio por tempo indeterminado, até que ele se decidisse sobre o destino que daria a ela.

— Só espero que ele não me interne em um convento — finalizou Laguna. — Morreria de desgosto.

— O que seria uma judiação — completou Xavier, enrubescendo outra vez.

Sua timidez deixava Laguna encantada, e ela pediu que ele falasse de si. Enquanto ele ajeitava um monte de feno em uma das baias, contou sobre Adelina e Laurindo, a vida modesta e feliz que levavam, e falou sobre Leopoldo sem muitos detalhes.

— Nascemos juntos e somos muito parecidos. Se você já me viu, então já viu Leopoldo.

Laguna também nunca tivera contato com alguém que tivesse um irmão gêmeo e contou que acharia o máximo ver o próprio rosto em outra pessoa.

Eles passaram horas conversando, ora caminhando lado a lado pelo estábulo, ora parados diante de um dos cavalos, ora sentados no chão. Laguna achara que não faria amizade na fazenda do tio depois da morte da mãe, mas Xavier era completamente diferente de tudo o que ela esperava de um cuidador de cavalos. Tratava-se de um rapaz educado, inteligente, respeitoso e muito bonito.

Sentimentos parecidos ele nutria por Laguna. Ela era simples, alegre, falante, lindíssima e nada tímida para uma moça da época. Muitos não a veriam com bons olhos se soubessem de sua conversa a sós com um rapaz solteiro dentro de um estábulo. Ou ela desconhecia o preconceito da sociedade, ou não estava se importando com o falatório alheio.

O diálogo agradável que eles mantinham foi quebrado com a aproximação de uma pessoa. A porta estava aberta, justamente para não deixar falsa impressão a ninguém, principalmente se o coronel surgisse ali à procura da sobrinha. Porém, quem entrou, para surpresa dos dois, foi Leopoldo.

Os três se surpreenderam ao mesmo tempo. Xavier por vê-lo ali, já que o irmão não voltara à estância de Horácio desde que fora demitido, no terceiro dia de trabalho. Laguna por ver o próprio Xavier ali, usando uma roupa diferente. Como duas pessoas poderiam ser tão idênticas? E Leopoldo por ter deparado com a moça mais bonita que já conhecera. Antes mesmo de ouvir a voz dela ou olhá-la nos olhos com mais profundidade, ele concluiu que a desejava com todas as forças do seu ser. Aquela mulher, linda como o pôr do sol, seria dele custasse o que custasse.

CAPÍTULO 35

— O que está fazendo aqui, meu irmão? — indagou Xavier, preocupado.

Leopoldo não respondeu, pois simplesmente não podia olhar para outra direção que não fosse o rosto de Laguna. Xavier repetiu a pergunta pela terceira vez até que Leopoldo reagisse.

— É a nossa mãe. Ela não está passando muito bem, e o pai pediu que eu viesse chamá-lo. Já avisei ao coronel que você voltaria para casa mais cedo.

— E você diz isso assim, com tanta tranquilidade? Sabe se o pai já chamou o doutor Moreira?

Moreira era o médico que os atendia fiado. Ele não se importava de receber o dinheiro da consulta apenas no final do mês.

— Acho que ele foi fazer isso enquanto eu vinha pra cá.

Xavier percebeu que o irmão estava tão sossegado quanto se estivesse apreciando as águas calmas de um rio. Sem saber como reagir, pois não queria simplesmente dar as costas para Laguna, deixando-a sozinha com os cavalos, Xavier se justificou:

— Eu peço perdão à senhorita, mas não vou poder acompanhá-la até a fazenda. Como vê, preciso sair às pressas. Como ainda não anoiteceu, não encontrará nenhum perigo até chegar à casa-grande.

— Eu o compreendo. Cuide de sua mãe enquanto ela está viva, para que não precise passar pelo mesmo sofrimento que passei. Eu vou caminhando devagar, não tenho pressa pra nada.

— Por que não pede para sua amiga nos acompanhar, Xavier? — incentivou Leopoldo, não escondendo o ar de troça. — Eu vim de carroça e posso trazê-la de volta se ela desejar.

Antes que Xavier se manifestasse, Laguna estendeu as mãos para frente, agitando-as com graciosidade.

— Não, não, eu não posso ir com vocês. Não tenho autorização do meu tio para deixar a fazenda e não quero desagradá-lo. Em outra oportunidade, eu os acompanho em um passeio.

Leopoldo quase não resistiu à vontade de tomá-la nos braços e deitá-la no chão, por cima do feno, para amá-la perdidamente, esquecendo-se da mãe indisposta e de todo o resto. Não fosse Xavier, ele possivelmente não teria se controlado.

— Então vamos, Leopoldo. O tempo urge. Precisamos estar em casa para ajudar no que for preciso.

Xavier acenou para Laguna em despedida, murmurou mais um pedido de desculpas e partiu na frente do irmão. Leopoldo, antes de sair, virou a cabeça para trás e a olhou dos pés à cabeça. Havia tanta luxúria em seu olhar que a moça sentiu-se envergonhada. Percebeu a primeira diferença entre os irmãos gêmeos.

Felizmente, Adelina só tivera uma leve queda de pressão, que o doutor Moreira alegou ser um mal-estar passageiro, sugerindo que ela passasse o restante do dia em repouso. Passado o susto, a família conseguiu retomar suas atividades na manhã seguinte.

Sempre que era possível, Laguna saía da casa e ia até o estábulo conversar com Xavier. Contou ao tio que simpatizara com o rapaz, e o coronel não viu nenhum problema naquela amizade. Era um homem despojado de preconceitos, com uma mentalidade à frente do seu tempo e nem se importaria se entre os dois jovens surgissem sentimentos mais profundos. Conhecia a família de Xavier e, se fosse do interesse de Laguna, ele defenderia o namoro entre eles, independente da posição social que os separava.

Depois do dia em que conheceu Laguna, Leopoldo não teve mais sossego. Sempre arranjava uma desculpa para visitar o irmão na estância, na esperança de encontrar Laguna, o que nem sempre acontecia. Cansado de tantos desencontros, o rapaz foi mais além. Procurou o coronel Horácio, alegou estar muito arrependido pela sua conduta e pediu uma nova oportunidade de trabalho, garantindo que não iria desapontá-lo dessa vez. O patrão, que nunca dispensava uma boa mão de obra, concordou, empregando Leopoldo novamente.

Dessa forma, ele sempre estava presente quando Laguna aparecia. Quando via os dois juntos, ela logo procurava identificar quem era Xavier e ignorava o outro irmão completamente. Nunca comentou com o amigo o quanto a presença de Leopoldo a incomodava. Não gostava de olhar nos olhos dele e, mais de uma vez, pudera vê-lo passar a língua pelos lábios enquanto a admirava abertamente.

Os meses foram transcorrendo e, como era de se esperar, a amizade entre Laguna e Xavier amadureceu. Ele já havia completado 17 anos quando, finalmente, admitiu para si mesmo

que estava apaixonado por ela. Manteve seus sentimentos em segredo e só os compartilhou com o coronel Horácio, quando pediu a mão da sobrinha dele em namoro.

— Se ela aceitá-lo, terá minha aprovação, meu garoto — autorizou Horácio, sorrindo.

Mas Guilhermina não ficou satisfeita. Não queria ver sua sobrinha, com a qual nem simpatizava muito, de namorico com um rapaz pobre e ignorante e contestou:

Não acho essa uma decisão coerente, Horácio. Laguna é uma moça educada, e esse rapaz nunca pertencerá ao meio dela. Certas coisas não devem se misturar.

— Sou um homem que sempre defendi a liberdade dos escravos, enquanto você nunca concordou com o fato de eu tê-los alforriados. Nós temos pensamentos diferentes sobre muitos assuntos, Guilhermina. Por acaso não deveríamos ter nos misturado?

O comentário de Horácio calou a esposa. Quando Laguna soube do pedido de Xavier, demonstrou tanta felicidade que beijou o tio repetidas vezes no rosto. Como nunca tivera filhos, Horácio estava se afeiçoando de tal maneira à sobrinha que já a considerava como uma filha, desejando o melhor para ela. Há tempos, não a via tão contente e, se ela também amava Xavier, não tinha o direito de proibi-los de viver um grande amor.

Sob o consentimento de Horácio, eles oficializaram o namoro. Leopoldo ficou furioso quando soube que Xavier passara na frente dele. Tinha certeza de que Laguna também o olhava com admiração. Eles poderiam ter um caso sem toda aquela burocracia

que Xavier decidira seguir. Por que não fora mais rápido do que o irmão?

Adelina e Laurindo apreciaram Laguna assim que a conheceram. Estavam orgulhosos de Xavier, que conquistara uma jovem tão bonita, sobrinha de um coronel, embora eles não ambicionassem aquela relação. Não pensavam em ganhar dinheiro à custa do filho. Simplesmente queriam vê-lo feliz com a mulher que escolhesse para se casar.

Revoltado, corroído pela inveja, sentindo-se traído por Xavier e por Laguna, Leopoldo passou a seduzir a moça, principalmente quando a via sozinha. Encostava sua mãe na dela sutilmente, roçava seu corpo no dela quando passavam próximos um ao outro e a elogiava constantemente, sempre dando parabéns ao irmão por namorar uma donzela tão linda. Laguna fingia nada perceber e sempre o evitava. Era como se Leopoldo fosse uma criatura que ela jamais quisera ter conhecido.

O ápice aconteceu em uma manhã cinzenta de inverno. Xavier não fora trabalhar porque estava muito gripado. Somente Leopoldo estava no estábulo, tratando dos cavalos sem grandes cuidados. Jamais gostara do que fazia e, se não fosse Laguna, nunca teria pedido para retornar ao serviço.

Ela chegou como vinha fazendo quase todos os dias. Já não andava acompanhada por uma criada e percorria sozinha todas as terras pertencentes a Horácio, ou com o namorado, quando ele se permitia descansar do trabalho. Quando a viu entrar, Leopoldo deu as costas a ela, despejando aveia no reservatório de comida de um dos cavalos. Com o corpo curvado, sem se voltar, ele elogiou:

— O estábulo ficou até mais cheiroso com a chegada da mulher que rescende à primavera.

Sorrindo com o galanteio, Laguna aproximou-se dele, colocando as mãos enluvadas sobre os ombros de Leopoldo.

— E eu fiquei mais feliz por encontrá-lo sozinho aqui. Eu me sinto mais à vontade sem a presença do seu irmão.

Leopoldo colocou o saco de aveia no chão, afagou as mãos dela carinhosamente e se voltou para encará-la, mantendo o olhar baixo. Sentindo-a tão perto, ele inclinou o rosto para frente, como se quisesse tocar os lábios dela com sua boca.

Foi então que Laguna viu seus olhos. Eram iguais ao do irmão, igualmente azuis e brilhantes. Porém, o olhar era diferente. Ali havia frieza, desdém e inveja, totalmente diferente do modo meigo e apaixonado com que Xavier a encarava.

Ela recuou com rapidez, quase batendo as costas na porteira de outra baia. Ficou indignada ao ver o sorriso pérfido que se distendeu no rosto de Leopoldo.

— Como ousa se passar por Xavier? — questionou Laguna, muito irritada. — Diante do que você acaba de fazer, eu o odeio ainda mais do que antes.

— Ama tanto meu irmão que teria me beijado se eu quisesse — riu Leopoldo. — E ainda estamos em tempo. Ninguém vai saber se você e eu nos entregarmos para o amor que sentimos um pelo outro agora mesmo.

— Que amor? Eu nunca o amei, sabe disso. Até sua voz é muito semelhante a de Xavier, e eu me arrependo de até hoje não ter encontrado diferenças físicas entre vocês. Mas os sentimentos

são opostos. Xavier é carinhoso, mas você é falso e desonesto. Não se importaria de trair o irmão que tanto o ama.

— Deixe de conversa, meu amor. — Leopoldo tentou abordá-la, mas Laguna ergueu a barra do vestido longo e rodado e correu na direção da saída. — Não me diga que está indo contar ao seu tio.

— Deveria fazer isso, mas vou poupá-lo de aborrecimento. Você é um ser tão desprezível que não vale a atenção do coronel — tornou Laguna, dando as costas para Leopoldo e retornando à fazenda, sem saber por que Xavier não estava ali como em todos os dias.

Quando o namorado reapareceu na estância, foi procurá-la na casa-grande. Ele justificou sua ausência do trabalho, e Laguna omitiu as investidas de Leopoldo. Não queria colocar um contra o outro, o que criaria desentendimentos inúteis.

Após ter sido dispensado por Laguna, Leopoldo passou a alimentar um ódio incontrolável pelo irmão. Não fosse ele, teria o amor da moça. Depois daquele dia, ela não retornou mais ao estábulo e sempre pedia que Xavier fosse encontrá-la na casa da fazenda. Era preferível namorar diante de Guilhermina ou do próprio tio do que tornar a olhar para os olhos maldosos e nada confiáveis de Leopoldo.

Com os planos ruindo mais uma vez, Leopoldo tornou a deixar o emprego, alegando, em conversa particular com o coronel, que tinha encontrado um trabalho onde seria mais bem remunerado. Horácio, sem motivos para desconfiar dele, liberou-o. No fundo, sempre gostou mais de Xavier, embora jamais conseguisse distinguir um do outro quando estavam juntos.

Leopoldo nunca se esqueceu de que Laguna também não conseguia diferenciá-lo de Xavier se o visse sozinho, em um ambiente mais escuro. Foi pensando nisso que ele armou um plano. Elaborou-o meticulosamente, certo de que não haveria falhas. Esperaria o tempo que fosse necessário para que surgisse a chance que ele tanto desejava.

Neste ínterim, Laguna e Xavier tiveram seu primeiro momento íntimo de amor. Foi escondido, dentro de uma baia vazia, no estábulo. Ele jamais faria amor com Laguna antes do casamento, mas a atração e o desejo que ambos sentiram naquele dia foi tão forte que foi impossível evitar. Amaram-se num local malcheiroso, mas nem se deram conta disso.

Alguns dias depois, Xavier tornou a faltar ao serviço, pois fora acometido por disenteria. Leopoldo não perdeu a oportunidade que vinha aguardando. Escreveu algumas palavras em um pedaço de papel e pediu a um menino, amigo da família, que entregasse a correspondência na estância do coronel Horácio, nas mãos de Laguna. Como a criança não sabia muito bem com qual dos gêmeos estava falando, Leopoldo identificou-se como Xavier.

Laguna ficou eufórica quando recebeu a carta. Nunca prestara atenção à letra de Xavier, por isso, não desconfiou de nada ao ler o convite para que fosse encontrá-lo, sozinha, em uma cabana abandonada, do outro lado da cachoeira, às dez horas da noite. Seria preciso sair das terras do tio, mas Laguna já estava tão familiarizada com a região, que sabia não haver perigo algum, apesar do horário avançado.

O texto da mensagem era carinhoso e delicado, bem ao estilo de Xavier. Ele dizia que desejava lhe fazer um pedido muito especial, e ela ficou certa de que ele a pediria em casamento. Só não entendia porque a queria longe da fazenda, mas julgou que ele só desejaria comunicar o tio dela depois que ela aceitasse o pedido.

Inocente, Laguna beijou o papel e aguardou. Após o jantar, fingiu ir para seus aposentos, mas quando a casa silenciou, ela tornou a sair. Esperava não encontrar com nenhum criado. Os negros gostavam dela, mas eram extremamente devotados ao patrão. Sem dúvida, a delatariam se a vissem sair às escondidas.

Por sorte, não foi interpelada por ninguém, ao menos que tivesse visto. Fez o trajeto a pé, pois qualquer meio de transporte chamaria atenção. A mata no entorno da cachoeira estava úmida e escura, mas estranhamente ela não sentia medo. Logo mais à frente se encontraria com Xavier. O amor que os unia a protegia de qualquer ameaça.

Encontrou a cabana sem dificuldade. Assim que entrou, viu a silhueta do namorado, de costas para ela. Havia algumas velas iluminando os aposentos, mas a claridade não era suficiente para enxergar-lhe a feição com clareza. Ele estava sentado sobre uns tecidos, que tinha ajeitado para parecer uma cama, e virou o rosto parcialmente, convidando-a num sussurro:

— Venha, meu amor. Quero lhe contar porque faltei hoje ao trabalho, mas antes, gostaria de contemplar sua beleza mais uma vez.

Sorrindo, Laguna tirou os sapatos. Quando as chamas da vela cresceram, ela viu que ele estava nu. Sentindo um calor percorrê-la, Laguna tirou as vestes longas e o espartilho rapidamente. Logo, ele voltou-se para ela e começou a beijá-la, procurando manter os olhos quase fechados, falando o mínimo possível.

Eles se amaram por mais de duas horas. Laguna percebeu que Xavier estava muito mais exigente do que da primeira vez. Ainda não era um lugar muito confortável para fazerem aquilo, mas era melhor do que o estábulo. Ela o acompanhou no sexo, sentindo prazer, talvez ainda mais do que antes. Ele era um rapaz muito mais maduro e experiente, fazendo-a sentir-se uma mulher igualmente madura e experiente.

Quando terminaram, ambos estavam tão moles quanto a cera que se acumulava na base das velas. Ela pudera fitá-lo nos olhos algumas vezes, mas a cor lhe pareceu escura e não pôde ver o brilho expressivo. Ele a beijava devagar, exatamente como Xavier fazia e nunca lhe passou pela cabeça que tinha se entregado para um impostor.

— Afinal, o que você queria me pedir de tão especial? — ela perguntou, com voz sonolenta.

— Queria perguntar por que você relutou tanto em se entregar a mim.

— Como assim? Essa não foi a primeira vez que nós...

— Quero saber por que finge amar Xavier quando é a mim que você sempre quis.

Algo morreu dentro dela enquanto a chama da última vela se apagava. No escuro, ela pensou em gritar, mas sabia que não seria

ouvida. Nua na cama com o homem que repudiava, ela se esforçou para não chorar.

— Leopoldo, eu não posso acreditar. Por que fez isso?

— Não me diga que não gostou. Senti seu prazer. Se eu não tivesse me revelado, você faria tudo de novo. Sou ou não melhor que meu irmão?

— Você é nojento — rugiu Laguna, levantando-se e tateando o chão em busca das roupas. — Mas isso não vai ficar assim. Vou dar o troco por ter me enganado.

— Você é linda, porém, é burra — a voz de Leopoldo brotou novamente em meio à escuridão. — Uma pessoa mais inteligente teria desconfiado do meu plano, que confesso nem ter sido tão complicado. No fundo, acho que você sabia que estaria se encontrando comigo.

— Vou contar ao meu tio que fui tocada por você. Xavier também saberá, e você será punido. Não sabe o que o aguarda.

— Eu direi que nós somos amantes, e que você me seduziu. Uma mulher que sempre se encontrou com um homem em um estábulo não pode ser levada em conta.

— Eu tenho a carta que você me enviou — afirmou Laguna, tentou se enfiar dentro do espartilho. Teria corrido nua, se pudesse, mas não queria deixar uma única peça de seu traje nas mãos de Leopoldo. — Verão que tudo foi uma armação.

— Faça isso e você perde Xavier também. Seu tio ficará desconfiado e confuso, sem saber ao certo qual de nós dois mentiu. Para sua segurança, ele a manterá afastada tanto de mim quanto de Xavier. Se eu sou uma ameaça, Xavier é o meio que eu

utilizaria para me aproximar de você. Adeus casamento e vida feliz com ele.

— Você é repugnante, asqueroso. Um dia você vai pagar por todas essas maldades, seu infeliz.

Ele continuava deitado no chão, observando a sombra dela enquanto se vestia.

— Quando quiser me amar outra vez, basta me procurar — rebateu, zombeteiro.

Laguna voltou à estância decidida a comunicar o tio, mas se recordou da ameaça de Leopoldo. Era até possível que Horácio realmente a separasse de Xavier por culpa do irmão dele. Talvez ele se arrependesse por ter aprovado aquela relação e a obrigasse a romper tudo. E pior ainda seria se ele a encaminhasse para um convento ou lhe sugerisse um casamento com um homem que ela não amasse.

Assim, ela decidiu guardar aquele segredo para si. Nunca contou o ocorrido nem mesmo a Xavier. Temia que ele fosse tirar satisfações com Leopoldo, e que o outro, agressivo e mentiroso como era, preparasse-lhe uma emboscada. Ela já não tinha dúvidas do que Leopoldo era capaz de fazer para conquistar seus objetivos.

Mas, algumas semanas depois, veio a surpresa e, com ela, um terrível dilema. Totalmente atordoada, Laguna viu-se frente a frente com um inesperado desafio. Estava grávida e não tinha a menor ideia de quem era o pai da criança que esperava.

CAPÍTULO 36

Dias depois, Laguna contou o fato para Xavier, e ele tratou de desposá-la. Horácio só soube que ela estava grávida quando viu a barriga se destacando contra o tecido dos vestidos, meses depois do casório. Leopoldo nem se importou tanto por vê-la se casar com Xavier. O que ele desejava dela já tinha conseguido e, mesmo que nunca mais pudesse tocá-la daquela forma, acreditava convictamente ter plantado sua semente em Laguna.

Xavier tinha certeza de que seria pai, mas ela não. Aos olhos de todos, o filho que crescia em seu ventre era de Xavier. Porém, nas raras ocasiões em que seus olhares se cruzavam com os de Leopoldo, ele a fitava com ironia, sabedor de sua participação naquela gravidez. Quem poderia garantir que a criança não seria dele?

O menino nasceu saudável. Tinha cabelos negros e olhos azuis, o que não ajudava em nada. Era parecido com o pai, independente de quem fosse. Foi chamado de Pedro Henrique. Adelina e Laurindo, assim como Horácio e Guilhermina, não cansavam de mimar a criança, que era linda e esperta.

A dúvida sobre a paternidade de Pedro Henrique foi crescendo com ele. Ora o menino era pacato e delicado como Xavier, ora era tempestuoso e omisso como Leopoldo que, aliás, tinha certeza

absoluta de que o garoto era seu filho. Porém, esse fato, não minimizava o amor que Laguna sentia pela criança.

Alheio a toda a história que envolvia sua concepção, Pedro Henrique tinha verdadeira adoração pelo tio, uma vez que considerava Xavier seu pai. Aquilo desgostou Laguna sobremaneira. Xavier nem parecia se importar, mas ela ficava mais inquieta a cada dia. Teve vontade de matar o cunhado quando o ouviu dizer, certa vez, com a criança sentada em seu colo, que o amava como se fosse seu verdadeiro pai.

De fato, Leopoldo gostava do menino, o que só lhe dava a certeza de que ele era o pai verdadeiro. Imaginou o quanto seria feliz com Laguna e o filho se não houvesse Xavier se interpondo no caminho. Leopoldo nunca se relacionou firmemente com outra mulher, pois era praticamente obcecado pela cunhada. Sabia que só estaria realizado como homem quando ela também passasse a amá-lo, o que nunca aconteceria enquanto Xavier vivesse.

E se o irmão, subitamente, sofresse um acidente? Foi com esse pensamento que Leopoldo acordou certa manhã. Por muitas vezes, desejou a morte de Xavier, mas nunca pensou em apressá-la por conta própria. O companheiro de brincadeiras infantis havia se tornado seu rival. Jamais seria feliz vivendo à sombra de Xavier.

Nesta época, Pedro Henrique estava com 15 anos e era apaixonado por Leopoldo. Xavier até ficava enciumado, mas, no fundo, divertia-se com tudo aquilo. Na véspera do aniversário de ambos, recebeu um convite do irmão para cavalgarem juntos até a cidade. Trariam umas ferramentas novas para Laurindo, que continuava trabalhando no roçado. Xavier também permanecia na

estância de Horácio, só que agora era administrador e consultor pessoal.

Xavier, Laguna e Pedro Henrique moravam a menos de quinhentos metros da casa de Laurindo e Adelina, onde também residia Leopoldo. Ele continuava na companhia dos pais, apesar de seus 33 anos, e permanecia solteiro.

Não era incomum Xavier sair a passeio com Leopoldo, principalmente quando iam buscar algo para Laurindo na cidade. Por isso, Laguna não estranhou o convite. Odiava o cunhado, mas, pelo menos, ele jamais tentara seduzi-la outra vez desde o início de sua gravidez. Quanto à filiação paterna de Pedro Henrique, constituía um mistério que ela acreditava levar até à morte.

Xavier se despediu, beijando-a amorosamente e dando um abraço apertado no filho. Uma hora depois, Leopoldo reapareceu sozinho, o rosto molhado de lágrimas. Falava algo sobre ter havido um acidente na estrada. Aparentemente, o cavalo de Xavier se assustara com algum animal menor e o jogara no chão de terra batida. Ele quebrou o pescoço com a queda e faleceu no local.

Não havia testemunhas no momento em que Leopoldo revelou a Xavier ter se deitado com a esposa dele, quando ainda eram solteiros. Os dois cavalgavam devagar pela estradinha que levava à cidade, e Leopoldo fez a revelação fatal: afirmou ter certeza de que Pedro Henrique era seu filho, o que justificava a predileção que o menino sentia por ele. Xavier ficou transtornado e pôs-se a agredi-lo com palavras. Como o irmão só ria zombeteiramente, Xavier emparelhou seu cavalo ao dele e tentou esmurrá-lo.

Foi tudo o que Leopoldo precisou para empurrá-lo. Xavier perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão. Porém, ao contrário da versão que Leopoldo contaria mais tarde, ele não morreu imediatamente. Quase perdeu os sentidos, mas continuava vivo.

Leopoldo desceu do cavalo e parou ao lado de Xavier. Disse que sempre o odiara e que agora, com sua morte, nada impediria Laguna de amá-lo. Cruel e implacável, Leopoldo colocou as mãos na cabeça do irmão ferido, que mal conseguia se mover, e girou-a para o lado com força e frieza. Ao ouvir o estalo, sentiu um prazer mórbido invadi-lo.

Laurindo, Adelina e Horácio choraram sentidos durante o enterro de Xavier. Amavam o rapaz e lamentavam profundamente o acidente. Pedro Henrique também chorava e era confortado pelo tio, que parecia igualmente condoído pela morte do irmão gêmeo. Porém, Laguna não derramou uma única lágrima. Sentiria falta do marido até o final dos seus dias e tinha certeza de que Leopoldo estava envolvido naquela morte. Embora não tivesse como provar, nada tirava de sua cabeça que o cunhado era responsável pelo falecimento de Xavier.

Como nunca houve a suspeita de assassinato da parte de mais ninguém, Leopoldo continuou vivendo livremente, como se nada jamais tivesse acontecido. Tornou-se ainda mais próximo de Pedro Henrique, embora só ganhasse repulsa por parte de Laguna. Ela, desiludida e infeliz, passou a experimentar bebidas alcoólicas com uma frequência cada vez maior. Em poucos meses, seu nível de alcoolismo chegou a tal ponto que ela já não tinha condições de criar o filho sozinha, que foi acolhido pelos avós e por Leopoldo.

Apesar do crime cometido, Leopoldo nunca conseguiu fazer com que Laguna o amasse. Horácio observava sua sobrinha definhar sem saber o que fazer para tirá-la daquele sofrimento. Quando ela era jovem, após a morte de Diva, fora fácil distraí-la, mas agora não havia nada que ele pudesse fazer, uma vez que também sentia a falta de Xavier, a quem conhecera quando ainda era um garoto.

Pedro Henrique chorava ao ver a mãe embriagada. Ele a amava e não queria que ela morresse, pois já havia perdido o pai. Só que Laguna não ouvia os conselhos de ninguém e afundava no álcool, pouco se importando com a consequência dos seus atos.

Foi em um desses momentos, em que ela estava bêbada, que Leopoldo surgiu na casa que ela dividira com Xavier. Apesar do estado em que ela se encontrava, ainda continuava bonita aos olhos dele. Ele declarou seu amor por ela, e Laguna o repudiou. Disse que nunca o amaria, nem mesmo depois de morta. Explicou que ele poderia desistir dela para sempre, pois jamais teria seu amor.

Irado, Leopoldo confessou seu crime. Se não ficaria com ela, então a faria sofrer. Admitiu ter assassinado o próprio irmão. Laguna, apesar do avançado estado de embriaguez, o compreendeu perfeitamente. Finalmente, ele esclarecia aquilo que ela sempre achara ser verdade.

Descontrolada, apesar da tontura, Laguna foi à cozinha em busca de uma faca. Sua raiva era tão grande que lhe trouxera um pouco de equilíbrio e lucidez. Estava farta das maldades daquele homem, que sempre a atormentara a distância. Ela voltou à sala

com uma faca em punho, lançando-se sobre Leopoldo com a velocidade de um cavalo em fuga. Ele tentou aparar o golpe, mas a lâmina perfurou seu peito e enterrou-se em seu coração.

A partir daí, a vida dela ruiu de vez. Laguna foi presa e obrigada a se separar definitivamente do filho. Horácio se arrependia por não ter feito nada para ajudar a sobrinha. E Pedro Henrique, órfão, como também havia ficado sua mãe anos atrás, mergulhou em uma tristeza infinita, melhorando seu estado de espírito somente quase um ano depois.

Quando Xavier parou de falar, todos os espíritos, inclusive ele mesmo, tinham os olhos embaçados de lágrimas. Eles permaneceram em silêncio por alguns instantes até que a emoção trazida pela narrativa serenasse. Quando se recuperou, Xavier pronunciou:

— Não é preciso dizer que Leopoldo, ao desencarnar inesperadamente, não se conformou. Queria vingança e começou a trabalhar por ela. No astral inferior, reuniu um pequeno grupo de espíritos com quem criou afinidade e passou a liderá-lo. Em pouco tempo, seu grupo foi se expandindo e ele promoveu a construção de uma comunidade, a qual apelidou de Simeon. Orientado por alguns espíritos sábios e instruídos, residentes das sombras, Leopoldo tornou-se Cronos, intitulando-se rei. Entre os espíritos que ele coletou pelo caminho estão os nossos velhos conhecidos, como Dorian, que já trouxemos para cá, Charles, Lori e Alesha.

— E Zeus também — lembrou Maíra.

— Zeus é o integrante mais recente do grupo, que só foi aceito por ter conhecimento de magia. Não faz muitos anos que ele

desencarnou e, ao recusar ajuda e encaminhamento do plano superior, ele decidiu voltar-se para as trevas, unindo-se a Cronos.

— Como foi a morte de Laguna? — indagou Sandra.

— Ela morreu tempos depois de ter sido presa, após o desenvolvimento de uma doença que hoje conhecemos como cirrose. Atormentada pela culpa, ela também recusou a ajuda da luz, o que possibilitou a aproximação de Cronos. Mais uma vez, ele insistiu em seu amor, mas ela o desprezou. Inconformado, ele a prendeu na masmorra do castelo plasmado por sua mente. Ela lá permaneceu, sofrendo torturas e humilhações, até que pediu o amparo divino. Foi quando a retiramos de lá.

— Atualmente, nota-se que ela trocou o vício da bebida pelo das drogas, certo? — observou Tenório.

— Sim, embora tudo seja vício. Em quase todas as suas experiências na Terra, ela consume substâncias que a fazem se esquecer de algo ou livrá-la de algum incômodo. Esse é um dos desafios que ela precisa superar nesta encarnação como Melina. Se ela se entregar como vem fazendo, possivelmente, irá terminar com Cronos outra vez.

— Jamais imaginei que ele fosse tão cruel e mesquinho — comentou Maíra. — Ele o matou friamente e ainda mentiu. A justiça humana nunca soube da verdade.

— Sim, mas da justiça imposta pela vida não há como escapar. A própria consciência de Cronos cobrará esses atos, pedindo reparação. Quanto a mim, simplesmente o perdoei. E acreditem, apesar de tudo, eu continuo amando-o como o meu querido irmão que ele foi e que continua sendo.

— E o coronel Horácio e a esposa Guilhermina? — sondou Sandra. — O que aconteceu com seus pais e com o menino Pedro Henrique?

— E afinal — sorriu Maíra —, quem era o pai de Pedro Henrique?

— Os espíritos que foram meus pais, Laurindo e Adelina, são grandes amigos, mas nunca estivemos juntos em encarnações anteriores. Fomos companheiros de jornada durante um curto período, em que eles também aprenderam a importância de se valorizar um filho, ao me enterrarem. Não conheço a história deles a fundo, mas hoje eles estão aqui, no astral, e vivem muito felizes.

Após uma rápida pausa, Xavier prosseguiu:

— Quanto a Horácio, este é um espírito muito querido. Insatisfeito por não ter dado seu melhor para reanimar a sobrinha, ele pediu uma nova encarnação ao lado dela e da esposa. Dessa vez, viria como pai de Laguna, prometendo que tudo faria para ajudá-la a se livrar dos vícios, se ela tivesse alguma recaída. Guilhermina veio com ele, tentando deixar de lado sua vida de queixumes e reclamações, que nunca a deixou ser realmente feliz. Sabem quem eles são agora, não é mesmo?

— O coronel Horácio é nosso querido Orlando — interpôs Tenório —, assim como Guilhermina só pode ser Geralda, que novamente parece manter uma visão negativa da vida.

— Infelizmente, ela está repetindo os padrões de comportamento da época em que viveu como Guilhermina. Precisa despertar para os verdadeiros valores do espírito, ou continuará vivendo uma vida vazia. Já Horácio estudou muito no astral antes

de reencarnar. Seu espírito conserva as impressões do que aprendeu. Por que vocês acham que ele é tão forte e seguro de si, moral e espiritualmente falando?

— Ainda não identifiquei Rosa nesta experiência de vocês.

— Ela não estava encarnada, Maíra. Rosa era a mentora de Horácio. Ambos já viveram outras histórias juntos e agora estão prestes a viver mais uma. Quanto a Pedro Henrique, bem... ele realmente era filho de Leopoldo. Fui informado disso logo depois de me recuperar, mas Cronos, apesar das dúvidas, nunca soube da verdade. Ele está encarnado atualmente e logo surgirá no caminho de Laguna outra vez.

— A história de vocês é muito emocionante, apesar do final dos acontecimentos — sorriu Sandra. — Agora fico me perguntando se há a possibilidade de que Leopoldo, ou seja, Cronos, venha para a luz, utilizando o amor que sente por Laguna em algo positivo para si mesmo.

— Sempre há tempo para o amor — devolveu Xavier, abrindo também um sorriso. — E acho que depois de tudo isso o mais importante é fazermos uma prece pelas oportunidades que nos são concedidas diariamente. Se todos nós estamos escrevendo nossa história, por que não escrevê-la pensando em um final mais feliz?

CAPÍTULO 37

A quinta-feira, véspera de feriado, amanheceu quente e ensolarada. Seria mais um dia sufocante e abafado, que pediria alguns momentos na praia para aqueles que tivessem tempo de se divertir. Orlando não pensava em diversão desde que Melina fora embora há exatos 10 dias. Desde então, não tivera nenhuma notícia da filha e só conseguia orar para que ela estivesse bem.

À noite, Rosa o levaria à tenda. Ele estava um pouco apreensivo, pois sempre tivera receio de assuntos ligados à Umbanda. Ela garantira que jamais frequentaria um lugar onde houvesse a prática de atitudes negativas, e que havia um preconceito muito grande decorrente do desconhecimento. Ela queria que Orlando fosse até o centro para que elaborasse uma opinião mais concreta.

Eles vinham se falando praticamente todos os dias. Geralda o flagrava ao telefone com Rosa e se entregava às suas divagações, já imaginando o dia em que o marido sairia de casa para viver com a amante. Ela tinha tirado o gesso do pé, mas ainda havia uma tala envolta por ataduras, de maneira que ela continuava se apoiando nas muletas. Discutia com Orlando pelo menor motivo, como se sentisse prazer em irritá-lo, mas ele simplesmente a ignorava, como se os comentários de Geralda nem devessem ser levados em conta.

Dormiam em quartos separados. Ele passava as noites no dormitório de Melina, o que o fazia se sentir mais próximo da filha. Nas últimas noites, sempre adormecia com um retrato dela nas mãos, chorando copiosamente. Porém, assim que amanhecia, antes de ir trabalhar, ele dizia a si mesmo que não poderia fraquejar, entregando-se à tristeza, à dor e à frustração. Melina precisava de seu amparo, e ele precisava construir os alicerces que lhe dessem todo o apoio necessário para que pudesse ajudar a filha tão logo a localizasse.

Ele estava terminando de se trocar quando ouviu a campainha. Imaginou que pudesse ser Rosa, mas desde que fora destratada por Geralda, ela não voltara mais à casa dele, justamente para evitar situações desagradáveis com a esposa de Orlando. Porém, enquanto caminhava até a porta, ele alimentou, por breves segundos, a esperança de que Melina estivesse de volta, disposta a se dirigir para uma clínica de reabilitação.

Mas a visita não era nenhuma das duas, e sim Amorim. O advogado e amigo de Orlando segurava um buquê de tulipas e mantinha um leve sorriso nos lábios. Após o aperto de mão, Amorim foi convidado a entrar, perguntando:

— Melina já acordou? Eu estava a caminho do meu escritório quando resolvi trazer estas flores para agradá-la. Nenhuma mulher costuma desprezar flores, não é?

Amorim parou de falar ao analisar a expressão de Orlando. Percebeu que havia alguma coisa errada.

— O que houve? Melina não está bem?

— Eu achei que tivesse comentado com você, meu amigo. — Orlando deixou escapar um suspiro de exaustão. — Melina fugiu de casa — completou.

Orlando fez um resumo dos últimos acontecimentos, tentando ser o mais objetivo possível. Confiava em Amorim e sabia do amor platônico que ele sempre dedicou a Melina e que até então não fora correspondido. Finalizou dizendo:

— A polícia foi informada, mas não vão se esforçar para encontrá-la. Não querem perder tempo com uma usuária de drogas, visto que há tantos outros em igual situação. Ela nem sequer nos deu um telefonema para avisar se está bem. Nós não fazemos a menor ideia de onde Melina possa estar.

— Eu não posso acreditar — murmurou Amorim, inconformado, ainda segurando o buquê de flores. — O que se passou pela cabeça dela quando decidiu consumir narcóticos pela primeira vez? Melina sempre teve tudo. Foi uma moça amada e até mimada. Conseguiu se formar na profissão que sempre sonhou e a exercia com carinho e dedicação.

— Havia outro médico, um tal Edson, que a incentivou a usar drogas pela primeira vez.

— Acho que eu sei quem ele é — retrucou Amorim. — Eu o vi certa vez em que encontrei Melina em uma lanchonete, próxima ao hospital. Até fiquei um pouco enciumado na época, pois disse para mim mesmo que nunca teria nenhuma chance com ela, já que Melina parecia estar interessada em outro.

— Agora nós já sabemos qual era a razão do interesse.

— Por que você não contrata um detetive para ajudá-lo? Conheço alguns que são muito bons. Posso lhe dar o telefone deles.

— Obrigado, Amorim, mas seria um trabalho em vão. Não estou sendo pessimista e sim realista. Melina não quer ser encontrada. Ela pode estar nas ruas, vagando nas cracolândias, como pode estar abrigada na casa de algum amigo. Eu não conheço as amizades atuais dela. Nos últimos tempos, minha filha se transformou em uma estranha. Eu simplesmente não a reconheço.

— De qualquer forma, eu quero realizar uma investigação. Se você não quer a ajuda de um detetive, eu mesmo vou contratar um deles.

Orlando limitou-se a balançar a cabeça em concordância. Qualquer ajuda seria bem-vinda, naturalmente, mas ao mesmo tempo era desanimador contar com a sorte. Além de Rosa, tinha também Amorim para ajudá-lo. Só podia agradecer a Deus por ter colocado duas pessoas tão maravilhosas em seu caminho.

***

Quando chegou ao restaurante, no horário habitual, recebeu um recado de que Frederico o aguardava em seu escritório. Quando Orlando chegou lá, viu o patrão conversando com um homem magro e comprido, que se revelou bastante alto quando ficou de pé para cumprimentar o recém-chegado.

— Bom dia, Orlando! Gostaria de lhe apresentar o Sávio. Ele é primo de Malvino, nosso garçom.

Antes que Frederico desse sequência à conversa, Orlando percebeu que não ouviria boas notícias. Se Malvino estava envolvido, então não receberia uma informação muito agradável.

— Há alguns dias, Malvino falou sobre Sávio e suas aptidões culinárias. Ele também é um *chef* excelente, assim como você. Durante sua ausência, ele tem sido de grande utilidade para mim. Os clientes já começaram a elogiar os pratos que Sávio tem preparado e nem sentiram a diferença, se comparados aos seus.

Aquilo teve o efeito de uma bofetada em Orlando.

— Mas quando tudo isso aconteceu que eu não fiquei sabendo? Só tive duas faltas nesta semana.

— E vem chegando atrasado quase todos os dias. Isto aqui é uma empresa e depende dos funcionários para caminhar. Já disse que lamento pelos seus problemas pessoais, mas não é possível permitir que eles afetem seu trabalho. Sávio fez uma rápida experiência com seus pratos, agradou nossa clientela, e foi contratado.

— Mas nós vamos trabalhar juntos ou revezaremos os turnos? — quis saber Orlando, ainda sem entender muito bem aonde Frederico queria chegar.

— Nem uma coisa e nem outra. Sávio ficará em seu lugar definitivamente. Eu o chamei aqui para avisá-lo que está sendo dispensado.

Orlando empalideceu, colocando as mãos nos bolsos da calça para que elas não tremessem. Há anos, trabalhava naquele restaurante. Não podia simplesmente ficar desempregado de uma hora para outra, justamente quando mais precisaria de dinheiro

para pagar a clínica em que pretendia internar Melina, tão logo a encontrasse. Além disso, apesar de ser perito naquilo que fazia, já contava quase 60 anos, o que dificultaria sua contratação por outro restaurante.

— Você tem bastante tempo de casa — continuou Frederico —, vai receber cada centavo direitinho. Sabe que eu nunca fiquei com dinheiro de funcionário. Já pedi para o contador trabalhar na sua papelada. Ah, também o dispensei do aviso prévio. Lamento que nosso bom relacionamento tenha terminado dessa forma, mas antes de pensar em você, eu preciso pensar no meu restaurante.

Orlando olhava de Frederico para Sávio, que permanecia calado. Ainda não conseguia acreditar que tinha sido demitido.

— Eu nem sequer tenho direito a uma segunda chance? — perguntou, por fim, simplesmente porque não tinha mais nada para dizer.

— Você teve muitas chances, Orlando, mas, infelizmente, não as valorizou. Tenho certeza de que em breve vai estar empregado outra vez e saiba que farei a melhor carta de recomendação para quem pretender contratá-lo.

Ele permaneceu olhando para Frederico por mais alguns instantes, como se esperasse que o outro fosse mudar de ideia. Como nada aconteceu, ele girou nos calcanhares e seguiu para a porta. Saiu sem olhar para trás e não se despediu.

***

A tenda era uma casa térrea, com as paredes da fachada pintadas num tom claro de bege. Havia um portão alto, cor de gelo,

que dava acesso ao local. Eram cerca de sete e meia da noite quando Rosa e Orlando desceram do carro, onde ela havia estacionado a poucos metros dali.

Ainda do lado de fora, Orlando notou algumas pessoas usando roupas brancas com uns colares coloridos. Rosa explicou que aqueles eram os trabalhadores da casa, chamados de cavalos ou médiuns, que incorporavam os espíritos dos índios e transmitiam suas mensagens.

Quando entraram, Orlando viu-se em uma sala pequena, toda iluminada por luzes claras e velas. Havia vasos com flores coloridas espalhados ao redor do cômodo, que dava passagem a um espaço maior, para onde seguiam as pessoas que chegavam à casa. Rosa cumprimentou alguns amigos e foi apresentando Orlando, que simplesmente sorria e sacudia a cabeça, tentando se tranquilizar. Confessaria mais tarde a Rosa que o ambiente lhe trazia paz, mas, ao mesmo tempo, mantinha a inquietação originada pelo desconhecimento da Umbanda e de seus conceitos.

Seguindo Rosa, ele viu-se em um espaço bem maior, repleto de cadeiras brancas de plástico, quase todas ocupadas. As paredes estavam pintadas no mesmo tom bege do lado externo. Do lado direito, havia um imenso altar, com várias imagens de santos e estátuas de índios. No alto, havia um quadro com o rosto de Jesus Cristo transmitindo ternura através do olhar e, logo abaixo, uma imagem grande de Nossa Senhora Aparecida.

Velas rosas, amarelas, vermelhas e azuis queimavam ao lado do altar. Orlando reparou em dois machados cruzados, adornando a parede e, mais ao lado, duas espadas, igualmente cruzadas. Em

meio a mais plantas e vasos com flores, havia uma pequena fonte iluminada por luzes douradas que despejava água constantemente, o que ajudava a tranquilizar quem chegasse nervoso ou receoso como ele próprio estava.

Rosa conseguiu dois assentos juntos e pediu que Orlando segurasse seu lugar enquanto pegaria as senhas para o atendimento. Enquanto ela não voltava, ele olhava de canto a canto, entrelaçando os dedos das mãos e pedindo a si mesmo para ficar mais calmo. Até agora não vira nada que o impressionasse. Sempre ouvira histórias sobre sacrifícios de animais, oferendas a espíritos malignos e trabalhos de amarração, tudo envolvendo a Umbanda. O que estava vendo eram pessoas risonhas e simpáticas, que o receberam bem em um ambiente sereno e convidativo. Não parecia haver grandes mistérios. Era exatamente como Rosa dissera.

Ela voltou logo depois e entregou uma das senhas para Orlando. Ele viu as pessoas de branco formando uma fila ao longo de uma das paredes. Todas estavam descalças e usavam imensos colares. Por fim, um homem alto e levemente acima do peso, também usando roupas brancas, passou pela fila e postou-se mais à frente. Aparentava cerca de 60 anos, mas exibia a vitalidade de alguém vinte anos mais jovem.

— Aquele é Atila. Ele é o dirigente da casa. É através dele que o espírito do Caboclo Beira-Mar se manifesta.

— E os outros?

— Todos receberão espíritos dos índios que atuam na tenda. Caboclo Beira-Mar é o líder. — Para confortar Orlando, Rosa

segurou a mão dele. — Não se preocupe, aqui só se trabalha a favor do bem. Você não verá, em momento algum, qualquer prática que lhe pareça suspeita ou proibida.

Um senhor de idade avançada saudou a plateia e leu um trecho da Bíblia. Depois, discursou brevemente sobre a esperança e a fé, dizendo que ninguém consegue resolver seus problemas se não unir as duas e confiar em Deus. Orlando sentiu que aquela mensagem estava sendo dirigida a ele, o que o fez fechar os olhos e pedir por Melina.

Momentos depois, após o término da rápida palestra e os médiuns estarem preparados, Atila colocou um cocar de penas longas e marrons enquanto os tambores soavam quase na mesma velocidade que o coração de Orlando. Rosa, com sua mediunidade desenvolvida, notou quando os espíritos dos índios, usando trajes e pinturas de suas tribos, acercaram-se dos médiuns. Ela também viu o Caboclo Beira-Mar, imponente e experiente, parar atrás de Atila. Ele murmurou alguma oração enquanto Atila repetia mentalmente. E quando tornou a falar, sua voz tinha sotaque.

O caboclo cumprimentou todos os visitantes e pediu que as forças divinas abençoassem os presentes. Aquilo agradou Orlando, que quase imediatamente sentiu-se envolvido por uma sensação sutil e ao mesmo tempo poderosa. O índio, falando através de Atila, iniciou:

— Quem está aqui querendo a cura, vai encontrar a cura. Quem está aqui para conseguir ajuda, vai encontrar ajuda.

Mais uma vez, Orlando sentiu que aquelas palavras representavam tudo o que ele tinha ido buscar ali. Logo em

seguida, um rapaz começou a chamar as senhas. As pessoas eram encaminhadas aos médiuns, que repassavam as mensagens ditas pelos índios.

Finalmente, Orlando foi chamado, sentindo a ansiedade aumentar. Ele olhou para Rosa, que o encorajou com um gesto de cabeça a seguir em frente. O rapaz indicou Atila, e Orlando caminhou até o índio com passos vacilantes.

— Não precisa ter medo do bem — proferiu o Caboclo Beira-Mar antes que Orlando dissesse qualquer coisa. — Eu sei o que você está sentindo. Também quero ajudar sua filha.

Orlando mal teve tempo esboçar algum pensamento, pois o Caboclo, após murmurar algumas palavras que pareciam ser uma oração, encaminhou-o a um dos médiuns. Enquanto Orlando seguia na direção indicada, tentava imaginar o quanto Rosa teria dito a eles sobre seu problema com Melina.

O médium era um rapaz jovem, alto e mulato. Estava com os olhos semicerrados e permaneceu assim, mesmo quando Orlando parou diante dele. Ambos estavam de pé, um de frente para o outro.

— *Fio* tá com o coração apertado — balbuciou o rapaz, impressionando Orlando. — Tá sofrendo por causa da menina loura.

— O que você sabe sobre Melina? — ele devolveu, desconfiado.

— Índios já protegero Laguna uma vez. Ela ficou em nossa aldeia. Agora, vamos proteger a menina de novo.

— O nome da minha filha é...

— Ela foi Laguna, e para muitos ainda é — interrompeu o índio. — Espíritos não querem que a menina loura se volte para a luz. Para a menina vencer, percisa da ajuda do pai dela, que é ocê. E o fio só pode ajudar se tirar forças daqui — suavemente, ele pousou a mão sobre o coração de Orlando — e também daqui — completou, tocando na testa dele.

— Quem são esses espíritos? Por que eles querem destruir minha família?

— Eles estão em um lugar muito escuro. Só fazem pensar no mal. Seguem as ordens do líder. E esse líder está vindo enfrentar o fio.

— Ai, meu Deus! — sussurrou Orlando.

— Fio vai vencer esse líder com o amor que tem pela menina Laguna. E esse mesmo amor vai se transformar numa coisa boa, pra ele e pro fio.

— Eu nunca fiz nada para eles. Como eu faço para que eles me deixem em paz?

— Mostrando que o mal não leva a nada. Só o bem leva a tudo. Esse líder deve saber que nunca vai ganhar o amor de Laguna se continuar seguindo pelas sombras.

— Eu gostaria de falar com esse líder. Isso é possível?

— Fio não deve se percupar. Vai conversar com o líder em breve, pois ele vai procurar o fio logo. Enquanto isso, pode fazer uma oração para aquele em que tiver mais fé, seja Deus, seja Jesus Cristo, seja um santo ou um espírito.

— Eu sempre oro. Muito obrigado pelas dicas, senhor índio.

O rapaz mulato sorriu e avisou que Orlando deveria se despedir do Caboclo Beira-Mar antes de partir. Num relance, ele viu Rosa sendo atendida por outro médium e voltou para falar com o guia dos índios.

— O seu coração já está mais calmo. Posso sentir — disse o caboclo, mais uma vez sem que Orlando tivesse dito alguma coisa. — Vou pedir que dois índios guardem a sua casa, impedindo a entrada dos espíritos perdidos. E hoje, ao sair daqui, vá até a praia. Ao chegar lá, pise na água e jogue todas as suas tristezas para o mar. Peça para Iemanjá levar embora suas energias ruins e peça ao mar que lhe traga todas as energias necessárias para vencer a batalha final.

O caboclo avisou que Orlando estava dispensado. Ele aguardou Rosa na calçada e, quando ela juntou-se a ele, já no carro, perguntou:

— Estou curiosa. O que eles lhe disseram?

— Você comentou algo com eles sobre Melina?

— De forma alguma. E nem seria necessário, pois eles saberiam de tudo.

— De fato, eles sabiam dos principais acontecimentos. Falaram mais ou menos o que você já tinha me dito. Melina, que supostamente também é chamada de Laguna, está sofrendo influência espiritual inferior. E se eu não puder ajudá-la, acho que esses espíritos levarão a melhor.

Orlando falou também sobre a ida ao mar e o que deveria ser feito. Rosa guiou o carro até lá. Enquanto seguiam até a areia, tiraram os calçados e caminharam alguns passos em silêncio,

ouvindo os ruídos das ondas indo e voltando em seu movimento infinito. A noite estava morna e clara. Havia lua e algumas estrelas brilhando no céu.

Orlando fechou os olhos quando a água fria tocou seus pés. Mentalmente, ele se viu jogando no mar todos os sentimentos ruins, como aqueles relacionados à filha, à postura acusadora de Geralda, à perda recente do emprego e à ação de espíritos perigosos. Fez uma oração a Iemanjá, entidade a quem ele nunca pensara em dedicar um pedido, seguindo as instruções que ouvira do caboclo ao pé da letra. E quando pediu que o mar lhe trouxesse forças, Orlando sentiu-se ainda mais forte. A angústia que sentia em seu peito transformou-se em ânimo e coragem, e a tristeza cedeu espaço à fé, à ousadia e à certeza de que tudo daria certo.

Quando reabriu os olhos, viu Rosa olhando para ele. Talvez fosse uma das mais belas imagens que ele já presenciara em toda sua vida. A mulher de pele negra, cabelos cacheados sacudidos pelo vento marítimo, os olhos expressivos e tão brilhantes quanto a lua a fitá-lo, os lábios cheios e entreabertos, como se estivessem à espera de algo que somente Orlando pudesse oferecer.

E ele ofereceu. Antes de aproximar o seu rosto do dela, viu, a distância e bem no alto, a pequenina imagem do Cristo Redentor, os braços estendidos como que a lhe dizer que ele seria acolhido pela espiritualidade e que sempre estaria acompanhado por Ele.

Rosa envolveu-o com os braços. Apesar de ela ser um pouco mais alta do que ele, nada impediu o beijo, nada impediu as carícias, nada impediu a troca mútua de sentimentos e paixão. Orlando a segurou pela cintura e puxou o corpo dela com mais

força ao encontro do dele, enquanto a água espumante da maré tocava-os até os tornozelos. Então os pés deles afundaram na areia molhada enquanto o beijo também se aprofundava, para muito além do que eles poderiam imaginar.

CAPÍTULO 38

Quinze dias se passaram. O nível de dependência de Melina estava tão avançado e sua aparência tão degradada que muitos teriam a impressão de que ela era usuária de drogas há uns três anos. Tinha emagrecido ainda mais, e o camisão que usava, e que não fazia mais questão de tirar, praticamente flutuava sobre seu corpo. Os cabelos tosados muito curtos e cheios de buracos estavam com piolhos, e ela vivia se coçando. Injetava a cocaína na veia com um intervalo mínimo de tempo. Às vezes, aplicava a droga em si mesma uma vez por hora.

— Se continuar assim, vai sofrer uma *overdose* — alertara Coelho certa vez. Só continuava permitindo que ela usasse sua cocaína por causa do dinheiro que o carro rendera. Mesmo assim, não permitiria que Melina continuasse cheirando ou se injetando daquele jeito a vida inteira. Quando o dinheiro dela acabasse, nem que para isso ele desviasse um pouco para si, a expulsaria de sua casa e de sua vida.

Como se não bastasse, Ted Cavalcante telefonava-lhe quase todos os dias solicitando informações de Melina. O traficante dizia que abrigar uma pessoa certamente procurada pela polícia renderia grandes problemas a ele. Por outro lado, eles achavam perigoso deixar Melina partir. Se ela desse com a língua nos dentes, a polícia chegaria até Coelho da mesma maneira.

Havia ainda outra possibilidade. Se Melina fosse eliminada e o corpo jogado longe dali, não haveria como ligá-los ao crime, da mesma forma que a polícia nunca chegou a Ted pelos outros assassinatos comandados por ele. Naquele ramo, matar um ser humano era algo tão simples e rotineiro quanto desejar um bom-dia a um amigo.

Além de se tornar mais dependente da cocaína a cada vez que experimentava a droga, Melina sofria pelas reações que a química do produto vinha causando em seu organismo. Entre os efeitos colaterais provocados pelo pó, estavam as reações de pânico e outros distúrbios psiquiátricos, como alucinações táteis, cuja sensação é a de se ter bichos andando pelo corpo ou por baixo da pele. Nessas ocasiões, não era raro ela ouvir as gargalhadas de Lori, Charles e Zeus, que sempre avisavam que o fim dela estava próximo e que em breve ela se encontraria com o homem que a aguardava há décadas.

Naquela tarde de quarta-feira, entretanto, eles não estavam lá. Cronos havia convocado uma reunião às pressas em seu castelo. O rei andava de um lado a outro como se estivesse enfurecido ou impaciente. Quando todos chegaram, ele avisou:

— Teremos uma mudança em nossos planos. Fui informado por meio de alguns servos, que enviei à Terra, que o pai de Laguna está conseguindo reforços com uma tal Rosa. Esses servos os observaram a distância e não conseguiram se aproximar da mulher. Quero que Lori e Zeus descubram tudo sobre essa infeliz. Só o que me faltava era outra imbecil aparecer para me atrapalhar.

— Eu já tinha falado ao senhor sobre ela — lembrou Charles.

— Sim, mas agora eu quero que essa mulher seja vigiada. Esses servos agiram muito bem com o patrão do velho. Convenceram direitinho o homem a demiti-lo. Sem o emprego, Orlando deveria ter ficado desestabilizado emocionalmente, mas isso não aconteceu. Aliás, nada acontece a ele. Já repararam nisso? Claro que aí tem o dedo do grupo de Xavier.

Os outros assentiram. Na verdade, já estavam começando a se cansar das ordens de Cronos. Era sempre a mesma coisa. Ora ele pedia que vigiassem Melina, ora que ficassem atentos a Orlando, ora que investigassem a tal Rosa. Entretanto, até agora nada dera muito certo, à exceção de Melina ter se tornando dependente química. Cronos já convocara cientistas vindos da sombra e não conseguira nada com isso. O que mais ele poderia querer?

— Seus criados são um bando de inúteis, meu querido — interrompeu Alesha, de repente, jogando os longos fios loiros sobre os ombros.

— Você não é tão boa? — provocou Charles, furioso. — Vá lidar com o velho Orlando pessoalmente. Mostre sua capacidade intelectual.

Alesha apertou os lábios e ordenou a Cronos que o castigasse imediatamente pela afronta. Porém, o rei estava pensando em outros assuntos.

— Façamos assim: Lori e Zeus irão atrás de Rosa, e Alesha verá o que consegue fazer com o velhote. Se vocês falharem, então eu, pessoalmente, irei à Terra para resolver esses problemas de uma vez. Decidi que quero Laguna aqui comigo ainda nesta semana.

No fundo, Cronos sabia que não resolveria nada, do contrário, ele mesmo já teria agido na primeira vez em que Laguna fora descoberta no corpo de Melina. O que acontecia era que ele vinha percebendo que seus seguidores já não demonstravam temê-lo como antes e que pareciam cansados de obedecê-lo. Ele sabia que se Xavier fosse esperto, daria um jeito de seduzi-los com sua conversa mole e levá-los para o outro lado, numa tacada só. Então como ele ficaria? Não tinha meios para trazer Laguna para o astral inferior, pois já havia reconhecido não ter poder suficiente para derrotar o pai dela.

O grupo partiu, e os membros se espalharam ao chegar ao plano material. Lori e Zeus não tardaram a encontrar Rosa. Foi possível localizá-la seguindo as ondas mentais enviadas pelos servos de Cronos, que já tinham descoberto onde a mulher residia. Em poucos segundos, os dois espíritos estavam dentro do apartamento dela, ouvindo o som do chuveiro.

Instantes depois, viram-na sair do banheiro usando um roupão lilás e uma toalha envolvendo os cabelos, na mesma cor. Os dois estacaram no mesmo instante, principalmente ao notar que Rosa olhava-os fixamente.

— O que está acontecendo? — questionou Lori, olhando de soslaio para Zeus. — Ela nos viu? Como pode ser?

Mas Zeus não conseguia responder. Simplesmente fitava a mulher como se estivesse sob encantamento. Lori, vendo os olhos de Rosa grudados nos seus, arrependeu-se de estar ali.

— Vamos embora, Zeus. Essa gente me assusta. Venha, vamos logo.

Ele não respondeu e nem se moveu. Continuava estudando o rosto de Rosa.

— Quem são vocês? — Rosa perguntou finalmente. — O que querem no meu apartamento?

— Você é médium? — devolveu Lori. — Pode nos ver e ouvir como se estivéssemos encarnados?

— Posso vê-los e posso sentir suas vibrações. Sei que estão com medo. Deveria ser o contrário, não é? Eu deveria estar assustada com a presença de vocês.

— Rosa — murmurou Zeus. — Minha querida... você está tão linda!

Rosa e Lori o contemplaram ao mesmo tempo, sem entender do que ele estava falando. Então a forma astral de Zeus foi se modificando, reduzindo o tamanho, alterando a expressão e os traços do rosto até assumir a aparência de uma criança de três anos de idade.

Lori, apavorada, recuou alguns passos, sentindo os olhos cheios de lágrimas.

— Que bruxaria é essa? — ela perguntou nervosa. — Olha, eu desisto. Não me importo de passar um século trancada na masmorra, mas me recuso a trabalhar para Cronos. Nunca mais obedeço a uma ordem dele.

Nem Zeus e nem Rosa ouviam mais as queixas de Lori. Ali, diante dos olhos de Rosa, estava o espírito de Zezinho, o irmãozinho da moça, que morrera tão jovem por complicações de saúde.

— Zezinho? É você? — perguntou Rosa se aproximando.

— Sim, é ele — afirmou Xavier, iluminando a sala com sua luz e beleza ímpares. Com ele, vieram Sandra, Tenório e Maíra. — Ao desencarnar e tomar consciência de sua morte, Zezinho recusou-se a permanecer conosco. No astral, ele não conservou as lembranças de uma criança e sim as do adulto que ele foi, na última encarnação. Como não pudemos obrigá-lo a permanecer conosco, ele fugiu, assumindo a aparência que tinha em sua última vida. Uniu-se a Cronos por ser sabedor de algumas magias. Ainda assim, ele nunca a esqueceu. Lembra-se até hoje do carinho com que você e sua mãe cuidaram dele. Zeus, como ele gosta de ser chamado agora, jamais lhe fará mal.

— Perdoe-me — pediu Zeus com voz infantil, as lágrimas descendo de seus olhinhos. — Eu nunca iria prejudicar você, minha irmã. Eu te amo.

— Então desista de prejudicar os outros e busque um caminho melhor — replicou Rosa expressando ternura na voz. — Prove que me ama. Aceite o amparo divino, meu querido. Eu também amo você.

Ao ouvir isso, Zeus mais uma vez modelou seu perispírito, reassumindo sua aparência de homem adulto. Continuava chorando, mas agora chorava de felicidade. Sua vida era fútil trabalhando para Cronos. Agora, tinha encontrado uma nova razão para viver. Sandra, sorrindo, acrescentou:

— Venha comigo. Eugênia, que foi sua mãe, está esperando por você em um lugar de muita paz. Ela promete que vai continuar cuidando de você com muito amor e carinho.

Zeus fez que sim com a cabeça. Assoprou um beijo para Rosa, olhou para Lori e segurou na mão de Sandra. Ambos desapareceram em seguida.

— E você? — perguntou Xavier a Lori. — Não quer nos acompanhar?

Lori queria, e todos sabiam disso. Contudo, ainda não estava pronta. Sentia que ainda tinha um assunto pendente.

— Eu vou com vocês. Também estou farta dessa condição de vida. Antes, preciso fazer algo de útil. Algo que eu sempre tive vontade de fazer, mas que nunca tive coragem. Quando estiver tudo terminado, vou chamá-los.

Lori desapareceu. Rosa continuou olhando para os três espíritos de luz, secando algumas lágrimas de emoção. Jamais vira uma cena tão bonita. Xavier acenou para ela, e eles também se foram.

***

Orlando caminhava devagar pela calçada de sua casa. Tinha saído para distribuir currículos pelos restaurantes dos bairros mais distantes. Ele já oferecera seu trabalho para os estabelecimentos da vizinhança e das regiões mais próximas da sua casa, mas até então não recebera nem mesmo um telefonema. Infelizmente, a sua idade era um impeditivo para conseguir um emprego. Rosa, quando soubera de sua demissão, prontificara-se a ajudá-lo, falando sobre as especialidades culinárias que ele possuía com seus colegas da universidade.

Já fazia quase um mês que Melina partira, e ele ainda não tinha a menor ideia de onde ela pudesse estar. Houve uma ocasião em que Rosa lhe deu carona até os principais pontos de tráfico e consumo de drogas a céu aberto do Rio de Janeiro, principalmente, aqueles na região da Linha Vermelha e da Avenida Brasil. Eles passaram lentamente com o carro, tentando enxergar Melina em meio às dezenas de usuários, que vagavam de um lado a outro usando roupas de cores indefinidas, mais parecendo farrapos humanos, porém, não a encontraram.

Amorim telefonara para Orlando contando ter contratado dois detetives, mas que até o momento os profissionais ainda não tinham descoberto nada. Realmente era uma tarefa quase impossível localizar uma mulher em uma cidade tão grande e populosa como o Rio de Janeiro. Ele garantiu que acompanharia o trabalho dos detetives e que informaria Orlando assim que conseguisse alguma pista importante.

Na última semana, Orlando tomara uma decisão sobre seu casamento com Geralda. Ele e Rosa vinham se entendendo amorosamente, embora ele sempre repetisse não ser o homem ideal para ela, principalmente por causa da diferença de idade entre eles. Rosa parecia não estar interessada nos pequenos detalhes e confessou, na noite em que se amaram pela primeira vez no apartamento dela, que estava apaixonada por Orlando. E ele simplesmente não podia negar que também a amava.

O resultado foi sua decisão de se separar de Geralda. Já não a suportava e conviver com a esposa sob o mesmo teto vinha se tornando uma tarefa extremamente complexa, que exigia uma dose

de paciência que ele já não tinha. Resolvera que, assim que reencontrasse a filha, pediria a separação à esposa e sairia de casa.

Alesha estava encostada em uma parede quando viu Orlando se aproximar. Nunca o vira antes, mas a julgar pela descrição que tinham lhe passado, seu alvo só podia ser aquele sujeito. Ela quase riu da aparência de Orlando. Como aquele homem, que mal tinha uma boa altura, conseguira dar cabo dos planos de Cronos, um espírito muito temido nas esferas das trevas?

Ela nem mais se lembrava de quando estivera na Terra pela última vez. Certamente fora na época em que vivera como uma meretriz de um cabaré, no interior paulista. Seu nome, na ocasião, era Ana Maria, mas após desencarnar e se unir a Cronos, adotara o pseudônimo de Alesha. Muitos espíritos do astral inferior costumam trocar de nome quando se achavam em condições psíquicas e emocionais para realizar essa tarefa.

Quando ela se preparou para avançar sobre Orlando, viu uma delicada faixa de luz envolvendo todo o corpo dele. Ela reconhecia aquele sinal, que representava proteção de espíritos da luz. Deixou que ele passasse por ela e o acompanhou com o olhar até vê-lo entrar em casa, que por sinal também estava protegida por um campo de força magnético que ela não conseguiria romper.

Foi então que sentiu uma cutucada nas costas, dada por algum objeto frio e afiado. Surpresa, Alesha se virou e reprimiu um grito de susto ao deparar com os espíritos de dois índios, que a olhavam como se fossem atacá-la. Ambos portavam lanças grandes e pareciam dispostos a fazer uso delas se necessário.

— Como vocês se atrevem a encostar suas armas em mim? — vociferou Alesha, tentando intimidá-los. — Sabem que eu sou? Meu nome é Alesha e serei a futura rainha de Simeon. Se eu estalar os dedos, meus escravos virão até aqui para torturá-los até quase a segunda morte. — Ela ergueu uma das mãos. — Querem ver?

— A casa tá protegida pelos índios. O homem branco também. Aqui não é o teu lugar, menina loura. Vá embora.

— Estão me expulsando? Agora vocês me deixaram realmente irritada. — Alesha fez um esforço mental para conseguir plasmar uma espada. Empunhou a arma e a ergueu acima da cabeça. — Vocês vão me pagar por isso.

Um dos índios resmungou algumas palavras que ela não compreendeu, e a arma plasmada escapou de suas mãos, indo parar vários metros a frente, onde desapareceu. O outro índio agarrou Alesha pelos braços com tanta força que, dessa vez, ela não conteve um grito provocado pela dor que se irradiou por toda sua forma astral.

— Índio não vai repetir. Vá embora e não volte.

Dizendo isso, ele empurrou-a com força para trás, derrubando-a no chão. Alesha, que jamais passara por semelhante humilhação, não viu outra opção a não ser sumir dali.

CAPÍTULO 39

Pouco depois, Alesha estava no quarto que dividia com Cronos, os braços ainda avermelhados e doloridos.

Ele virou a cabeça ao vê-la chegar. Ao notar que ela parecia ferida, Cronos ergueu as sobrancelhas com uma expressão quase divertida no semblante.

— Meus seguidores são todos uns inúteis, não é mesmo? — ele caçoou.

— Dessa vez, havia índios por lá. Eles me espetaram com uma lança e apertaram os meus braços enquanto me ameaçavam — ela explicava choramingando. — Cronos, esse tal Orlando é intocável. Desista dele de uma vez por todas.

— Eu gostaria de saber o que esse homem tem de tão especial.

— Ele acredita no amor, e isso o torna especial — interveio uma voz feminina, surpreendendo os dois.

Eles olharam para trás e viram Lori parada próximo à cama, olhando-os desafiadoramente.

— Quem lhe deu autorização para que entrasse em meus aposentos sem pedir licença, sua estúpida? — rugiu Cronos.

— Estúpido é você, que vem perdendo anos da sua vida espiritual por causa de uma vingança boba que nunca vai dar em nada — rebateu Lori, sentindo-se quase uma guerreira por estar

respondendo ao rei daquela maneira. — Reconheça que Laguna gosta de outro, e que você nunca será dono do coração dela, até porque, ninguém possui o coração de ninguém.

Cronos e Alesha estacaram, sem reação. Será que Lori enlouquecera de vez?

— Você vai passar seus próximos anos em uma cela — fremiu Cronos, os olhos assumindo uma coloração quase avermelhada. — Mas antes, será alvo de diversão para Alesha na câmara de tortura. Não sei o que está se passando na sua mente, mas vai pagar caro por me desafiar.

— Então tentem me prender. — Para mostrar que não os temia, Lori colocou as mãos na cintura. — Quero ver qual de vocês dois é o mais corajoso. Cronos, eu sei que não é, já que nem sequer foi ao plano físico enfrentar o velho.

Cronos ia partir para cima dela quando Alesha o deteve com o braço.

— Deixe, querido. Eu mesma vou dar um jeito nessa traidora. Ela não sabe com quem se meteu.

Soltando um grito de raiva, Alesha correu até onde Lori estava, os punhos cerrados para golpear sua criada pessoal. Porém, Lori, que era especialista na arte de plasmar objetos, projetou uma espécie de chicote com o qual golpeou os braços já feridos de Alesha. No momento em que a amante de Cronos caiu, rendida pela dor, Lori seguiu na direção de Cronos.

— Tente me tocar — ele ameaçou, sentindo-se acovardado pelo espírito daquela mulher. — Você vai experimentar toda a força do meu ódio, sua desgraçada.

Lori ergueu o chicote, mas Cronos a contornou com uma rapidez impressionante. Ela girou o corpo quando o rei a acertou na cabeça com a mão, dando-lhe um violento pontapé em seguida. Quando Lori perdeu o equilíbrio, ele tornou a chutá-la com mais brutalidade.

Mas Lori não se rendeu. Tinha recusado a ajuda de Xavier justamente para dar o troco em Alesha e em Cronos. Sofrera toda sorte de injúrias e ofensas nas mãos deles. Não entregaria os pontos. Alimentada por esses pensamentos estimulantes, ela se ergueu e saltou sobre Cronos enquanto plasmava uma espécie de adaga, com a qual o feriu na barriga. Foi nesse momento que Xavier surgiu:

— Já basta, Lori. Se você continuar se entregando à sua vingança, não poderá seguir conosco. A própria vida vai se encarregar de cuidar de Leopoldo e Alesha.

— Leopoldo? Quem é esse? — quis saber Lori, desviando o olhar para Cronos, que mantinha ambas as mãos pressionadas sobre o ferimento em seu corpo espiritual.

Mas tanto ela quanto Alesha notaram o efeito que o nome provocou em Cronos. O rosto dele se crivou e mudou de cor. Elas sabiam que aquela reação não tinha sido provocada pela dor que estava sentindo e sim pelas palavras de Xavier.

— Quando eu o matei uma vez — bradejou Cronos, olhando fixamente para Xavier como se as duas mulheres não estivessem ali —, achei que nunca mais fosse vê-lo ou ouvi-lo de novo. A vida continua depois da morte, e eis que nos encontramos novamente. Seguimos por rumos diferentes, acreditando em ideais diferentes...

— Mas amando a mesma mulher — completou Xavier. — Nós compartilhamos muito mais do que laços de sangue, meu irmão. O nosso ponto em comum é a mulher que amamos. Saiba que eu nunca o odiei pelo que você fez comigo, tampouco por ter se deitado com Laguna na ocasião em que ela engravidou.

— Você achava que Pedro Henrique era seu filho, mas eu tinha certeza de que não. — Cronos sentiu as mãos molhadas de sangue como se ainda tivesse um corpo de carne. Habituado às sensações do corpo físico, era natural que ele sentisse toda a dor do ferimento em sua barriga. — Aquele menino sempre me amou mais do que a você. Aposto que isso sempre lhe despertou raiva e inveja.

— Eu também amava Pedro Henrique, e pouco importaria sua paternidade. Se eu tivesse descoberto que ele não era meu filho, tenha certeza de que eu continuaria amando vocês dois.

— Suas palavras me enojam — Cronos cuspiu no chão. — Sua luz me irrita. Você sempre foi uma pedra no meu caminho. Não fosse sua presença, Laguna teria sido minha.

— Ela nunca seria sua, pois Deus não nos deu o direito de possuir outro ser humano como se fosse um objeto qualquer. Talvez ela tivesse se apaixonado por você, caso tivesse demonstrado atitudes que a agradassem. Nós éramos idênticos, porém, pensávamos e agíamos de formas distintas. Foi isso que levou Laguna a se decidir.

— Eu sempre senti ódio de sua felicidade com ela. — Esgotado, porém, atento a Xavier, Cronos desabou sobre a própria cama. Alesha tentou se aproximar para ajudá-lo, mas ele recusou o auxílio dela com um menear de cabeça. — Você viveu a vida que eu

sempre desejei pra mim. Casou-se e criou um filho com a mulher que eu amei.

— Você acabou de falar que foi amado por Pedro Henrique, e estou certo de que, à sua maneira, você também o amou. Sempre eram vistos juntos, divertindo-se na companhia um do outro. — Sem a menor pretensão de provocar o irmão, Xavier sentou-se ao lado dele, na cama. — Pedro Henrique nunca soube o que você fez comigo, nem o que tinha feito com a mãe dele. Quando Laguna o matou com aquela facada, Pedro Henrique chorou muito a sua falta. Ele o tinha como o melhor amigo, sem nunca ter conhecido suas ações.

Alesha e Lori permaneciam em um profundo silêncio. Acompanhavam aquela conversa estranha sem entender quase nada. Porém, estavam certas de uma coisa: ao que tudo indicava, Cronos e Xavier eram irmãos. Se notasse bem, eles até eram parecidos fisicamente.

— Pedro Henrique nunca o odiou, Leopoldo. Será que ele teria odiado você se soubesse da sua responsabilidade na minha morte?

— Não sei qual é seu joguinho, mas não quero falar sobre o passado. Tudo o que me importa agora são o presente e o futuro. Falta pouco para Laguna vir pra cá. Ficaremos juntos pela eternidade, onde a farei rainha de Simeon.

— Não se iluda, irmão. — Xavier tentou tocar na mão de Cronos, mas ele a afastou rapidamente. — Não ofereça coisas ilusórias a ela ou a qualquer outra mulher. Ofereça seus reais sentimentos. Era o que deveria ter feito com Laguna.

— Ela o conheceu primeiro. Isso me deixou em desvantagem.

— Se fosse para ela se apaixonar por você, ninguém teria impedido. Se você a ama, liberte-a dessa perseguição infinita. Liberte a si mesmo, permitindo-se a chance de ser amado. Você nunca foi feliz porque nunca quis ser. A sua vida como rei deste lugar lhe traz prazer e satisfação, mas não preenche seu coração. Não há felicidade que reine nas trevas. Mais do que um pedido, estou lhe fazendo um apelo, de irmão para irmão.

— Pode desistir, Xavier. Não quero ouvi-lo. Não tive tanto trabalho para chegar até aqui e abrir mão de tudo. Laguna será minha. Em breve, ela terá uma *overdose* e desencarnará. Vou acolher seu espírito em meus braços, dando-lhe tudo para que ela note o homem que realmente a ama.

— Orlando está trabalhando pelo oposto. Você já deve ter notado o quanto ele é instruído e preparado.

— Porque conta com uma ajuda básica do seu time.

— Ou por ele ser o coronel Horácio, o homem que nos empregou quando éramos adolescentes. Está lembrado dele, não está?

Cronos parou de falar. Lembranças rápidas como um *flash* assomaram em sua mente. Ele viu a si mesmo e ao irmão trabalhando no estábulo, cuidando dos cavalos, ambos ansiosos à espera que Laguna aparecesse.

— Eu deveria ter imaginado que tanto amor não surgiu ontem — escarneceu Cronos. — Quanto a você, já falei que está perdendo seu tempo tentando me convencer. Eu vou ficar aqui. Eu pertenço a este lugar, assim como você pertence ao seu. E logo Laguna também pertencerá a Simeon.

Xavier soltou um longo suspiro. Nesse momento, a porta foi aberta, e Charles surgiu. Olhou para Cronos e Xavier sentados na mesma cama e seu queixo foi parar no peito. A informação que ele tinha era tão urgente que não poderia esperar nem mais um segundo.

— Majestade, Laguna fugiu.

— Como assim? — perguntou Cronos, com uma careta de dor.

— Posso falar perto dele? — Charles indicou Xavier com a cabeça.

— No mínimo, ele já deve saber. O que houve?

— Aquele tal Coelho a deixou sozinha na casa por alguns instantes, pois o traficante o esperava à porta para conhecê-lo pessoalmente. Eles ficaram dando voltas no quarteirão, de carro, deixando Laguna desacompanhada. Ela sabia onde ficava o estoque de cocaína e colocou vários papelotes na mochila, que ela trouxe quando saiu de casa. Encheu a bolsa e saiu. Não foi vista por ninguém, nem mesmo pelos vigias contratados de Coelho.

— E para onde ela foi? Não me diga que ela voltou para a casa do pai.

— Eu não a segui, porque tive que vir pra cá.

— Idiota. Todos vocês são uns estúpidos. — Elevando o tom de voz, Cronos clamou pelos guardas. Três soldados entraram empunhando suas armas e puseram-se a fitar Xavier ameaçadoramente. — Parem de olhar para ele, seus dementes. Não sabem que não é possível atingir um espírito da luz? Quero que levem esta mulher para uma das celas — ele mostrou Lori. — É uma traidora e não merece gozar de liberdade.

— Lori vai comigo — interveio Xavier, fazendo Cronos voltar-se para ele —, assim como Zeus e Dorian foram anteriormente. Se Alesha e Charles ou algum dos guardas quiserem me acompanhar, serão bem-vindos.

Cronos sentiu uma descarga violenta de ódio sacudi-lo, o que só colaborou para o ferimento na barriga doer a um ponto insuportável. Então era por isso que Lori tinha se tornado tão ousada? Já tinha combinado sua partida previamente com Xavier.

Sandra e Tenório materializaram-se nos aposentos de Cronos, afastando os guardas como um vendaval. Sorrindo, ambos estenderam as mãos para Lori, que não perdeu tempo. Jogou a adaga no chão e pediu perdão a Xavier:

— Estou muito arrependida por tudo o que fiz contra Laguna. Aprendi que a vingança é um caminho sem saída, principalmente quando temos que obedecer cegamente às ordens de um espírito doentio. Eu só preciso de paz e, se Deus me aceitar, quero começar tudo do zero, mostrando a mim mesma o quanto posso me tornar um ser humano melhor e mais evoluído.

— Que bom que está pensando assim — sorriu Xavier. — Todas as nossas ações são um aprendizado. Deus sempre aceitou você. Agora é preciso que você também aceite a presença Dele em si mesma. Sempre há tempo para reiniciar um ciclo.

Lori agradeceu e, antes de partir, olhou para Cronos. Naquele momento, finalmente, pôde ver o quanto ele era parecido com Xavier. Impressionante como ela nunca havia notado aquela semelhança antes. Chegou a abrir a boca, como se fosse dizer

alguma coisa a ele, mas desistiu. Continuou caminhando até Sandra e Tenório.

— Mais alguém virá conosco?

Um dos guardas soltou as armas e despiu-se da espécie de armadura que estava usando. Imitando Lori, ele caminhou apressadamente, trazia lágrimas nos olhos, que estavam mais brilhantes devido ao reflexo emanado da luz intensa dos espíritos.

— Chega — ele determinou. — Quero continuar lutando, mas por algo em que acredito. Só posso pedir perdão a Deus pelo que fiz até aqui de errado. E se eu tiver direito a uma segunda chance, quero agir como Lori, quero provar a mim mesmo que sou digno e capaz de reverter minhas ações em coisas boas.

— Não existem erros ou acertos, e sim experiências — reiterou Xavier. — Todos nós estamos aprendendo. A cada socorro que concedemos a um espírito iludido nas trevas, nós ampliamos nosso conhecimento. É maravilhoso fazer o bem.

Como ninguém mais quis acompanhar os espíritos, eles se foram. Xavier, porém, ainda se demorou um pouco mais. Cronos estava possesso, mas, ao mesmo tempo, cansado como nunca estivera. De todo o seu grupo, só lhe restaram Charles e Alesha, além de outros espíritos sem importância, como os dois guardas que permaneceram.

— Não sei por que ainda está aqui — murmurou Cronos, gemendo de dor, sem olhar para o irmão. — Espera levar mais alguém consigo?

— Seria bom se eu pudesse levar todos, principalmente você.

Ele se esforçou para exibir um sorriso de desdém.

— Já falei que não vou sair daqui. Vou aguardar a chegada de Laguna.

— Se interessar a você, saiba que Pedro Henrique está encarnado — informou Xavier de repente, pegando Cronos de surpresa. — Não gostaria de ver como ele está agora, onde vive, o que faz? Sei que você ainda o ama, o que é plenamente compreensível, afinal, ele era o seu filho.

Cronos arregalou os olhos azuis, completamente perplexo.

— Eu soube logo depois de chegar ao astral — emendou Xavier. — Ele sempre foi seu filho, de sangue e de coração. Para mim, não mudou nada saber disso, e talvez para você também não. Só achei que seria justo informá-lo.

Sem esperar por resposta, o corpo de Xavier começou a clarear até ficar translúcido. Cronos gritou:

— Espere, não vá ainda. Você disse que Pedro Henrique...

Mas Xavier já tinha partido, deixando o irmão gêmeo atordoado e sem reação.

CAPÍTULO 40

A mochila presa às costas estava pesada e a atrapalhava de correr, ainda mais por seus passos não estarem tão firmes. Caminhava apressadamente, porém, tropeçava nas próprias pernas, e ela quase ia parar no chão.

Tinha certeza de que Coelho estava em seu encalço. Fora loucura roubar quase todo o estoque que ele guardava dentro de casa, mas ela já estava farta de viver entre aquelas paredes. Ansiava por liberdade, sem saber que essa sensação era atribuída às décadas em que vivera presa nas masmorras de Simeon. Respirar o ar puro estava lhe fazendo bem.

Não sabia para onde iria carregando toda aquela quantidade de drogas. Teria material para consumir por um bom tempo, e isso era tudo que trazia consigo, além da roupa do corpo e da mochila. Não tinha dinheiro e não fazia a menor ideia do que Coelho tinha feito com seu documento.

Fora sorte ela não ter se injetado ou cheirado o pó antes de fugir. Talvez ela tivesse tentado se manter sóbria porque já tinha em mente deixar a casa dele, exatamente como havia planejado abandonar a residência dos pais. Desejou ter meios de sair do Rio de Janeiro, mas sabia que seria uma tarefa impossível. Fatalmente ela seria detida pela polícia e presa por estar carregando drogas ilícitas.

Quando chegou a uma praça, Melina sentou-se em um banco. Livre das influências dos espíritos enviados por Cronos, sua mente parecia mais aberta. Seu organismo exigia a droga em sua corrente sanguínea de forma desesperadora, e ela se conteve para não inalar o pó ali mesmo, diante das pessoas que passavam e das crianças que se divertiam em alguns brinquedos sujos e enferrujados.

Foi quando avistou uma menina de uns quatro anos de idade, os cabelos castanho-claros presos em duas trancinhas. Ela corria atrás dos pombos, tentando pegá-los e, quando as aves voavam, ela ria para o homem que a acompanhava e estendia os bracinhos para cima. Finalmente o homem a pegou no colo e a beijou no rosto.

— Quando você tiver asas, vai poder pegá-las — Melina o ouviu dizer para a menina.

— Você vai me dar asas, papai?

— Eu vou te dar tudo o que você quiser, meu amor. E sabe por quê? Porque o papai a ama muito e quer vê-la feliz

— Seu amor é maior do que eu? — perguntou a criança, dando risada.

— É maior do que essa praça inteira — confirmou o homem, afastando-se com a filha.

Foi inevitável Melina pensar em Orlando. Lembrou-se de quando tinha aquela idade. Era ele quem a levava aos parques e lhe comprava um algodão-doce ou um sorvete nas pracinhas. Ele a colocava sobre os ombros e a levava de cavalinho. Ele deixava que Melina enterrasse seu corpo quando iam à praia e se fingia de

morto, o que a deixava um tanto quanto preocupada. A mãe sempre parecia estar ausente, ora no salão de beleza, ora jogando dominó com as amigas, ora fazendo compras. Já Orlando, desde que ela podia se recordar, era parte fundamental em sua vida.

Inevitável também foram as lágrimas que assomaram aos olhos dela. Lembrou-se da expressão engraçada que o pai fizera quando ela brincou dizendo que todas as suas notas do boletim escolar eram vermelhas. Melina sempre foi uma aluna exemplar e jamais desapontara o pai nesse sentido. Mais tarde, quando passou no vestibular, beijou-o tantas vezes no rosto que quase sentiu os lábios doloridos. E no dia em que pegou o diploma, ele foi a pessoa que ela beijou e agradeceu em primeiro lugar.

E agora rompera tudo isso por causa daquilo que carregava na mochila. Abandonara seu pai como se ele fosse um estranho. Como pudera fazer isso? Como fora capaz de renegá-lo, dando preferência ao vício, sem dar a menor chance a si mesma de procurar uma forma de se recuperar, deixando a dependência para trás?

Era como encontrar uma bifurcação no meio do caminho. Uma direção levava ao amor paterno e à profissão, e a outra, guiava-a para as drogas. Ela escolhera a segunda opção e agora estava ali, praticamente destruída, sendo perseguida por um homem perigoso e, possivelmente, por outros.

Seu corpo pedia a droga quase como se tivesse vida própria, como se corpo e mente fossem partes separadas. Mesmo assim, Melina olhou em volta à procura de um telefone público. Ainda não estava muito longe da residência de Coelho, que logo a encontraria

se permanecesse sentada no banco da praça como se não tivesse mais nada a fazer da vida.

Impulsionada por uma força invisível, Melina embrenhou-se por entre os quarteirões seguintes à procura do telefone. Finalmente avistou um, que estava ocupado. Quando a pessoa se afastou, ela agarrou o telefone com força e, quando tentou discar o número de casa, sua mente ficou em branco. Como era possível que tivesse se esquecido do próprio telefone de casa?

Fez várias tentativas que caíram em residências erradas até que finalmente acertou. Pegou-se orando para que o pai atendesse. A ligação já estava no quinto toque quando ela ouviu a tradicional mensagem de chamada a cobrar e a voz de Orlando atender logo em seguida.

— Pai? — isso foi tudo o que Melina conseguiu dizer antes de a própria voz embargar na garganta e ela se render ao pranto.

***

Minutos antes de o telefone tocar, Orlando e Geralda, mais uma vez, travavam uma acalorada discussão. Ela o chamara de inútil, alegando que o marido não estava fazendo nada para procurar a filha desaparecida e só queria passear de carro com a amante, divertindo-se como se não tivesse problemas pessoais.

— Até o emprego você perdeu por ter se metido com aquela vadia — berrou Geralda, muito alterada.

Ele se arrependeu por ter contado a ela que havia sido dispensado do restaurante. Agora, por qualquer motivo, Geralda o chamava de incompetente e imprestável.

— Eu perdi o emprego porque Frederico foi intolerante comigo. Quis contratar um homem mais jovem para colocar no meu lugar porque, possivelmente, vai lhe pagar a metade do salário que eu ganhava. A verdade é essa. Muitas empresas fazem isso hoje em dia, dispensam os funcionários antigos para admitirem novos profissionais pagando um salário bem inferior ao que pagavam aos outros.

— Não tente me enrolar com sua conversa. Aquela negra fez sua cabeça. A culpa por nossa família estar destruída é sua e dela. Não fosse esse maldito tornozelo quebrado, que nunca sara, eu mesma já teria revirado essa cidade do avesso até encontrar minha filha, a quem tanto amo.

— Você é fingida, é falsa, é mentirosa — atacou Orlando, entrando na mesma sintonia da esposa. — Nunca amou ninguém, nem mesmo a si própria. Seu tornozelo ainda não sarou porque você não deixa. O corpo não encontra a cura para nenhuma doença quando a mente está concentrada no mal, no negativo, na crítica. Quanto a Rosa, eu confesso que nós estamos juntos sim.

Geralda não esperava que Orlando fosse confessar assim, tão repentina e abertamente. Antes que falasse qualquer coisa, ele continuou:

— Éramos amigos, mesmo que você não acredite. Ela tem uma habilidade muito especial, que não convém lhe falar. Graças a isso e aos seus conhecimentos espirituais, Rosa tem sido de grande ajuda. — Orlando deu alguns passos pela sala, o que não ajudou a reduzir seu nervosismo. — Ela vem dedicando boa parte do seu tempo para me ajudar a localizar Melina. Rosa tem sido minha

ouvinte, aquela pessoa que todo mundo tem vontade de ter como conselheira. É com ela que eu venho desabafando, porque você simplesmente me excluiu de sua vida há anos, ainda que não tivesse se dado conta disso.

— Então sua amizade virou um relacionamento íntimo? — ironizou Geralda, sentindo as chamas da raiva tostando-a por dentro. — Acho que todo homem usa essa mesma conversa mole para revelar à esposa que tem um caso extraconjugal. Parabéns! — Ela se apoiou melhor nas muletas para poder aplaudir. – Você jogou na lama mais de três décadas de uma vida em comum.

Orlando chegou a imaginar que Geralda fosse chorar, mas os olhos dela não estavam lacrimosos, pelo contrário, brilhavam com uma frieza glacial.

— Eu quero o divórcio — ele determinou, mantendo o mesmo tom impessoal. — É inútil continuarmos juntos, nos atacando cada vez que nos encontramos em algum cômodo. Não temos que continuar arrastando um casamento de fachada. Se um relacionamento parou de dar certo, ele deve ser dado por encerrado, a não ser quando existem possibilidades de uma reconciliação, o que não é nosso caso.

— Nós somos casados em comunhão de bens. Como vamos fazer com a casa?

Geralda era mais dura e insensível do que Orlando poderia imaginar. Ela não sabia, mas estava sendo penoso para ele ter que abrir mão do casamento. Entretanto, estava decidido quanto ao que fazer de sua vida. Desejava ficar com Rosa e quem sabe, um dia, planejar algo mais formal com ela, como um casamento.

O telefone começou a tocar, mas ambos o ignoraram. Orlando retrucou:

— Pode ficar com a casa. Quando Melina sair da clínica, o que vai acontecer em breve, com fé em Deus, ela ficará aqui com você. Eu abro mão do casamento e, junto com ele, me desfaço de tudo o que for material. Fique com o que quiser, Geralda, eu não me importo.

Ele se virou e atendeu o aparelho, deixando a esposa esbravejando atrás de si. Ao colocar o fone no ouvido, atendeu mecanicamente:

— Alô?

Quando a gravação de chamada a cobrar cessou, logo após o sinal, ele ouviu:

— Pai?

A voz feminina estava diferente, meio enrolada e pastosa como a de uma pessoa embriagada. Orlando seria capaz de identificar aquela voz entre todas as mulheres do Rio de Janeiro. Ele a ouviu chorando logo em seguida e também se rendeu às lágrimas, provocadas pela emoção e pela surpresa de ouvir Melina após quase um mês de silêncio.

— Filha? Pelo o amor de Deus, minha querida, onde você está?

Percebendo que o marido estava conversando com Melina, Geralda se aproximou e colou o ouvido ao aparelho, como se nada tivesse acontecido entre eles segundos antes.

— Eu não sei — houve uma pausa até que ela balbuciasse entre os soluços: — Mais atrás tinha uma praça, só que eu não sei o nome dela. Me ajude, pai, por favor.

— Chame a polícia, Melina. Pare qualquer viatura que encontrar e diga seu nome. Conversei com um delegado. Você está sendo procurada. Eles vão trazê-la para casa.

— Eu não posso. Eles vão me prender se olharem o que estou carregando na mochila.

Orlando sentiu um calafrio ao ouvir naquilo.

— Livre-se dessa bagagem indesejada antes que seja tarde demais. Você sabe vir para casa, não é? — ele perguntou, esperando que ela ainda soubesse. — Tome um táxi que eu pago a corrida quando chegar aqui.

— Coelho está atrás de mim. Eu roubei quase toda a droga que ele escondia. Também sei que ele trabalha para um homem chamado Ted Cavalcante. Coelho tinha ido se encontrar com ele, e então eu fugi.

A própria Melina não sabia como estava conseguindo se expressar com tamanha clareza. Nem desconfiava que o espírito de Xavier estava parado ao lado dela, inspirando-lhe a dar o máximo de informações ao pai.

Orlando não perdeu tempo. Mantendo o fone preso entre o ombro e a cabeça, ele abriu uma gaveta do *rack* e apanhou uma agenda e uma caneta, que estava presa na espiral. Rapidamente anotou os nomes mencionados por Melina sob os olhares curiosos de Geralda.

— Deixe essa mochila em qualquer esquina, tome um táxi e venha para casa — impôs Orlando. — Enquanto isso, eu vou dar parte à polícia.

— Eu não posso fazer isso, pai. — Houve nova pausa enquanto ela chorava com mais força. — Eu preciso da droga. Não consigo mais viver sem ela.

— Mas é claro que consegue. E vai provar para si mesma que é capaz de superar o vício retomando a rotina a qual estava habituada.

Tão logo Orlando pronunciou a última palavra, para seu completo horror, a linha caiu. Ele aguardou por quase cinco minutos que Melina tornasse a telefonar, mas nada aconteceu.

— Onde a nossa filha está? — indagou Geralda parecendo aflita, unindo as palmas das mãos como se fosse rezar. — Ela se meteu em confusão, não é?

Sem responder, Orlando telefonou para o celular de Rosa, ignorando por completo a presença da esposa ao seu lado.

— Rosa — ele iniciou assim que ela atendeu do outro lado —, minha filha acaba de me telefonar. Disse que está carregando uma carga ilícita que ela mesma roubou. Naturalmente, os proprietários querem a mercadoria de volta. Confesso que estou com medo. Sabe do que essa gente é capaz.

— Tente ficar calmo. Já avisou a polícia?

— Ela me deu os nomes de duas pessoas, sendo que um deles ou talvez os dois parecem ser apelidos ou codinomes. Vou falar com o delegado agora mesmo.

— Sim, faça isso. Você quer que eu o ajude de alguma forma? Melina lhe disse se, ao menos, estava perto de casa?

— Falou algo sobre uma praça, mas isso não muda nada. Vou pedir auxílio ao delegado.

Eles desligaram, e Orlando telefonou para o contato que o delegado tinha lhe passado no dia em que foram registrar a queixa do desaparecimento de Melina. Geralda não poupou um comentário:

— Não se esqueça de que a mãe de Melina sou eu. Não coloque sua amante no meio dos nossos assuntos familiares.

Mas Orlando não queria se estressar mais do que já estava e telefonou para a delegacia assim que encontrou o cartão de visitas entregue pelo chefe de polícia. Quando ele atendeu, após Orlando ter se identificado, dizendo que a ligação era em caráter de urgência, foi logo avisando, tomando cuidado com as palavras:

— Sou o pai de Melina Borges, o senhor está lembrado? — Orlando fez um breve resumo relembrando os detalhes do seu caso ao delegado e completou: — Ela me telefonou há pouco. Parecia totalmente desorientada.

— Isso é normal em usuários — tornou a autoridade, demonstrando pouco interesse na ligação de Orlando.

Decidido a não comentar nada sobre o conteúdo da mochila que Melina afirmara estar carregando, ele replicou:

— Mas ela falou algo sobre um tal Coelho e outro homem de nome estranho, Ted Cavalcante. O senhor já ouviu falar nessas pessoas?

A expressão entediada que o delegado trazia no semblante desapareceu de forma espantosa, embora Orlando não pudesse ver.

— O senhor pode repetir os nomes? — ele pediu, acomodando-se melhor na cadeira.

Orlando obedeceu. Ao final, o delegado, falando em voz muito baixa, aconselhou:

— Mantenha-se dentro de casa até que eu mande minhas viaturas para seu endereço. Sua filha se envolveu com um dos traficantes mais procurados do Rio. É um homem extremamente perigoso, que supostamente foi o responsável por dezenas de mortes. Com os contatos que ele tem, não duvido que Ted já tenha localizado sua residência, baseando-se no seu parentesco com Melina. Por isso, permaneça dentro de casa até a nossa chegada. Independentemente do que essa moça tenha feito para ele, Ted tentará dar o troco em você. Vingar-se dos familiares de seus adversários é um dos seus principais prazeres.

Orlando cruzou os braços sentindo um frio mortal percorrê-lo por dentro. O coração trabalhava como um bate-estaca, e as mãos tremiam como nunca.

Depois de desligar, repassou a informação para Geralda, que desabou no sofá e começou a chorar. Apesar do medo que os envolvia, ela ainda pôde argumentar:

— Até sob a mira de um traficante perigoso, nós conseguimos ficar. E tudo por sua culpa.

— Já falei para você parar de me acusar — gritou Orlando, alterado. — Eu nunca usei drogas em toda a minha vida. Não me responsabilize pelos atos de Melina. Você não fez absolutamente nada por ela a vida inteira, principalmente depois que ela se envolveu com esse tipo de coisa. Agora não cobre direitos ou se julgue preparada para apontar as falhas dos outros porque você não é digna de nada, além de compaixão.

Geralda se calou. Estava furiosa com o marido. Queria feri-lo de todas as formas por estar abandonando-a. Não era fácil para uma mulher ver o marido partir para outra vida, ao lado de outra mulher, rompendo um elo que durava trinta e três anos.

A campainha quebrou a linha de raciocínio de Geralda. Quando ela pensou em atender, Orlando já estava diante da porta, destrancando-a após espiar pelo olho mágico. Por um momento, ele imaginara que Melina tivesse chegado, mas ficou contente por ver Amorim parado ali. Ele puxou o amigo pelo braço, conduzindo-o para o interior da casa.

— Melina me telefonou — informou Orlando, agitado e ansioso.

— É mesmo? Ela deu alguma informação importante?

— Disse que está carregando uma mochila com pertences de outras pessoas. Imagino que você faça ideia do que possa ser.

— Sim, eu imagino. — Amorim acenou para Geralda, como se só agora a visse ali. — E onde ela está?

— Ela disse que não sabia, e a linha caiu antes que terminasse de falar. Até agora não retornou. De qualquer forma, eu já avisei a polícia. Eles estão mandando algumas viaturas para cá depois que eu falei o nome dos bandidos.

— Que bandidos?

— Um tal Coelho, e outro chamado Ted Cavalcante. Veja só que nomes mais esquisitos. O delegado me explicou que esse último é um traficante de alta periculosidade, um assassino frio e desumano. Não temo por mim, mas tenho medo do que ele possa fazer com Melina. — Orlando fez uma pausa e se esforçou para sorrir. — Desculpe meu nervosismo, Amorim. Nem mesmo lhe

ofereci alguma coisa. Mal você entrou, e já fui disparando as palavras como uma metralhadora.

— Eu viria pra cá de qualquer forma. Foi bom encontrar você e sua esposa juntos. Só acho que você está enganado em um ponto, Orlando.

— Como assim?

— Você deveria temer por sua vida, sim. — A mão de Amorim entrou no bolso da calça e voltou segurando um revólver. — Principalmente quando você está diante de Ted Cavalcante.

CAPÍTULO 41

As últimas palavras de Xavier ainda ecoavam na mente de Cronos. Pedro Henrique era seu verdadeiro filho e agora estava encarnado novamente. As lembranças do garotinho simpático e risonho que, aos poucos, foi se transformando em um rapaz jamais desapareceram de suas recordações. Nunca amara os pais, tampouco o irmão gêmeo. Sentia uma avassaladora paixão por Laguna, mas talvez o que ele sentisse por ela fosse mais uma obsessão do que amor. Entretanto, tinha certeza de ter amado aquele menino, assim como sempre esteve certo de ser o verdadeiro pai dele.

Xavier poderia ter mentido, mas ele sabia que o irmão era bonzinho demais para tentar enganá-lo. Sua bondade chegava a um nível tão grande que ele simplesmente o tinha perdoado por tê-lo traído, assim como não se ressentira ao descobrir que criara o filho de outro homem. Sendo assim, Pedro Henrique estava em algum lugar, vivendo uma nova encarnação, ao lado de pessoas diferentes, ou, quem sabe, as mesmas que o acompanharam no passado. Onde ele podia estar?

Pela primeira vez, os pensamentos de Cronos estavam voltados para outra pessoa que não fosse Laguna. Subitamente, sua sede por ela tinha abrandado. Não confessava para si mesmo, mas sabia que ela nunca o amaria como ele esperava. Sempre soube disso. O

que o impelira a lutar por ela, o que o incentivara a afundá-la no vício das drogas, o que o estimulara a trazê-la para os braços dele novamente fora o medo de ser desprezado outra vez. Sim, ele sentia medo. Não suportaria vê-la amarrada às correntes sofrendo humilhações e ressaltando a repulsa que alimentava por ele.

Não havia mais como mentir para si. Havia chegado ao final de um beco sem saída. Não era mais possível seguir em frente. Laguna continuaria amando Xavier, e ele a ela. Porém, Pedro Henrique estava sobrando naquela história. A única pessoa a quem ele dedicou seu verdadeiro amor paterno era àquele espírito. Jamais teve filhos, à exceção dele. Fizera-o sofrer quando matara Xavier e talvez fosse culpado por Laguna ter se enveredado no alcoolismo depois de se tornar viúva, assim como agora participara de sua inserção ao mundo das drogas.

O amor de um pai. Qual era a força daquele sentimento? Até onde um pai poderia chegar para defender sua prole? Naquela época, ele teria feito tudo por Pedro Henrique se o visse sofrer. Portanto, o que deveria pensar do tal Orlando, que enfrentara tudo e todos para garantir o melhor para a filha? Aquilo também era amor paterno. Ele não teria agido diferente de Orlando por Pedro Henrique. Como podia ter tentado tirar de seu caminho um homem que fazia exatamente o que ele teria feito em outros tempos?

Toda a carga de ódio e revolta que ele nutria começou a ruir, como uma construção desmoronando. Pensou em Xavier outra vez e, pela primeira vez, em décadas, não sentiu fúria ou inveja. Ele até poderia estar sendo traído pelos próprios sentimentos, mas

garantiu a si mesmo que admirava o irmão pelo o que ele passara e por sua capacidade de perdoar.

Xavier perguntara se ele gostaria de ver Pedro Henrique. Naturalmente, a resposta era positiva. Era tudo o que ele mais queria, assim como ansiara rever Laguna. Entretanto, havia uma diferença agora. Laguna ele desejava para si, mas não Pedro Henrique. Ele simplesmente queria revê-lo, aninhá-lo nos braços, beijá-lo como fizera tantas vezes no passado.

Hoje ele teria outra família, mas para Cronos sempre seria seu filho. Um sorriso surgiu em seus lábios. Ele fora pai e, apesar da certeza, nunca teve uma prova concreta de sua paternidade. Agora Xavier vinha lhe dar esse presente, com mais de um século de atraso.

Graças àqueles novos sentimentos, as dores no ferimento de sua barriga começaram a se dissipar. Ele estava tão imerso nos próprios pensamentos que não tinha notado aquela transformação. Nem mesmo reparou que Alesha e Charles o observavam do canto do aposento, totalmente perplexos. Não faziam a menor ideia do que estava se passando com seu líder, mas não estavam gostando nem um pouco daquilo.

— Você está bem? — ela perguntou apenas para puxar assunto. — Me refiro ao ferimento que Lori lhe causou.

As palavras de sua amante pareceram vir de muito longe. Ainda com os pensamentos voltados para o rosto de Pedro Henrique, que sua memória continuava guardando, Cronos fitou Charles e Alesha sem prestar-lhes muita atenção.

— Achei que nunca fosse dizer essas palavras, mas estou cansado. Sempre gostei do poder que tenho como o rei dessa cidade, mas essa rotina simplesmente me esgotou. Quero ir atrás de coisas novas e diferentes.

— Seu nome é Leopoldo? — tornou Alesha, cada vez mais intrigada e preocupada, trocando constantes olhares com Charles. — Nunca nos contou que era irmão de Xavier.

— Porque eu nunca lhes devi satisfações de minha vida. — Ele afastou as mãos do ventre, reparando que o local onde Lori o atingira estava começando a cicatrizar. — E agora decidi que quero ir embora. Quero deixar Simeon para trás, assim como Dorian, Lori, Zeus e muitos outros já fizeram.

— E Laguna? — indagou Charles, aflito. — Vai entregar os pontos? Vai dar a vitória para Xavier?

— Se o que ele me disse for verdade, então todos nós somos vencedores. Se meu filho estiver encarnado de novo, e eu puder vê-lo, nada mais terá valor para mim, nem mesmo Laguna. De certa forma, foi uma espécie de troca.

Charles e Alesha faziam um grande esforço para compreender o que ele estava querendo dizer. Cronos continuou:

— Xavier ficará com Laguna, mas, em troca, terei meu filho.

— Ele será sua nova vítima? — questionou Alesha. — Vai dar um jeito de apressar a morte dele como tentou fazer com ela?

— Jamais. Nunca faria mal a ele. Quero me preparar para recebê-lo quando ele retornar ao astral. Meu espírito precisa passar por um longo processo de restauração. Apesar do que já sei, tenho muito a aprender.

— E o que será feito deste castelo, dos espíritos que o senhor mantém aqui — Charles abriu os braços —, da própria Simeon? Quem ficará à frente desta cidade?

— Isso não me importa mais. Não sou um líder, talvez nunca tenha sido um, mas intenciono aprender com aqueles que realmente são.

Cronos percebeu quando um quarto espírito juntou-se a eles e, mesmo sem se virar, pressentiu que era Xavier. Quando o encarou, não havia um sorriso nos seus lábios, mas seus olhos estavam brilhantes e expressivos.

— Você teria condições de levar seu irmão daqui? — Cronos perguntou em voz baixa.

— Eu sempre tive condições, mas, infelizmente, você nunca quis. — Havia lágrimas nos olhos de Xavier, lágrimas que se uniram às de Cronos quando os dois se juntaram em um abraço fraternal, os rostos parcialmente grudados, os corpos unidos como um dia eles estiveram no ventre de Adelina. — Eu te amo, Leopoldo. Sempre quis que você soubesse disso um dia.

— Se eu dissesse o mesmo, não estaria sendo sincero, mas quero aprender a amá-lo também. — Firmemente abraçado a Xavier, ele perguntou: — Eu tenho uma chance de que você possa vir a me perdoar, não é?

— Não tenho o que perdoá-lo, porém, é necessário que você mesmo se perdoe.

— Eu preciso pedir perdão a Laguna e a Orlando também. — Com um brilho de preocupação no olhar, Cronos fitou Xavier. — Preciso desfazer tudo o que fiz com ela.

— Ela está voltando para casa e, em breve, se recuperará. — Xavier sorriu para Sandra, que acabava de se materializar ali. — Minha querida, peço que acompanhe meu irmão até a central de recuperação de nossa cidade. Orlando está em perigo e preciso ajudá-lo. Você pode acompanhar Sandra, não é mesmo? — a pergunta foi dirigida a Cronos.

— Sim, eu posso. Antes, eu gostaria de saber onde está Pedro Henrique. É tudo o que eu mais anseio descobrir.

— Vou levá-lo até ele, mas não agora. Antes, preciso amparar Orlando. Infelizmente, ele sofreu uma grande decepção ao descobrir que seu melhor amigo não é exatamente quem ele pensava ser.

— A culpa disso é toda minha. É melhor eu ir em seu lugar. Não sei o que está acontecendo, mas preciso fazer algo de útil em socorro de Orlando.

— Você já fez ao desistir de sua vingança contra ele e Laguna. Peço que acompanhe Sandra, pois, daqui a pouco, me reunirei com você para que reveja Pedro Henrique.

Cronos assentiu com a cabeça olhando para a benfeitora como uma criança receosa. Antes que ele se fosse, ainda ouviu Alesha gritar:

— E nós, Cronos? Depois de tantos anos o servindo, simplesmente vai nos virar as costas como se não representássemos nada em sua vida? Não imaginava que você fosse um homem tão covarde, capaz de fraquejar por causa de um espírito qualquer.

— Vocês também não se cansaram disso tudo? — ele devolveu, mirando Alesha e Charles. — Não anseiam deixar as trevas? Eu nunca pensei que um dia sairia daqui, mas estou indo embora por causa de um ideal, de um espírito a quem amo. Vocês também devem ter entes queridos, pessoas com quem simpatizaram e conviveram em outras eras. Nem mesmo por eles vocês sairiam daqui?

— Eu não me importo com ninguém — garantiu Alesha. — E não sou tola como você. Não vou perder essa vida tão boa a qual estou acostumada.

— Também quero ficar — reforçou Charles. — Nós daremos continuidade às nossas tarefas mesmo sem sua orientação. Acho que o simples fato de nos entregarmos para os seres da luz nos torna fracos e imbecis. Eu sou forte o suficiente para recusar essa oferta.

Xavier, Cronos e Sandra não contestaram as justificativas dos dois espíritos. Respeitaram o desejo deles, assim como respeitavam a vontade daqueles que ainda preferiam permanecer nas sombras, nas trevas e na desolação.

Confiante em Sandra, Cronos deu sua mão a ela, e ambos desapareceram. Xavier ainda sorriu para Alesha e Charles, indo embora logo depois. Quando os dois se viram às sós, Alesha indagou:

— Percebeu o quanto nós fomos usados por ele? Quando perdemos a utilidade, Cronos simplesmente nos descartou como se fôssemos espíritos sem valor como os que vagam pelos lamaçais.

— Imagine quando souberem que ele se foi? Haverá uma verdadeira rebelião por aqui. Não conseguiremos manter os prisioneiros nas jaulas e os escravos estarão livres para partir.

— Charles, não me decepcione com sua ingenuidade — murmurou Alesha, adotando uma postura quase idêntica a de Cronos. — Simeon precisa de alguém no controle, e a pessoa mais indicada para isso sou eu.

Ela caminhou alguns passos afastando-se dele. De repente, voltou-se balançando os longos fios dourados.

— Sempre quis ser a rainha de Simeon, e agora que minha oportunidade chegou não vou desperdiçá-la. Tudo o que temos aqui é meu agora. Não serei mais ameaçada com a possível chegada de Laguna que, por sorte, nunca retornou. Vou assumir meu posto de soberana absoluta. — Rindo como uma desvairada, ela fechou os olhos e ergueu o rosto. — Vou agora mesmo reunir os servos para lhes ditar as novas regras. Comigo no comando, as coisas serão muito piores do que estavam. Cronos nunca foi tão impiedoso quanto eu serei. Isso vai ser muito divertido.

Sem dar atenção a Charles, Alesha deixou os aposentos rapidamente. Depois que ela saiu, ele caminhou até o corredor e abordou o primeiro guarda que encontrou pelo caminho. Mantendo a voz baixa, ele pronunciou:

— Apenas ouça o que vou dizer sem me interromper nenhuma vez. Não vou repetir. Cronos foi levado pelos espíritos iluminados e possivelmente não voltará, pelo menos não tão cedo. Esta seria a chance de vocês se libertarem, mas Alesha continuará guiando Simeon ao seu modo. Quero que você repasse essa informação

aos seus companheiros. Se vocês a deixarem no poder, serão torturados por uma mulher que almeja o mal e a discórdia, muito mais do que eu.

O guarda abanou a cabeça em concordância, surpreso com aquela informação. Charles emendou:

— Embora eu pudesse tentar disputar a liderança de Simeon com Alesha, nada mais me prende aqui. Eu a enganei dizendo que daria continuidade ao meu trabalho na ausência do nosso rei, mas a verdade é que sem Cronos nada mais me prende aqui. Embora ainda não esteja preparado para se encaminhado aos postos de socorro, também não pretendo tornar a me envolver com encarnados. A minha experiência com Orlando foi inesquecível para mim.

Mesmo sem saber quem era Orlando, o vigia tornou a fazer sim com a cabeça.

— Agora vá procurar seus colegas. Já sabe o que deve ser feito. Se Alesha se tornar a nova rainha, vocês irão se arrepender por não terem agido antes.

O guarda saiu a passos largos. Havia o princípio de um sorriso nos lábios de Charles. Nunca gostou de Alesha, mas sempre fora obrigado a aturá-la por causa de Cronos. Agora que ele não estava mais ali, Charles pretendia partir de Simeon, mas achava que faria algo importante dando a devida lição naquele espírito cruel e desumano.

Longe dali, Alesha já ditava as primeiras ordens na praça central de Simeon. Vários súditos de Cronos começaram a se aproximar ao perceberem que ela solicitava a presença deles. Era

comum ela reunir vários espíritos para transmitir alguma mensagem do líder. Possivelmente era o que deveria estar acontecendo naquele momento.

Quando achou que havia um bom número de ouvintes, ela abriu um sorriso perverso, sentindo-se mais poderosa do que nunca.

— Eu os reuni aqui para lhes comunicar que, a partir deste exato momento, eu sou a nova rainha de Simeon. Cronos ficará afastado temporariamente, por razões que não convém dizer. Antes de partir, ele me nomeou a nova líder desta comunidade. É a mim que deverão obedecer desde agora. Eu lhes darei ordens, e haverá severa reprimenda para aqueles que não as cumprirem satisfatoriamente.

As criaturas fitavam Alesha sentindo arrepios provocados pelo medo. Conheciam a personalidade malévola daquela mulher e sabiam que ela iria torturá-los sempre que julgasse necessário, mesmo que fosse simplesmente por prazer. Cronos também era impiedoso, mas todos sabiam que Alesha o superava nas maldades.

Alesha estava tão empolgada apresentando seus planos para o futuro que não notou uma movimentação entre os guardas do castelo. Dois deles seguiram rapidamente até ela e a seguraram pelo braço, empurrando-a para trás.

— Mas o que pensam que estão fazendo? — ela bramiu furiosa. — Ninguém toca na rainha dessa forma. Soltem-me imediatamente e se dirijam à câmara de tortura.

Como se fossem surdos, eles a carregaram dali, enquanto Charles surgia na praça, parando no mesmo local em que ela estivera. Alesha ainda teve tempo de ouvi-lo dizer:

— A partir de hoje, acabou-se a ditadura de Simeon. Sei que muitos de vocês, assim como eu, não desejam partir para a luz, mas também não querem permanecer eternamente escravos de espíritos aproveitadores. Estou indo embora para outro lugar. Vou buscar afinidade em outras cidades por aí, encontrar uma nova moradia. Não vou levar ninguém comigo, pois desejo fazer essa busca sozinho. Quanto a Alesha, os guardas já sabem o que deve ser feito com ela. Adeus.

Sem esperar nenhuma pergunta, Charles virou as costas e cruzou os portões que separavam Simeon das grutas e dos charcos por onde vagavam espíritos debilitados. Ainda teve certeza de estar ouvindo as reclamações e os protestos disparados por Alesha, mas logo tudo silenciou. E os únicos sons, ele notou enquanto caminhava, eram os gemidos e falsos pedidos de socorro dos que escolheram permanecer no astral inferior.

***

Alesha não se lembrava de quando chorara pela última vez, mas não pôde impedir as lágrimas de rolarem por seu rosto no instante em que se viu parada diante de uma das jaulas na qual trancafiara tantos prisioneiros. Os guardas a mantinham firmemente presa pelas mãos e a apertavam com força apenas para ouvi-la gemer de dor.

— Não vou entrar aí — ela balbuciou, vendo a turba furiosa e ameaçadora que a espreitava do outro lado das grades. — Por favor, não me prendam com eles.

— Simeon agora é uma comunidade livre — lembrou um dos guardas — ou até que Cronos volte. Estes prisioneiros continuarão no mesmo lugar, aguardando o retorno do nosso único e verdadeiro rei. Caso ele não volte, nós os libertaremos aos poucos, pois também iremos embora.

Alesha queria gritar que Cronos não ia voltar, mas se calou. Se isso acontecesse, todos os outros partiriam, e ela permaneceria detida em uma das gaiolas, sozinha e assustada, afogada na própria derrota.

Ela implorou e rogou súplicas aos guardas quando a porta da cela foi destrancada. Infelizmente, Alesha não foi atendida. Um dos homens a empurrou com o pé, e ela despencou para dentro da cela, cuja porta foi trancada quase imediatamente. Havia ali, naquele espaço reduzido, malcheiroso e apertado, quase uma centena de criaturas odiosas e enfurecidas, que a olhavam com ódio. Eles a reconheceram como sendo sua carrasca, a mulher que os feria na câmara de tortura por simples diversão.

Desesperada, Alesha virou o rosto para trás e viu os guardas se afastando. Enquanto eles saiam, apagavam as tochas que encontravam pelo caminho, deixando o ambiente cada vez mais escuro. Os espíritos começaram a avançar sobre ela lentamente, os dedos curvados em garras, os dentes à mostra como lobos famintos, o ímpeto de vingança transbordando em forma de fluidos astrais.

A última tocha foi apagada no instante em que eles a alcançaram. No escuro, ela ficou sozinha com eles. E começou a gritar.

CAPÍTULO 42

O telefonema de Orlando tinha deixado Rosa nervosa. Apesar de não conhecer Melina pessoalmente, ela sentia a mesma aflição que Orlando devido ao desaparecimento da moça. Se a filha entrara em contato era porque, provavelmente, desejava voltar para casa. Rosa queria estar presente quando isso acontecesse.

Ela vinha compartilhando do mesmo sofrimento que Orlando, por isso, também achava justo saborear a vitória e conferir a felicidade que ele sentiria ao rever a filha. Os dois vinham se entendendo muito mais do que amigos. Orlando tinha comentado que tão logo seu divórcio com Geralda fosse consumado, ele a pediria em casamento. Não tinha mais condições de conviver com a esposa, e Rosa o compreendeu. Também sentia por ele algo que a deixava eletrizada por dentro. A diferença de idade que havia entre eles não tinha a menor importância.

Ela não se assustou quando viu o espírito de um homem parado ao lado de seu *rack*, primeiro porque notou a luz que contornava seu corpo astral, mas, sobretudo, por já tê-lo visto antes, em seu carro, na noite em que atropelara Orlando. Fora ele, juntamente com outro espírito chamado Tenório, quem lhe transmitira a mensagem que ela repassou para Orlando depois. Sabia que seu nome era Xavier.

— Olá, Rosa — ele a cumprimentou, exibindo um belo sorriso.

— Não pense que sou mal educada, mas não vou estender minha mão para cumprimentá-lo.

O comentário de Rosa fez o sorriso de Xavier se distender por alguns segundos até que ele ficou sério.

— Vim pedir que você vá até a casa de Orlando. Ele precisa de sua ajuda neste momento.

— A filha dele já retornou?

— Ainda não. Tenório e Maíra foram ao encontro dela para tentar orientá-la, pois Melina, sob o efeito das drogas, simplesmente não consegue lembrar o endereço de casa.

— Mas o que exatamente está acontecendo com Orlando?

Antes que Xavier respondesse, entretanto, Rosa captou a resposta. Orlando estava em perigo.

— Faça uma oração enquanto segue para lá. Se possível, peça reforços policiais. Eu também estou indo pra lá. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para protegê-lo.

A imagem de Xavier se desvaneceu no ar enquanto Rosa já corria à procura das chaves do carro. Assim que se sentou diante do volante, ela fez uma prece pedindo que os índios da falange do Caboclo Beira-Mar amparassem Orlando naquele instante. Por fim, pediu a Deus que o protegesse do mal. Ao reabrir os olhos, ela ligou o carro e usou o aparelho celular para falar com a polícia.

***

O horror se sobrepunha ao choque enquanto Orlando fitava Amorim, procurando não desviar seus olhos dos dele, fazendo o possível para ignorar o revólver que estava apontado para seu

peito, implorando para que Geralda ficasse calada e que a polícia chegasse o mais depressa possível.

— Do que você está falando, Amorim? — ele perguntou num fio de voz. — Quem é Ted Cavalcante?

— É como os meus homens me conhecem. — Ele agitou a arma, sorrindo ao ver a palidez de Orlando se acentuar. — No ramo em que trabalho, nomes verdadeiros nunca são divulgados.

— Você nunca foi um advogado — Orlando afirmou em vez de perguntar.

— Sim, eu fui. Precisava de um disfarce. Tenho um diploma de Direito, um escritório de fachada e até mesmo alguns clientes que nem desconfiam da verdade. Ninguém precisa saber o que sou realmente.

— Você é um ladrão? Amorim, por Deus, você é meu melhor amigo, o homem em que eu sempre confiei.

— Isso mostra o quanto sou bom para dissimular o que realmente faço. E eu não sou um ladrão. Roubar é para os fracos. Faço algo que garante um bom retorno financeiro, muitas vezes, sem nem precisar sair de casa.

Amorim desviou o revólver na direção de Geralda quando ela se moveu para tentar fugir da sala. Ele fez um gesto com a outra mão, e ela desabou sobre o sofá, chorando baixinho.

— Quem você é? — questionou Orlando, fitando-o como se o visse pela primeira vez. — O que tem a ver com Melina?

— Sou um traficante. É algo natural hoje em dia. Muitos têm se dedicado ao tráfico e recebido um bom dinheiro com isso. Por sorte, já estou nesse ramo há alguns anos. Tenho contatos

influentes dentro da polícia, do meio político, entre outros. Administro diversos pontos de tráfico aqui no Rio e alguns em São Paulo. Pode-se dizer que eu sou um dos chefões de entorpecentes desta cidade.

— O que você quer com a minha família? Por que se aproximou de nós? Agora percebo que você nunca se interessou por Melina, como eu sempre acreditei.

— Isso não é verdade. Sempre fui fascinado pela sua filha, em todos os sentidos. Ela é uma mulher incrível, linda, sensual e solteira. Era um prato cheio pra mim. Porém, sabia que ela nunca se interessaria pelo o que eu era. Mesmo quando contei que tinha conquistado um diploma, nem assim ela quis saber de mim. Então achei que precisava de um diferencial, algo que chamasse a atenção dela.

— Você se tornou traficante por causa de Melina? — tornou Orlando, evitando olhar para os lados. “Afinal, onde estava o delegado?” — Sabia que não poderia prolongar a conversa com aquele homem por muito mais tempo. — Não me diga que agiu por amor.

— É lógico que não. Eu nunca a amei. O fato de eu a ter desejado é totalmente diferente. Eu a queria pra mim, mas, infelizmente, não consegui. Jamais usei drogas, mas fui me relacionando com gente importante até chegar onde estou agora. Confesso que fiquei surpreso quando um dos meus vendedores, o Coelho, contou algo sobre uma tal Melina, que fora à sua casa comprar drogas. No início, achei que fosse uma coincidência de nomes, mas logo descobri que se tratava da mesma pessoa.

— Como pôde ter inserido a minha filha nesse mundo?

Houve um barulho na porta, e Orlando chegou a conter a respiração. Amorim virou o corpo e o revólver sem desviar a atenção dos reféns. A porta foi aberta e um homem magro e dentuço adentrou. Orlando nunca o vira antes, mas supôs que fosse o sujeito apelidado de Coelho. Havia uma arma na mão dele também.

— Já tirei seu carro da frente da casa deles, senhor — ele avisou, reportando-se a Amorim. Olhou rapidamente em volta. — Estes são os pais dela?

— Sim. Vou abrir o jogo com você, Orlando. Acontece que Melina está com uma mercadoria minha e eu a quero de volta.

— Ela me telefonou e falou algo sobre isso, mas juro que não sei onde ela está — garantiu Orlando, em pânico. Tinha certeza de que um daqueles homens atiraria nele e em Geralda. — Eu pedi que ela viesse pra cá, mas acho que o raciocínio dela não estava funcionando direito.

— Isso não é muito divertido. — Como se estivesse pensativo, Amorim encostou o dedo indicador na própria têmpora. — E saiba que eu não a levei às drogas. Melina caminhou com as próprias pernas. Acho que se tornar uma usuária era o destino dela. Confesso que até hoje tento imaginar os motivos que a levaram a procurar esse tipo de coisa.

— Eu não acredito nisso. Ninguém está predestinado a um final trágico e doloroso. Venho aprendendo que podemos construir nossa própria estrada, que nos levará aos nossos desejos. Quem realmente quer ser feliz, consegue.

— Eu a vi com um médico certa vez — retrucou Amorim, ignorando as últimas palavras de Orlando. — Na época, achei que fosse um namorado qualquer que ela tivesse arranjado. Até fiquei um pouco enciumado. O nome dele é Edson. Mais tarde, eu soube que ele era um cliente nosso. Comprava os comprimidos com um dos meus fornecedores. Vê como tudo foi se encaixando?

— Quando você recuperar a droga, vai nos matar, não é? — interveio Geralda, que se mantivera quieta até então. A voz dela estava trêmula e as lágrimas não paravam de escorrer pelo seu rosto. — Agora que sabemos sua identidade, vai nos matar para que não o delatemos à polícia.

— Sabe que eu ainda não tinha tido essa ideia? — Amorim exibiu um sorriso irônico. — Por qual dos dois eu começo?

— Você é um monstro — balbuciou Orlando. Subitamente, o medo o impelira a falar. — Faz ideia de quantas famílias você destruiu?

— Nenhuma. Jamais forcei alguém a consumir qualquer tipo de droga. As pessoas usam porque querem. — Após uma pausa, Amorim continuou falando suavemente. — Se o dono de uma loja de armas vende uma pistola a alguém, e essa pessoa usa a arma para cometer o crime, o dono da loja é inocente. O mesmo acontece comigo. Não me considero culpado de nada, a não ser por aqueles que falaram mais do que deveriam. Esses deixaram de funcionar, assim como vocês também deixarão. Antes, eu quero Melina.

— A polícia já sabe sobre vocês — alertou Orlando, sentindo o suor escorrer por dentro da camisa. — Melina me contou seus

apelidos, e eu informei a um delegado. Mesmo que mate a mim e a minha esposa, a polícia chegará até vocês.

— Nunca chegou e não vai chegar. Basta molhar a mão da polícia com grana. O dinheiro é a linguagem universal. Eu nunca serei preso, a não ser que eu queira. — Ele voltou o rosto rapidamente para Coelho. — Mudei de ideia. Pode eliminar os dois. Em seguida, vamos aguardar Melina dentro do meu carro. Quando ela aparecer, apanhamos a droga e acabamos com ela também.

Orlando notou que ele ordenava três assassinatos com uma frieza impressionante, como alguém que pede para lavar o carro. Não havia a menor expressão no belo rosto de Amorim. Além de traficante, ele era um homem sem escrúpulos, capaz de matar por prazer.

Geralda continuava chorando silenciosamente, enquanto Orlando tentava se concentrar em uma prece, implorando pela chegada da polícia, mas, ao mesmo tempo, pedindo que Melina não aparecesse naquela hora. Se a filha chegasse, também seria morta.

Amorim agitou a arma mais uma vez e, por fim, guardou-a no bolso da calça. Soltou uma risada descontraída ao dizer:

— Use suas balas, Coelho. A munição do meu revólver é muito cara para desperdiçar com dois velhos inúteis.

Coelho empunhou o revólver e mirou no peito de Orlando, que fechou os olhos esperando pelo tiro certeiro. Por conta disso, ele não viu quando Coelho girou o braço e apontou a arma para Amorim.

— Tire seu revólver do bolso com dois dedos, Ted Cavalcante. Se tentar qualquer besteira, eu vou atirar.

Ao ouvir aquilo, Orlando reabriu os olhos sem saber muito bem o que estava acontecendo. Amorim ficou lívido, olhando para seu vendedor completamente aturdido.

— O que pensa que está fazendo, Coelho?

— Garantindo meu futuro. Cedo ou tarde, você não iria mais precisar de mim e mandaria me matar, como fez com tantos outros fornecedores. Não vou esperar por isso. E agora se livre de sua arma. Se tentar qualquer besteira, eu atiro.

Amorim, lentamente, colocou dois dedos no bolso, como fora ordenado, e puxou o revólver. Em seguida, colocou-o no chão, devagar, e chutou-o na direção de Orlando, que não se moveu. Dos olhos castanhos do traficante brotavam fagulhas de ódio.

— Você me traiu, Coelho. Não pense que isso vai ficar assim. Se nós dois formos para a cadeia, você vai morrer lá dentro. Se um de nós escapar, vou persegui-lo até o inferno. Sua morte foi decretada agora.

— Não tenho medo de morrer. Nunca ajudei ninguém em toda a minha vida, mas Melina, de certa forma, representou alguma coisa pra mim. Faço isso em nome dela e em nome desta família.

Todos puderam ouvir as sirenes se aproximando. Coelho desviou o olhar rapidamente na direção da janela. Foi nesse instante que Amorim reagiu. Enfiou a mão no bolso do casaco e sacou um segundo revólver, apontando para Coelho com precisão. O outro mal teve tempo de pensar. Orlando piscou, e Geralda gritou

quando os três tiros espocaram na casa e um corpo desabou no chão.

As seis viaturas se detiveram diante da casa de Orlando quase ao mesmo tempo. Vários policiais fardados saltaram com as armas em punho. No carro, Rosa virou a esquina da rua de Orlando e, quando notou a movimentação policial em frente à residência dele, fez outra oração, pedindo que tudo terminasse bem. Ela viu quando os policiais arrombaram a porta e entraram em grupo. As mãos da mulher tremiam e o coração batia alucinadamente.

Assim que o delegado entrou, viu um corpo caído no chão. Os policiais já algemavam Coelho, que mantinha o olhar pregado no corpo de Amorim. Ele nunca matara ninguém na vida e jamais imaginou que um dia fosse eliminar um dos traficantes mais temidos e perigosos do Rio de Janeiro.

— Vocês estão bem? — o delegado perguntou a Orlando e Geralda, mas era óbvio que a resposta era negativa. Quem ficaria bem tendo um homem morto sobre o tapete da sala?

— Obrigado por virem — foi tudo o que Orlando pôde responder antes de enterrar o rosto entre as mãos e começar a chorar.

— Vocês conheciam a identidade deste traficante? — indagou Geralda, sem saber de onde estava tirando forças para falar.

— Não exatamente. Porém, tínhamos alguns retratos falados. Assim que olhei para o rosto dele, não tive a menor dúvida. Era o homem que vínhamos procurando há tempos. Quanto ao outro sujeito, infelizmente, é só um pobre coitado, mas que prestou um grande favor a todos nós.

Coelho tinha feito muito mais do que prestar um favor. Ele salvara a vida de três pessoas, se incluísse Melina. Orlando novamente estivera tão próximo da morte e esperava que fosse a última vez.

O que ele não sabia era que o espírito de Xavier mantivera-se o tempo inteiro ao lado de Coelho, incutindo-lhe palavras para que tentasse convencer Amorim a deixar Orlando e Geralda em paz, ou mantê-lo distraído até que a polícia chegasse. Todavia, Coelho foi além. Temendo a própria morte, decidiu se defender. Naquele mundo, cada um precisava pensar em si próprio e, se não naquele momento, talvez não tivesse outra chance para se defender.

Xavier também viu quando o espírito de Amorim praticamente foi arrancado do corpo por mais de meia dúzia de vultos sombrios. Ele estava consciente quando se viu abraçado por aquelas criaturas empedernidas. Tentou pedir socorro, mas sua boca foi tapada por mãos ossudas. Instantes depois, eles desapareceram. Certamente seria levado para uma comunidade espiritual semelhante a Simeon, por mera afinidade de pensamentos e atitudes.

Na rua, Rosa tirou o cinto de segurança e estava descendo do carro quando uma mulher chamou sua atenção. Tinha cabelos curtos e loiros e usava um camisão largo e esburacado. Não trazia nenhuma mochila às costas. Da calçada, olhava fixamente as viaturas estacionadas e o movimento dos policiais na frente da casa. Quando ela moveu o rosto, Rosa viu que seus olhos eram azuis. E, ao perceber o espírito de Tenório e de outra moça parados um pouco mais atrás, ela não teve nenhuma dúvida: aquela era Melina.

Pulou do carro e correu até a moça. Ao vê-la, Melina recuou um pouco, secando as lágrimas do rosto. Rosa a segurou pelos ombros com carinho e sorriu.

— Você é Melina, não é? Meu nome é Rosa e sou amiga do seu pai.

— Todos esses policiais estão me procurando?

— Eles vieram ajudar seu pai. Eu vou tentar entrar na casa, mas não sei se eles vão permitir.

— Será que meu pai está bem? — ela começou a soluçar. — Deus, o que eu fiz pra ele? O que eu fiz comigo mesma?

— Fique calma e pare de se culpar, ou vai se sentir pior. Venha, vamos falar com o delegado. Acho que ele ficará feliz em ver que você reapareceu.

As duas seguiram de mãos dadas até chegarem a uma policial.

— Olá. O meu nome é Rosa, e ela se chama Melina. É moradora desta casa. Nós podemos entrar ou falar com o delegado? Gostaríamos de saber se está tudo bem com a dona Geralda e o seu Orlando.

— A cena do crime precisa ser isolada até a chegada da perícia, mas vou pedir que eles venham até aqui falar com vocês.

As duas viram quando Coelho saiu algemado e escoltado por dois policiais. Eles praticamente o empurravam na direção de uma das viaturas. Como se pressentisse a presença de Melina ali, ele virou o rosto e a fitou. Balbuciou algumas palavras que Rosa não compreendeu direito, mas que Melina entendeu muito bem:

— Por favor, me perdoe por tudo.

Melina viu quando ele foi colocado na parte traseira do carro e quis responder que tinha aprendido que a única responsável por toda aquela situação era ela mesma.

A policial entrou na residência e logo surgiu acompanhada do delegado, de Geralda e de Orlando. Ao ver Melina parada ao lado de Rosa, Orlando deu um grito de alegria e avançou até ela com os braços estendidos.

— Melina! Meu Deus, minha filha, eu não posso acreditar.

Os dois se abraçaram com força, soluçando, chorando e tremendo. Geralda vinha logo atrás, movendo as muletas com rapidez. Fingiu não ver Rosa ali e beijou Melina também.

— Eu nunca vou me perdoar pelo que fiz com vocês — murmurou Melina em voz baixa. — Eu os amo muito, mesmo que não pareça.

Mas Orlando não queria que ela falasse mais nada. Mal reparou no rosto debilitado, no corpo magro e nos cabelos mal cortados de Melina. Não se importava de estar entre dezenas de policiais, que ainda não haviam retirado da casa o corpo do traficante. Tudo o que importava era que sua menina estava de volta, presa entre seus braços. Era real, de carne e osso e, finalmente, retornava ao lar.

— Eu também te amo, minha filha — declarou Orlando. — E nada do que você possa ter dito ou feito vai abalar esse sentimento.

Emocionada, Rosa guardou respeitoso silêncio. Ao virar o rosto, viu Xavier, Tenório, Maíra e Sandra sorrindo. Eles estavam parados a poucos passos de distância e emanavam luzes de cor azul-claro das mãos, contagiando todos os presentes. Rosa

desejou que todos os outros também pudessem ver aquele lindo presente oferecido pela espiritualidade.

CAPÍTULO 43

A clínica de reabilitação para drogados em que Orlando internou a filha assemelhava-se a um *spa.* Era um grande complexo, com imensos jardins e áreas de lazer. Como a própria Melina notara, havia pessoas de todas as idades se recuperando ali. Existia também uma ala exclusiva para atender usuários menores de idade, que não eram poucos. Ele teria que desembolsar um bom valor para mantê-la naquele lugar, mas se não fosse pela filha, Orlando não teria mais nada com que gastar seu dinheiro.

Por uma questão de respeito, ele trouxe Geralda como companhia em vez de Rosa. Na noite anterior, ele as apresentara formalmente e explicara para filha que Rosa era sua namorada. Contou que seu casamento tinha terminado e que daria entrada no processo de divórcio tão logo fossem resolvidas as questões que envolviam a internação dela.

— Espero que não se importe em ver seu pai namorando uma mulher apenas dois anos mais velha que você — brincou Orlando, abraçado com Melina, no quarto dela.

— Eu amo você e a mamãe e estou triste com o fim de um relacionamento tão antigo, mas não me sinto no direito de fazer exigências. Só quero vê-lo feliz, independente da pessoa que esteja ao seu lado.

O que Orlando percebia era que Melina ainda não estava com seu raciocínio funcionando com perfeição. Ela sentira uma vontade desesperada de usar a droga antes de adormecer, e ele quase entrara em desespero. Fez uma oração, e Xavier, do astral, prontificou-se a amparar Melina, aplicando-lhe um passe que a deixou um pouco sonolenta.

Depois que ela dormiu, ele pôde analisá-la melhor. Sentiu uma dor no peito quando viu as picadas de agulha em ambos os braços. Havia marcas de seringa nas pernas também. Ele ergueu um pouco a blusinha que ela estava usando para dormir e viu a saliência de suas costelas. Os cabelos, que tinham perdido todo o brilho, continham vários buracos que deixavam o couro cabeludo à mostra.

Mas o importante é que ela seria salva. Melina poderia estar menos bonita, mas iria se recuperar. Ambos estavam desempregados, mas ele conseguiria dinheiro para pagar as despesas da clínica. E se sobrasse alguma quantia, contrataria um advogado para auxiliá-lo a se divorciar de Geralda.

Geralda tinha ido passar a noite na casa de uma vizinha. Alegara jamais voltar para sua casa, onde um criminoso fora assassinado por outro. Orlando já passara por coisas demais para se preocupar com aquilo. Até que decidissem o que fariam com a casa, ele permaneceria morando lá, como se nada tivesse acontecido.

Rosa fez algumas pesquisas na internet e conseguiu referências de três clínicas, sendo uma no Rio de Janeiro e duas em cidades próximas, onde o ambiente era ainda mais tranquilo.

Orlando optou por uma dessas, e Rosa fez o contato com a instituição. Tudo acertado, ele e Geralda entraram em um táxi e partiram para lá. Ele levava todo o dinheiro que tinha guardado. Quando recebesse o valor da rescisão trabalhista, ficaria mais tranquilo.

No trajeto, Geralda quis saber onde Melina tinha deixado o carro, e ela revelou que simplesmente não sabia. E era verdade. Coelho nunca lhe dissera que o veículo fora vendido e que Amorim ordenara que ele ficasse com o dinheiro do carro como um valor de adiantamento para as drogas que ela consumiria. Na pressa em fugir da casa dele, Melina nem se recordou de que um dia tivera um carro.

— Falando nisso, quando você me telefonou, contou que estava trazendo uma mochila — recordou Orlando em voz baixa, para não chamar a atenção do taxista. — O que fez com ela?

— Foi muito estranho. — Ela olhou de Orlando para Geralda e baixou o olhar. — Depois que a ligação caiu, eu tentei discar de novo, mas minha mente ficou em branco. De repente, parecia que alguém falava pra eu jogar a mochila fora e pedir carona até a Barra da Tijuca. Eu não queria fazer aquilo, porque precisava do que tinha dentro dela. A voz continuou falando. Era uma voz bondosa, que me deixou muito calma. E eu obedeci. Joguei a mochila dentro de um cesto de lixo de reciclagem.

— Não havia voz nenhuma, minha filha — corrigiu Geralda — a não ser a da sua consciência.

— Havia sim. Eu não estava chapada naquele momento. Não tinha cheirado e nem injetado. — Os termos que ela usava eram-lhe

naturais agora. — Talvez fossem anjos da guarda querendo me proteger.

— Eu acho que eram mesmo — reforçou Orlando. — Apesar de tudo o que você passou, acredito que eles sempre estiveram acompanhando seus passos, tentando orientá-la para o melhor caminho, mostrando-lhe opções para que você não se entregasse totalmente ao vício.

— Então eu estava sob o olhar dos anjos?

— Sim, e ainda está, assim como estará daqui para frente. Eles nunca nos abandonam.

Quando chegaram à clínica, após a conclusão dos trâmites de internação e orientação, Melina foi levada para um setor destinado aos usuários ainda em fase de iniciação nas drogas, como era o caso dela. Apesar de ter experimentado cocaína em grandes quantidades, ela era usuária havia menos de três meses.

Orlando prometeu que viria visitá-la quase todos os dias, mas Geralda não se manifestou com a mesma ênfase. Na verdade, estava preocupada quanto ao seu futuro. Orlando estava decidido a deixá-la. No início, achou que tudo não passaria de uma pressão que ele faria para assustá-la, mas agora via que o assunto era mais sério. Ele realmente parecia apaixonado por Rosa e pretendia morar com ela.

Geralda não sabia o que faria sem ele. Apesar de tudo, Orlando sempre foi seu ponto de apoio. Graças a ele, jamais precisou trabalhar em toda sua vida. Agora, ele a deixaria para viver uma vida na qual não havia espaço pra ela. O que deveria fazer? Melina estava internada e não havia quem a sustentasse. Tinha verdadeiro

horror à palavra trabalho, mas se não corresse atrás de alguma coisa para si mesma, sua situação se tornaria bastante crítica.

Não foi fácil para Melina superar as crises de abstinência causadas pela ausência da cocaína em seu sangue. Eles usavam medicamentos para enganar o cérebro, fazendo seu organismo acreditar que não estava sem nada. Quando a vontade de inalar ou de aplicar a cocaína na veia vinha muito forte, ela gritava, chorava e se contorcia, sentindo uma dor quase física corroendo suas entranhas. Nesses momentos, ela caía em pranto profundo e permanecia chorando até a próxima visita do pai, quando ele a abraçava, dando-lhe conforto e palavras de carinho e incentivo.

Fizeram-lhe exames médicos e foi constatado que Melina não contraíra nenhuma doença grave, uma vez que compartilhara seringa com pessoas estranhas e se deitara com vários homens diferentes. Uma das enfermeiras contou que ela era muito sortuda e que aquilo era praticamente um milagre. Quando recebeu essa informação, Orlando mais uma vez agradeceu à espiritualidade por meio de uma fervorosa prece.

Quando se via sozinha no quarto branco e bem decorado em que estava acomodada, Melina procurava fazer uma retrospectiva de sua vida, mas logo interrompia os pensamentos, pois eles a faziam se sentir culpada. Quando tentava imaginar a angústia que causara no pai, sentia seu coração se contrair, como se fosse explodir.

Depois de quinze dias, ela estava melhor. Pelo menos já estava mais calma, e as crises de abstinência vinham com intervalos cada vez mais espaçados. Seu apetite também melhorara. Comia frutas,

tomava sucos e sopas e experimentava todos os pratos que lhe eram servidos. Tentava se mostrar simpática, e as enfermeiras gostavam dela. Ficavam felizes em ver que ela estava se recuperando rapidamente, embora ainda faltasse muito para que Melina voltasse a ser como antes.

Houve uma tarde, logo após o almoço, quando se viu sozinha em seu quarto, Melina ergueu-se da cama e afastou as cortinas das janelas gradeadas. Apreciou a bela paisagem lá fora. Às vezes, eles vinham buscá-la para tomar banho de sol ou respirar um ar puro. Ela gostava de sair, pois se sentia livre e desimpedida. Distraída em suas reflexões, não imaginou que estava sendo observada por dois espíritos.

— Graças a Deus ela está se recuperando — comentou Xavier —, assim como você também está melhorando, embora, no seu caso, o processo de reabilitação será muito mais demorado.

— Ela continua linda — balbuciou Leopoldo. Ele estava usando roupas claras, semelhantes às do irmão. Prendera os cabelos escuros e longos atrás da cabeça. Quem o visse, nunca o associaria à imagem tirana e ameaçadora de Cronos. — Mas estranhamente não sinto mais nada em vê-la. Custei décadas e décadas para perceber que estava perdendo tempo amando uma mulher que nunca se importou comigo. É como estar apaixonado por um objeto. Nunca haverá reciprocidade. E o pior é saber que Laguna jamais me perdoará.

— Disso você não pode ter certeza. Você nunca conheceu realmente o coração dela. O perdão pode surgir a qualquer momento. Basta aguardar e confiar. Assim como você está

mudando para melhor, Laguna também pode rever os conceitos que mantém sobre você e perdoá-lo.

— E Orlando também? Eu fiz de tudo para prejudicá-lo.

— Mas não conseguiu. E tenho plena convicção de um dia ele também vai perdoá-lo.

Leopoldo balançou a cabeça afirmativamente. Por fim, com um discreto sorriso nos lábios, perguntou:

— Quando vou ver Pedro Henrique?

— Venha, vou levá-lo até ele.

— Nossa, quanta emoção! Nem acredito que vou me reencontrar com aquele que foi meu filho.

Xavier sorriu e passou o braço sobre os ombros do irmão. Eles se foram logo em seguida.

***

Durante os quinze dias de internação de Melina, algumas coisas importantes também aconteceram. Durante uma conversa casual com uma de suas orientandas de TCC, Rosa ouviu a jovem contar que seu pai tinha aberto um restaurante pequeno, mas que ainda não conquistara um público. Sem perder tempo, Rosa falou sobre Orlando, e a moça pediu que ele fosse conversar com o pai dela.

Felizmente, o restaurante ficava a apenas vinte minutos de ônibus da casa de Rosa, onde Orlando estava morando. Ele foi até lá e se apresentou. O homem explicou que estava começando agora e que não tinha dinheiro para pagar pelos serviços de um *chef* de cozinha, mas Orlando prontificou-se a trabalhar ganhando

um quarto do salário que recebia de Frederico. Não queria ficar parado, e aquela era uma excelente chance de continuar fazendo aquilo que sempre gostou.

Ele entrou com o pedido de divórcio, afundando as esperanças de Geralda de uma vez. A cada dia que passava estava mais apaixonado por Rosa. Sempre ressaltava as diferenças que havia entre eles, fossem a idade ou a aparência. Então ela o calava com um beijo, dizendo:

— Não seja bobo. Sabe que eu o amo assim mesmo. Acha que eu o atropelei pra quê?

— Às vezes, penso que você nem me viu atravessando a rua, afinal, dizem que o amor é cego, não?

Rindo, Orlando a beijou várias vezes. Amava Rosa com intensidade. Tinha certeza de ter encontrado a mulher de sua vida, soubesse ela ou não. Adorava cada minuto que passava com ela e sempre se surpreendia quando a via falando, aparentemente, com o vazio.

Ao final daquelas duas semanas, a clientela do modesto restaurante já tinha aumentado em mais de 20%. O novo patrão era um homem risonho e brincalhão, alguns anos mais novo que Orlando. O ambiente de trabalho era descontraído e calmo, e ele estava apreciando bastante aquela nova experiência em sua vida.

Ele soube, por alto, que o restaurante de Frederico fora assaltado no último domingo quando estava fechado. Por sorte, a polícia fora rápida e capturara os assaltantes, que eram dois funcionários do próprio estabelecimento, Malvino e Sávio. Como conheciam bem o local em que trabalhavam, acharam que

conseguiriam chegar ao local onde Frederico guardava o apurado de todos os dias. Arrombaram o cofre e colocaram as mãos no dinheiro, mas um alarme disparara, e a polícia chegara a tempo de detê-los.

Aquilo arrasou Frederico. Ele não perdeu tempo e telefonou para Orlando. Pelo telefone, parecia choroso, rogando mil desculpas, implorando pela volta dele ao seu restaurante.

— Não sei o que deu em minha cabeça quando o demiti, Orlando. Você sempre foi da minha mais alta confiança. Volte a trabalhar comigo. Pago o dobro do que você ganhava aqui.

Orlando sabia que aquilo não teria acontecido se Sávio fosse um bom funcionário. Não estava ressentido com Frederico, mas ainda assim respondeu:

— Eu sou um homem com muitos problemas pessoais, seu Frederico. O senhor não tem condições de entender, pois precisa pensar no seu restaurante em primeiro lugar. A amizade continua a mesma, mas estou feliz onde trabalho agora e não pretendo voltar, independente de quanto queira me pagar. Se eu fosse de sua confiança, o senhor não teria me demitido, mas sim me dado mais uma chance no momento em que mais precisei. Agradeço seu convite, mas não quero que volte a me procurar.

Quando colocou o telefone no gancho, deu um suspiro de alívio e sentiu que agira corretamente.

***

Orlando foi visitar Melina na clínica em companhia de Rosa. Levava flores e roupas novas para a filha. Geralda lhe telefonara

para avisar que o médico dissera que seu tornozelo estava praticamente curado. Ela substituíra as muletas por uma bengala, mas ainda assim não parecia interessada em procurar emprego e culpou Orlando pelo fim do casamento. Como aquele assunto já era repetitivo, ele cortou a ligação e não quis mais atendê-la.

Melina ficou feliz quando os viu entrar em seu quarto. No começo, mal dera atenção a Rosa, mas agora que seu corpo estava desintoxicado, notava-a melhor. Ela era realmente muito linda, e Melina chegou a sentir um pouco de ciúmes, porém, quando expressou seus sentimentos em voz alta, Rosa riu.

— Não precisa ter ciúmes. Seu pai nunca vai deixar de amá-la. Posso lhe garantir isso.

— Nunca vou trair nenhuma das duas — prometeu Orlando. — Se eu pisar na bola, Rosa me atropela com um caminhão-pipa.

Eles tinham comentado sobre o atropelamento com Melina, que ficara assustada e impressionada, assim como ficara ao saber que Amorim, que sempre alegou amá-la, era um traficante. Quando pensava nele ou em Coelho, sentia um calafrio percorrê-la por dentro e procurava mudar o rumo dos pensamentos.

— Eu só posso agradecer por tudo, pai. — Melina tomou as mãos de Orlando e as beijou. — Acho que não existe outro pai mais forte, valente e corajoso do que você.

— Estou me sentindo um herói — ele riu.

— Você é o meu herói porque salvou meu mundo particular. Eu te amo, paizinho. Está proibido de se esquecer disso.

Orlando beijou Melina na testa, piscou um olho para Rosa e respondeu:

— Minha memória ainda funciona, minha pequena. E espero que continue funcionando.

***

Havia lágrimas nos olhos de Leopoldo quando se voltou para Xavier. Tenório, Maíra e Sandra também estavam ali, sorrindo para ele.

— Acho que agora você finalmente está preparado para ir embora conosco — murmurou Xavier para o irmão.

— Pedro Henrique está lindo. Não parece estar muito diferente de quando foi meu filho... nosso filho.

— Nosso filho? — rindo, Xavier o abraçou. — Sabe que não é má ideia dividir um filho, já que uma vez dividimos o mesmo útero. Tudo bem que já se passaram muitos anos, e hoje ele não se lembra de nenhum de nós, mas o que vale é a intenção.

— Ele vai se reencontrar com Laguna, não vai?

— Vai. E Edson também vai tornar a vê-la. Ele será internado nesta mesma clínica, pois trocou a metanfetamina pelo *crack*. Sua namorada deve trazê-lo pra cá. Melina também vai perdoá-lo. Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

Após uma pausa, Xavier completou:

— Eu sei que você gostaria de presenciar esses reencontros, mas, infelizmente, não será possível. Prometo trazê-lo para visitá-los outras vezes. Agora precisamos partir. Você tem muito a aprender ainda, meu irmão.

Leopoldo olhou para os demais espíritos e sorriu. Sim, ele estava pronto. Mais do que nunca, estava preparado para uma

nova empreitada em sua vida. Ele ainda tinha motivos para amar e possivelmente sempre teria.

***

Depois que Orlando e Rosa partiram, Melina ficou sentada na cama assistindo à televisão. Era estranho pensar no pai com outra mulher que não fosse sua mãe. No entanto, se ele estava feliz com Rosa, era o que importava. Sempre se dera melhor com Orlando e ansiava por vê-lo bem e contente.

Houve uma rápida batida na porta e uma enfermeira entrou acompanhada por um rapaz moreno, de estatura mediana, aparentando a mesma idade de Melina. Era bonito como um astro de cinema e, apesar de haver algo familiar no rosto dele, ela não se recordou de onde já o vira antes.

— Melina, querida, este é o novo médico que acompanhará seu tratamento — apresentou a enfermeira. — Tenho certeza de que vocês vão se dar muito bem.

A moça saiu, e Melina sorriu para ele, que retribuiu o gesto.

— Me disseram que você é pediatra — declarou ele. — Gosto de pensar que um médico cuidará de outro.

— Já vi que vou ser bem cuidada — ela sorriu.

— Vou fazer o melhor possível para vê-la novinha em folha o quanto antes. Aliás — ele estendeu a mão, que ela apertou com firmeza —, devo me apresentar. Eu me chamo Pedro Henrique...

FIM